

LUIZ GUILHERME BURLAMAQUI SOARES PORTO ROCHA

**A OUTRA RAZÃO: OS PRESIDENTES DE FUTEBOL ENTRE
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador:

Prof. Dr. Marcos Alvito Pereira de Souza (UFF)

Banca de avaliação:

Prof. Dr. Edison Luís Gastaldo (UFRRJ)

Prof.Dra Simoni Lahud Guedes (UFF)

Suplentes:

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC- FGV)

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo (UFF)

Niterói
2013

Universidade de Federal Fluminense

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha

**A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas
e representações**

Dissertação de Mestrado
apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de
Mestre à Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação em
História Social

Orientador: Marcos Alvito Pereira de Souza

Niterói
2013

Às Marias, no *plural*:

Luiza, mãe, três letras, que,
como céu, traduzem o
[amor] infinito;

Clara, meu momento de
eternidade, melhor amiga
desde antes de nascer o
mundo;

E também à Fátima Gouvêa,
[*in memoriam*], mestra
querida, porque saudade é
maldade.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha casa, a Universidade Federal Fluminense, em particular, o Programa de Pós-Graduação em História Social e o Departamento de História, lugar em que me sinto acolhido, em que aprendi tudo o que sei e que me forneceu o suporte institucional-afetivo para a escrita dessa dissertação. Nele, gostaria de destacar duas figuras: a de Silvana Damasceno, funcionária dedicada e exemplar como raras vezes se encontra, e a de Fernanda Bicalho, prestativa coordenadora do curso enquanto lá estive. A Fernanda, aliás, um agradecimento mais do que institucional, mas com sabor de humanidade, por ter me dado suporte necessário no momento mais delicado da escrita dessa dissertação. Aproveito para agradecer ao Programa pelas duas bolsas concedidas: no primeiro ano, a do CNPq; e, no segundo ano, a Bolsa Nota 10 da FAPERJ.

Seguindo nos espaços institucionais, agradeço a todos os meus companheiros do Núcleo de Estudo e Pesquisas em Esporte e Sociedade (NEPESS) e da Revista Esporte e Sociedade, não há como não citá-los nominalmente: Martin Curi, Leda Costa, Simoni, Luiz Rojo, Francisco “Chico” Rodrigues, Marina Mattos, André Gil, Bernardo, Fernanda Haag, Carlus Augustus. Não há como negar que as reuniões mensais do grupo foram mais do que fundamentais para que eu me formasse como pesquisador e, acima de tudo, como estudante. Agradeço, em particular, ao Bernardo Borges Buarque de Hollanda, pelo exemplo intelectual e de pesquisador que ele sempre foi para mim. Forte abraço a todos.

Ao meu orientador Marcos Alvito, pela calma, paciência e presteza com que leu as diversas versões do trabalho que agora (ufa! alvissaras!) apresento. Além disso, foi ele também que, ao longo do tempo, apontou boa parte das linhas mestras que doravante serão defendidas.

Aos meus professores, quero registrar meu abraço fraterno e manifestar meu reconhecimento pelos valorosos ensinamentos. Durante o primeiro ano do mestrado, fui aluno oficialmente de cinco em quatro disciplinas obrigatórias: Marcelo Badaró Mattos (UFF), Márcia Maria Menendes Motta (UFF), Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ) e, por fim, o dueto composto por André Botelho (UFRJ) e Bernardo Ricupero (USP). Ocioso dizer que muitos dos seus ensinamentos estão aqui presentes. Entre eles, o professor

Marcelo Badaró aceitou gentilmente participar do exame de qualificação, fornecendo sugestões preciosas para o prosseguimento da pesquisa.

Aqui, gostaria ainda de registrar também meu abraço a professores de outros carnavais que deixaram cicatrizes no meu modo de ver o mundo: Hebe Mattos, Mário Grynszpan, Hério Saboga, João Marcelo Maia, Martha Abreu, Cecília Azevedo, Marcos Alvito, Maurício Martins, Badaró, Fátima Gouvêa. Ainda na Faculdade de Comunicação (ECO-UFRJ), conheci o professor Eduardo Coutinho, cuja amizade cultivo até hoje, em almoços (mais intermitentes do que eu gostaria), quando debatemos Marx, Gramsci, Lênin, Lukács, além de outras coisas mundanas. Agora que serei mestre, espero, enfim, pagar o almoço.

Entre os professores, destaco *mui* especialmente Simoni Lahud Guedes, cujo curso frequentava como ouvinte, porque com ela aprendi tudo o que sei sobre etnologia, etnografia e antropologia. Numa memorável disciplina sobre a “dádiva na modernidade”, que redirecionou os rumos da pesquisa, fui introduzido à obra (ou deveria dizer: fortuna?) de Marcel Mauss. Agradeço a Simoni também institucionalmente por ter aceitado participar tanto da banca de qualificação quanto da defesa desta dissertação.

Durante a pesquisa, contei com auxílios preciosos de funcionários de clubes e dirigentes sempre dispostos a colaborar. Duas funcionárias foram de extrema valia: Cristina, do Fluminense Futebol Clube, e Chiquinha, do Clube de Regatas do Flamengo, me forneceram telefones, contatos e me abriram as portas do clube quando precisei. A todos os meus entrevistados que me cederam seu precioso tempo para conversar com um “menino” tão ignorante quanto interessado, muito obrigado. Confesso que acabei criando um vínculo de afetividade com boa parte deles que ultrapassavam e muito os sentidos da pesquisa: Ângelo Chaves, Dunshee de Abranches, Gil Carneiro de Mendonça, Márcio Braga, Francisco Horta, George Helal, Luís Augusto Velloso, Kléber Leite, Eurico Miranda, Hélio Barroso, Joel Teppet, Fábio Egypto, Sílvio Kelly, João Havelange. Ao Ângelo, meu agradecimento fraternal por ter me recebido numa tarde tão agradável quanto instrutiva em Friburgo. Ao George Helal, é tamanha a gratidão que não cabe no papel.

Nessa nau que alguém resolveu batizar mestrado, agradeço a três companheiros de viagem tão sábios quanto espirituosos: meu timoneiro, Mateus Donato, que leu algumas versões preliminares do trabalho, colaborando sempre com sugestões precisas e preciosas no *work in progress* da dissertação; o capitão Thiago Moreira, amizade surpreendente de um carnaval que ficou; e o comandante Carlus Augustus que há tanto tempo me acompanha.

À minha família, constelação de tudo que faço: mãe, padrasto, irmãs. Ao José e a Maria [a Maria original e primeira], esses personagens do gênesis bíblico, foram os personagens de uma gênese muito particular: a minha. No aspecto simbólico, emocional e material, foram eles que forneceram todo o suporte que eu precisava para me formar como indivíduo. Obrigado também por liberarem a sala durante (quase) o tempo todo de escrita. À presença de Annita e a Natália (minha margaridinha), minhas irmãs amadas, pela paciência e pelo convívio durante este tempo todo. A Natália, aliás, o agradecimento é pelo avesso: por *nunca* me aturar, o que não deixa de ser interessante também.

A Maria Clara, a segunda das Marias, minha melhor amiga, para quem já falei tanto, sempre incapaz de retraduzir o sentimento essencial, posso apenas insistir na tese de que nos conhecemos num tempo mítico bem antes do nascer do mundo. A Julia, que veio no pacote [“Duas por uma”], talvez não tenha ideia do quanto é importante para mim: só posso dizer que junto ao teu peito meu coração (nada gelado) se derrete completamente. Posso dizer também, para arrancar os cabelos do Doutor Alan Edgar, que os *Arquivos JL* começam a se avolumar.

A Maria de Fátima da Silva Gouvêa, a última das Marias, porque foi graças a ela que eu me decidi pela História, com “H” maiúsculo, quando ainda titubeava sobre qual profissão escolher: jornalista ou professor? Por motivos da ordem do imponderável, desses atribuídos ao sobrenatural de Almeida (ou seria o Gravatinha?), ela acreditou em mim quando nem eu mesmo o fazia, convidando-me para uma bolsa de *Iniciação Científica*. Seus ensinamentos, ainda que de forma aleatória e inconsciente, estão dispersos aqui e acolá, nessas páginas que se seguem. Ah, saudade é maldade.

RESUMO: Esta dissertação tem um objetivo de natureza modesta: o de iluminar determinadas práticas e certas representações de uma fração do campo esportivo ainda pouco estudada: a dos presidentes de futebol. Tendo em vista o crescimento exponencial da bibliografia sociológica, antropológica e a historiografia na temática futebolística, observou-se que pouco havia sido dito acerca dos presidentes de futebol. Nesse sentido, tomando como pedra angular a metodologia da história oral, realizei um conjunto de doze entrevistas com presidentes do Clube de Regatas do Flamengo e do Fluminense Futebol Clube [entre 1975-1997] para tentar depreender as categorias fundamentais a partir das quais estes elaboravam seus discursos e construíaam determinadas ideias sobre o poder e a política. Dialogando com questões nodais da antropologia política e econômica, a hipótese central construída era de que o ideário da honra e da dádiva fornecia sentido e substância às maneiras de narrar sua ascensão ao poder e de gerir os clubes. Sendo assim, esta dissertação foi dividida numa estrutura tripartite: a primeira parte destinada ao estudo das duas agremiações clubísticas aqui em questão numa perspectiva diacrônica e da formação dos grupos dirigentes enquanto entidade à parte do futebol-espetáculo; a segunda parte pretendia mergulhar nas categorias sincrônicas das entrevistas que apareciam nos discursos como constantes, a independem do tempo, do lugar e do clube; a terceira parte indagava, por sua vez, sobre as possíveis diferenças de “estilo de gestão” a partir da análise dos lugares de memória dos clubes estudados e de dois mandatos de dois presidentes-tipo ideais – Francisco Luiz Cavalcanti Horta e Márcio Baroukel de Souza Braga. (1975-1980).

Palavras-chave: Economia da dádiva; Presidentes de Futebol; História Oral.

ABSTRACT: This dissertation has an objective of modest nature that is to enlighten some practices and certain representations on a fraction still unknown in sports field: the presidents of the soccer clubs. Given the exponential growth of sociological, anthropological and historical bibliography about football, it was noted that very little had been said or written over the presidents of the clubs. In this sense, taking as cornerstone methodology of oral history, conducted a series of twelve, conducted a series of twelve interviews with presidents Clube de RegatasFlamengo and FluminenseFutebolClube [between 1975-1997] to try to infer the fundamental categories from which they drew up his speeches and built some ideas about power and politics. Dialoguing with nodal issues of anthropology and economic politics, the central hypothesis was that built that these key-ideas were erected on honor and gift provided meaning and substance to the ways of narrating his rise to power and manage the clubs. Thus, this dissertation was divided into a tripartite structure: the first part aimed to study the two associations in question here in a diachronic perspective and how an specific groups such as the presidents emerge as an entity side apart from the football spectacle, the second part intended to dive into categories synchronic the interviews that appeared in the speeches as constant, be independent of time, place and the club, the third party inquired in turn about possible differences in "management style" from the analysis of the memory locations of the clubs studied and two terms of two presidents ideals-type – Francisco LuizCavalcantiHorta and MárcioBaroukel de Souza Braga. (1975-1980).

Key-Words: GiftEconomy; Soccer Presidents; Oral History.

Sumário

ABERTURA	14
I. UM NÚMERO LIMITADO DE MEMBROS: SOBRE A FORMAÇÃO, A IDEOLOGIA E O RECRUTAMENTO DOS DIRIGENTES DAS AGREMIÇÕES CLUBÍSTICAS NUMA ABORDAGEM DIACRÔNICA:	
Cavaleiros e jogadores.....	26
Clube, escola da virilidade.....	37
Tudo é Fla-Flu o resto é paisagem	46
A simbólica do recrutamento	55
A síndrome do Cosmos	64
II. UMA ECONOMIA POLÍTICA DA HONRA: O SENTIDO DA DÁDIVA ENTRE OS DIRIGENTES DE FUTEBOL NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-ANTROPOLÓGICA:	
“Cinco milhão de Matheus”	65
Cosmologias do dom no universo mercantil:	85
Interseções entre o simbólico e o utilitário:	99
Digressão: Gratidão e ingratidão entre os futebolistas:.....	106
“Vaidade, teu nome é mulher”:	115
O festival das hierarquias:.....	120
À procura da filosofia da troca e do poder:	127
III. CARTOLAS NO PLURAL: OS MODOS DE GOVERNAR, OS ESTILOS DE DIREÇÃO E O CLUBISMO COMO TRAMA SOCIAL E SIMBÓLICA:	
Os presidentes e a sua magia:	161
Dos documentos aos monumentos:	172
Gilberto Cardoso, o suicídio de amor:	180
Arnaldo Guinle, patrono do Fluminense:	196
Fluminense como vocação: Francisco Horta entre a tradição e a modernidade	201
Márcio Braga e a formação da Frente Ampla pelo Flamengo.....	210
APITO FINAL	213
BIBLIOGRAFIA	218

Estas empresas que estão no futebol, elas só querem lucro. E, quando há um problema, elas fogem. Nós, que estamos nisso por *outra razão*; nunca vamos desistir.

Eurico Miranda; Presidente do Vasco da Gama nos anos 2000.

Eu era o líder. Eu era o presidente, o regime é *presidencialista*.

Francisco Horta; Presidente do Fluminense nos anos 1970.

ABERTURA:

No escopo das ciências humanas não parece razoável imaginar um trabalho que verse sobre a temática futebolística e iniciei seu texto a bradar a ausência de pesquisas aprofundadas sobre o assunto. À sombra de renomados pesquisadores da sociologia e da antropologia, nacional e internacional¹, multiplicaram-se as monografias teóricas e empíricas e, pelo menos, no Brasil, o tema parece ter encontrado seu lugar de aceitação. Três décadas depois do pioneirismo de trabalhos monográficos desenvolvidos por Simoni Lahud Guedes (1977) e Ricardo Benzaquem de Araújo (1980), no *Museu Nacional*, tanto em termos qualitativos quanto em termos quantitativos, o sentimento geral é o de que muito se fez, embora estejamos longe de esgotar a temática.

Há, por exemplo, uma facção do campo esportivo brasileiro sobre a qual a bibliografia especializada pouco (ou nada) disse: os presidentes e os dirigentes de futebol. Existe uma assimetria evidente entre a enorme quantidade de representações midiáticas produzidas cotidianamente sobre este grupo e o silêncio dos acadêmicos.. Até mesmo estrangeiros que aqui aportavam para escrever sobre o futebol brasileiro escreveriam sobre a temática. No seu livro sobre o futebol brasileiro, o jornalista Alex Bellos (2002) escreveria um longo capítulo sobre a vida de Eurico Miranda, mas ele não era o único. Sintomático, como observou o crítico literário José Miguel Wisnik (2008), foi que “ao tratar do caso brasileiro em seu *Como o futebol explica o mundo*, Franklin Foer não encontrou aqui *hooligans* dignos de nota, etnias em conflito, ódios cristalizados, como fez em tantos países (...), mas o cartola em ação, tendo em Eurico Miranda, presidente do Vasco da Gama, por referência – seus arbítrios, seus métodos, seus esquemas de poder paralelo, etc.” (2008: 355)

Dessa forma, o sentimento difuso era o de que a bibliografia futebolística havia se desenvolvido, em uma escala inimaginável, seja em termos quantitativos, ou qualitativos, mas que os dirigentes mereciam uma análise mais aprofundada. Essa percepção abstrata adquiriu concretude no extensivo recenseamento feito pelo

¹ Apenas para ilustrar com os velhos exemplos: Eric J. Hobsbawm, Pierre Bourdieu, Norbert Elias, Roberto Da Matta que, em maior ou menor grau, dedicaram pelo menos um de seus muitos textos para discutir o significado do futebol na sociedade contemporânea.

antropólogo Enrico Spanggiari e pelo educador físico Sérgio Giglio (2009), no extenso e detalhado mapeamento quantitativo da bibliografia das ciências humanas concernentes ao universo futebolista realizado no Portal de Periódicos da *Comissão Superior de Aperfeiçoamento e Ensino*. Excluídas as demais áreas do conhecimento da vida social, e levando em consideração tão somente a disciplina histórica e as ciências sociais, foram mapeadas cento e cinco teses e dissertações relacionadas ao futebol. Em termos globais, os pesquisadores observam haver crescimento exponencial da produção a partir de meados dos anos noventa, bem como a concentração de teses e/ ou dissertações no estado de São Paulo. Apesar disso, sobre os dirigentes, porém, havia apenas uma tese de doutorado, defendida em 1997, na *Universidade de Brasília*, pelo sociólogo Aldo Antônio Azevedo.²

A firmeza dos dados quantitativos permitiu consubstanciar as impressões genéricas e etéreas dos estudiosos na área. Há algum tempo, por exemplo, a professora Simoni L. Guedes, em preciosa resenha, enunciava a ausência de trabalhos monográficos acerca dos diretores esportivos “que, com certeza, nos levariam a análises relevantes acerca da relação entre futebol e política, para além da ultrapassada ladainha do ‘ópio do povo’”(2002). Dessa forma, a compreensão do que seja a denominada “bancada da bola”, que permitira notável estudo na área da ciência política, por exemplo, permanece como um mistério indecifrável que nada se sabe além de certos estereótipos midiáticos de que se “usaria o futebol para conseguir votos”.

A ideia de construir essa dissertação surgiu, portanto, da percepção de uma lacuna bibliográfica: a relativa ausência de estudos sociológicos, historiográficos ou antropológicos na zona limítrofe sobre o futebol e a política, e, em particular, a inexistência de trabalhos sobre os dirigentes e os presidentes de futebol. Não que tal dissertação tenha pretensão tipicamente escolar de ‘preencher lacunas’, muito menos de esgotar a temática do universo político futebolístico: o intento aqui é de natureza modesta e simples, trata-se de contribuir a uma área em desenvolvimento acelerado, a dos estudos sociais sobre o futebol, iluminando um grupo ainda envolto em um denso nevoeiro. A nosso ver, isso permitirá não apenas compreender e dissecar importantes questões relativas ao interior do campo esportivo, mas estabelecer pontes entre a maneira da gestão dos presidentes de futebol e os modos de operacionalizar a política na

² Tempos depois Matias Godio (2010) publicaria sua tese sobre os dirigentes do Estudiantes de La Plata, sob a orientação da professora Carmen Rial.

sociedade brasileira. Neste sentido, acreditamos haver uma penetração do campo político no interior do campo esportivo, que permite estabelecer certas conexões:

(...) a disseminação dos esportes e, particularmente, a do futebol, não se deveu à revelia do suporte estatal (...) o trânsito intenso de dirigentes esportivos pelos interstícios do Estado – seja do aparato administrativo, legislativo, ou judiciário – fez migrar não apenas as ‘mentalidades de gestão’, com suas peculiaridades, mas também muitas representações acerca da nação. (...) parece razoável crer que uma instituição englobante como o Estado, concentrador de diferentes capitais, reproduza-se, ao menos em parte, em outras instituições sociais, com tanto mais propriedade quanto mais uso fizer delas, e este é o caso do futebol espetáculo (Damo, 2006: 47-48)

Doutra forma, é interessante constatar que espécie de vácuo entre “a falação midiática” em torno dos dirigentes de futebol e o silêncio de monografias empíricas propriamente históricas, sociológicas e/ ou antropológicas sobre o grupo, o que, de certa forma, representa contra fluxo na agenda dos estudos futebolísticos, que foram, muitas vezes, teleguiados, dada a institucionalização acadêmica tardia, pela “agenda midiática”. (Guedes, 2010). No Brasil, decerto, escasseiam os torcedores de futebol, sobretudo, os mais intelectualizados, que não tenham opinião, teses e teorias sobre o presidente de seu clube. Essa assertiva poderia induzir, sem dúvida, a retroalimentação de certos estereótipos e preconceitos sobre o caráter alienante do futebol, insistindo o futebol como um esporte que esvazia o debate político, canalizando a emoção para esferas em que o mundo social é destituído de sentido.

Nessa linha, o primeiro passo metodológico foi o reconhecimento de que nada sabíamos sobre os dirigentes, tornando *estranho* algo que nos parecia evidente. Era preciso, para usar uma imagem-chavão na antropologia urbana, mas de grande eficácia, estranhar o familiar, tornando-o exótico. (Velho, 1987). Nesta mesma direção, era possível perceber que o universo dos dirigentes na metrópole constituía um mundo à parte na diversidade social metropolitana, e que era preciso decifrar seus símbolos, suas categorias, seus objetos. As questões que levanto – as relações entre representações e práticas, a teoria da dádiva como fundante de uma visão de mundo, a relação entre honra e chefia – são indisputavelmente tomadas de empréstimo da disciplina coirmã.

Não foram apenas as lições metodológicas da antropologia que serviram exclusivamente de suporte a este trabalho, mas também certas indagações, para não

dizer teorias, que permeiam um campo em desenvolvimento que é a da História Oral. É preciso dizer que o que temos aqui é um trabalho cujo *corpus* é constituído quase integralmente por entrevistas, ainda que aqui e acolá sejam acrescidas outras fontes. Por isso, o leitor que buscar nesta dissertação um repositório de fatos e de dados sobre os dirigentes de futebol quedará decepcionado: aqui, não se trata de um texto sobre eventos passados; mas sim sobre *significados*. (Portelli, 1989). Significados, por certo, que são vivenciados como eventos para quem os narra; e a fórmula ideal-tipo história oral – como escreveu Verena Alberti (2002) – é a de indagar sobre o “vivido conforme concebido”. No uso das entrevistas como fontes, acabei adotando uma estratégia híbrida: nalguns casos, quando importava diretamente saber quem era o entrevistado revelei o nome; noutras vezes, acabei omitindo a referência da pessoa em questão, preservando o anonimato de certas falas que poderiam soar ofensivas.

De qualquer forma, é preciso ressaltar a influência da metodologia da História Oral certamente não tanto no conteúdo do texto que ora apresento, mas sim no *espírito* pelo qual ele foi realizado e construído, passo-a-passo. Numa de suas obras de maior relevo, *Theysay in HarlanCounty: An Oral History*, o historiador Alessandro Portelli reporta duas lições metodológicas legadas por dois entrevistados que o fizeram refletir sobre a natureza da pesquisa em história oral. Na primeira, um entrevistado pontuava que as pessoas não se importavam de conversar com o italiano porque ele não assumia uma postura propriamente paternalista ante a população local, querendo fornecer modos de vida, ressaltando o fato que ele estava lá “apenas para ouvir algumas histórias e aprendendo o pouquinho”.

(...) Uma lição de metodologia de pesquisa de campo: a coisa mais importante que eu tinha para oferecer era a minha ignorância e o meu desejo de aprender. (...) Ora, estava lá não tanto para estudá-los mas sim para aprender por e sobre eles. Era o que eu não sabia que encorajava as pessoas a falar, sabendo que elas estavam ajudando e não sendo ajudadas. (Portelli, 2011: 7)

Imbuído deste sentimento e, mais que isso, dessa *filosofia de pesquisa*, partia para as entrevistas com os presidentes de futebol que entrevistei. Minha posição era quase sempre a de me colocar como um aprendiz, fazendo o mínimo de indagações possíveis. Não raro meus entrevistados se incomodavam. Presidente do Fluminense, Ângelo Chaves, por quem passei a nutrir forte estima e carinho, me disse depois de quase cinco horas de entrevista: “Isso não foi uma entrevista, né? Foi mais uma

conversa”. Havia, porém, uma diferença que precisa ser ressaltada. Se Alessandro Portelli, estudava uma população de mineiros e trabalhadores bastante pobres e completamente marginalizados; parecia bem difícil assumir uma posição e uma postura paternalista ante os dirigentes de futebol conhecedores de sua posição social e zelosos de seu poder. Na sua tese sobre os dirigentes de futebol da cidade de La Plata, Matias Godio (2010) dizia mesmo ter adotado uma estratégia completamente diferente no seu procedimento metodológico: ele ia para o campo, lançando mão de um aporte gigantesco de geringonças como câmeras, luzes, etc. para tentar se *igualar* aos dirigentes de futebol que pareciam envoltos então numa nebulosa de prestígio.

Adotei, por outro lado, uma estratégia em que o reconhecimento da profunda diferença entre o pesquisador e os pesquisados era o passo inicial que dava sentido à elaboração de entrevista. Apesar de situações muito diferentes, creio que o procedimento metodológico pode ser o mesmo, pois como ensina Portelli:

(...)Manuais de trabalho de campo sempre dizem para ganhar a confiança do entrevistado, mas era a distância e a alteridade que forneciam significado à entrevista. Existiam linhas de idade, classe, gênero, educação, religião, linguagem, cor e nacionalidade entre eu e a maior parte das mulheres e dos homens com quem conversei no condado do Harlan. O esforço mútuo de falar através dessas linhas me ensinou a pensar a entrevista como um experimento de igualização em que a confiança é conquista não pretendendo que somos todos idênticos, mas colocando a diferença e a desigualdade na mesa, e fazendo dela (...) um objeto implícito da conversa. (Portelli, 2011: 8)

No início de 2010, quando fiz, ainda na graduação, com vinte-e-dois anos incompletos, a primeira entrevista com George Helal, eu era (e talvez ainda seja) um menino diante de um senhor com seus mais de oitenta anos. A assimetria era evidente na maior parte das vezes, mas assumida pelas duas partes. Tempos depois, quando realizei uma entrevista com o vice de finanças Joel Teppet, tive a mesma sensação. Ele me contava as histórias como as narrasse para um filho, dando ensinamentos preciosos àquele jovem que parecia querer aprender. Nas vezes em que tentei falar de igual para igual, tecendo observações, não obtive o mesmo êxito, parecendo arrogante, e, talvez, prepotente.

Por outro lado, Alessandro Portelli observa ainda que não é qualquer assimetria que pode facilitar o diálogo. No seu caso, recordar que sua posição de estrangeiro branco [e não americano branco], distante do centro do poder e das querelas de classe ali presentes, lhe granjeava uma vantagem sobre os demais pesquisadores. Neste

particular, minha juventude e minha feição intelectual, certamente pesaram para que eu tivesse acesso a certas informações. Mas as convergências também foram importantes: a principal delas era o fato de que eu sou homem. Não tenho a menor dúvida de que os dirigentes teriam assumido outra postura caso eu fosse do sexo feminino; mais contida, e menos incisiva. “Futebol é coisa para homem, e é mais ou menos por aí mesmo”, disse um deles logo nas primeiras conversas. Especulo também que, se fosse negro, também não teria ouvido coisas que ouvi. Não à toa, o racismo e o sexismo, em tons escuros ou claros, aparecem no conjunto de entrevistas que fiz. Ao dizer isso não estou duvidando que uma pesquisadora mulher ou um pesquisador negro pudessem ter levado a cabo este desafio, mas é preciso reconhecer que o material que obtive está fundamentalmente atrelado à minha condição masculina, intelectual, de homem branco e nitidamente de classe média. Desta forma, o material produzido em pesquisas de História Oral é sempre o produto final de uma relação dialógica entre pesquisador e objeto.

No total, foram mais de dez entrevistas feitas neste espírito, de tamanhos variados (ver capítulo I), que iam desde módicos quinze minutos, até quatro, ou cinco horas. Reconheço que o ideal teria sido entrevistar cada um dos meus informantes-chave, pelo menos duas vezes, o que é, em termos concretos, inviável considerando que o tempo de escrita de uma dissertação de mestrado é exíguo. Por outro lado, minha timidez também inibiu que eu procurasse constantemente os informantes, com medo de atrapalhar suas rotinas e o seu dia-a-dia. Como vou discutir com cuidado à frente lancei mão de certas entrevistas com dirigentes dos primeiros tempos de futebol, depositadas no *Museu da Imagem e do Som*, no Rio de Janeiro.

Talvez seja de bom tom e necessário expor ao leitor e reconstruir como eu cheguei aos meus entrevistados e como tive a ideia de fazer a pesquisa. Quando comentava com os membros da minha rede (acadêmicos e não acadêmicos) sobre o tema de pesquisa, a curiosidade era genérica e generalizada: “Deve ser difícil ter acesso a eles?”. Na sociedade contemporânea, as elites parecem envoltas em um ar de mistério, como se vivessem ou habitassem uma espécie de Olimpo inacessível aos mortais de classe média. No universo acadêmico *stricto sensu*, o ceticismo era de outra ordem, mais direcionado: ele pairava em torno do tipo de material que eu conseguiria recolher. Na leitura de muitos dos companheiros, os dirigentes nada iam me dizer, salientando certa crítica bastante comum quando se intenta observar uma “história oral das elites”, em que se enfatiza o vazio de significado de discursos dos setores empoderados, como

uma repetição *ad infinitum* de certa visão de mundo. Nesse sentido, tão ciosos da chamada “reflexividade antropológica”, que consiste em expor os procedimentos analíticos de entrada no campo, os antropólogos obliteram que foram os historiadores, em torno da figura de Marc Bloch, a propor uma reflexão sobre o procedimento de pesquisa em si. *Apólogo da história*, o fundador dos *Annales* escreveu:

A despeito do que, às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos ou biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado (...) À frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas de que fez uso. Isso é muito bom. Mas não basta. Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos, que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’. Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio (Bloch, 2001: 83)

Em meados de 2009, a ideia da pesquisa surgiria quando eu precisava forjar um tema para o meu trabalho de conclusão de curso. Semestres antes, cursara com Marcos Alvito, meu futuro orientador uma disciplina intitulada “História do Futebol Inglês”, em que comecei a delinear meu tema de estudo. No módulo teórico daquele curso, mais precisamente na terceira leitura – depois do clássico de Clifford Geertz, *Notas sobre a briga de galos em Bali*, e do “Como é possível ser esportivo”, de Pierre Bourdieu – do curso era o magistral artigo, “Futebol e estética” (2002), escrito por Arlei Damo que encontrei um caminho fértil de pesquisa. Sendo assim, o trabalho do curso consistia em escrever uma resenha sobre um daqueles três textos, tendo passado os dois primeiros; só me restava resenhar o do antropólogo catarinense. Naquele tarde de setembro de 2008, reli o artigo, de menos de quinze páginas, nada menos que sete vezes seguidas. Aquele texto era diferente de tudo que eu havia lido até então na faculdade de História, e eu, que era um aluno razoável para bom, tive uma enorme dificuldade em compreendê-lo. Quase de pronto percebi, por outro lado, que ali havia um objeto riquíssimo de estudo, e ainda pouco explorado em todas as suas dimensões.

No correr do curso “História do Futebol Inglês”, começaria a frequentar as reuniões do *Núcleo de Estudos e Pesquisa em Esporte e Sociedade* (NEPESS) quando

travei contato com pesquisadores renomados, como Simoni Lahud Guedes, Luiz Fernando Rojo, Bernardo Buarque de Hollanda, Leda Costa, Martin Curi, etc., que se debruçavam sobre problemas de natureza muito próxima ao conteúdo daquele texto. Não tardou para que eu começasse a frequentar uma subseção do NEPESS chamada Grupo de Estudos sobre Futebol (GEFUT), cujo corpo consistia àquela altura de cinco ou seis orientados do Marcos Alvito. Outra vez, me deparei com a pesquisa do antropólogo catarinense, Arlei Damo, pois seu texto seria o primeiro discutiríamos na íntegra, capítulo-a-capítulo, a imponente tese: *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França* (2005). Na sua leitura minuciosa, me deparei com uma nota-de-rodapé precisa e preciosa, ciente de que havia, enfim, encontrado um tema de pesquisa:

Lamentavelmente, há uma lacuna historiográfica, sociológica e etnográfica acerca dos dirigentes de futebol. Pouco se sabe a respeito deles, à exceção do que é filtrado pelos cronistas esportivos que, como dito há pouco, são parte do campo e, portanto suas tomadas de posição comprometidas pelas lutas travadas no interior do próprio campo. O fato de que abundam trabalhos sobre torcedores e há um vácuo em relação aos dirigentes, retraduz, em grande parte, a dificuldade de se investigar os circuitos empoderados, algo recorrente ao menos em se tratando de etnografia. (2007: 339)

Em parceria com meu orientador, encaminhei um projeto modalidade Iniciação Científica deveras ambiciosa: “Donos da bola: os dirigentes de futebol e o processo de transformação do futebol brasileiro” (1982-1998). À inspiração da sociologia-histórica de Pierre Bourdieu e Norbert Elias, autores sobre os quais eu havia escrito um artigo (Burlamaqui, 2008) pretendia pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade em um processo diacrônico, tentando apreender o que o historiador Edward Thompson (1966) chamava de “agency”, verificando, neste quesito, a participação dos dirigentes de futebol na afirmação do futebol enquanto mercadoria e produto espetacularizado. Assim, tomava duas marcações como início e outra como final – 1982, quando se permite a liberação das camisas, até 1998, quando se vota a chamada Lei Pelé. As hipóteses me pareciam sólidas e consistentes: “a metamorfose” do futebol não teria sido fruto da partenogênese do mercado, mas fora elaborada por um conjunto de indivíduos, ciosos na defesa de certos interesses e na afirmação de projetos que entravam em choque.

Durante dois ou três meses, para falar a verdade, nada fiz, mas não tanto por preguiça, mas pelo simples fato de que não sabia o quê e como fazer. Pode-se dizer que

fiquei esperando um milagre cair do céu. E ele caiu. Por sorte e talvez por destino, havia um colega de turma da “História do Futebol Inglês”, que namorava uma das netas de George Helal, presidente rubro-negro. Certa feita, quando lhe contei o que pretendia estudar como monografia, ele veio todo prosa contar as histórias de seu sogro-avô. Perguntei se seria incomodo se ele me colocasse em contato com ele, e ele disse que não havia problema. Entrei em contato com o sociólogo respeitado Ronaldo Helal, filho de George, que fez toda a intermediação para que eu o entrevistasse. Dali a uma semana, eu me encontraria com George Helal dali a menos de uma semana. Para o bem ou para o mal, é inegável o valor de George Helal para esta pesquisa: se ela existe e foi possível, foi graças à intermediação e ao ânimo legado por aquela primeira entrevista. A paciência e a solicitude com que me atendeu fizeram com que eu ganhasse animo e folego para levar a cabo o desafio de uma pesquisa inédita. Depois de duas horas de entrevista, falei de minha dificuldade em entrar em contato com outros presidentes. Helal sacou o telefone celular e ligou para o Flamengo. “Chiquinha”, a funcionária do clube: “Você pode me dar o telefone de fulano, beltrano e sicrano?”. Detentor do saber prático, Helal me dava outra lição preciosa: “Meu filho, se você precisar, fale em meu nome, diga que você é meu amigo”. Sai da casa de George Helal com uma entrevista preciosa, mas com uma agenda inestimável, com todos os telefones dos presidentes do Flamengo menos de Márcio Braga, que estava doente, de Francisco Horta, presidente tricolor, que eu havia pedido encarecidamente. Além disso, estava autorizado a falar “em seu nome”, o que me franqueou um capital relacional bastante produtivo.

Por outro lado, é importante dizer que, já como aluno do curso de Mestrado; querendo entrevistar ex-presidentes vivos do Fluminense, fui, pura e simplesmente, ao clube das Laranjeiras quando encontrei com a funcionária Cristina, que me passou uma lista telefônica com todos que ainda estavam vivos, menos Sylvio Kelly, que se recuperava de uma complicada cirurgia. Ângelo Chaves foi o primeiro que entrevistei; depois Gil Carneiro de Mendonça e, por último, estive com o próprio Sylvio Kelly em fase de recuperação.

Tendo este conjunto de entrevistas, conseguido de forma diferente, acabamos por nos fechar quase exclusivamente com os presidentes de futebol do Clube Regatas do Flamengo e do Fluminense Futebol Clube. Também foi preciso repensar o recorte cronológico. Neste sentido, o fato é que, a despeito da maior parte das entrevistas que realizei se concentrarem com presidentes e dirigentes que atuaram entre os anos 1975 ao

de 1995; acabei optando por um recorte fluído em que importam certas representações que se repetem. Nesse sentido, sobretudo no capítulo II, tomei a liberdade de misturar as entrevistas que realizei com as escassas situações etnográficas que presenciava, chamando atenção para a existência de temas comuns que reapareciam tanto na entrevista quanto no fazer-prático dos dirigentes.

Por fim, o método de divisão dos capítulos acabou optando por um fracionamento dos capítulos seguindo o modelo comumente adotado em teses e dissertações: aquele que parte do geral ao particular, afinando o objeto central do trabalho em casos específicos, dando tons e cores às questões apontadas de forma macrossocial. A adoção desse modelo tradicional teve como objetivo enfatizar a unicidade do conteúdo, de forma que os capítulos formem um todo bem articulado e bastante bem estruturado. Paradoxalmente, acredito que, embora conectados do ponto de vista lógico, os capítulos podem ser lidos separadamente sem grandes problemas ao leitor, dado que cada um deles tem uma estrutura lógica relativamente própria.

Nessa senda, o capítulo inicial pretendeu ser um a visão panorâmica do ambiente do qual os dirigentes de futebol são egressos. Nesse sentido, era preciso expor qual o tipo de material seria abordado, mas acima disso era preciso dissecar o lugar social de origem dos dirigentes de futebol – o *clube* em sua dimensão ternária. Numa abordagem essencialmente diacrônica, iniciava com a recepção do futebol no Brasil, mostrando o significado de certas associações clubísticas no contexto de sua fundação, bem como articulando a “simbólica da cartola” àquele período inicial de recepção do futebol no Brasil em que participar de um clube era visto como um signo da distinção. Na sequência, mostrava como não havia um recorte de classe social e de ideologia entre os dirigentes de futebol e os presidentes da primeira geração de futebolistas no Brasil. Essa clivagem só se tornou possível com a institucionalização do profissionalismo entre os futebolistas que, por sua vez, reteve o estatuto amadorístico dos dirigentes e dos presidentes. Com isso, a hipótese era de que as camadas abastadas das quais os primeiros jogadores de futebol eram recrutados acabariam migrando do campo às salas da presidência, mantendo o controle do futebol-espetáculo. Ademais, a segunda geração dos filhos da primeira geração de futebolistas acaba optando por praticar outros esportes ainda amadores que não necessariamente o futebol. É o caso paradigmático de João Havelange, que, embora tivesse praticado futebol na adolescência, recebe o interdito e o veredicto paternal para migrar à natação.

Numa espécie de parêntese metodológico, é preciso dizer que, neste capítulo, para atingir períodos mais recuados no espaço-tempo, acabei lançando mão dos “arquivos sonoros” do Museu da Imagem e do Som, em que se encontram depositadas três preciosas entrevistas com dirigentes dessa primeira geração de futebolistas: Marcos Carneiro de Mendonça [1967], presidente do Fluminense em 1941, Benjamin Sodré [1975], presidente do Botafogo, em 1942 e João Havelange [1967]. Não há dúvida de que o problema dos “arquivos orais” é uma querela relativamente nova para os historiadores. Se a História Oral, de uma forma ampliada, é uma metodologia contemporânea ao universo do historiador, são ainda rarefeitos (mas em número cada vez crescente) os casos de pesquisadores que se debruçam sobre falas produzidas por outrem. Escrevendo no início dos noventa, a historiadora Daniele Voldman afirmou que o problema dos “arquivos orais” seria uma questão destinada às “próximas gerações” de estudantes. De acordo com a historiadora francófona, porém, não haveria grande diferença entre a análise deste tipo de acervo e os documentos comuns:

Quando se trata, para um historiador, de trabalhar sobre documentos gravados por outros, em contextos remotos ou totalmente diferentes de suas preocupações, estamos diante de um caso idêntico ao de qualquer tipo de arquivo, não havendo aí matéria de discussão (1996: 36).

Ainda é preciso certo acúmulo, tanto teórico quanto empírico, nesta linha de pesquisa para fazermos observações e tecermos hipóteses deste tipo. Este me parece um tema na ordem do dia, ainda pouco explorado pelos historiadores que só agora começam a prestar atenção nestas questões. Para nossos fins, é preciso situar o contexto de produção das entrevistas do *Museu da Imagem e do Som* e mais do que isso dizer (muito brevemente) duas ou três coisas sobre a própria instituição. À sombra da atuação política de Carlos Lacerda, o *Museu da Imagem e do Som* fora fundado, em 1965, de forma a nele depositar *toda* a história da Guanabara, que, ainda sofria com as perdas simbólicas e econômicas, ocasionadas pela migração da capital para Brasília. Em 1967, a série “Depoimentos para a Posteridade” é iniciada, de forma a recolher entrevistas com “grandes personalidades” da vida cultural cidadina em gravações relativamente longas, com o entrevistado discorrendo por duas, três e até mesmo quatro horas. Apesar do nome da série, em seu jogo de *illusio*, que procura a estabelecer a “universalidade” de um padrão de história e impor uma “forma de memória”, a “Depoimentos para a Posteridade”, boa parte das entrevistas, como qualquer documento, trazem impressa a marca do contexto social em que foram produzidas e a marca dos agentes sociais

engajados nessa produção de “memória”. (Pollack, 1989; Bourdieu, 2001). No caso dos depoimentos acerca do futebol, parece-me haver uma relação simbiótica entre o *Museu da Imagem e do Som*, e a interpretação de Mário Filho sobre o futebol brasileiro, tanto no processo de seleção dos entrevistados, quanto na formulação de perguntas direcionadas aos entrevistados. Isso fica evidente no fato de que Marcos Carneiro de Mendonça, um dos personagens principais do livro de Mário Filho, tenha sido “o primeiro” entrevistado da Série – Futebol. Armado dessas observações, eu utilizava tais documentos *en passant* como forma de apreender e de decifrar a visão de mundo dos dirigentes na transição do profissionalismo para o amadorismo. Por outro lado, é preciso salientar a importância deste acervo que vem sendo sistematicamente ignorado pelos historiadores que se dedicam ao estudo e à compreensão do futebol. Acredito, portanto, que se trata de um material rico, original e em estado quase virginal, que deve ser objeto de investigação sistemática com firmeza pelas gerações de historiadores vindouros.

No segundo capítulo, eu analisava o conjunto das entrevistas aglutinado em torno de construído em torno temáticas, eu pretendia adentrar no que eu defini como a configuração (ou figuração) dos dirigentes de futebol e nos valores próprios daquele grupo. Aqui, o recorte é mais sincrônico que diacrônico, pois o enfatizado é a universalidade de determinadas representações fundadas no ideal do dom e dádiva que se repetem, apesar dos contextos. Neste esforço de pesquisa relativamente amplo, tratei de apreender certos padrões de racionalidade econômica presentes nas falas dos dirigentes de futebol que julguei encontrar em momentos muito díspares para enquadrá-los no que defini provisoriamente como uma *economia política da honra*. Na segunda parte, elegi certas trajetórias individuais para analisar o discurso de ascensão ao poder que se funda na díade sacrifício-dádiva, e que se repete como um invariante nas narrativas dos dirigentes de futebol. Há uma espécie de padronização do discurso de ascensão ao poder, que atinge a todos os que se candidataram à presidência, que não se procura pelo cargo, mas que se é procurado por ele, como uma espécie de chamamento. Este chamamento para o sacrifício, que é o que assegura os privilégios, instaura, em revanche, certas obrigações, compondo o dualismo fundamental dos dirigentes de futebol.

No capítulo derradeiro, a intenção era pensar e problematizar por que certos dirigentes são pensados como símbolos ou modelos de uma determinada instituição. Assim, da universalidade da dádiva, da honra e do dom, eu afunilava em direção aos

“estilos de direção”. Na senda aberta pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo (1999), era o primeiro a se perguntar sobre a existência de estilos de torcer, enfatizamos a diversidade dos estilos e das maneiras de dirigir. No caso dos dirigentes, havia uma espécie de confluência entre a *forma-representação do clube nação* e a maneira de gerenciar o clube nas arquibancadas. No caso dos clubes estudados, o que chamava atenção de início eram as estátuas de Gilberto Cardoso e de Arnaldo Guinle configurariam como díades perfeitas, sínteses da oposição entre o Flamengo e o Fluminense. Na minha interpretação, o evento Gilberto Cardoso e a trajetória de Arnaldo Guinle dramatizavam as antíteses e os antagonismos entre os dois clubes aqui estudados. Por fim, tentando produzir um enlace entre sincronia e diacronia, eu analisava estes *estilos de direção em ação*: o primeiro é o caso de Francisco Horta, arquiteto da máquina tricolor e presidente paradigmático do Fluminense Futebol Clube em meados dos anos setenta; o segundo era Márcio Braga, presidente do Clube de Regatas do Flamengo.

CAPÍTULO I: UM NÚMERO LIMITADO DE MEMBROS: SOBRE A IDEOLOGIA, A FORMAÇÃO E O RECRUTAMENTO DOS DIRIGENTES DAS AGREMIÇÕES CLUBÍSTICAS NUMA ABORDAGEM DIACRÔNICA:³

“Era difícil entrar, pô. O número de sócios era *limitado*”,
Ângelo Chaves, presidente do Fluminense.

Cavalheiros e jogadores:

Mesmo que num dos trabalhos fundantes da sociologia histórica do lazer, o neerlandês Huizinga tenha escrito que o “clube pertence ao jogo como o chapéu à cabeça” (2007 [1935]: 14), o tema da configuração clubística como um espaço social autônomo tem sido seguidamente marginalizado pela bibliografia futebolística. Este espaço gravitacional deve ser pensado como um lugar de transmissão de valores, em que se tematizam questões, sem as quais a compreensão das categorias dos dirigentes é tarefa impossível. Num aspecto muito abrangente, este capítulo destina-se, por conseguinte, a tratar do clube enquanto uma *esfera autônoma*, como uma instituição normativa. Além de ser uma comunidade moral, em que certos valores são realçados, transmitidos e dramatizados a um grupo de associados, os clubes constituem também comunidades imaginadas ou objetos de crença, com uma narrativa de fundação bem delimitada, com símbolos dotados de valor fundamental, e que são fonte de crença do grupo. Numa terceira linha, pode-se dizer ainda também que o clube é também um espaço de distribuição e articulação de poder, que, como à maneira do Estado, opera como uma espécie de meta-capital, organizando relações, distribuindo encargos e posições de prestígio. (Damo, 2007)

Lançando mão de testemunhos, este capítulo tem como objetivo primeiro adentrar na configuração clubística e tentar apreender suas transformações numa perspectiva diacrônica. Da formação do futebol e da criação destas organizações associativas de futebol como lugares exclusivos a um grupo, chegando até a década de 1970, com a irrupção da televisão, a emergência de novos cenários no campo esportivo e o progressivo esfacelamento da ideologia da exclusividade e da seletividade no

³ Às avessas, o título se refere ao primeiro capítulo da obra-prima de Edward Palmer Thompson: *A formação da classe operária*, na qual ele analisa as sociedades operárias, que começaram a surgir na virada para o XIX, sob o signo do *igualitarismo*: “Um número *ilimitado* de membros”, era o bordão daquele grupo associativo. Não pode haver melhor antítese do que as agremiações futebolísticas fechadas, marcadas pelo ideário da hierarquia, cujo número de membros era por definição o oposto: limitado.

interior dos clubes de futebol. Dessa forma, a ascensão do profissionalismo, que, além de instituir o pagamento para o jogador, deu origem a uma segunda geração de futebolistas amadores, que progressivamente, desinteressam-se do futebol-espetáculo como prática ou estratégia possível, passando a concentrar seus esforços e energias em esportes considerados refinados e requintados ainda não dominados pelas classes subalternas. Depois, numa espécie de *intermezzo*, tematizo também a questão dos clubes como lugares de culto e objetos de crença, que é, no limite, o que possibilita todo o engajamento dos dirigentes. A partir disso, falo da diferença entre o recrutamento de associados entre o Flamengo e o Fluminense, aproveitando a oportunidade para fornecer ao leitor elementos de suma importância sobre a biografia e a trajetória dos meus entrevistados. Chego, enfim, ao que designei como a “síndrome do Cosmos” para retratar uma mudança no perfil diretivo, que, na minha interpretação, ocorre em finais dos anos setenta.

Bastante antiga no imaginário popular, a denominação da figura do dirigente de clube e/ ou entidade esportiva como ‘cartola’ terminou incorporada em diversos dicionários cultos da língua portuguesa⁴. Conforme já observado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda, trata-se, indisputavelmente, de um termo *polissêmico*: ele abarca um conjunto ampliado de dirigentes esportivos, desde aqueles que transitam na ‘burocracia estatal’, quanto os que pertencem ao universoclubístico em seu sentido mais estrito do termo.⁵ “Se”, prossegue o historiador, “esse estereótipo vinculado de início aos tricolores circularia até o final da década de 1960, figuras públicas que pertenciam tanto ao futebol quanto à burocracia estatal e a o mundo empresarial passaram a ser designados também como cartolas” (Hollanda, 2010: 122-123).

De um simples acessório da indumentária a um verdadeiro totem às avessas de um grupo, o apelido “cartola” tem assumido o tom do perjúrio, cujo intuito é o de ironizar o estilo supostamente “refinado” das elites esportivas. Sendo assim, trajada em

⁴ Segundo o dicionário Aurélio, por exemplo, **Cartola** [De *quartola*]. S.f. 1. Var. de *quartola*. 2. Chapéu masculino de copa alta e cilíndrica, e cor preta, lúzia, de uso em solenidades. [Sin. Bras., nesta acepção: catimplora, jaca]. 3. Qualquer chapéu duro, grande e ridículo. 4. Brasil, N. E. Sobremesa feita de banana frita, aberta ao meio, com uma fatia de queijo assado por cima e polvilhada de açúcar e de canela. 5. Gir. Individuo de posição elevada, desprezador das opiniões e tendências populares; *grã-fino*. 6. Bras. Gíria depreciativa. Dirigente de clube ou entidade esportiva: “o jogador é um homem à mercê do clube e dos cartolas” (Correio da Manhã, 5/11/1970). Fonte: Dicionário *Aurélio Buarque de Hollanda*.

⁵ Basta pensar, segundo o próprio Hollanda, em nomes como “Vargas Neto, presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro, sobrinho de Getúlio Vargas; Rivadavia Correa Meyer, presidente do Botafogo; Lourival Fontes, chefe da delegação da Seleção Brasileira de Futebol, (...) Arnaldo Guinle proprietário de um valioso patrimônio arquitetônico no Rio de Janeiro, no qual se incluía as sedes do Fluminense Football Clube (Hollanda, 2012: 123)”, todos recebendo a alcunha de cartola.

conjunto com a “casaca”, o uso da “cartola” certamente fora carnavalizado pelas classes subalternas diante do absurdo contraste entre essa forma de “vestir-se”, quente, formal e tipicamente ‘inglesa’, e as condições possíveis de seu uso. Se quiséssemos evocar um tema relativamente caro ao pensamento social, poderíamos auferir que ali fora construída uma “dualidade” entre as “formas importadas” e a “realidade nacional”, fazendo blague das elites.

Não estamos longe, aliás, das representações sobre as formas primordiais de recepção do futebol no Brasil. Há um consenso entre jornalistas, antropólogos e historiadores de que quando o jogo de bola com pés aportou ao Brasil, operava à maneira de um verdadeiro “produto de importação” (Leite Lopes, 1994), destinado a se converter numa mercadoria consumida pela estética refinada das elites sempre tão ciosas em impor à força os padrões de civilidade europeus à nação brasileira. Naquele contexto, o uso da cartola e a prática do futebol caminhavam *pari passu*; associados, por sua vez, a uma série de práticas distintivas capazes de constituir todo um “estilo de vida” (*eidós*) moderno que as camadas abastadas do período julgavam reproduzir.

Dito isso, a gênese de um “estilo de vida” adequado aos padrões da modernidade tem que ver com a emergência de um novo padrão de “sociabilidade” constituído na virada do século XIX para o XX. Em linhas gerais, podemos considerar que no Brasil este foi um período marcado pela dissolução das hierarquias nobiliárquicas imperais, e pela igualização dos indivíduos sob o plano formal-legal.

Àquela altura, a formação de um padrão de sociabilidade elítico fazia-se associado, entre outros, ao cultivo aos bigodes e às barbas a variedade de roupas e o asseio do corpo. O sociólogo-historiador Gilberto Freyre (2004 [1947]) trata este período como marcado pela preocupação e pelo esmero com hábitos considerados até então de menor importância:

(...) é que brasileiros, brancos livres, já seguros de sua condição social tanto de brancos como de livres, parecem ter se requintado em hábitos como que *afirmativos de uma situação*, além de social, cultural, difícil de ser atingida de repente por gente de outras origens: neo-brasileiros, africanos e europeus nas suas origens. Um desses requintes, o do asseio, o da limpeza, o do apuro na higiene pessoal, no traje e no calçado, o da elegância burguesa ou aristocraticamente europeia nas modas, com outro americanismo ou brasileirismo. (...) o brasileiro da época evocada que se seguem – o médio, pelo menos – foi, neste particular, quase um *hindu*, tal o seu escrúpulo de asseio com relação às ceroulas, as camisas, as metas enquanto o rico ou o aristocrata

ostentava não só o número como a qualidade de sua lingerie um dos seus maiores luxos. (2004: 144-145)

Dilapidada pelo “surto de igualitarismo jurídico” (Freyre, 2004: 142) propiciado pelo final da escravidão e do regime monárquico, a desigualdade hierárquica, que atravessa como um vértice autoimagem da nação brasileira começava a se reconstruir em novas formas. Sendo assim, os hábitos privados do asseio guardavam conexão com certo espírito de época em que se defendia *regeneração* da raça brasileira. Pautada pelo ideal do corpo são na mente são, o esporte se fazia como o espaço privilegiado de propagação de certos valores que começavam a avançar a arena pública. Além disso, o historiador Leonardo Pereira (1999) observou que o futebol, espécie de “jogo da distinção”, prestando-se a afirmar hierarquias e realçar desigualdades, como um forte marcador da diferença entre os praticantes e não praticantes do esporte. Na visão do historiador:

Proclamada a República e extinta a escravidão, esta parecia ser uma questão crucial para estes grupos endinheirados – que buscaram, por isso, diferentes meios de respondê-la. O esporte aparecia, a partir das formulações das teorias higiênicas, como uma solução perfeita: afirmando a superioridade natural dos indivíduos adeptos de uma boa educação física sobre aqueles que mantivessem seu apego à preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional, dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX (Pereira, 1999: 87).

No limite, o ápice deste processo seria o que o antropólogo Arlei Damo (2005) definiria como a “onda associacionista”, que culminaria com a fundação de uma série de clubes recreativos e esportivos associados a certas *couches* sociais. Falamos de associações muito diversas, e não apenas aquelas de caráter elítico, embora estas sejam aqui que nos interessam. De qualquer forma, essa ideologia da associação atravessava a sociedade fluminense, já que era uma verdadeira moda social fundar e pertencer a alguma agremiação. Além das agremiações esportivas dedicadas aos esportes terrestres, vale destacar também neste momento surgiram diversas outras, como o Iate Clube do Rio de Janeiro (1920) e o Automóvel Clube do Rio de Janeiro (1907), quase todos controlados pelos mesmos grupos de poder.

Compondo a simbólica da distinção – a indumentária e a prática esportiva – se fundiram no *totem cartola* que ficaria até os dias de hoje retratada como sinônimo do dirigente esportivo emproado. São muitas as divergências quanto à suposta origem do

termo, não havendo, por sinal, nenhum mito fundador único, mas um conjunto de histórias desconexas entre si aparentemente, colhidas ao acaso por diferentes pesquisadores. Na visão mais contemporânea relativamente difundida entre os media atribui-se ao chargista argentino Molas, contratado por Mário Filho já no decênio de 1940, a difusão do personagem que se converteu em uma espécie de totem da agremiação aristocrática das Laranjeiras. De acordo com o jornalista Sérgio Augusto, porém, foi o goleiro anglo-brasileiro Francis Walter “não por acaso tricolor”, o primeiro presidente da Liga Metropolitana de Futebol, nascida em 1906. O fato é que ele teria sido mesmo:

[um] cartola *avant-la-lettre*, pois a expressão ainda não existia naquela época. Só em 1917, ela entraria no léxico futebolístico, curiosamente, através do Botafogo. Na ânsia de receber à inglesa a equipe uruguaia do Dublin, os dirigentes botafoguenses pisaram o gramado de General Severiano vestidos como políticos, de fraque e cartola, proporcionando ao distinto público presente um espetáculo ridículo. (...) A imprensa esportiva não perdoou e pespegou nos garridos próceres alvinegros a alcunha de que seus pares nunca mais desgrudou (Augusto 2004: 70).

Além dessas duas visões, encontrei uma terceira: numa reportagem do *Jornal dos Sports*, em 1975, o importante cronista Geraldo Romualdo da Silva nos fornece a última versão aqui abordada ligeiramente diversa da primeira. Dessa forma, suas representações associaram diretamente os cartolas ao ideário da pureza, do trabalho e do sacrifício. Nessa reportagem, porém, homens como Gilberto Cardoso, Carlito Rocha, Bastos Padilha aparecem como os “representantes de uma das benemerências mais puras que o mundo já conheceu”. (*Jornal dos Sports* 1010/1975) Pelo menos na imprensa, não custa comentar que tais representações cairiam em largo desuso em finais da década dos oitenta face às transformações da imprensa esportiva e do próprio futebol, sendo progressivamente substituídas por aquelas mais conhecidas por nós: a representação nefasta do cartola como aquele homem que “tudo pode”, dominado pela *hybris* e marcado pelo desejo de poder, sendo, no limite, um verdadeiro empecilho à emergência do futebol empresa.

O que nos interessa aqui é que para o cronista do *Jornal dos Sports*, a origem do termo remete isto sim à criatividade do cronista Dão⁶ (Diocesano Ferreira Gomes) do

⁶ Especialista em cobrir os esportes olímpicos, o cronista Dão, que diz detestar futebol, na sua entrevista depositada no *Museu da Imagem e do Som*, também atribui a si mesmo a criação e gênese do termo, mas ele nos dá uma versão distinta do seu companheiro de profissão. Nesta entrevista, o cronista nos diz que tal termo surgiu por conta de uma

Correio da Manhã, que cunhou o termo a partir das suas experiências e relacionamentos com dirigentes de futebol. Na visão de Geraldo, foi “na sua santa astúcia, Dão fez nascer também a expressão Cartola, um derivativo do Fluminense para designar o dirigente emproado com função destacada dos clubes e no tapetão da Liga”. Prossegue o cronista: “No Brasil, a existência do Cartola data das primeiras bolas que Charles Miller levou para São Paulo e Oscar Cox trouxe para o Rio. Na verdade, antes mesmo de se tornarem jogadores, eles eram, acima de tudo, cartolas”. (10-10-1975)

Sabemos que importa muito pouco proceder a um esforço de escavação arqueológica de fontes à caça do primeiro presidente de clube, o que seria incorrer no erro de tentar buscar marco zero – “o ídolo das origens”, a que tanto maldizia Marc Bloch em sua mordaz crítica à historiografia antiquária. A não ser que sejamos absorvidos pelos aspectos simbólicos destas narrativas, que não será, por ora, o caso, atribuir à imaginação fabular ou fabulosa de um cronista ou a um evento exclusivo à formação de um conceito fornece pouquíssimos subsídios em termos de pesquisa histórico-antropológica. Há, porém, nessa diversidade de discursos, um *fato comum* que, por ora, nos interessa: o de que no princípio os próprios jogadores fossem os responsáveis diretos pela organização futebolística.

Para usar conceitos histórico-sociológicos, pode-se falar em uma *sociogênese dos dirigentes de futebol*: nas representações tipo-ideais dos primeiros cartolas é interessante observar que não havia, no período de formação do campo esportivo, uma separação estrita e estreita entre os praticantes do esporte e os organizadores do jogo: são os próprios jogadores como Charles Miller, Oscar Cox, Francis Walter os responsáveis diretos tanto pela organização quanto pela prática do espetáculo. Ora, ao surgimento de um grupo específico destinado tão somente a gerir e a organizar o esporte implica observar que este processo supõe a constituição mínima de um *mercado de bens esportivos e simbólicos*, forjando uma relação entre *oferta* e uma *demand*a. Seguindo o argumento construído por Pierre Bourdieu, a separação progressiva entre o esporte-amador e o esporte-espetáculo tende a fragmentar *progressivamente* a divisão de trabalho no interior do campo esportivo profissional: são criadas mais e mais categorias quanto maior for o campo em que gravita o futebol de massas. (Bourdieu, 1990). Neste sentido, uma das principais consequências diretas do que se convencionou chamar o

competição natação que cobriu no final dos anos vinte quando trabalhava no *Correio da Manhã*. Nesta competição, os dirigentes do Fluminense ficaram o tempo todo à beira da piscina, de casaca e de cartola, donde adviria o termo.

fenômeno de esportivização é a formação de um mercado futebolístico capaz de engendrar, em seu interior, formas novas de divisão de trabalho, autonomizando segmentos e setores que passam a gravitar em torno do campo esportivo. Desta forma, seria factível perguntar como, quando e de que forma:

Foi se constituindo, progressivamente, este corpo de especialistas, que vive diretamente ou indiretamente do esporte? (...) E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um campo de concorrência onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados às posições que aí ocupam? (Bourdieu, 1980: 137).

A formação de um grupo distinto e distintivo capaz de gerir o futebol espetáculo como um esporte de massas ocorre, em boa parte, num processo paralelo à profissionalização dos atletas e dos futebolistas. Assim, os sujeitos sociais do espetáculo transmutam, ele, então, passa a ser gerido e governado por os homens proeminentes e distintos, que retiveram o *estatuto amadorístico*, ao passo que o perfil social dos jogadores se altera substancialmente. Ora, a gênese dos dirigentes e dos associados como facção do universo esportivo foi o contraponto histórico da gênese do jogador de futebol, justamente quando o futebol se profissionalizava, foi preciso reforçar o estatuto amadorístico, de modo a assegurar a hierarquia e as posições de mando no interior dos clubes. Publicado em 1935, mas escrito no bojo do debate sobre o profissionalismo, o livro *Grandezas e misérias do futebol brasileiro*, temos esta oposição constituída de fato: logo à capa, numa ilustração, o exemplar emulava o contraste entre a figura do cartola, emproado e com um saco de dinheiro nas mãos, e o jogador, desolado e marginal, explorado como um “cavalo de raça”, submetido aos desígnios do dirigente.

De qualquer forma, o fato é que, mesmo depois do advento do profissionalismo em meados dos anos trinta, “diretor e torcedor, malgrado todas as diferenças hierárquicas, continuariam a ser o verso e o reverso da mesma medalha, partilhando uma mentalidade *amadora* muito próxima entre si”. (Hollanda: 132-133, 2010). Inspirando-se na bibliografia futebolística inglesa, o economista Marcelo Proni (2000) identifica a persistência de um modelo *híbrido*⁷ de organização do futebol brasileiro que

⁷ “Foi nessas bases que se consolidou o modelo inglês de organização do futebol profissional – um modelo híbrido que incorporou valores mercantis (que transformaram o espetáculo esportivo em lazer das massas urbanas), mas preservando aspectos do ideário amador (que via o esporte como uma atividade autônoma), e estabeleceu uma clara hierarquização das equipes e dos níveis de poder. Aos jogadores ficava vetada qualquer ingerência no controle administrativo dos clubes e ficava reservado o papel de mão de obra barata e submissa. Por outro lado, os times ingleses deviam ser organizados como entidade civil sem fins lucrativos. Deviam compor um quadro societário

implica numa ética dúplice: a manutenção do estatuto amadorístico entre os dirigentes e a profissionalização dos jogadores.

Neste processo que marca a formação dos dirigentes como uma *elite*, eles começaram a se constituir enquanto grupo em separado, marcando a diferença de uma *filosofia* – estilos de vida, para falar com Pierre Bourdieu – e de um *status* social e simbólico, em relação aos jogadores egressos das camadas baixas, que progressivamente se instalavam nos campos de jogo objetivando, em princípio, compensações de ordem exclusivamente salarial.⁸ Se, outrora, confundiam-se os praticantes do jogo com os organizadores do jogo, não havendo uma especialização, tampouco havia diferenciação, tanto em nível social quanto em termo de estilo de vida, depois do advento do profissionalismo, há uma cisão entre os futebolistas e aqueles que o regram e o organizam.

os que optaram, num primeiro momento, pelo profissionalismo, acabaram, cedo ou tarde, migrando para a esfera administrativa das ligas e clubes. Assim, puderam se perpetuar ainda que um grupo restrito e com influência política, chamando para si a responsabilidade de planejar, expandir, regram, enfim, pensar o esporte moderno. Portanto, com a democratização funcional, a elite que optou pelo profissionalismo assumiu postos diretivos, monopolizando o gerenciamento de uma prática que contribuíram para inventar que, progressivamente, estava lhes fugindo ao controle. (Damo, 2002: 28)

Aliado à transmigração do grupo, também a moralidade do amadorismo e a filosofia do *fair play* associada aos jogadores de futebol irá migrar rapidamente aos circuitos diretivos dos clubes; ela será uma forma de frear o avanço de setores indesejados associada não só ao alto custo de associação nestas agremiações, mas, as estratégias construídas por elas para impedir um *boom* de associados. Paralelo a isso, formulei a hipótese de um processo de desengajamento simbólico de práticas futebolísticas que marca, por outro lado, as estratégias afetivas, assumida por boa parte da elite ao longo do século XX, que investirá para que os herdeiros pratiquem no culto ao corpo cotidiano práticas mais reservadas, como os chamados esportes olímpicos. A uma primeira geração de dirigentes e presidentes que praticou o futebol na infância e fizeram parte destas grandes equipes; é que se seguirá uma segunda socializada em

(formado basicamente por profissionais liberais□, empresários e comerciantes locais) e deviam ser dirigidos por uma diretoria eleita pelos conselheiros do clube (PRONI, 2000: 30).”

⁸ Como veremos no capítulo III quando analisaremos dois momentos da trajetória de Arnaldo Guinle, de início os próprios dirigentes misturavam-se aos jogadores, participando de suas atividades, ao passo que, depois do profissionalismo, eles passam a se isolar nas “torres de marfim”

outros esportes, o tênis, a natação, o basquete, o atletismo, o judô. Muitos do que chamei dessa “segunda geração” são ligados por vínculos afetivos ou de parentesco – são filhos, netos, sobrinhos, mas, muitas vezes, apenas amigos – de ex-jogadores dessa primeira geração “amadora” de futebolistas.

A se construir a genealogia dos dirigentes contemporâneos, veremos que ainda hoje não são poucos os ligados por vínculos de parentesco aos ídolos do futebol da *Belle Époque*. De qualquer maneira, os grupos de elite, contudo, não ficariam reduzidos estritamente aos postos diretivos no clube; de forma progressiva, tais grupos se desligaram do futebol-espetáculo competitivo, uma vez que se canalizam os investimentos afetivos, sociais e simbólicas dos ‘herdeiros’ para a prática de esportes mais refinados e que se mantiveram, por um bom tempo, amadores: tal é o caso do basquete, da natação, do vôlei, do tiro, do *water polo*, etc.. Basta pensar, para ficar em dois exemplos restritos, em Gil Carneiro de Mendonça, presidente do Fluminense, jogador de vôlei; sobrinho do goleiro Marcos Carneiro de Mendonça; ou em Márcio Baroukel de Souza Braga, do Flamengo, que praticou o atletismo, sobrinho-neto, do “fenômeno” do sul americano, Fortes ou o “vovô Dadá”. No *Jornal dos Sports*, Márcio comenta, em entrevista de 1976, “joguei futebol. cheguei a ser convidado para me profissionalizar. Isso foi em Friburgo. Sempre joguei, mas nunca aceitei ser profissional.” (Jornal dos Sports 10-10-1976).

Nalguns casos, o interdito à prática profissional do futebol é um tabu explícito: tal é o caso de João Havelange, que foi migrado, pelas expectativas afetivas familiares, em especial, do pai, do futebol à natação. Antes de Havelange, ainda, a trajetória multiatleta João Coelho Netto, o Preguinho, indica uma espécie de “transição” entre os dois modelos: apesar de ter atuado como futebolista na equipe de profissionais do Fluminense, o contrato do atleta postulava que ele receberia quantia apenas simbólica equivalente, em nossos dias, a algo como “um centavo” ou “um real”⁹. O fato, porém, é que o futebol não era senão um dos tantos esportes praticados por João Coelho Netto, que “era campeão de dia numa coisa, de tarde noutra, essas merdas daquela época”.

⁹Cf, Havelange: “Ele assinou contrato e não recebia. Fez um contrato de um cruzeiro, ou de cem réis, se não me engano. Quer dizer, ele foi profissional, tinha todos os companheiros. E o senhor teve diversos no próprio Fluminense. O Ivan, que é engenheiro hoje, foi um grande jogador, aliás, de seleção. Um engenheiro e foi profissional do Fluminense. Marcial, hoje do Moneró, Russo, que é hoje Fiscal do Tesouro, aqui do Estado da Guanabara. Hércules, um dos homens mais capacitados.”. (Trecho da entrevista de João Havelange no Museu da Imagem e do Som)

Na geração seguinte a do craque Preguinho, a de Havelange, o interdito familiar para a prática futebolística é explícito. Nesta narrativa comumente, com ligeiras variações, evocada nas biografias de Havelange, quando o pai lhe pede, “no leito de morte” (Rodrigues, 2007), para que o futuro dirigente não se torne profissional jogador de futebol, mas sim que se dedicasse à natação. A pedido do pai, Havelange, passaria a se dedicar cada vez mais à prática do nado esportivo, “embora nunca tivesse alcançado nada melhor que um quarto lugar”, ele abandona futebol em que havia sido campeão juvenil invicto em 1931 com vistas ao ascenso à equipe principal:

leve quatro anos até atingir uma posição honrosa na natação, já que nos meus anos de juvenil, ou, melhor dizendo, de infantil e juvenil a melhor colocação que tive foi um quarto lugar. Mas perseverante, com a dedicação de meu pai, que era um amante pelo desporto, como disse há pouco, fez que eu pudesse me tornar um bom nadador. E daí então tive a oportunidade de me tornar praticamente um nadador invicto no espaço de dez anos.

Apesar de ser um nadador “apenas mediano”, os desejos do pai o fazem abandonar progressivamente o futebol, migrando das piscinas à prática administrativa.

É que, nos idos de 1932 e de 1933, a concepção de profissionalismo era completamente diferente da que é hoje. Então, meu pai achou que eu não deveria interromper de maneira alguma os meus estudos e ter a formação voltada para um curso superior porque achava que a posição profissional de um jogador era efêmera. E, se ela não é bem conduzida, depois nós só padecemos mais tarde. Se não tivermos os mesmos proventos e os mesmos proveitos que auferimos dentro de um período relativamente curto. Felizmente, me voltei para a natação, porque o futebol brasileiro está eivado de exemplos do que eu acabo de dizer. Homens que tiveram fortunas na mão e depois não souberam conduzi-las e hoje são exemplos de tristeza.

Nos artificios da seletividade da memória, ninguém menos que o próprio Havelange alia o fato do profissionalismo esportivo diretamente à questão racial, enfatizando isto sim a vitória do Bangu, com a presença dos três irmãos negros: Domingos, Machado e Luiz Antônio. Se, em alguns casos, isso foi uma estratégia individual, noutros, a própria instituição ou do grupo, como é o caso do Paulistano e de outros clubes que decidiram abandonar o futebol depois da aceitação do profissionalismo. A dinâmica do futebol espetacularizado fazia dissociar, em escala crescente, os jogadores e os dirigentes de futebol, de modo que cada grupo encerrassem esferas autônomas, e, num mesmo sentido, complementares e rivais. Paulatinamente, as elites que dominaram o jogo até então, perdem o controle e o monopólio do futebol-

espetáculo, mobilizando para si o ideário amador, que se afigura como uma ideologia destinada a garantir as posições de mando.¹⁰

À medida que novos setores vão ingressando no esporte, esta ideologia do amadorismo se reforça e ganha vulto e forma. Sobre os dirigentes dessa primeira geração, as informações escasseiam, mas existem duas entrevistas com dois deles depositadas no *Museu da Imagem e do Som*. Eles foram, na sua maioria, futebolistas de destaque, que se converteram em dirigentes de futebol, sendo indicativo empírico deste processo que fez migrar os grupos diretivos da prática do espetáculo à gerência dele. Nelas, é possível ler esta “moral amadora” e o “espírito” do *fair play* que justamente regeu a atuação dos primeiros diretores, sendo progressivamente minada pela popularização do esporte e do futebol.

Clube, escola da virilidade:

Na tribuna de honra do estádio das Laranjeiras, os presidentes do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça, e o do Botafogo, Almirante Benjamin Sodré, assistiam juntos ao desenvolvimento da partida. Egressos de famílias tradicionais do Rio de Janeiro, ambos haviam sido no início do futebol jogadores de destaque e de proeminência em seus clubes. No Botafogo, o Almirante Sodré ainda era o jovem atacante Mimi; já Marcos Carneiro de Mendonça parece, na sua bem costurada biografia, sempre ter sido o inexpugnável *goal-keeper*, seja no Haddock Lobo, América Futebol Clube, depois Fluminense Futebol Clube, foi a primeira e a principal atração dos “primórdios” do futebol no Brasil. (Pereira, 1996).

O encontro entre Benjamin Sodré e Marcos Mendonça como presidentes é um indicativo empírico do que nominamos conceitualmente de “democratização funcional do futebol”, a significar, em grande medida, a migração dos grupos sociais de elite dos gramados aos postos diretivos da organização clubística após a “ocupação” do futebol-espetáculo pelos segmentos mais populares.¹¹(Elias, 1992a; Dunning, 1992a; p. 316). A

¹⁰ “A moral amadora foi mobilizada em reação à ameaça das classes mais baixas procuravam conservar formas de participação desportiva que considerava ser um direito seu, enquanto membros de uma classe dirigente e que tenham sido de fato possíveis para os grupos dirigentes e mesmo para grupos subordinados na era pré-industrial, mas que se tornavam claramente impossível de manter” (Dunning, 1992: 315)

¹¹ Como vimos, nas agremiações aristocráticas deste tipo, o caso tipo de Marcos e de Benjamin não é fato episódico ou isolado, o próprio Clube de Regatas do Flamengo teve ainda nos anos 1920, a presença de Alberto Borgeth – justamente o jogador responsável pela fundação da seção de futebol da Gávea – e, nos anos 1930, a presidência de Gustavo de Carvalho, 1938-1939 – o autor do primeiro gol do futebol rubro-negro, em 1912. No caso do Fluminense Futebol Clube, a onipresença dos jogadores do tempo do amadorismo nos postos diretivos é mais forte; é o caso de

arena dos dirigentes permaneceu, e talvez ainda permaneça como *locus* exclusivo de grupos abastados mantendo vivo o signo da distinção e do *fair play*. Exatamente por isso, é relativamente comum exemplos de jogadores dessa fase amadora que reconverteram o capital futebolístico auferido no tempo de jogador para alcançar posições de prestígio como é o caso do próprio Marcos e do Mimi. A poetisa Anna Amélia Carneiro de Mendonça assistia a tudo, aos cumprimentos e ao jogo, com serenidade parnasiana. Vivamente impressionada pela postura fidalga de Mimi Sodré, não pode deixar de fitá-lo com um cumprimento de dama: “Comandante, se eu não soubesse que o senhor era o presidente do Botafogo, eu não saberia dizer por quem o senhor torceu”. Cravado na memória seletiva de Benjamin Sodré, o elogio de Anna Amélia ficou marcado por quase trinta anos em sua experiência afetiva,

Benjamin Sodré: Eu guardei isso até hoje realmente, como uma demonstração de atenção, como uma prova de expressão, incomparável da minha serenidade como jogador de futebol. Eu era presidente do Botafogo e nós perdemos. Motivo para eu estar mais exaltado. E perto de nós, tinha um padre que torcia para o Fluminense de uma maneira desagradabilíssima, de uma maneira violenta. Era uma provocação. Mas nada me alterou e eu tive a honra de receber esse grande elogio da Anna Amélia que eu jamais esquecerei. Guardei isso realmente como demonstração de atenção como prova incomparável da minha serenidade como jogador de futebol. (...)

A historieta de Benjamin Sodré opõe dois modos completamente díspares, diria antagônicos, de adesão ao fenômeno da “esportivização”: de um lado, a figura do padre que “torcia violentamente para o Fluminense”, representando os torcedores ávidos por emoções, engajado na dinâmica emocional do futebol espetáculo; de outro, a ideologia do *fair play*, o exclusivismo, o refinamento, uma “atitude distanciada” própria às camadas dirigentes – enfim, a “maneira de jogar o jogo daqueles que não se esquecem de que ele é um jogo” (Bourdieu, 1983: 139). Nas entrevistas que concederam ao *Museu da Imagem e do Som*, os dirigentes reportam-se a quase todos os símbolos do amadorismo: com quase sempre espécie de “nostalgia aristocrática” (Elias, 2001) do tempo em que a elite dominava tanto a prática do futebol, quanto o público de associados.

É preciso dizer que Benjamin Sodré era filho de um dos principais políticos da primeira república, Lauro Sodré, que chegou mesmo a ser lançado candidato à

Preguinho, Laís, Havelange, etc. Quem me confessou foi Gil, “No tempo do meu pai, era o Laís” [lateral-direito do time tricampeão de 1917-1918-1919], “quem mandava na política aqui do clube”.

presidência da República. As origens aristocráticas de Marcos são recordadas a todo o tempo na sua própria biografia; ele é descendente de Alberto Carneiro de Mendonça e a sua mãe – pelo que sabemos – também como a família de Havelange é de origem belga¹²; é sabido que a sua fortuna decorria do casamento com Anna Amélia, filha dos industriais donos da Usina Queiróz, em Minas Gerais. Ora, o olhar pelo *Arquivo Marcos Carneiro de Mendonça*, salvaguardado no Arquivo Nacional; ora a análise do *Álbum Marcos Carneiro de Mendonça*, depositado na Biblioteca Nacional, pode-se verificar a própria maneira pela qual Marcos cuidava de sua biografia e de seu acervo é um indicativo de uma “visão de mundo”. É preciso dizer que as elites políticas e econômicas, como observou Luciana Heymann (2009), sempre foram ciosas da sua memória e de sua própria história, pois nelas se deposita a razão da sua própria justificação (Boltanski, 2009) de sua própria dominação e de sua posição hierarquicamente superior. “Até hoje”, iria me dizer anos mais tarde o seu sobrinho, Gil, “a gente tem lá na fazenda, o retrato de nobreza da família. É um quadro grande assim, com a foto de todo mundo. E tem lá (risos) a viscondessa Dona Josefina Carneiro de Mendonça. Tem toda a linhagem lá”.

Num sentido genérico, a ideologia e a moral do *fair play* aspirava à difusão de uma espécie de moral ascética do trabalho e da virilidade, a ser inculcado por uma contínua prática pedagógica adquirida por meio do trabalho corporal, incorporando certos valores, conceitos, visões de mundo, próprios a uma “filosofia aristocrática” adquirida por meio da vida no clube¹³. No início dos anos 1930, o clube era uma verdadeira escolha de valores e uma escola de formação das lideranças, em que se aprendia em particular a lidar com as regras, mas também eram inculcados de uma normatividade masculina.

¹² No livro *Ordem e Progresso*, Gilberto Freyre, podemos ver a biografia tanto do pai de Marcos, quanto do pai de Sodré, em anexo. Aparentemente, ambos foram entrevistados para a formação do livro. Lá sabe-se também que Álvaro Werneck, fundador do Botafogo, era dono de um dos maiores engenhos da capital. Falaremos sobre isso mais à frente, quando recuperarmos a trajetória de Gil Carneiro de Mendonça.

¹³ Num exemplo contemporâneo da presença dessa moral pode ser encontrado na entrevista do Francisco Horta, “Eu acho que o clube do coração é clube do coração. Você tem que agir com paixão. Não há torcedor verdadeiro que não tenha paixão pelo seu clube. De modo que o meu amor pelo Fluminense é de origem familiar e depois passou a ser um amor total. O Fluminense era o meu segundo lar. Eu frequentava o Fluminense, que era uma grande escola. Você quando vai praticar um esporte, você começa a perceber que *o esporte tem regras*, e o menino convém que ele saiba que a vida tem regras, as regras não só são aquelas da casa, da família, nem da escola, aonde ele estuda, os clubes tem regras, e os clubes ensinam muito. Exatamente na formação dos jovens associados, se aprende a cumprir regras. Você aprende o que é proibido, o que pode e o que não pode. Porque no esporte existe a regra “sim” e a regra “não”. Então isso é bom desperta a atenção de um menino ou de uma menina, porque quando chega a adolescência eles estão aculturados. (...) Entrevista com Francisco Horta.”

Não à toa, o clube é um espaço social em que se praticam diversas atividades ligadas à formação e ao *enquadramento moral* do caráter. O próprio Sodré, para além da prática futebolística, passaria a se engajar cada vez mais na prática do escotismo, tendo se sagrado um dos presidentes da Associação Nacional de Defesa do Escotismo. Nos primeiros anos de vida associativa, o Fluminense Futebol Clube, a prática do escotismo era das mais práticas mais populares das atividades, com um número de mais de seiscentos sócios. Ninguém menos do que o presidente do clube, Arnaldo Guinle, de quem já nos referimos, além de escrever livros sobre a temática, era quem se responsabilizava diretamente pela organização dos eventos de escotismo (Fernandez: 2009)¹⁴. Na infância, um dos meninos de Arnaldo Guinle era o próprio João Havelange, que não se cansaria de sentenciar tempos depois: “o que aprendi me foi ensinado na família, no clube, na escola e no escotismo”. No escotismo, além de incorporação das regras, aprendia-se a ser caridoso: eram os escoteiros os responsáveis pela organização das festas beneficentes, organizando eventos como o “Natal da criança pobre”, em que se recolhiam brinquedos para ajudar os desfavorecidos.

Lado a lado, as práticas esportivas de culto à forma e do modelamento do corpo caminhavam à formação das disposições da liderança. O clube era, por conseguinte, espécie de “comunidade moral”¹⁵ em que se forjava o caráter, quando certos valores tidos por excelência como masculinos, fundamentais à liderança política ou econômica. No caso brasileiro, além da conformação às regras sociais, os futuros dirigentes aprendiam a importância das relações interpessoais e do equilíbrio hierárquico entre pobres e ricos. No Brasil, segundo Roberto Da Matta “há a caridade, nunca a filantropia, e assim reforçamos as éticas verticais que, ligando um superior e um inferior pelos sagrados laços da patronagem e da moralidade, permitem muito mais a perspectiva complementar das relações hierárquicas dos que as antagônicas” (1979: 182

Os que se formavam no clube também eram ardorosos defensores da “ideologia do amadorismo” e do modelo do *fair play*. A ética amadora é construída em torno de

¹⁴ Patrocinado pela família Guinle, o número de escoteiros participantes era bastante significativo, chegando a ter 266 crianças inscritas em 1922 e 391 em 1925. Os escoteiros recebiam instrução militar, aulas de educação física, boxe, ginástica e natação, assistiam a palestras sobre códigos e compromisso patriótico. Compareciam a solenidades cívicas, faziam cursos de primeiro socorros, estudavam mapas, ajudavam em competições de atletismo como mensageiros, visitavam pontos históricos da cidade, ajudavam em competições de atletismo, ajudavam nas festividades do clube angariando brinquedos para o natal da criança pobre. (Fernandez, pg. 91)

¹⁵ No sentido de Émile Durkheim, “um colégio de sacerdotes não é uma igreja, como tampouco seria uma congregação religiosa que restasse a algum santo, na sombra do claustro, um culto particular. Uma Igreja não é, simplesmente, uma confraria sacerdotal; é a comunidade moral, formada por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis, quanto os sacerdotes” (Durkheim, 1996: 16).

uma antinomia entre o futebol-lúdico e um o futebol-competição. Seguindo uma argumentação à Huizinga, “o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação” (Huizinga, 2007 [1938]: 219), reforçando discurso nostálgico sobre o decadentismo dos valores da ludicidade frente ao avanço da racionalização e do futebol profissional. Na interpretação de Marcos Carneiro de Mendonça, a diferença entre o futebol moderno e o amador consistia no fato de que a emergência do futebol competição faz com que os jogadores sejam obrigados a jogar na busca da vitória a qualquer preço, enquanto no futebol-lúdico se joga tão somente pelo prazer de jogar. Cabe, por conseguinte, destacar um trecho longo, em que essa oposição aparece sintetizada na fala de Marcos Carneiro de Mendonça entre duas formas de jogo, “o amarrado” e o que joga de forma livre:

Marcos: Vosmicê joga bilhar?

Entrevistador: Mal, mal mal,

Marcos: Do Bilhar Francês? Eu fui um jogador forte de bilhar francês, e quase campeão aqui da cidade. E quem joga bilhar, conhece nitidamente qual jogador que joga pra amarrar, e o jogador que joga o jogo espontâneo, sem medir consequência de um golpe bonito, que ele procure dar no bilhar no domínio das 3 bolas, para fazer a sua exibição de jogo. É a diferença essencial entre o jogo amadorista de antigamente, e o “profissionalista” de hoje. Há entre os profissionais de hoje jogadores formidáveis, requintadíssimos, que não fazem outra coisa na vida senão pensar no futebol e serem orientados por técnicos. Mas eles não têm nunca, e não terão nunca, a liberdade que nós tínhamos como jogador que joga jogo livre sem preocupação de amarrar, em fazer um jogo bonito, floreado e etc. Nós no nosso tempo, eu tenho impressão, que nós tínhamos muito mais liberdade de arriscar uma bola bonita dessa ou daquele jeito, do que o jogador profissional de hoje. Começa que a parte da intelectualidade cultural era diferente, quer dizer, os jogadores tinham naturalmente num núcleo menor eles tinham o mais em (gênio ou engenho). Mais esse engenho nos dias de hoje, com os Pelés e com os Romeus, e com todos esses outros, esse engenho também se desenvolveu extraordinariamente, de maneira que não há dúvida nenhuma, de que há razões de sobra pra nós admirarmos o futebol “profissionalista” de hoje, mas acho que o futebol do nosso tempo, pra nós no limitar do ambiente em que vivíamos, havia mais interesse no futebol de antigamente. Por ser um futebol mais livre e desembaraçado de ações pessoais.”

Não há dúvida do quanto este discurso tende a romantizar e tecer loas para um tempo em que as camadas sociais abastadas detinham o controle quase absoluto da prática, do consumo e da gerência do espetáculo. Essa oposição entre amadorismo tem muito a ver com a fantasia, o fato é que as rixas e as rivalidades nunca estiveram

completamente à margem das disputas agonísticas futebolísticas. Neste sentido, era o jogo o lugar ideal através do qual, a um só tempo, se dramatizavam e se afirmavam os valores eminentemente masculinos. (Russel: 1997). Não fosse isso, o irmão de Marcos, reconvertido em juiz, o antigo beque central, Luís Mendonça apitava seus jogos com “uma flotilha” no bolso sempre usada para se defender de possíveis desentendimentos em campo. Mesmo que não se buscasse a vitória a qualquer preço, a competitividade na era amadora era elevada, pois que estava em jogo era a condição de honra dos praticantes em questão. Naquele tempo, diz Havelange, “muito mais do que hoje, o *water polo* era um jogo viril, de marcação *homem a homem*”¹⁶. “Charge?”¹⁷ Nunca reclamei!”, dizia Marcos Carneiro de Mendonça, enfatizando a maneira agressiva do futebol de seu tempo, possibilitava o contato físico.

Afinal, era por meio dele que se forjava uma moral ascética. Num dado momento da entrevista de Havelange depositada no *Museu da Imagem e do Som*, ele suspende a narrativa para recorrer à narrativa exemplar: “há sempre uma passagem que eu conto e que tem muita *força* e muito valor na minha vida e que deveria servir de exemplo para a mocidade”. A suspensão do tempo indica a existência de uma história, de certa forma, exemplar, diria mítica modular de um tipo esperado de comportamento:

Quando eu me lembro, completei quinze anos, e lá se vão trinta e seis anos. E vamos voltar a trinta e seis anos quando o pai era muito mais rígido do que hoje.¹⁸ O meu àquela época chamou-me para almoçar consigo na cidade. Eu fiquei deslumbrado. Achei aquilo uma coisa esfuziante, estonteante. Almoçamos juntos e ele me disse: “Olha, meu filho, o senhor agora está se transformando num homem e eu vou lhe entregar a chave de casa”. Eu muito sorridente, muito feliz e já imaginava naquela noite ir a uma Escola de Dança que era o que todo o jovem imaginava, era o primeiro passo de moço de poder sair à noite. Quando terminava o jantar, meu pai vira-se e me diz: “Gostaria de hoje à noite vê-lo nadar no Fluminense.” Eu exuberante que me encontrava disse-lhe que sim. Parti depois dos estudos para a piscina e lá já o encontrei. E, neste dia, ele com muita tranquilidade, muita suavidade, me deu nove mil metros para treinamento. Em batida de

¹⁶ “JH: De fato, o *water polo* como antigamente era jogado, ele hoje é jogado de forma diferente. Era quase de homem a homem. Então, com o contato era um jogo muito violento, nós tínhamos que nos preparar bem, e houve um jogo na piscina do Gyminasia e Esgrima, em Buenos Aires, e isso no ido de 1947. O Brasil havia feito o primeiro gol contra a Argentina, estávamos empatados em um a um. Um jogador nosso foi expulso de campo e apitaram uma falta contra mim, eu procurei segurar os dois avantes, os irmãos Vicentim, homens muito forte fisicamente, hoje meus amigos, como também o era Nobel Valentim, depois foi juiz de *water polo*, era o homem que eu marcava na seleção do Uruguai e também como eu marquei aqui. Homem da violência, Oliveira da Marinha, um gigante de forte, hoje deve ter mais de setenta anos, é um prodígio de força. Gregoruti em São Paulo, Alcides Férrea em São Paulo, fenômeno como jogador”

¹⁷Charge quer dizer o ato intencional de derrubar o jogador com o corpo, o que é, atualmente, considerado penalidade, mas liberado em modalidades como Rugby e futebol americano.

¹⁸ Sobre as relações entre os pais e os filhos remeto nesta época, remeto ao livro “Sobrados e Mocambos” (2004), de G. Freyre.

perna, nadei três mil metros seguidos, em batida de braços, em tiros, enfim, tudo o que se fazia. E eu pensando na chave e pensando em sair de noite. E assim fui. Acabei de jantar às 21 horas. Quando terminei de jantar, eu olhava para a chave e não tinha força para sair. Então, eu dizia para comigo: ele me deu com uma mão e me tomou pela outra, sem que eu sentisse.

Neste verdadeiro *rito de instituição* da masculinidade, que é simbolizado pela entrega da chave ao filho varão, aprender a ser homem, entre a aristocracia, significava – num sistema de oposições binárias opondo o *sacrifício* à *vadiagem*, a *pureza* das relações familiares e a segurança da casa aos malefícios e aos *perigos* do universo da rua, o *trabalho* ao *pecado* e assim sucessivamente – essencialmente negar-se às provações, aceitar os sacrifícios inerentes à condição de líder.

É importante destacar, todavia, que também não existe um padrão homogêneo de comportamento masculino nas configurações futebolísticas embora prevaleça, seguidamente, um modelo que se convencionou tradicional, entendendo-se como tal, os valores e as práticas vigentes na ‘sociedades do tipo Kabila’ nas quais se observava nítida distinção dos papéis sexuais, proeminência axiológica do masculino, dicotomização, hierarquização e complementaridade com o feminino. Ao contrário do que por vezes é pressuposto, sobretudo na literatura feminista, *a dominação é uma arte ensinada e aprendida; não é, pois naturalmente dada aos homens*. Aprender a ser dominante requer investimentos, e não raro, isso é custoso. A passagem à condição de dominante é galgada, seguidamente, à custa de provações, como atestam os inúmeros ritos de passagem a que são submetidos os adolescentes nas sociedades tradicionais. No caso dos jogos *os dominantes são em geral os mais hábeis*, que se impõem com base na adequação do corpo e do movimento às regras do jogo, ou então dos mais fortes, que simplesmente impõem as regras fundados na força. (Damo, 2007: 242)

O esporte, neste particular, era visto como a mimética do próprio social: consagrar-se na piscina era o equivalente à sagração na vida. Daí a ênfase com que Marcos Carneiro de Mendonça (“nunca joguei em segundo time!”) e João Havelange enfatizam suas glórias esportivas transmigra quase de forma direta para os valores sociais: a honra de certos indivíduos no mundo social se reflete pela glória esportiva¹⁹, em que se deve necessariamente triunfar no esporte para triunfar na vida.

¹⁹ Ou ainda o exemplo de Francisco Horta: “E eu tenho paixão por futebol, eu sempre assisti futebol, eu joguei futebol, entre nós, colegial, faculdade, fui sempre campeão, fui sempre efetivo, fui sempre capitão dos times, eu sempre tive uma liderança, e, nesse sentido, não de imposição, no sentido de coletividade.”. O que está em jogo aqui é uma filosofia do fair play, no sentido proposto por Pierre Bourdieu: “de uma filosofia aristocrática, a teoria do

A difusão do profissionalismo futebolístico teve, no Brasil, como contrapartida o desengajamento simbólico das camadas de elite ao futebol. Isto posto, a migração das classes populares ao esporte serviu para acirrar a competitividade futebolística, tornando possível e, em muitos sentidos, potencialmente subversivo que os filhos da elite e das camadas médias fossem derrotados (e até vaiados) por jogadores egressos das camadas subalternas, invertendo a natureza ordenada do mundo social. Nesse sentido é que se compreende por qual razão Marcos Carneiro de Mendonça chegou a dizer que o Fluminense deveria se afastar completamente do futebol profissional:

E: O senhor como homem que viveu o Fluminense, jogou pelo Fluminense, e hoje frequenta inclusive o Fluminense, o que acha mais importante, que o Fluminense se concentre em torno do futebol, e venha a obter títulos doravante, ou que ele mantenha suas atividades digamos assim, divididas em vários setores esportivos?

Marcos: Pode insistir, insistir, insistir em ter profissionalismo e ter times profissionais, pode buscar profissionais de alta categoria aqui, ali e acolá, mas não tem e não terá nesses anos próximos ambiente para poder lutar com os demais equipes profissionalizadas do Brasil.

Entrevistador - O senhor acha isso certo, ou qual a sugestão que o senhor faria para que o Fluminense venha a obter destaque no futebol?

Marcos: Eu nunca vou dar sugestão nenhuma, porque a minha sugestão é que diante dessa posição que eu acho definitiva seria a renúncia do *football* profissional no Fluminense, e eu não sou capaz de sugerir isso porque além de ser contra a massa de torcedores que o clube tem, e que são torcedores que tanto esperando para a volta do Fluminense e etc. Nunca vai acontecer, mas é a minha opinião.

Com a transformação do futebol em um esporte de massas, há uma espécie de desengajamento simbólico das camadas elites que deixam de se interessar pelo futebol como prática esportiva, dando preferência aos esportes mais difíceis de serem praticados, como os esportes olímpicos, por exemplo, e aqueles praticados em clubes privados, com altas expensas sociais, econômicas e simbólicas. Era preciso, a despeito de tudo, continuar obtendo bons resultados, mantendo certas práticas como exclusivas entre os grupos da elite. Como o espelho refletido da vida social, as elites, que triunfavam na vida social do país, deveriam fazê-lo nos esportes que escolhessem praticar sob pena de por em risco o caráter simbólico de sua dominação.

amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada como a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola da coragem e da virilidade, capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer (“willtwin”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço. (Bourdieu: 1983, 140)

Além disso, praticar um esporte requintado e frequentar os clubes privados passa também a ser visto como forma de aglutinar e de forjar sociabilidades entre as elites e os grupos diretivos. Assim quando perguntei a Fábio Egypto por qual razão ele decidiu praticar o golfe e ingressar como sócio no Itanhangá Golfe Clube, obtive a resposta abaixo:

Fabio Egypto: Pelo seguinte, eu jogava Basquete Ball no Fluminense, mas eu trabalhava numa empresa grande, trabalhava em comércio exterior e, sobretudo, em contato com o governo, assuntos governamentais. E o Presidente da minha empresa, que era (...), que é fundador daqui, era sócio daqui, ele e o pai dele também, que era um excelente golfista e o irmão também, o (...), que era da empresa, ele foi meu padrinho de casamento, então ele vivia me convidando para vir jogar golfe, porque golfe sempre a gente tem contato por pessoas assim da indústria, pessoas do governo etc.

Luiz: O senhor vai receber uma pessoa...

Fabio Egypto: Ai é mais fácil. Eu terminei aceitando o convite e elesporte maravilhoso que realmente atrai muito, você depois que começa a jogar não quer mais largar, primeiro porque é sempre num clube maravilhoso, num ambiente lindo, e depois é um jogo difícil, sendo um jogo difícil encanta sempre aquele que pratica. E eu então aí fiquei aqui, até hoje eu jogo golfe. Comecei com trinta anos.

Não se deve minorar o fato de que Fábio Egypto adjective o esporte escolhido como “esporte difícil”. Além de todo o custo econômico de se filiar a um clube de golfe reservado e seletivo, a dificuldade atribuída ao esporte obriga um dispêndio significativo de tempo, que só os grupos dirigentes se permitem fazer. Os exemplos peculiares e exóticos de certas práticas esportivas abundam: conversei por quase uma hora, talvez mais, com Hélio Barroso, um dirigente do Clube de Regatas do Flamengo, sobre a prática da pesca esportiva em alto mar. Daí que tal prática, para além de grande investimento financeiro, considerando que é preciso ter um barco, carteira de algum Iate Clube, alugar uma vaga para o barco, ter um barco, etc., supõe alto investimento social e simbólico, uma vez que é preciso conhecer nas minúcias os diversos tipos de isca, os lugares de pesca, a profundidade em que se pesca, infinitos tipos de peixe a serem pescados – apenas as variações do Marlin, o popular peixe-espada e logo o mais valoroso da pesca, desde o mais nobre e valioso, o “Marlin Branco” até os mais comuns, chegam à casa das centenas. Além de tudo isso, dias a viajar excursionando pelo mundo, afastado das obrigações mundanas. Perguntei, neste dia, o que ele aprendera com a pesca e o que a pesca tinha a lhe ensinar a resposta era quase sempre

seca: “Eu sempre fui vencedor, sempre ganhei torneios. (...) Na pesca, você aprende a ser homem; não é muito lugar para mulher não”.

Além de praticar esportes exclusivos, o fato de que os dominantes precisam também justificar e tematizar sua dominação obtendo êxito nestes esportes. Se o clube e certas práticas esportivas foram pensadas e referendadas como o lugar de aprendizado de uma moralidade; seria preciso consolidar este, de forma prática, com as vitórias obtidas em campo. O objetivo agora é fazer uma passagem do clube enquanto comunidade moral ao clube como comunidade imaginada, tentando perceber como os clubes que vamos analisar foram percebidos no imaginário da cidade como complementares e rivais.

Tudo é Fla-Flu, o resto é paisagem:

Ao longo do século XX, a oposição entre o Clube de Regatas Flamengo e o Fluminense Futebol Clube – o *Fla-Flu* – foi construída por meio de uma série de representações eruditas e populares, históricas, episódios míticos e espaços arquitetônicos. Através desses símbolos, como metades complementares, ao Flamengo seria atribuída uma comunidade imaginada *nacional popular* enquanto o Fluminense, em contraponto, permaneceria vinculado à imagem da aristocracia e da nobreza togada. Por mais que tais estereótipos não possam ser referendados do ponto de vista estritamente sociológico ou quantitativo, estes pertencem ao reino do imaginário e ao do simbólico, (Toledo, 1996) sendo importantes porque essa lógica do clubismo orienta, em muitos sentidos, a atuação dos dirigentes de futebol.²⁰ “Drama filosófico”, para usar uma expressão geertziana, o clubismo como um sistema binário tende a colocar em evidência certas dualidades que atravessam a sociedade capitalista moderna. Na construção dessa oposição, o fluxo de representações forjado pelos intelectuais desempenhou um papel decisivo (mas não exclusivo) para a construção do caráter identitário de cada clube.

²⁰ Este tema do entrecruzamento entre o “imaginário” do clubismo e a atuação dos dirigentes foi tratado de forma pioneira por Christian Bromberger (1995) e Matias Godio (2010). Com densidade, trataremos dele mais adiante, mas cabe agora historiar como essa oposição foi constituída em torno de certos símbolos.



A oposição entre os clubes vista através das sedes: a modernidade rubro-negra e a tradição tricolor.

Enquanto Ângelo Chaves e eu conversávamos, ele caçava documentos do aristocrático grêmio das Laranjeiras em meio às suas gavetas, quando um tanto quanto sem querer acabou esbarrando no livro *História do Fluminense*, do escritor Paulo Coelho Netto, não resistindo a comentá-lo: “Porra, este livro é uma merda, só tem número e um monte de estatística”. Esta observação mais do que precisa sobre o caráter cientificista e pretensamente definitivo do livro de Paulo Coelho Netto não pode ser dissociada dos anos de experiência de Ângelo Chaves à frente do Fluminense Futebol Clube. Enquanto o presidente tricolor esteve no clube, a família Coelho Netto desempenharia um papel central na organização político-administrativa do clube, o que gerou conflitos no interior do clube. O quiproquó quase provocou a expulsão do filho de João Coelho Netto [o Preguinho] do quadro social: “Eles achavam que isso aqui era a casa deles”.

Ainda que atravessado de experiência social e de conflitos, não há como negar que a observação de Ângelo sobre o livro é mais do que certa. Trata-se de um livro

que se pretende um depósito dos fatos, uma história quase total do Fluminense, mas que é construída à maneira do antiquário, do tipo da História que era produzida pela Escola Metódica, dos que julgavam ser a História uma “ciência dos fatos”:

Orientei-me por um só guia: o arquivo do Fluminense, modelo de ordem, e, sobretudo, de carinho não só de seus iniciadores – os pioneiros da fundação – como também dos continuadores até os nossos dias.” (...) O Fluminense, por intermédio de seu presidente, o Dr. Fábio Carneiro de Mendonça, convidou-me para escrever, não ‘uma história’ nem ‘histórias’, mas a ‘História do Fluminense’. E história é pesquisa, estudo, e conhecimento dos fatos que se desenrolam através dos tempos. (...) Cingi-me, tão-somente, aos acontecimentos. Coerente comigo próprio e com as tradições do Fluminense preferi o gênero *sóbrio* mas verdadeiro de que Pero Vaz de Caminha foi o iniciador em nossa história.” (Netto Apud Hollanda, 2002: 204).

Espécie de história oficial do Fluminense, o livro fora escrito como uma encomenda dos cartolas tricolores para comemorar o cinquentenário da agremiação, tendo a mesma diretoria feito um relançamento por conta do centenário do clube. Numa análise pormenorizada do livro *História do Fluminense*, Renato L. Fernandez (2011) destrinchou o *discurso de memória* embutido no livro de Coelho Netto, mostrando, como, a despeito da aparência de cientificidade, o filho do escritor parnasiano *seleciona* certos acontecimentos para identificar a agremiação das Laranjeiras “como um clube requintado com o objetivo cívico de contribuir para o engrandecimento da nação”. (Fernandez, 2011: 167) Neste processo de seleção, o biógrafo do clube termina por apagar episódios como, por exemplo, da questão racial que é mencionada em duas ocasiões; além de, evidentemente, trazer a lume eventos que reforcem a sua tese.

Ainda segundo Renato L. Fernandez: “Os únicos episódios em que o preconceito fica mais explícito são o do técnico Euclides, conhecido como Cuca, descrito pelo autor como “o preto de maior caráter e bondade que conheci na minha infância” (Idem: 41), proibido de dirigir o time infantil do Fluminense por ser negro e, o episódio do pó-de-arroz que é reconhecido ao final do livro tendo, segundo o autor, origem na competição entre as torcidas e no “complexo de Carlos Alberto” (Idem: 321). O meia do Fluminense é descrito como “esforçado, leal e muito estimado pelos sócios e companheiros de equipe” (Idem), possuía uma epiderme pigmentada, cor de bronze. O jogador teria passado o pó-de-arroz por ter ficado magoado com a “irreverência e grosseria de um torcedor mal educado” que o teria chamado de negro pernóstico. Os dois episódios teriam ocorrido na mesma época e demonstram uma artimanha no

discurso de Paulo Coelho Netto. (...) “Admirava o Fluminense, um grande clube, sem dúvida, mas ele, Cuca, não poderia acompanhar os garotos; teria de ficar de fora, nos treinos, por que o Fluminense não aceitava pretos” (Coelho Netto, 2002:44). Nos dois casos, o clube sai ileso. Mesmo no episódio do técnico Cuca, é encontrada uma solução harmoniosa com a permissão da entrada do técnico nos treinos e jogos, já que Cuca era um “preto de caráter e bondade”, amado pelos meninos do infantil, mas não o suficiente para acompanhá-lo em outro clube que o aceitasse (Idem: 41-43).” (2010: 170-171) Neste panteão de símbolos e de glórias, é a *Taça Olímpica de 1949*, que se afigura como a imagem da capa na maior parte das edições do livro é celebrada como o maior dos feitos da história do clube, um monumento tricolor.²¹

Quer em termos estilísticos, quer em termos metodológicos, tudo no livro de Paulo Coelho Netto parece se afigurar como a antítese do seu congênere rubro-negro: o *Histórias do Flamengo*, escrita por iniciativa do Mário Filho. Se quisermos forçar um pouco a analogia, para compreender a oposição entre o método de Mário Filho e o de Paulo Coelho Netto podemos nos valer da distinção lévi-straussniana entre duas formas de construção de lidar com o pensamento humano: àquela que coloca lado-a-lado o trabalho do engenheiro (ou do cientista) e o do *bricoleur*. Se Paulo Coelho Netto constrói e projeta hipóteses sobre um dever ser tricolor; Mário Filho, por sua vez, parece se deixar levar pelos próprios fatos e pelos próprios mitos, como se eles tivessem vida e alma próprios, dando vazão à *contingência*, num processo que faz lembrar aquele do recorte e da colagem.²²

²¹ Noutro livro de cunho mais memorialístico, *Fluminense: Pitoresco e Dramático*, Paulo Coelho Netto aprofunda o argumento em defesa deste troféu: “A Taça Olímpica, também denominada, Taça de Honra, prêmio máximo a que se pode aspirar no terreno desportivo, tem por fim galardoar, todo ano aquele que, no juízo do Comitê Interacional Olímpico, mais fez em prol do olimpismo e do esporte (...) Com essa Grande Conquista, o Fluminense foi – e é – o único clube da América Latina a ter o nome inscrito na Taça Olímpica” (1959: 43) Objetivando imortalizar a conquista, Paulo Coelho Netto chega a defender que se erga – à frente da sede do clube – um “monumento tricolor”, uma réplica, em escala ampliada, da Taça Olímpica que lembre sempre aos sócios tricolores do orgulho de fazer parte de tal agremiação. “Somente um monumento – reprodução fiel e ampliada da Taça Olímpica, De bronze e com 1, 50 de altura, sobre pedestal de mármore – a ser erigido à entrada de nossa sede, com a colaboração dos sócios e adeptos, coadjuvantes do memorável triunfo, resgatará a dívida que todos nós, tricolores, contraímos com o Clube. A ideia de grande família em que se orgulha de trazer o coração, como símbolo da eficiência, a legenda da mais perfeita organização esportiva do mundo: Fluminense Futebol Clube” (1959: 44)

²² “Também sob este ponto de vista, a reflexão mítica aparece como uma forma intelectual de *bricolage*. Toda a ciência foi construída sobre a diferenciação do contingente e do necessário, que é também a do fato e da estrutura. As qualidades que reivindicava como suas, no nascimento, eram precisamente aquelas que, não fazendo parte em absoluto da experiência vivida, permaneciam exteriores e como que estranhas aos fatos: esse é o sentido da noção de qualidades primeiras. Ora, é peculiar ao pensamento mítico, assim como ao *bricolagem* no plano prático, a elaboração de conjuntos estruturados não diretamente com outros conjuntos estruturados, mas utilizando resíduos e fragmentos de fatos, testemunhos fósseis da história de um indivíduo ou de uma sociedade. Num certo sentido,

A começar pelo título, “histórias” no plural, podemos ver que Mário Filho não tem a pretensão de cientificidade e de objetividade a que Paulo Coelho Netto aspira. Como de hábito, o método adotado por Mário Filho é o de entrecruzar pesquisas em fontes orais, coligindo relatos de pessoas, documentos coletados em arquivos e, é claro, a própria memória do autor. Feito também em comemoração aos cinquenta anos do clube da Gávea, não se sabe se o livro *Histórias do Flamengo* foi escrito a pedido da diretoria do clube, embora saibamos que os cartolas rubro-negros (ao contrário dos tricolores) nunca fizeram o menor esforço para reeditar o livro. Escrito no tom anedótico e pitoresco que lhe é habitual, o livro de Filho é uma coletânea de histórias e de mitos sobre a fundação do Flamengo, em que se tenta explicar e justificar o magnetismo existente em torno do *mais querido*.

Sintetizando cem anos de história em dois parágrafos, podemos dizer que a trajetória do Fluminense Futebol Clube é contada e recontada como a fábula de um clube em 1906 fundado por aristocracia no início do século que desejava praticar o futebol. Contando de início com massiva presença de filhos de migrantes estrangeiros ou de estudantes brasileiros que haviam estudado no exterior, o Fluminense Futebol Clube construiria sua história na afirmação desta verve e deste *ethos* elitico. Transformando-se rapidamente no clube mais vitorioso e mais rico da cidade do Rio de Janeiro, o Fluminense passaria vencer os campeonatos sem grandes rivais ou rivalidades, até o surgimento da seção de futebol do Flamengo.

Em 1896, o Clube de Regatas do Flamengo, por sua vez, se iniciou como um clube destinado exclusivamente à prática do remo. Àquela altura, o remo era o esporte mais popular da cidade do Rio de Janeiro e o Flamengo, como clube, gozava já de certa popularidade. Nascida da costela tricolor, a seção de futebol rubro negra só seria fundada bem mais tarde em 1912. Depois de uma briga entre o capitão tricolor, Alberto Borgeth, que viria, inclusive, a sagrar-se presidente do Flamengo, e a comissão técnica, o time titular decidiu migrar abandonar em massa o clube das Laranjeiras, criando o departamento de futebol no clube de regatas. No momento da fundação, a rivalidade se instauraria logo ali, mas os dois clubes ainda permaneceriam ligados, no aspecto imaginário, aos grupos diretivos, até os anos 30, pelo menos.

inverte-se a relação entre diacronia e sincronia: o pensamento mítico, este *bricoleuse*, elabora estrutura organizando os fatos ou os resíduos dos fatos, ao passo que a ciência “em marcha” a partir da sua própria instauração, cria seus meios e seus resultados sob a forma de fatos, graças às estruturas que fabrica sem cessar e que são suas hipóteses e teorias”. (Lévi-Strauss, 1989: 38).

Somente nesta década é que o Flamengo vem a ser considerado um clube *nacional popular* graças ao esforço contínuo e articulado da crônica e do próprio clube, que passam a sobrepor os símbolos nacionais, para tematizar o ideário rubro-negro. Na figura do presidente Bastos Padilha, o clube assume uma estratégia de recrutamento relativamente bem definida, dando preferência a jogadores que fossem negros e populares. Em paralelo, Mário Filho e José Lins do Rego (Hollanda, 2002) construíam todo um manancial de símbolos rubro-negros ligados ao Flamengo que fizessem com que tal clube fosse articulado à simbologia da nação-brasileira:

Coisa que o Flamengo aproveitou. Queria ser o clube mais popular, mais querido do Brasil, não podia deixar o preto de fora. Indo em busca do preto, o Flamengo ia de encontro ao gosto do povo. Escolhendo Fausto, Leônidas e Domingos já escolhido pelo povo como ídolos. Fazendo sua transfusão popularidade. (...) O destino do Flamengo se realizava. Em outros tempos ele arranjara torcedores sem querer, treinando no Russel, os jogadores acadêmicos de medicina confundindo-se com os moleques. (Filho, 2003: 209).

Num processo muito parecido com o de criação das nações, em que a cada país são atribuídos certos valores imanes, Mário Filho chega a falar em um *destino*, espécie de *telos* não realizado da agremiação rubro-negra, que só vai se cumprir quando o Flamengo incorpora os negros à sua equipe. Como duas metades perfeitamente aglutinadas, enquanto o Flamengo realizava seu destino, que se confundia com o próprio destino da nação brasileira, contratando os negros, pobres, incorporando às classes subalternas ao seu projeto de equipe; o Fluminense continuava seu fardo, o de deixar negros e pobres do lado de fora, tendo mesmo de “mascarar situações” desagradáveis, como o caso de Carlos Alberto pó-de-arroz. Como diria o cronista, “trancado no palácio Álvares Chaves, o povo não podia nem sentir o gostinho do sereno”. (Filho, 2003: 210).²³

A despeito das diferenças entre os livros de Coelho Netto e Mário Filho, que, por sua vez, ilustram o sentido de complementariedade/ oposição entre o Flamengo e o Fluminense na própria maneira de tematizar a história dos clubes (Hollanda, 2002), há um fundo comum nessas duas narrativas. Num esforço hercúleo da crônica, mesmo que em nível inconsciente, os cronistas *naturalizam* certas categorias que são, evidentemente, históricas, como se o *ethos* rubro-negro e o “modo de ser” tricolor fizessem parte da própria alma dos clubes.

²³ Esta oposição entre Flamengo e Fluminense, tal como pensada por Mário Filho, entre o clube que se abre e outro que se fecha, remete à oposição entre a casa e a rua, como veremos no capítulo III.

Embora exista muito de fantasia e de fábula nestas narrativas, não acredito que um esforço desmitificação, pelo menos nos limites deste trabalho, das trajetórias “imaginadas” do Flamengo e do Fluminense possa levar a algum lugar, especialmente porque, e isso que importa, essas categorias foram apropriadas pelo maior parte dos dirigentes que se engajam na defesa ferrenha delas. Todavia, é sempre importante ter em mente que essas qualidades, essa coloração e odor a que se atribui clube a clube são construídas socialmente, sendo, boa parte delas, arbitrárias e atribuídas um tanto quanto ao acaso. Desta forma, o importante aqui é perceber que os próprios nativos dialogam com este manancial de representações e são mesmo conhecedores destes episódios que são tratados como definidores de uma identidade. Numa situação específica, um deles se referia à contratação da tríade de negros como o “momento em que a favela virou Flamengo, o crioulo virou Flamengo” Por outra, quando estive no clube tricolor por ocasião da cerimônia de consagração de benemerência, o vice-presidente do Conselho Deliberativo fez um discurso longo em que aludia à tradição do Grêmio das Laranjeiras, fazendo menção aos principais personagens e eventos da história do clube: Arnaldo Guinle, João Coelho Netto, Carlos Alberto “Pó-de-arroz”, Rivelino, Néelson Rodrigues, Castilho, todos foram citados num discurso que acabou com lágrimas sem final.

Aos próprios eventos que são ocorridos dentro de campo são atribuídos significados completamente diferentes, a depender da maneira como cada clube representa a si próprio. Nesse sentido, o Fluminense Futebol Clube, que sempre valorizou o ideário da ordem, da hierarquia e da disciplina, numa palavra, da *racionalização*, teve aquele que foi provavelmente o maior time da sua história tenha sido batizado de “máquina”.²⁴ Este ideário da ordem contrapõe-se uma vez ainda ao léxico rubro-negro, que parece girar sempre em torno do caos, do drama e do excesso. À parte o fato de que a maior parte dos títulos rubro-negros veio com a geração “Zico”, muitos rubro-negros gostam de dizer que o time do Galinho, por jogar um futebol excessivamente plástico e ordenado, não representaria a história do clube, que seria simbolizada pelo antológico gol de Rondinelli, o “Deus da Raça”, em 1978. Se o clube tricolor faz evocar o ideário da máquina e o da ordem; o rubro-negro prefere trabalhar com a dimensão do episódio vertiginoso que, surgindo do caos, instaura a festa.

²⁴ Como veremos no III capítulo, o apelido “máquina” foi utilizado em outros contextos. Na Itália; a Juventus, equipe dos industriais Agnelli, que celebra, como descreveu insistentemente Christian Bromberger (1995), o ideário da disciplina, da “racionalização e da ordem receberiam tal apelido. Também o River Plate da década de 1940 (Agostini, 2002), time legendário no futebol argentino, de Angel e Labruña, recebeu a alcunha de “a máquina”.

Nas camadas dirigentes, portanto, é necessário ter o domínio deste código clubístico, conhecendo pormenorizadamente a história dos clubes para ser bem visto pelo grupo, o que não é muito difícil, até mesmo porque ela, tal como mito, os mesmos temas são repetidos a exaustão no interior dessas agremiações. Num sentido muito genérico, com o perdão da analogia funcionalista, a história dos clubes desempenharia o uma forma simbólica capaz de fornecer sentido e dar constância à visão de mundo dada. O que estou querendo dizer é que estas histórias fornecem substância à etérea oposição entre os clubes ou nas palavras do próprio Lévi-Strauss:

Chegamos assim a nos perguntar se uma história objetiva e científica é possível ou, se, em nossas sociedades modernas, a história desempenha um papel análogo ao dos mitos. O que os mitos fazem pelas sociedades sem escrita – legitimar uma ordem social e uma concepção de mundo, explicar o que as coisas são e pelo que elas foram encontrar justificativa de seu estado presente num estado passado e conceber o futuro em função, a um só tempo, deste presente e desse passado – esse é também o papel que nossas civilizações concedem à história. (Lévi-Strauss, 2011: 66)

Justamente por isso é tão importante que a história, pelo menos no senso comum, seja enquadrada numa espécie de “retórica da verdade”, como a representação fidedigna das coisas “como elas realmente foram”. Esta história mítica aparece “incorporada” aos discursos e as práticas dos agentes, e “reificada” nos objetos físicos e arquitetônicos que remontam a cada clube: as sedes, os estádios, as estátuas, os monumentos. Até mesmo a camisa tricolor, que já chegou a contar nada menos com a ilustre e já referida Taça Olímpica de 1949, é um objeto carregado de história.

Neste particular, vale a pena destacar a própria diferença arquitetônica entre as sedes sociais dos dois clubes, *locus* central do poder, dramatiza a maneira como cada clube representa a si mesmo. Se a do Flamengo, construída em finais dos setenta, tem uma arquitetura moderna, diria mesmo quase futurista para os padrões da época; a do Fluminense exala o ideário da tradição, mantendo-se com poucas alterações desde a segunda década do século XX. A própria disposição dos espaços das sedes dá um pouco a diferença de autoimagem que cada clube quer construir sobre si. Ainda na sede tricolor: logo na entrada do clube pode-se ver o *hall* dos beneméritos com a listagem dos sócios homenageados; enquanto na do Flamengo é preciso subir ao terceiro andar para encontrar os principais ícones do rubro negrismo, como a Sala dos Grandes-Benemérito, a Sala da Presidência, etc. Estes símbolos são, muitas vezes, oficiais, partem do próprio clube, mas eles também são criados pelo *público das ruas*. Nos

cânticos torcedores, nas músicas populares e nos hinos não oficiais de cada clube também continuamos a ver diferença de qualidades e de sentido que são atribuídos a cada clube. Sem proceder a uma colagem infinita, que seria tediosa, de representações, optamos por opor o hino popular de cada um.

<p>Sou tricolor de coração. Sou do clube tantas vezes campeão. Fascina pela sua disciplina, O fluminense me domina. Eu tenho amor ao tricolor! Salve o querido pavilhão, Das três cores que traduzem tradição: A paz, a esperança e o vigor. Unido e forte pelo esporte, Eu sou é tricolor!/ Vence o fluminense Com o verde da esperança/ Pois quem espera sempre alcança. Clube que orgulha o Brasil, Retumbante de glórias e vitórias mil! (...)Salve o querido pavilhão, Das três cores que traduzem tradição: A paz, a esperança e o vigor. Unido e forte pelo esporte, Eu sou é tricolor! Vence o fluminense Com sangue do encarnado, Com amor e com vigor. Faz a torcida querida Vibrar com a emoção do tricampeão! Vence o fluminense, Usando a fidalguia. Branco é paz e harmonia Brilha com o sol da manhã, Qual luz de um refletor Salve o tricolor! “Hino do Fluminense”, Lamartine Babo.</p>	<p>Uma vez Flamengo, Sempre Flamengo Flamengo sempre eu ei de ser É o meu maior prazer vê-lo brilhar Seja na terra, seja no mar Vencer, vencer, vencer Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer Na regata ele me mata, Me maltrata, me arrebatata De emoção no coração Consagrado no gramado Sempre amado, o mais cotado Nos Fla-Flus é o "aí, Jesus!" Eu teria um desgosto profundo Se faltasse o Flamengo no mundo Ele vibra, ele é fibra Muita libra já pesou Flamengo até morrer eu sou ! “Hino do Flamengo”, /data/ Lamartine Babo</p>
---	---

Nos hinos compostos por Lamartine Babo o Fluminense aparece como o clube representado como capaz de fascinar pela “disciplina”, em cores que traduzem “tradição”. Já o Flamengo, por sua vez, é o clube marcado pelo ideário do arrebatamento, da paixão, do que “maltrata”. Evocamos aqui dois modelos relativamente claros de compreensão da realidade e de apreensão da realidade. Poderíamos ir além: a oposição totêmica entre o *Cartola*, criado pelo chargista argentino Molas, para representar o Fluminense e o *Urubu*, ave carniceira de plumagem

negra, utilizada para simbolizar o Flamengo evidencia como poucas a questão aqui referida. Esta oposição entre os clubes dramatiza aquela entre o chique e o popular, entre o branco e o negro, entre aquilo que está no epicentro da vida social – o poder e a política – e aquilo que está à margem dele – os negros e a ralé, e mesmo a oposição entre a casa e a rua. A partir destas interpretações, compreendendo que essa oposição constrói um sistema binário, poderíamos opor as qualidades que são atribuídas a cada clube na seguinte tabela:

Clube de Regatas Flamengo	Fluminense Futebol Clube
Nacional Popular	Elite-Aristocrático
Negro	Branco
Moderno	Tradicional
Masculino	Feminino
Caos	Ordem (Disciplina)
Excesso	Sobriedade
Paixão	<i>Fair play</i>
Drama	Harmonia
....	...

No caso dos dirigentes dos dois clubes, este dado é absolutamente central e revelador tendo em vista a perspectiva do recrutamento e de formas de associação que os dirigentes usam para ingressar nos clubes. Enquanto no Flamengo, há um relativo silêncio acerca das maneiras de tornar-se sócio; no Fluminense, os presidentes falam de uma “comissão de sindicância”, com um crivo firme sob a qual os candidatos têm de passar, caso desejem ser sócios. Não à toa, entre os dirigentes que entrevistei no Fluminense quase nenhum é imigrado ao Rio de Janeiro; enquanto no Flamengo tal situação não é incomum. Trataremos agora de verificar, por conseguinte, se tais diferenças de *ethos* produzem diferenças no que tange ao *recrutamento do perfil* econômico, social e cultural dos associados dos clubes.

A simbólica do recrutamento:

No passado, principalmente no Fluminense, era a ideia da *seletividade* do recrutamento da associação a tônica das entrevistas realizadas com grande parte dos dirigentes. Para se associar ao clube, passava-se por um processo de triagem complexo, em que o postulante ao cargo tinha toda a vida analisada de ponta-a-cima. A presença da

comissão da sindicância que fichava, autuava e verificava quem quisesse se tornar sócio era o que marcava o Fluminense Futebol Clube. O presidente Ângelo Chaves, colocando de lado a questão do preço do título de sócio proprietário, enfatizando, em revanche, o fato de que “ninguém passava” o título de sócio proprietário e de que era muito difícil ingressar no clube, pois eram como uma propriedade imaterial da família.

L: Era muito caro esse título ou não era?

E: Não me lembro. Eu paguei a prestação, não me lembro o quanto foi que eu paguei, não me lembro não. Não me lembro de jeito nenhum.

L: Mas a questão não era o preço que o senhor está dizendo. Era que tinha poucos pra vender e não vendiam, ou não?

E: Esse ninguém passava. Esse é um título muito mais caro. Podia comprar de outra pessoa que passasse, tinha que ter alguém que passasse. Meu neto, por exemplo, eu dei pra ele. Entendeu, esse menino que está aí [na casa]. Vai a jogo comigo e tal. Mas, agora o que acontece é que é negócio para ser sócio Fluminense antigamente era complicado. Fluminense, esse negócio não entra preto. Nunca houve isso. Nunca houve. O que há hoje é o seguinte: o Fluminense fazia até uma restrição que eu acho que tem uma certa vantagem. Não tenho posição com isso. Não sou a favor. O cara tinha que ter uma certa[posição] porque era um clube tinha muitas festas e tudo. A parte social do clube era muito movimentada e tinha muitos acontecimentos, esses cantores estrangeiros, que vinham ao Cassino da Urca... Todos eles cantaram lá. Tinha peças de teatro. Fluminense, social, que era da Rádio Nacional, arranjavam essas coisas todas, atores, cantores da época, Pedro Parga [?], na época, você nunca tinha ouvido falar nesses caras, mas tudo bem. Então, pra essa vida social intensa, você precisava ter... Eu, por exemplo, não poderia ter sido sócio do Fluminense nessa época. Eu cheguei no Rio e eu não tinha meio pra manter aquele troço. Fluminense, esse particular, era para você não ficar marginalizado. Uma coisa é o seguinte, eu não sei se você é judeu. Mas vamos supor que... Você é judeu ou não?

L: Não.

E: Vamos supor que você entre pra sócio daquele Clube Israelita que tem ali...[onde você mora]

L: Nadava ali, nadei muito tempo. O Monte Sinai.

E: O que vai acontecer. Namorar você não namorar ninguém. Amigo sabe que judeu é fogo. Você não vai ter amigo nenhum, não é verdade? Você já não é da mesma turma. Há esse problema, havia esse negócio de... porque não é do seu grupo. O torcedor de futebol era uma coisa, mas o negro, infelizmente, no Brasil, tá melhorando

hoje, mas ainda vai melhorar mais. O negro é mais marginalizado pelo próprio padrão de vida dele, não tinha isso. Fluminense não vetava a entrada de negro. Queria ver o que você é se você era se médico, funcionário público, professor. Eu sendo médico, operando jogador do Fluminense tudo de graça. A comissão sindicância do Fluminense foi na minha casa, foi lá pra ver onde eu morava, como era a minha casa...Tudo isso, hoje em dia qualquer um vira sócio do Fluminense. Tem anúncio na televisão para ser sócio do Fluminense. Porra, virou zona? Flamengo já se fudeu por causa disso. Vai perder aquela sede que tem... Morro do Viúva.

Havia, por conseguinte, um rigoroso filtro de controle do perfil dos associados e dos dirigentes. Na linha de Ângelo Chaves, Sylvio Kelly procede dizendo que, embora tivesse ingressado no Fluminense com oito anos de idade, para ser sócio e também seus pais há muito tempo fossem sócios do clube, ele passou por uma verificação rigorosa da comissão de sindicância. A finalidade de associações elitistas como o Fluminense, e mesmo o Flamengo era ter “um número limitado de sócios”, permanecendo como definidora da identidade de um grupo relativamente restrito. Nessa associação, não bastava ter apenas o capital econômico: era preciso ter um conjunto de qualidades para poder participar da vida associativa do clube.

Além da evidente questão racial que marca o interdito de um conjunto significativo da população brasileira nos clubes de elite, o fato era que existiam diversas formas de barrar a entrada de adeptos tidos como “indesejáveis”: os desprovidos de capital cultural (diplomas, títulos), capital social (não ser preto), capital humano (ter relações no próprio clube), e capital econômico o suficiente para bancar a existência do clube. É de se notar que o ingresso no clube é sempre feito graças à mediação de amigos, de familiares e de conhecidos e aqueles que não tivessem relações poderiam sim ser barrados pela comissão de sindicância. Por outro lado, parecem existir mesmo nos anos quarenta-cinquenta, a despeito do intenso controle da referida comissão de sindicância, *brechas* de participação na vida associativa do clube. Fábio Egypto, que entrou no clube para jogar basquete, conta seu ingresso no clube:

Eu entrei no Fluminense em 1945. Eu estava no exército. Eu estava em Porto Alegre e fui convocado pelo o exército. E aí depois me transferiram, porque eu morava aqui, mas estava momentaneamente, provisoriamente, em Porto Alegre. Aí consegui uma transferência de Porto Alegre para cá, fui para o primeiro Batalhão de Engenharia na Vila Militar. Aqui eu morava no Flamengo e tinha amigos meus, nós tínhamos um timezinho de Basquete e nós ficávamos brincando jogando Basquete e tal. E nessa ocasião, eu tinha um amigo que

participava comigo do time, ele jogava na segunda divisão de Basquete no Fluminense e vivia me convidando para ir pra lá, pra jogar lá e tal. Quando eu dei baixa, eu aceitei o convite dele e vim e fui ao Fluminense jogar um pouco. E foi, então, quando eu comecei a gostar do Fluminense e a iniciar minha carreira no Fluminense. Passei à atleta amador, joguei Basquete na segunda divisão no início, depois passei para a primeira divisão e fiquei anos lá, muitos anos jogando Basquete. (Entrevista com Fábio Egypto)

Tempo depois, quando perguntei diretamente sobre o controle e o rigor da comissão de sindicância era muito estrito no caso de atletas, ele me forneceu uma valiosa pista:

Luiz: E para ser sócio-atleta, como que era nessa época? Porque para ser sócio-proprietário havia uma comissão de sindicância...

Fábio: É, você comprava o título etc.

Luiz: Mas para ser sócio-atleta não?

Fábio: Não. Sócio-atleta você tinha que se apresentar ao departamento do esporte; o técnico verificava se você tinha aptidões para ser atleta naquele departamento e se você tivesse a aprovação do técnico é que havia a orientação, então você fazia a sua proposta para ser sócio-atleta. E aí uma coisa ajudava a outra e você saía sócio-atleta.

Luiz: Mas não havia uma comissão?

Fábio: Sempre havia uma comissão de sindicância para saber quem era. Enfim, de quem se tratava a pessoa. Mas a parte esportiva tinha muita influência. Entendeu?

Luiz: Entendi. Para ser sócio-atleta não importava tanto quem você era...

Fábio: Mas sim o que você podia ser. (Entrevista com Fábio Egypto)

Neste sentido, mesmo em um clube que fora relativamente seletivo como o Fluminense existiam sim *brechas* de participação na vida social do clube. Presidente em meados dos anos noventa, Arnaldo Santiago, por exemplo, parece ter ingressado no clube como sócio atleta face aos seus dotes como jogador de basquete. Falecido já há algum tempo, não pude entrevista-lo, ainda assim, tenho o interesse de investigar pouco melhor a trajetória do médico de infância humilde e pobre, que se tornou presidente. Pelo que recolhi em testemunhos, mas que precisaria referendar, Arnaldo vivia no entorno do Fluminense, tendo, ainda muito novo, se destacado como atleta de basquete. Depois, contando com a ajuda financeira do clube, ele se formaria em medicina e em pouco tempo se tornaria um dos médicos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro.

Não posso, por outro lado, desconsiderar a hipótese de que tudo isso tenha sido fantasia dos meus depoentes, o que não invalidaria estes depoimentos como fontes, e sim indicaria, ainda com mais força, traços de racismo à brasileira, que associa diretamente a cor da pele à pobreza na juventude. De qualquer forma, a ambiguidade da trajetória de Arnaldo Santiago indica, na sociedade brasileira, a fluidez dos sistemas de classificatórios de cor: mencionado num depoimento relativamente progressista, ele aparece como “o único presidente negro do clube”; já em outro, a condição de cor é minorada: “não, ele não é negro, não chega a ser, ele é mulato, não é verdade?”. Ainda assim, o fato que devemos reter é que Arnaldo Santiago parece ter ingressado no clube pelos seus *capitais esportivos*, e seus dotes de atleta mais do que por sua capacitação social ou prestígio na *high society* carioca. Muito longe de constuir a norma ou a regra parece, de qualquer forma, um caminho possível que se ingresse como atleta no clube, galgando prestígio, e reconvertendo os capitais esportivos em relações sociais no interior do clube.

Por outro lado, há entre os dirigentes do Flamengo um *silêncio* que me parece revelador de duas maneiras de associação completamente distintas. Se, no caso do Fluminense, a questão da *Comissão de Sindicância* veio à tona em todos os depoimentos (salvo no de Francisco Horta) no Flamengo, os dirigentes dizem não saber com exatidão como entraram no clube. Numa das ocasiões em que perguntei ao Hélio Barroso como ele se transformou em sócio, a resposta é seca, direta, quiçá arrogante: “Como assim? Como eu me tornei sócio? Eu comprei um título”. Em comum, os imigrantes George Helal e Joel Teppet disseram a primeira coisa que fizeram quando chegaram ao Rio de Janeiro foi adquirir um título de sócio proprietário. Pelos depoimentos coletados, portanto, parece ser possível ingressar no Flamengo sem a mediação direta de relações prévias, desde que tivesse o capital econômico necessário para ingressar no clube. Como a documentação do clube é relativamente fechada, é muito difícil apreender o valor econômico destes títulos e a sua evolução ao longo do tempo, mas é possível estabelecer que, no início nos cinquenta, ter um título destes não era muito barato.



Foto do Arquivo Nacional. 1960-1962. Parece uma troca justa: compre um título do Flamengo, e ganhe um carro.

A hipótese é que a barreira de associação no caso do Clube de Regatas do Flamengo me parece fundamentalmente ligada ao aspecto puramente econômico; enquanto no Fluminense ela parece envolver formas e mecanismos mais complexos de exclusão e de inclusão no quadro associativo. Montei a seguir um quadro com informações que julguei úteis sobre os meus entrevistados. Além dos meus entrevistados, inclui os presidentes de Flamengo e Fluminense no período que vai, em linhas gerais, de 1972-1997. Marquei em negrito justamente aqueles que já faleceram e, por isso, não puderam ser requisitados para uma entrevista.

Dirigente:	Profissão:	Informações adicionais:
Hélio Maurício, presidente do Clube de Regatas Flamengo (1972-1976).	Médico	(Sem informações adicionais)
Márcio Baroukel de Souza Braga, seis mandatos como presidente do Flamengo (1976-1980; 1987-1988; 1991-1992; 2004-2009)	Tabeleiro. Advogado.	Praticou atletismo. E futebol de praia no famoso “Lá vai Bola”. Foi casado com a sobrinha de Juscelino Kubistchek. Candidato a prefeito do Rio de Janeiro. Deputado Federal e Constituinte. Família de origem amazonense.
Antônio Augusto Dunshee de Abranches, presidente do Clube de Regatas do Flamengo (1981-1983-renúncia).	Advogado e sócio de um escritório de advocacia no Rio de Janeiro	Membro de uma família importante de advogados no Rio de Janeiro Praticou futebol de praia Campeão Mundial e da Libertadores.
George Helal, presidente do Clube de Regatas Flamengo. 1984-1986.	Comerciante, um dos donos das Lojas Helal.	Família de ascendência árabe. Egresso de Vitória, Espírito Santo.
Gilberto Cardoso Filho, presidente do Clube de Regatas do Flamengo. 1989-1990.	Empresário	Filho de Gilberto Cardoso, lendário presidente do clube.
Luís Augusto Velloso, presidente do Clube de Regatas do Flamengo, 1993-1994.	Empresário no ramo esportivo. Foi também jornalista e Diretor do <i>Jornal dos Sports</i> .	Família proprietária do supermercado Casas da Banha. Em meados dos oitenta, adquiriu também o <i>Jornal dos Sports</i> .
Kléber Leite, presidente do Clube de Regatas Flamengo, 1995-1998.	Foi repórter de rádio. É sócio da Kléfer, empresa de marketing esportivo fundada em 1983,	Praticou judô no Flamengo.
Hélio Barroso. Dirigente ligado à <i>Frente Ampla pelo Flamengo</i> . Atuou no Flamengo de forma indireta.	Auditor fiscal.	Dono de uma lancha “Miss Flamengo”. Praticou e disputou campeonatos de pesca submarina. Publicou livros sobre o assunto.

		Foi presidente do Iate Clube do Rio de Janeiro. Egresso de Barbacena. Minas Gerais.
Joel Teppet, vice-presidente de finanças e vice-presidente geral.	Empresário.	Paulista. Filho do ex-jogador e olheiro Luís Teppet, Seleção Brasileira e Ypiranga Futebol Clube.
Francisco Horta, presidente do Fluminense Futebol Clube 1975-1978.	Juiz Professor da Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro	Deputado Estadual. Praticou futebol de praia.
Sílvio Vasconcelos, presidente do Fluminense Futebol Clube, 1978-1981.	Advogado	Sem informações adicionais.
Sylvio Kelly dos Santos, presidente do Fluminense Futebol Clube, 1981-1984.	Advogado	Nadador e jogador de polo aquático
Manuel Schwartz, presidente do Fluminense 1984-1987.	Economista	Paulista, radicado no Rio de Janeiro. Presidente do Lions Clube do Rio de Janeiro Pós-Graduação nos Estados Unidos e na Inglaterra
Fábio Egypto, presidente do Fluminense 1987-1990.	Empresário do ramo da exportação e da importação.	Praticou golfe e basquete. Presidente e sócio benemérito do Itanhangá Golfe Clube.
Ângelo Chaves, 1991-1993, presidente do Fluminense Futebol Clube.	Médico	Irmão do jornalista João Máximo
Arnaldo Santiago Lopes, presidente do Fluminense Futebol Clube 1993-1996.	Médico	Praticou basquete em infância
José Gil Carneiro de Mendonça, presidente do Fluminense Futebol Clube, 1997 (interrompido)	Empresário	Membro da família Carneiro de Mendonça Jogador da Seleção Brasileira de Vôlei

Deste quadro podemos depreender que há Fluminense Futebol Clube uma predominância relativa de profissionais liberais, com forte presença de médicos e de advogados, enquanto no Flamengo há uma hegemonia relativa de empresários e comerciantes, embora também as chamadas profissões “imperiais” (medicina, engenharia e advocacia) se façam presentes. Mesmo que seja muito difícil mensurar em termos objetivos o que a sociologia define genericamente como “capital cultural”, acredito que minha experiência de visitação de casas, escritórios, etc., de dirigentes tanto do Flamengo quanto do Fluminense, que, em termos comparativos, a balança seja bastante favorável para o clube tricolor. Não foram poucas as vezes que os presidentes do clube tricolor me mostraram livros, discorreram sobre temas filosóficos e manifestaram interesse singular sobre o meu tema de estudo. A diferença na maneira de falar e, em algum caso, de vestir também me chamou a atenção, denunciando vícios de origem social. Mas não fiquemos nas impressões, há também um fato concreto que embasa as minhas impressões subjetivas: entre os entrevistados e os pesquisados, encontrei apenas *um* presidente do clube tricolor que não possui nível superior (Graduação), enquanto no Flamengo são três que possuem diploma de bacharel. No caso do Fluminense, pode-se ver mesmo a presença de presidentes com pós-graduação, além do caso tipo de Francisco Horta, que foi professor universitário por anos.

Quando se trata de quantificar a diferença de capital econômico, os dados são ainda mais escassos. Não há dúvida de que todos os dirigentes que conheci pertencem à classe média alta e à classe alta, mas há forte dose de idealização na caricatura midiática e popular que os retrata, de forma homogênea, como milionários ou ricos. Não só frequentei casas enormes, latifúndios urbanos no Leblon ou em Ipanema, também conheci apartamentos modestos, sem grandes luxos. No Rio de Janeiro, uma cidade altamente hierarquizada pela díade Zona Norte/ Zona Sul, entrevistei um presidente do Fluminense que afirmou nunca ter vivido na região nobre da cidade, alternando sua morada entre a Tijuca, o bairro do Grajaú e a Vila Isabel.

Do final dos anos 1980 para os dias de hoje, apesar da comissão de sindicância ainda figurar no estatuto, ela me parece ser uma *anacronismo*, um apêndice completamente sem uso ou sem função, salvo mobilização em situações excepcionais. Por outro lado, perceber como no futebol-espetáculo ainda existem diversas formas de pertencer e de se associar a um clube de futebol, o que vem sendo seguidamente subestimado na bibliografia futebolística, mas que é opera como forte

categoria de classificação entre os presidentes de futebol, e é sobre isso que nos deteremos agora.

Asíndrome do Cosmos:

No final dos setenta, a icônica transferência do símbolo (mais do que o jogador) para o *Cosmos*, de Nova Iorque, movimentou o mercado esportivo, político e econômico estadunidense. Numa negociação longa, e milionária para os padrões da época, Pelé foi contratado por um valor exuberante para os padrões futebolísticos daquele tempo: sete milhões de dólares para três temporadas. A magnitude da negociação chegou mesmo a envolver o célebre diplomata Henry Kissinger que expediria um telegrama para o governo brasileiro, afirmando que “a ida de Pelé para os Estados Unidos poderá melhorar as relações diplomáticas entre os países”.

Espectro de um tempo em que o futebol se converteria num negócio de fato, movimentando cifras milionárias e inéditas para os padrões até então conhecidos, a negociação de Pelé começava a indicar novos caminhos para os dirigentes esportivos. A ascensão de João Havelange à Federação Internacional de Futebol marcaria uma mudança no padrão, no perfil e nas formas de gestão dos dirigentes de futebol.

Ainda assim, em todos os esportes o impacto comercial engendrado pela disseminação da televisão começava cada a se manifestar. No futebol, escreveria o historiador Paul Dietschy, “a irrupção da televisão e a inserção do futebol como um dos produtos da sociedade de consumo provocaria uma mudança significativa no *people’s game*”. (2010: 444). Em 1967, a formação da *North American Star League* – a NASL – era uma das primeiras ligas a se constituir de forma autônoma em relação ao conjunto das regras da Federação Internacional de Futebol. Apesar de os interesses econômicos e financeiros terem penetrado nas veias da FIFA, sobretudo após algumas medidas pela gestão João Havelange, que viria, por exemplo, a liberar para cada Federação a proibição ou o interdito do uso de patrocínio das camisas, em 1974; no caso do futebol houve alguma resistência a mudar a dinâmica do jogo em si, ao contrário do vôlei ou do tênis que modificaram o sistema de pontuação por conta do televisionamento²⁵. À sombra dos interesses comerciais, em revanche, a liga norte-americana se fundava no modelo estadunidense de franquias, estabelecendo uma série

²⁵Salvo mudanças específicas, como a implantação do cartão vermelho e amarelo e a possibilidade de substituição de jogadores e a impossibilidade dos jogadores recuarem intencionalmente a bola com os pés para o goleiro segurá-la com as mãos (Toledo, 2002: 45-46); penso que é factível dizer que as regras gerais do jogo permaneceram relativamente inalteradas.

de mudanças de regras do próprio jogo para defesa dos interesses da televisão, como, em particular, a possibilidade de parar o tempo de jogo para fazer anúncios de marketing.²⁶Outrossim, a opção em não aderir à FIFA implicava na recusa em aderir ao sistema de transferências fundado pelo “passe”, o que acarretaria alguma dificuldade de circulação dos melhores atletas mundiais para os Estados Unidos.

Arquitetada pela *Warner Communications*, tendo em vista o crescimento da Copa do Mundo de futebol nos Estados Unidos, que, em 1974, atrairia a atenção de mais de quinhentos mil americanos, a dona da franquia do *Cosmos* vislumbrava a transferência de Pelé como a pedra de toque para o crescimento da liga americana. Pelé era uma verdadeira “mina de ouro comercial”, que se poderia explorar de um sem número de formas. A ideia da companhia, da Warner, era utilizar da liga de futebol e de Pelé como carros-chefes para disseminar o seu mais novo produto, “a cable communications”, que poderíamos definir grosso modo como uma televisão a cabo embrionária. De subtítulo sugestivo, “Lá se vai o negão para os States”, uma reportagem da Revista *Placar* esquadrihava os interesses comerciais em jogo na transferência do atleta para o Cosmos de Nova Iorque:

“É um dos mais promissores negócios da Warner é justamente a *cable communications*, isto é, tevê através de cabos. E quem explica o que vem a ser isso é o arquiteto Rafael de La Sierra, um cubano naturalizado americano e um dos principais executivos da Warner:

- A tevê por cabos está apenas começando. Sua utilização é praticamente ilimitada. Sem sair de casa, o assinante de nossos serviços pode fazer praticamente tudo. Poderá selecionar o seu programa predileto, comprar o que bem entender, consultar-se com qualquer médico, ou ver Pelé jogando pelo New York Cosmos em qualquer jogo gravado por nós, com exclusividade. Se o futuro da *Warner Cable Communications* é ilimitado, a utilização do nome Pelé também pode ser. A Warner domina centenas de empresas que poderiam muito bem utilizar a marca Pelé. Daí todos os cuidados que tanto Pelé e seus assessores com o os experts da Warner estão tendo para a assinatura do contrato. A Warner mexe com gravadoras, editoras, estúdios cinematográficos, teatro, espetáculos musicais e uma infinidade de outras atividades e em quase todas elas a marca Pelé cairia como uma luva, até mesmo na venda de hambúrguer e cachorro quente— a *Jack in the Box Hambúrgueres*, uma das maiores empresas do gênero, é associada à Warner. (Placar – 10-10-1975).

²⁶ Procurei, em meus fichamentos de fontes sobre a transferência de Pelé ao Cosmos de Nova Iorque, e na internet, as regras da North American Star League, mas não encontrei, mas é suficiente saber que elas diferiam das do futebol associação propugnado pela FIFA, na tentativa de tornar o jogo mais dinâmico e atrativo para o telespectador.

Apesar dos estádios vazios, durante os jogos normais da Liga, a transferência de Pelé movimentaria, desde o principio, grandes públicos; já em sua estreia contra a equipe do Dallas Tornado, o jogo do New Iorque Cosmos seria transmitido para mais de trinta países, incluindo o Japão, o Brasil, etc. A clareza com que Pelé retraduzia em gestos e palavras suas obrigações comerciais e a sua função no “negócio futebol” assustavam a crônica. Mal desembarcara em Nova Iorque, recepcionado pelo prefeito NealWalsh, a enxurrada de perguntas sobre o seu elevado salário não perturbaria o sossego do craque. Depois de se desculpar por não saber falar fluentemente a língua local, imediatamente, declarava à imprensa: “Não vim discutir meu salário, mas quero lembrar que não estou sendo pago apenas para jogar futebol”.

Além de Pelé, o impacto engendrado pela migração das demais vedetes europeias para os Estados Unidos, como Cruyff, Beckenbauer, Carlos Alberto Torres, etc., os dirigentes europeus e sul-americanos olhavam, misturando mistério e admiração, para o impacto propiciado pela liga norte-americana. Dessa forma, é Marcelo W. Proni quem destaca a centralidade e o impacto da liga americana no globo, “o importante para nós foi essa a primeira liga profissional a implantar uma concepção empresarial moderna da organização esportiva, tendo provavelmente inspirado a doção do futebol-empresa na Europa” (2000: 47) Em que pese naufrágio comercial da NASL, quando em 1981, a metade das equipes da franquia declarou a falência (Goldblatt, 531: 2007), a associação entre interesses televisivos e futebolísticos experimentada no laboratório norte-americano iria se reproduzir *mutatis mutandis* em vários lugares do mundo aonde o futebol era o esporte número um.

No que o historiador Paul Dietschy definiria como sendo a “época Berlusconi”, o afinamento de interesses entre os dirigentes dos clubes e os da televisão se manteria quase como uma constante em diversos países futebolísticos do mundo. Na Itália, a *RAI*, na França, com o *Canal Plus*, no México, com a rede Televisa e, no Brasil, com a Rede Globo de Televisão, na Inglaterra, com a *Blue Sky B*; os clubes, progressivamente, aliariam seus interesses esportivos diretamente aos da televisão. No caso de Sílvio Berlusconi, na Itália, e de Guillermo Cañeda, no México, os interesses eram tão afinados que os donos das televisões comandavam, respectivamente, o principal clube nacional (o A.C Milan) e a federação mexicana.

Segundo o sociólogo Anthony King, no caso inglês, construía-se a hipótese de que o processo de futebol inglês havia, em uma espécie de sociogênese, forjado todo um “novo grupo” de dirigentes de futebol, cujo engajamento no meio futebolístico era, num novo sentido, orientado exclusivamente para acumulação de capital econômico (2002: 121-147). Dessa forma, as transformações do futebol no modelo inglês foram alavancadas pelo aumento massivo do investimento dos setores de comunicação no futebol, sobretudo, a televisão de satélite, e pelas medidas implantadas pelo estado britânico, de tal forma que se foi possível reconstituir por completo a geografia dos estádios, e reformular o futebol como produto midiático. Nos decênio de oitenta, há, de fato, uma mudança de perfil dos dirigentes “tradicionais” – a figura do *chairman* – cujo engajamento no universo futebolístico era feito apenas com o objetivo de consolidar uma liderança local, obtendo *status*, prestígio regional e, em casos-limite, auferir lucros políticos numa região *x* sem vistas a acumulação monetária em si, mesmo porque o futebol era, em sentido particular, atividade deficitária. (Russel, 1997: 45). Tal grupo era quase que invariavelmente recrutado entre os comerciantes locais de proeminência e, em algumas situações, entre os industriais de sucesso da cidade ou da região. Nesse modelo, de forma similar aos torcedores, os dirigentes emergem como grupos “imóveis” e presos – pelo que Arlei Damo definiu como “pertencimento clubístico” – ao clube que dirigem e a cidade da qual são egressos.

A ascensão dos novos grupos ao topo da hierarquia futebolística indicava, de forma quase mimética, as transformações estruturais pelas quais passava a sociedade britânica: o fenômeno de neoliberalização encadeado pelas reformas do governo Thatcher não significou a restauração do poder às “velhas” elites, mas a emergência de um “novo” grupo muito pujante economicamente e que trazia consigo toda uma “filosofia” muitas vezes crítica e devastadora do modelo de capitalismo anterior. (Harvey: 2005, 40). Nesse momento, os dirigentes passam a ser extraídos de grupos e de setores emergentes da economia-mundo eram, sobretudo, os magnatas da informática, da computação e da mídia; muitos dos quais investidores da bolsa de valores, e ligados ao capital especulativo. Nesta época surgem também os primeiros cursos acadêmicos e especializados para a formação de quadros de dirigentes de futebol, muitos arquitetados e financiados pela própria Federação Internacional de Futebol – a FIFA – à época comandada por João Havelange.

No Brasil, as diretrizes indicadas pela *Frente Ampla pelo Flamengo*, (1977) cuja campanha espetacular, com *jingles*, *outdoors*, comerciais na televisão fora, em termos publicitários, arquitetada por ninguém menos do que Walter Clark em pessoa, o *Diretor Geral da Globo*, e por João Carlos Magaldi, um dos mais importantes publicitários do período. Naquela eleição tão forte foi a imbricação entre o campo esportivo e o campo televisivo que o Roberto Marinho então sócio do Clube de Regatas do Flamengo compareceria em pessoa à urna. Numa passagem relâmpago, após ser demitido da Rede Globo, Walter Clark se tornaria vice-de-futebol do Clube de Regatas Flamengo, de que se desligaria após desilusões com os “bastidores do futebol”. (Ribeiro, 2010). A juventude e o sorriso fotogênico simbolizavam, em muitos sentidos, a faceta espetacular do futebol em que tudo precisava se converter em notícia; a criação de bordões, os holofotes constantes, as incessantes trocas de jogador, as contratações bombásticas era combustíveis para fazer mover a mola futebol espetáculo, que vive da informação incessante, da construção do fato. (Nora: 1979). Nos projetos de gestão, Márcio Braga foi muito provavelmente os primeiros a bradar loas em nome da fórmula mágica do futebol-empresa, tendo como a meta-síntese de sua administração que o departamento de futebol devesse ser separado do clube-social. Nas páginas da imprensa, causavam impacto das primeiras discussões se deviam mudar as regras do jogo para melhor atender as regras e o interesse dos espectadores.

Nas suas maneiras de atuação e nas formas de gerir, o dirigente-vedete traduzia a própria fórmula da sociedade do espetáculo: “apareço, logo existo”. Na era da espetacularização do futebol, ser um bom dirigente demandava ser “rico, bonito e famoso”, encantando tanto os torcedores quanto a imprensa nas suas aparições públicas. Contra a sobriedade, a maneira discricionária do patronato burguesa tradicional personificada em um Arnaldo Guinle; a virada dada pela sociedade de consumo fazia com que o dirigente precise, mais do que tudo, aparecer. A frequência com que Márcio Braga aparecia na mídia, imiscuído e cercado pelos futebolistas, mesmo jogando futebol contra eles em treinos, contrastava com o modelo silencioso e altivo de seus predecessores. A ideia do “sucesso” – absolutamente central no “novo espírito do capitalismo” –, que marcaria, inclusive, *ethos* de uma burguesia emergente a partir do final dos anos noventa (Lima, 2008), aparece de forma primeira entre os dirigentes de futebol do final já na década de 1970.

Neste momento, a crônica começa a construir representações sobre o que seja a figura do cartola e a estrutura clubística dos clubes passa, em grande medida, a se tornar alvo de críticas permanentes, tornando-se, numa palavra, anacrônica. Neste contexto, temos criação de revista como a *Placar* (Malaia, 2012), a liberalização – por parte da FIFA – de patrocinar nas camisas (no Brasil, em 1983) o ingresso do televisionamento ao vivo dos jogos com força total, face à popularização da televisão em cores em finais de 1979-1980. A expansão do mercado televisivo no Brasil, que atingiu 4,9 milhões de televisores a cores, em 1979 (Novais & Mello, 1998) fazia com que se começasse a levantar hipóteses acerca da comercialização dos direitos de arena, até então vendidos a preços quase nulos. Além de tudo, a escalada inflacionária – a partir de 1977-1978 –, mas que se avoluma depois do decênio dos oitenta, começaria a colocar os clubes brasileiros em dificuldades econômicas, fazendo com fosse os dirigentes fossem responsabilizados diretamente pela “má gestão” dos clubes de futebol.

Dessa forma, o modelo de gestão que é fundado na ideologia do *fair play* em torno do ideário amadorismo que descrevemos anteriormente começa a ser questionado como o responsável pela causa das agruras financeiras dos clubes de futebol, com alguma força, pelos veículos da imprensa em nome da profissionalização dos dirigentes e da defesa do modelo profissional de gestão esportiva. Ainda sob o impacto da migração de Pelé ao Cosmos, a revista *Veja* fez uma reportagem intitulada, “O futebol empresa e o Brasil”, em que se verificam, pela primeira vez, a ideia de que “o culpado dessa crise é o dirigente de futebol e a estrutura de poder que o mantém”.

Na maioria dos clubes, o presidente é absoluto respondendo por seus atos apenas junto ao Conselho de administração – e, assim mesmo, consultado apenas em grandes ocasiões. É uma estrutura de poder extremamente estratificada, que é responsável pela manutenção da figura *anacrônica do ‘cartola’* – para muitos a maior praga do futebol brasileiro. Por vaidade ou por necessidade de projeção por certas facilidades que a administração de clube oferece, o cartola tende a se multiplicar quando encontra o terreno propício. Ao assumir a presidência do Flamengo, em 1976, o tabelião Márcio Braga pretendia contratar administradores profissionais para todas as áreas do clube. Não conseguiu porque o espaço administrativo do Flamengo estava totalmente ocupado pelos cartolas. “O clube tem 130 diretores” desabafava Braga (*Veja*, 10/10/1978)

A ideia, portanto, era de que, no Brasil, o modelo e a estrutura política constituíam uma espécie de entrave à difusão da ética e do espírito do capitalismo, vazando temáticas pertinentes ao pensamento social brasileiro. A própria reportagem,

não sem contradições, defendia abertamente o modelo estadunidense como solução para os problemas encontrados em solo brasileiro, refletindo o ideário da cópia e da imitação. Em grande parte, tal ideário político era o reflexo ideológico do que os dirigentes definiram como “a síndrome do Cosmos”:

O futuro poderá reservar novas surpresas para os frequentadores dos estádios. No momento, homens de marketing, publicitários, dirigentes de clubes parecem ser tomados pelo que chamou de “a síndrome do Cosmos”. De fato, o jogo de despedida de Pelé provoca lembranças inesquecíveis nestes homens. (...) o desfile das chamadas personalidades profissionais – aquelas que, em vez de emprestar seu brilho para uma solenidade, a alugam – do melhor quilate. Mais tarde, o hino nacional cantado pela cantora Roberta Flack e, finalmente, Pelé de braços levantados com a convicção de um monge hindu, brando: ‘love, love, love’. E arrecadação do jogo chegou a 1 milhão de dólares. E os direitos de televisão para todo o mundo renderam mais de 30 milhões de dólares. Cifras dessa natureza provocam as mais variadas fantasias. No ano que vem, começaremos a fazer espetáculos de circo corridas de bicicleta, e desfiles de fanfarra nos intervalos dos jogos, promete o dirigente Márcio Aranha. “E colocaremos dançarinas treinadas por Lenita Pale para chefiar as torcidas” completa o publicitário Nelson Biendi (...) O ideal seria que os estádios melhorassem o conforto e aumentassem os preços para trazer público menor, mas selecionado, propõe Brandão. “O futebol é um mau produto”, diz ele, “por isso tem que vir em boa embalagem para disfarçar” No próximo ano, parte desses conceitos poderão ser colocadas em práticas. Pois o estilo americano começa a invadir o futebol brasileiro. A ponto de uma subsidiária da *International Management Group* – organização americana que opera em mais de 16 países – a Proesa Produções Esportivas ter assinado contrato com diversos clubes para prestações de serviços especializados. “Oferecemos toda uma linha de consultoria esportiva”, explica Elisabeth Silva Mello, gerente da empresa “de representação de personalidade do esporte, de representação de clubes e agremiações, licenciamento de produtos e venda de direitos e a venda de direitos para transmissões esportivas para a televisão. (Veja, 10-10-1978)

De qualquer forma, no interior dos clubes, os dirigentes de futebol começavam a se defender dos impactos possíveis da comercialização do futebol e pela difusão do mercado, impedindo uma possível “abertura” dos clubes para um “número ilimitado de sócios”. No decênio dos oitenta, a formação e a consolidação das torcidas organizadas passariam a incomodar também os diretores de clubes.

“Não é mais como no tempo do meu pai”, balbuciava um nostálgico Gil Carneiro de Mendonça. “Porra: virou zona? Propaganda de sócio na televisão? Vire sócio do Fluminense?” podemos recordar a passagem supracitada de Ângelo Chaves. No final de 2012, quando estive com Sylvio Kelly dos Santos pela última vez, debatia-

se um projeto, que acabou sendo aprovado, sobre o aumento infinito do número de sócios no Fluminense com a criação de programas sócio torcedor e com a permissão de que estes votassem e participassem das eleições do clube. Numa linha nítida argumenta que só podia ser, “como grande benemérito”, refratário ao projeto, dizendo que era “inaceitável que o Fluminense tivesse 50 mil sócios, porque quem “banca o clube” é o “sócio mesmo e estes é que deveriam ter o direito de escolher o presidente””.

Nestes projetos, o que estava em disputa era o próprio conceito de associado: para alguns grupos, a ideia de sócio já não tinha tanto que ver com uma simbólica da distinção como um signo para identificar grupos restritos, mas sim com a ideologia do consumo, em que participar de uma comunidade significa essencialmente poder comprar e consumir produtos que ela dispõe. Em muitos sentidos, a ideologia do amadorismo tão em voga entre os primeiros dirigentes perde a força neste modelo do futebol-espetáculo, em que o profissionalismo e o modelo do futebol-empresa, parecem como os que ditam as regras. Mas não nos apressemos em decretar o ocaso da ideologia do amadorismo e do modelo do dirigente-patrão: será preciso, antes de tudo, ver como esta moralidade da honra se articula a uma economia política que emerge em finais dos anos setenta. A relação é complexa e multifacetada e é justamente sobre isso que iremos nos deter agora.

II. UMA ECONOMIA POLÍTICA DA HONRA: O SENTIDO DA DÁDIVA ENTRE OS DIRIGENTES DE FUTEBOL NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-ANTROPOLÓGICA:

“Não sei se, como diz o provérbio, as coisas repetidas agradam, mas creio que, pelo menos, elas *significam*”,

Roland Barthes

“Os cinco milhão de Matheus”:

Neste segundo capítulo, o objetivo é estabelecer uma hipótese de caráter interpretativo sobre determinadas representações construídas pelos e sobre os presidentes de futebol em suas entrevistas e em suas trajetórias. Fragmentado em diversas subseções, podemos antever dois eixos basilares e nodaisbipartidos: o primeiro diz respeito às relações entre uma economia do mercado e a atuação dos dirigentes, os discursos e as fábulas que os dirigentes contam sobre contratos de patrocínio, benfeitorias no clube, e compra e venda de jogadores. Na primeira delas, analiso elementos da trajetória de João Havelange, mostrando como, neste caso específico, as relações dadivosas estiveram a serviço da espetacularização do futebol, bem como auxiliariam a transformar o futebol em um espetáculo para as massas. Neste esforço de pesquisa relativamente amplo, tratei de apreender certos *padrões de racionalidade econômica* presentes nas falas dos dirigentes de futebol que julguei encontrar em momentos muito díspares para enquadrá-los no que defini globalmente como uma *economia política da honra*. Sendo assim, a hipótese é a de que o polo organizador dos discursos dos presidentes de futebol é a ideia de que o prestígio e o valor ante ao grupo englobam os valores econômicos no sentido estrito.

Já na segunda parte, elegi certas trajetórias individuais que considero arquetípicas para apreender um *modelo narrativo de ascensão ao poder*. Este modelo, que é relativamente uniforme e universal, estabelece que o cargo não é uma aspiração individual, mas algo que é imposto pelo grupo. O que está em jogo nesta forma de

narrar é o significado de uma política e do poder, que é pensando à luz das ideias de sacrifício e de dádiva. Há, por conseguinte, uma espécie de padronização do discurso de ascensão ao poder, que atinge a todos os que se candidataram à presidência, que não se procura pelo cargo, mas que se é procurado por ele, como uma espécie de chamamento.

Assumindo, assim, uma estratégia metodológica pouco usual numa pesquisa em história, mas que julguei, apesar das possíveis críticas, a mais eficaz, tratamos aqui de comparar e compreender uma miríade de representações atravessando períodos relativamente distintos à caça do significado de certas práticas sociais que julgamos se repetirem. Adotamos aqui um método comparativo, ainda que se pretenda renunciar à comparação saco-de-gatos, “em que tudo se mistura e em que as instituições perdem toda cor local, e os documentos seu sabor” (2003: 225), num esforço para apreender o que há de particular e o que há de geral em cada situação descrita abaixo.

Recolhidas até o meado dos anos 1990 são inúmeras as historietas que relatam a prática ostentadora entre dirigentes de futebol, oferecendo dinheiro do próprio bolso aos clubes sem “expectativa alguma de retorno”, ou que avalizassem negociações de jogadores, dando como garantia seus próprios bens pessoais como fiança à transação. No subúrbio do Rio de Janeiro, a figura do presidente banguense, o contraventor Castor de Andrade era o ideal tipo do *patronato*, em que o dirigente mantinha a um só tempo a Escola de Samba²⁷ – a *Mocidade Independente de Padre Miguel* – e o time de futebol – o *Bangu Atlético Clube* – obtendo numa explicação rasteira apoio popular e político em troca. Sob a batuta de Castor de Andrade, o time obteve seus melhores resultados, chegando inclusive à final do Campeonato Brasileiro em 1985, sendo derrotado nas penalidades máximas em um Maracanã lotado pela equipe do Curitiba. Àquela época quando o time da antiga companhia entrava em campo era saudado com os dizeres: “Senhor é meu Castor. Nada me faltará”. No que valeria um trabalho de investigação histórico-antropológica por si só, não deve ser difícil perceber que memória do “pai-patrão” Castor ainda se mantém forte na comunidade de Bangu, de tal sorte que a equipe de futebol resolveu adotar como totem um pequeno castor à lapela.

²⁷ Numa dissertação de mestrado muito interessante intitulada “A família Beija-Flor”, o historiador Luiz Anselmo Bezerra (2010) mapeia o significado histórico antropológico das práticas de doação no universo da comunidade de Nilópolis. Daí que ele analisa o universo do bicheiro Anísio, bem como a constituição de uma genealogia do poder familiar constituída no interior do Beija-Flor de Nilópolis. Dessa forma, interessante que se multiplicassem estudos de caso nesta senda de maneira que pudéssemos compreender tanto as generalidades – os invariantes antropológicos para falar como Lévi-Strauss – quanto as tonalidades locais.

Circunscrevendo a ideia de *genialidade* entre um conjunto de jogadores de futebol, lançando mão de uma distinção à Dumont, o antropólogo Ricardo Benzaquem observou que na contra imagem dos futebolistas os dirigentes representavam o paternalismo e a hierarquia, constituindo assim uma díade entre o projeto individualista, fundado na acumulação econômica dos futebolistas e a ética redistributiva dos dirigentes.²⁸ Numa estória que lhe pareceu modular, contada com um “misto de respeito e de reprovação”, era narrada o ocaso de um dirigente de grande clube do Rio, cujo nome serviu de avalista um vultoso empréstimo para compra de um jogador. Sem o clube ter como arcar com a dívida, o dirigente ficou obrigado a leiloar boa parte de suas posses, suicidando-se de forma trágica diante vergonha social que lhe fora imposta. (Benzaquem, 1980: 68).

Como já sinalizamos alhures, recolhida e analisada no contexto do início dos anos oitenta, época em que o debate acerca da “profissionalização” do futebol corria a plenos pulmões, a historieta recolhida por Benzaquem nos faz refletir sobre um universo em que os dirigentes começam a ser questionados pelo *excesso de paixão* com que gestavam seus clubes. Seguindo argumento muito comum, os dirigentes eram caracterizados como detentores de um poder quase infinito no interior dos clubes, abusando a desmesura com que o “patrão” conduzia seriam eminentemente refratária aos interesses e exigências do futebol moderno, justamente, por isso, caso o Brasil postulasse ingressar no circuito clubístico internacional deveria livrar-se dos malfazejos dos dirigentes. Na trilha de um argumento que nada tem de novo, mas que está na própria gênese da sociedade moderna²⁹, o advento dos *interesses* do mercado que prevaleceriam com a profissionalização deveriam amansar a volúpia com que os dirigentes tratavam seus clubes, dando-lhe uma forma mais eficaz e um sentido racional de acordo com os interesses mercadológicos.³⁰ No decênio pregresso, a quase

²⁸ Segundo Ricardo Benzaquem “a figura do dirigente é marcada pela paixão, uma ‘devoção’ pelo clube que, praticamente, não conhece limites. (...) assim é muito comum que os jogadores sejam solicitados a entrar num jogo com o seu contrato vencido, ou mesmo contundidos, pela ‘honra da casa’, como se não tivessem nenhum interesse profissional em causa. Este tipo de situação. Também é muito frequente em épocas de renovação do contrato. A proposta do clube vem sempre acompanhada de uma argumentação de caráter afetivo, lembrando aos jogadores que o clube também é a sua casa, uma verdadeira família, com os dirigentes como ‘pais’. Isso deveria fazê-los aceitar uma oferta financeiramente menos vantajosa, inclusive porque, num ambiente tão doméstico, existem muitas outras formas de conseguir uma recompensa pela lealdade e pela dedicação, recompensa concretizadas em presentes e favores com os dirigentes estão sempre dispostos a propiciar” (1980: 69)

²⁹ Num sentido mais genérico, podemos encontrar a tipologia que opõe a desmesura suscitada pela “paixão” aos interesses e à racionalidade do mercado na tese de Alberto O. Hirschmann (2002) no germinar do capitalismo, em que a disseminação do ideário do interesse existe como um contra-valor ao exagero das paixões.

³⁰ Numa dissertação inovadora e original, Mateus Donato (2012) argumenta que tal interpretação unilateral vem sendo nuançados, inclusive, pelos cognominados “gestores modernos”, que, em seus cursos “profissionalizantes”, dizem que é impossível gestar sem levar em consideração o perfil “emocional” e mesmo “imprevisível” do “negócio

pulverização da prática do mecenato tem que ver com aspectos econômicos: as transformações do futebol reduziram o número possível de empresários, industriais e até mesmo de contraventores possíveis de financiar times de grande porte. Além do escalonamento das cifras, parece-me que a reviravolta econômica futebolística quebrou a própria espinha simbólica do mecenato, tornando relativamente anacrônico e sem sentido o ato de doar publicamente e notoriamente dinheiro para o clube do coração, sem mediações.³¹

A lógica mercantilista tem uma capilaridade relativamente extensa, atravessando as fronteiras entre times grandes e pequenos, fazendo com que mesmo um diminuto clube como o São Cristóvão – conforme mostrou Marcos Alvito (2005) – seja “arrendado” por um empresário interessado em exportar os pés-de-obra para o mercado futebolístico internacional, o que demonstra uma diferença substantiva entre o modelo do patronato e o modelo empresarial hegemônico nos dias atuais. Já Arlei Damo (2007) observou a formação de clubes de futebol menores, aliados das competições futebolísticas das grandes ligas, voltados para a produção “endógena de pés-de-obra”; tal é, por exemplo, o caso do Talento S/A. Nem mesmo a *romantizada* Várzea escapa incólume à penetração dos interesses mercantis, pois a pesquisa em curso de Enrico Spanggiari (2011) vem demonstrando o quanto a circulação dos agentes-FIFA nos campos da periferia é intensa, sendo tal espaço intensamente articulado ao futebol-espetáculo.

Essa visão difundida pelos meios de comunicação que atribuíam aos dirigentes de futebol “tradicionais” um papel de entrave à difusão do futebol moderno é possivelmente um corolário de teses clássicas ao pensamento social brasileiro (Hollanda, 2010; Helal, 1997) em torno de uma “política em busca da modernidade” (Gomes, 1998), mas uma rápida visagem pela bibliografia estrangeira (King, 2002; Bromberger, 1996) verá que tal argumento se reproduz pelo globo quando os dirigentes

futebol”, mostrando uma imbricação complexa entre o simbólico e o utilitário no interior das transformações esportivas.

³¹ O patronato direto vem se tornando raro e mesmo coibido no interior dos clubes; ele aparece mediado por patrocínios, etc. Num debate promovido pelo site *Magia Rubro-Negra*, o dono da empresa *Triunfo Logística*, Jorge Rodrigues, que se candidatou às eleições presidenciais em 2012, declarou ter dado ao Flamengo três milhões de reais sob a forma de patrocínios no ombro da camisa. Naquele contexto, os aspectos realçados naquela relação não eram puramente mercadológicos – investimento e retorno em marketing – mas afetiva – uma “doação” ao clube. Neste caso, Jorge Rodrigues chegou mesmo a ser investigado no clube, já que o estatuto do clube proíbe que uma empresa de um diretor tenha ligações com o clube em termos de patrocínio e marketing. Jorge Rodrigues foi, no entanto, absolvido pelo Conselho Deliberativo. Aliás, como indicarei a seguir, tenho a impressão de que a doação de dinheiro foi relativamente escassa, pouco usual, sendo em geral mediada pela doação de terrenos ou com a ajuda na construção de patrimônio dos clubes.

locais começam a ser suplantados pela geração *entrepreneur* que ascende com o neoliberalismo. (Harvey, 2005). Desta forma, a especificidade do caso brasileiro foi a de associar o domínio dos “cartolas” a uma tradição secular de poder elítico toda ela calcada no modelo patrimonialista em que o público e o privado se confundem com uma facilidade incomum no concerto internacional das nações.

Fugindo, por uma solitária vez, ao escopo da pesquisa, largando o Rio de Janeiro e chegando a São Paulo, para tratar de um dos casos mais bem documentados pela esparsa bibliografia existente: a trajetória de Vicente Matheus parece-me chave para compreensão deste tipo-ideal do “dirigente desvairado”. Parafraseando livremente Marcel Mauss (2003: 250), este caso parece ser, como o dos índios norte-americanos em que a doação de bens e de riquezas assumia proporções desconuais, “um produto monstruoso do sistema de presentes”: ele é a expressão mais pujante, exagerada deste modelo do patronato que acabamos de identificar. Sobre Vicente Matheus, existem duas biografias escritas, o que é absolutamente incomum em se tratando de dirigentes³², além de um sem-número de historietas que podem ser recolhidas na Zona Oeste paulista, em que a memória do dirigente corintiano passou a ser parte integrante do modo de ser e da identidade comunitária³³. Esse *documento/ monumento corintiano* é uma figura que aparece de passagem em diversas dissertações de mestrado e teses de Doutorado, quando é possível proceder a um esforço de *bricolagem*, recolhendo os cacos dispostos aqui e ali, para refazer o quebra-cabeça da sua trajetória à frente do Corinthians.

Natural da Espanha, as biografias de Vicente tendem a ressaltar o mito construído em torno de sua *persona* pretendem metaforizar a ideia do homem que se fez pelo trabalho: uma fortuna conseguida graças à expansão de olarias legadas pelo pai na Zona Oeste paulistana, com esforço incomum do núcleo duro familiar. Neste mito, cuja fortuna fora conquistada à base do braço, não veio acompanhada de uma educação compatível, o que o mantinha preso, simbólica e culturalmente, ao lugar de origem: “Não saio da Zona Oeste”, era um de seus bordões. Na lógica do discurso

³² Conheço pouquíssimas biografias escritas sobre dirigentes. Tenho notícia de que Roque Citadini, do Corinthians, publicou um conjunto de textos sobre sua atuação à frente do clube intitulado *Alambrado*; e Fernando Carvalho, do Internacional, publicou uma espécie de autobiografia intitulada *De Belém a Yokohama*. Só o caso de João Havelange me parece tão bem documentado (em termos de biografias, entrevistas, etc) quanto o de Vicente Matheus. Existem também duas “biografias” sobre Francisco Horta: um *romance histórico*, escrito por Nelson Motta e uma curta biografia, escrita pelo jornalista Marcos Eduardo Neves. Eurico Miranda também é outro que produziu sobre si certo material: um filme intitulado “A locomotiva: a vida de Eurico Miranda”, e o referido texto de Franklin Foer. Ademais, uma biografia autorizada em breve – *Todos contra ele* –, escrita pelo torcedor vascaíno Sérgio Frias.

³³ Em 2012, a torcida corintiana, num tema que será explorado no próximo capítulo, a adoração por Vicente Matheus chega ao fato de que, quando completou cento e um anos, o clube expos cento e uma bandeiras de “ídeos históricos”. Dos presidentes, o único que teve a sua bandeira à mostra foi o próprio Vicente Matheus.

modernizador, Vicente Matheus é tratado como um tipo exótico, folclórico, um estilo de direção fadado à extinção no alvorecer do futebol internacionalizado. São ressaltados, por isso, muitas vezes, o seu baixo nível de capital cultural, seu linguajar caipira, sem domínio algum da norma culta da língua³⁴, apesar de um domínio incomum da linguagem verbal, espécie de dádiva concedida aos melhores chefes, bem como as atitudes ditas inconsequentes que tomava à frente do Corinthians. Naquele contexto, um livro em que a fundação do *Clube dos 13* é recuperada, o marqueteiro João Henrique Areias, narra, em tom de desdém e ironia, um episódio que contou com a participação do dirigente corintiano.

Enquanto se discutia isso, o presidente do Corinthians pediu a palavra e todos nós levamos um susto. Vicente Matheus, um dos dirigentes mais folclóricos e queridos da história do futebol brasileiro, disse que não assinaria o contrato porque se sentiu mal tratado no Morumbi na decisão de U\$ 70 mil do campeonato Paulista. O presidente do São Paulo era o mesmo do Clube dos 13, o Carlos Alberto Aida, que havia passado à frente do Corinthians numa negociação com um jogador chamado Renatinho. E ainda soltou uma frase que seria divertida, se não fosse trágica naquela ocasião: ‘O que é bom para o São Paulo não pode ser bom para o Corinthians’ (Areias, 1998: 44).

Por mais de vinte anos em mandatos não sucessivos, o Corinthians o que chama atenção no caso de Matheus é o caráter cerimonioso que as doações de dinheiro assumem, diria mesmo que oficiais. Conquanto as doações de terreno e construção patrimonial tornem-se fatos publicamente conhecidos, há um relativo silêncio sobre as doações de dinheiro ou a avaria de empréstimos, até porque essa confusão entre o público e o privado, poderia ser um indicativo d’usos ilícitos do tesouro clubístico. Nos primeiros casos, há uma espécie de circuito de dádivas em que os dirigentes que ajudam a construir sedes, centros de treinamento, ou parques aquáticos, são recompensados com o nome do prédio construído: há um sem-número de exemplos neste sentido, mostrando uma espécie de padrão da retribuição de dádivas no caso brasileiro – já detectado por Simoni Lahud Guedes (2012) no contexto dos projetos sociais esportivos – do caso brasileiro, em que o *nome* do doador cola àquilo que ele dá.

³⁴ Inúmeras vezes, Andrés Sanches, presidente do Corinthians, ao tomar como *paradigma Lula* – d “Meu ídolo” – e ao dizer que sente “orgulho”, em “falar como 90 % da população brasileira”, retoma o paradigma Matheus de gerir o Corinthians, apaixonado, de massa, mas num contexto, é preciso que se diga completamente distinto, em que os interesses comerciais interditam as práticas de ostentação e de queima de recursos financeiros. A trajetória dos dois é semelhante e tem a ver, com a homologia entre o estilo de direção e o clube em que eles estão inseridos, tema trabalhado adiante.

Indiquei que o modelo do patronato era comum até os anos noventa, mas o fato é que mesmo então as doações de dinheiro sempre foram tratadas como uma espécie de *segredo de polichinelo*, porque embora todos soubessem (e saibam) de sua existência, nunca são tornadas públicas, constituindo parte de um universo da fofoca e do disse-me-disse que raras vezes se expande além do microcosmo clubístico. Isso torna o fato com que o caso do presidente do Corinthians, Vicente Matheus, seja absolutamente *generis*, pois elas chegam mesmo a ganhar atenção da imprensa, para então serem incorporadas ao jogo cotidiano da política corintiana: o poder, o prestígio e a riqueza, que se mesclam nas disputas honoríficas da casa corintiana. Daí que elas fazem parte do ritual do político da vida política corintiana, tornando-se um *rito* de ostentação de riqueza em que o dinheiro simplesmente sublima sua função econômica em sentido estrito, assumindo propriedades que poderiam ser descritas como “antieconômicas”, mas que seriam melhor compreendidas à luz do conceito de economia simbólica.

Numa dissertação pioneira, o comunicólogo Ouhydes Fonseca (1981) investigou as relações e as articulações clientelistas entre imprensa e dirigentes, mostrando como as características atribuídas a certos tipos de dirigentes variam de acordo com as ligações e as filiações dos jornalistas para com os setores empoderados dos clubes. No caso de São Paulo e do Sport Clube Corinthians, por exemplo, jornais rivais – a *Gazeta Esportiva* e o *Estado de São Paulo* – estavam associados às facções antagônicas no interior do clube, o que fazia com que os dirigentes fossem descritos de forma diametralmente oposta por cada veículo de comunicação. Dando um passo além, o que, infelizmente, não é feito por Fonseca (1981), podemos nos perguntar se há uma conexão entre o público leitor do jornal e uma possível preferência por este ou aquele dirigente. Quer dizer, se, para além das relações entre jornalistas e cartolas, não se sobrepõem classes sociais e visões de mundo, em disputa num determinado recorte espacial e temporal. No Rio de Janeiro, por exemplo, em finais de setenta, a nítida sensação de que o *Jornal dos Sports* assumiria uma perspectiva relativamente favorável à ação do grupo de Hélio Maurício, enquanto em *O Globo*, por razões mais do que evidentes, o apoio franco à candidatura de Márcio Braga. Sem postular a existência de um recorte mecânico em que a ideologia esportiva se cola à preferência política, pode-se dizer que, ainda que com inúmeras ressalvas, essa divisão chegava mesmo, como apontarei alhures, a mimetizar uma divisão de preferências partidárias, que apartava grupos com

uma posição neutra ou favorável ao partido do governo, a *Arena*(Aliança Renovadora Nacional), e outro de atuação oposicionista, ligado ao *MDB*. (Movimento Democrático Brasileiro)

De qualquer forma, na dissertação de Ouhydes Fonseca (1981), foram publicadas um grande número de jornais e de notícias sobre a participação de Vicente Matheus como dirigente do Corinthians num longo recorte temporal. Numa das primeiras recolhidas, em 1961, às vésperas de uma importante eleição do clube que governava, houve uma espécie de doação pública endereçada diretamente ao pagamento de uma dívida do Corinthians, sem relação que fosse com a contratação deste ou daquele jogador:

O presidente Vicente Matheus, do Corinthians, reuniu, na tarde de ontem, elementos da crônica de São Paulo, comparecendo também os diretores para o anúncio da doação: ‘Cinco milhão de cruzeiros para o Corinthians’. O Corinthians via-se livre de uma dívida realmente pesada e ficaria, doravante, sossegado neste particular. O ato foi simples, mas revestiu-se de significação, muito embora às vésperas de uma eleição das mais importantes que surge como uma das mais importantes para a vida de um clube. O presidente proferiu um rápido discurso do mesmo distribuindo cópia à imprensa, dizendo, taxativamente: ‘O Corinthians a partir de hoje não deve mais cinco milhões de cruzeiros graças ao Senhor Vicente Matheus’. Os dirigentes palmearam o presidente, que terminou suas palavras, emocionadíssimo. Estava terminada a reunião, que durou pouco, mas, que, conforme já frisamos, teve sua significação! O Corinthians ganhou cinco milhão! (Gazeta Esportiva: 23-03-1961).

Neste ritual de dispêndio aparentemente livre e gratuito, mas, ao mesmo tempo obrigatório e interessado, a doação de capital econômico é embebida numa lógica simbólica, em que tão importante quanto o ato fundante da doação é todo o seu entorno. Tão importante quanto o ato de doar “cinco milhão” é o seu entorno, a expressão obrigatória dos sentimentos, a emoção que toma conta de Vicente Matheus. Esse “ethos da honra” faz com esta doação seja marcadamente distinta das transações exclusivamente mercantis porque o capital econômico se dilui nas relações de honra e nas disputas de prestígio. À serviço da acumulação de bens políticos, o uso do capital econômico que se faz, ao mesmo tempo, onerosa e generosamente, emerge como a principal forma de Matheus exercer seu poder político e de multiplicar (e manter) seu status na casa corintiana. Nas disputas internas por prestígio em que se engajavam homens como o advogado bem falante Wadih Helú, os meios de afirmação do poder e do prestígio de Vicente eram feitos através deste dispêndio oneroso de capital

econômico, cujo sentido era eminentemente político de afirmar sua liderança como o mais abnegado torcedor e era preciso expressar isso publicamente, como no rito supracitado. À diferença da frieza da lógica puramente mercantil, as relações de tipo dádivo “o não dito e o implícito, a magia da dádiva não funciona se as regras forem reveladas”, em que “tão importante quanto o que se dá é como se dá”. (Godbout, 2000: 28)

Ademais, a recompensa não é nem necessária, nem imediata, pois, Vicente Matheus, apesar desses atos públicos de doação, viria a perder as eleições citadas na matéria justamente para seu maior rival, Wadih Helú. Nestes casos, tende-se mesmo a tornar público esta “falsa moeda” da coletividade, revelando o que já se sabia, mas não se podia dizê-lo: é quando as relações de dádiva (de doação) são reduzidas a relações de troca (‘depois de tudo o que eu fiz por você’), o que é dado se torna emprestado. Não muito tempo depois, Matheus, à frente das tribunas, insistia para que o “Helú devolvesse aqueles ‘cinco milhão’, hein” (Ramos, 2006: 243) A incerteza do retorno e o intervalo do tempo entre o que se dá e o que se recebe (e o que não se recebe) caracterizam o que chamamos num primeiro momento de economia das trocas simbólicas, em que o está a circular não é o econômico estritamente, mas uma série de bens (riqueza, prestígio, autoridade) em que o econômico é apenas um destes momentos. Numa definição mais restritiva, nomearemos este espaço de troca entre os dirigentes de futebol como uma *economia política da honra*³⁵. Aqui, os atos econômicos aparecem completamente subsumidos à lógica do prestígio e do reconhecimento, ou como diria Marcel Mauss:

Não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente que se trocam. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, das quais o mercado é apenas um dos

³⁵ Usamos o conceito de honra à maneira da tradição da antropologia das sociedades mediterrâneas: “A honra é o valor de uma pessoa aos seus próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade. É a estimativa de seu próprio valor ou dignidade, pretensão ao orgulho, mas também o reconhecimento dessa pretensão sua excelência reconhecida pela sociedade, seu direito ao orgulho.” (Pitt Rivers, 1968: 21). Dessa forma, como sintetizou muito bem Marcos Alvito (2000), “O conceito *honour-and-shamesocieties* (sociedades da honra e da vergonha) foi elaborado a partir do estudo das sociedades mediterrâneas contemporâneas: Portugal, Espanha, Egito, norte da África, Grécia, sul da Itália. Aqui teríamos umas características comuns: grande densidade populacional e um padrão de habitação que obriga aos contratos pessoais constantes. São mundos em que todos estão constantemente na presença de todos são sociedades face-a-face. (...) Há toda uma política da reputação que pode inclusive fazer uso da mentira, da dissimulação do ocultamento. Importa apenas o que é revelado, o que é posto diante dos olhares e, conseqüentemente passa a ser comentado, reprovado ou louvado. A reputação, assim como a honra, são relativas: ao gênero, à idade, à posição da pessoa na hierarquia local”. (2000: 241). Num estudo sobre o decoro parlamentar, Carla Costa Teixeira (1999) mostra a importância das relações de honra entre os políticos do parlamento brasileiro, mostrando como este modelo está relativamente difuso em microcosmos locais em que todos se conhecem, mesmo que o ideal do “moderno” e da “igualdade” aparece naquilo que é visto e reconhecido por todos.

momentos, e nos quais *a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente*. Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias sob a pena da guerra privada ou publica. (2003: 191).

Levadas às últimas consequências, essa forma de troca é manifestada no caso extremo do dirigente que dá a própria vida ao clube, o chefe que morre da morte do bravo, em seu sentido estrito, como foi o caso de Gilberto Cardoso, que convalesceu em meio a uma partida de basquete e cuja morte foi lida como um ato de doação ao Clube de Regatas do Flamengo, gerando manifestações infinitas. Neste circuito de dons, a dádiva fundamental, que poderíamos qualificar-la como primeira e universal, é a dedicação do *tempo* ao clube. Entre os dirigentes da província de La Plata, a frase chavão é de que “o tempo livre é o tempo para o clube”, (Godio, 2010).³⁶ Por isso é tão significativo que os dirigentes não recebam, pelo menos, em ganhos diretos, capital econômico por sua atuação ao clube, uma vez que esse sistema do dom seria desfeito com a facilidade que se destrói um castelo de cartas. Numa citação que me pareceu sintética essa *economia política da honra* pode ser definida nos seguintes termos:

Ao contrário da economia do "toma lá, dá cá", baseia-se em uma denegação do econômico (em sentido estrito), em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico, isto é, do espírito de cálculo e da busca exclusiva do interesse material (por oposição ao simbólico), que está inscrito na objetividade das instituições e nas disposições. Ela se organiza visando a acumulação do capital simbólico (como capital de reconhecimento, honra, nobreza etc.), que se efetua, sobretudo, através da transmutação do capital econômico realizada pela alquimia das trocas simbólicas (trocas de dons, de palavras, de desafios e réplicas, de mulheres etc.), e que só é acessível a agentes com disposições adaptadas à lógica do "desinteresse" (disposições que podem encontrar sua realização no "sacrifício supremo", aquele que consiste em "dar a própria vida", em preferir a morte à desonra — "é melhor morrer do que..." — ou, no contexto do Estado moderno, em "morrer pela pátria"). (Bourdieu, 1996)

Ao contrário do que é suposto por certo senso comum acadêmico, essas relações de dádiva não anulam completamente o interesse e o cálculo material, trata-se, porém, de uma modalidade de lucros muito diversa da mercantil, em que o simbólico e o utilitário, o desprendimento e interesse, o econômico e o antieconômico, são fenômenos sociais totais, em que a vida social se mostra por completo, sem que exista, com isso, uma prevalência ou uma hierarquia entre níveis do social. Ademais, talvez seja importante

³⁶ Sobre a ação do tempo como o combustível das relações dádivas, ver a contribuição seminal de Pierre Bourdieu (1980; 1996; 2007).

ressaltar a ideia de que as relações dadivosas, que fundamentam essa economia política da honra, engendram um circuito contínuo e ininterrupto de *dar-receber-retribuir* em que se deve prestar igual atenção aos três momentos. No linguajar do senso comum, marcado pelo utilitarismo renitente, atenta-se quase que exclusivamente para o momento do receber, isolando-o dos demais, mas é preciso levar em conta toda a complexidade da dívida justamente porque ela, “mais do que o Capital em Marx” (Godbout, 2000: 31), é uma “relação social”. Ela deve ser apreendida (e compreendida) em *movimento*, em toda a dimensão *ternária*:

A dívida é percebida como ciclo e não como um ato isolado, como um ciclo em que se analisam três momentos, dar, receber, retribuir, então, se observa, claramente aonde peca o utilitarismo científico: ele isola abstratamente o primeiro momento do receber e coloca os indivíduos como movidos pela tentativa do recebimento, deixando assim incompreensíveis tanto a dívida quanto a sua retribuição, tanto o momento da criação do empreendimento quanto o da sua obrigação e da dívida. (2000: 28)

Nos últimos decênios, as múltiplas releituras (Karsenti, 1997; Tarôt, 1996) da fortuna crítica de Marcel Mauss tem feito com que diversos pesquisadores se perguntem sobre a aplicabilidade do modelo do dom nas sociedades contemporâneas. Essa é, aliás, uma preocupação presente nas páginas finais do *Ensaio sobre a Dívida*, nas quais o próprio Marcel Mauss atribuía um papel relativamente residual ao dom nas sociedades contemporâneas, regidas sob a efígie do mercado, conclamando, em tons romantizados, uma “volta ao arcaico, ao elementar”. (Mauss, 2003: 299). Na interpretação de um teórico materialista, Maurice Godelier, apesar de considerar que o eclipse do Estado do bem-estar social provocou a explosão das Organizações Não-Governamentais multiplicando as formas de dívida na sociedade contemporânea, o dom “não tem nenhum papel na reprodução do laço social” (2001: 23). Não obstante “em qualquer sociedade, hierarquizada ou não, o dom está presente em todos os campos da vida social em que as relações sociais continuam a desempenhar papel dominante” (2001: 24); a sociedade contemporânea reduziu-o a um papel secundário, transformando as relações dadivosas em escolhas “subjéctiva, pessoal, individual” (2001: 25). Num expressão, a sociedade contemporânea teria operado um processo de *desencantamento do dom*:

Que lugar resta para o dom em nossas sociedades ocidentais? Nela, ele não pode, evidentemente, desempenhar o papel que continua a ter em diversas partes do mundo, e não apenas na Melanésia. Em nossas sociedades, o dom não é mais um meio necessário para produzir e reproduzir as estruturas de base da sociedade (...) Não temos também

de entrar em competições de dons e contradons de riqueza para chegarmos ao poder político. O dom existe, mas liberado de qualquer obrigação de produzir e reproduzir relações sociais fundamentais, comuns a todos os membros da sociedade (2001: 301)

Nessa perspectiva, o dom aparece quase como que uma “forma residual” das sociedades arcaicas existentes ainda, quase como fósseis vivos, no mundo contemporâneo. Nessa linha, também o sociólogo Pierre Bourdieu quem observou “haver uma dificuldade particular que enfrentamos” quando olhamos para essa economia do dom nas sociedades contemporâneas, já que “seu significado se altera”, pois ela não é “se não uma ilhota no oceano do ‘toma lá, dá cá’”. (Bourdieu, 1996). Neste universo, fundado pela oposição entre a paixão e o interesse, “o dom perde o seu verdadeiro sentido de ato situado entre a obrigação e a liberdade (...) para tornar-se uma simples estratégia racional de investimento orientada para a acumulação de capital social”. (Bourdieu, 1996).

No entanto, há algum tempo, essa questão de como o dom se altera em contextos englobados pelo mercado vem sendo posta pelos historiadores preocupados mais com os aspectos diacrônicos e mutantes do que com os aspectos sincrônicos e imóveis das relações dádivas. Num de seus últimos livros, escrevendo sobre as formas de dádiva no século XVI, a historiadora Natalie Zemon Davis (2000) censurou veemente as abordagens que poderiam ser qualificadas como *evolucionistas* do dom. Nos diversos historiadores que trabalharam com o modelo da economia do dom em diferentes períodos, havia sempre um ponto de virada – não importa se no século XIII, como fazia Georges Duby, ou se no século XVIII, como o fez Karl Polanyi – em que as relações dádivas perdiam força ante o avanço inexorável das forças mercadológicas. Haveria, por conseguinte, uma espécie de passagem, do simbólico ao econômico, da dádiva ao mercado. Ao propor tratar as relações de dádiva como um tipo-ideal presente na humanidade em diversas épocas, Natalie Zemon Davis deslocava este olhar viciado, destacando, outrossim, as *interações* produzidas entre o dom e o mercado. Tais interações, evidentemente, produzem transformações, o que não implica no ocaso d’uma sobre a outra, mas sim uma constante mutação e simbiose entre dois modos distintos do agir humano. Esta indicação de Natalie Davis foi, para mim, uma verdadeira iluminação, já que pude compreender a trajetória (e os discursos) de João Havelange,

quando, como pretendo mostrar a seguir, a economia política da honra é, precisamente, o que impulsiona o avanço das relações de mercado³⁷.

Num sentido muito genérico, essa tese de Natalie Z. Davis vai ao encontro das preocupações ampliadas dos teóricos do M.A.U.S.S. (Movimento Anti-Utilitarista em Ciências Sociais), em particular, da obra do quebequense Jacques Godbout. No *Espírito da Dádiva* (2000), problematizando a dádiva como um “sistema de intercâmbio”, ele irá mostrar como a junção de características encontráveis apenas no mundo moderno antes de subsumirem o dom no mercado produzem novos tipos e estilos de doação não conhecidos. Neste particular, o fenômeno da *dádiva a estranhos*, que é generalizado no mundo moderno, é um quase exclusivo das sociedades individualistas e igualitárias, pois apenas elas produzem o reconhecimento da humanidade comum, mesmo àqueles que alheios às relações de parentela e de amizade. Ao comentar, aliás, o *boom* das formas associativas, como as *Organizações Não-Governamentais*, o próprio Maurice Godelier parece quase alterar sua opinião, ao reconhecer que, tendo em vista a inépcia e incapacidade do Estado do bem-estar em prover as condições mínimas necessárias à sobrevivência dos excluídos, a lógica do dom “está prestes a ultrapassar a esfera da vida privada” (Godelier, 2001: 316). Reconhecer a presença e a importância das formas de dádiva como forma de intercâmbio na sociedade contemporânea não significaria descola-la dos sistemas dominantes como o mercado e o Estado, mas pensa-las na sua relação. Para compreender,

A variedade de formas de dádiva nas sociedades ocidentais; é preciso reconhecer a importância dos dois outros sistemas de intercâmbio que existem nessa sociedade, o Estado e o Mercado, daí, então, analisar o papel da dádiva. Também será preciso mostrar como a presença do mercado e do estado modifica a própria dádiva, principalmente, sob a influência da liberalização das relações sociais introduzidas pelo mercado.(Godbout, 2000: 35)

³⁷“De forma genérica, estes primeiros trabalhos enxergavam a dádiva gradualmente, mas inexoravelmente, transformando-se e sucumbindo ante o avanço das práticas de mercado e de valor. Para Duby, por exemplo, o impacto inicial da economia urbana e monetária intensificou produziu novas formas de dádiva, ‘mas após 1180 o lucro suplantou maciçamente o espírito da generosidade’. (...) Outros acadêmicos colocam a barreira tempos depois. *A Grande Transformação* de Karl Polanyi, um livro pioneiro quando apareceu em 1944, na sua representação preciosa da economia Europeia pré-moderna, coloca como ponto de transformação no sistema de reciprocidade e de redistribuição do dom (...) apenas no final o século dezoito. GarethStedman Jones no seu “A deformação da dádiva”, sobre as relações entre ricos e pobres na Londres do XIX coloca esta barreira na década de 1860s. Não importa a data, já que a direção é sempre unívoca. Mais recentemente, com uma nova geração de antropólogos, historiadores vêm reescrevendo este quadro em direções importantes. Ao contrário de um sistema de dádiva sendo suprimido pelas forças do mercado, é importante perceber como este sistema do dom se mantém com novas conexões e consequências. (Davis: 2000: 7-8)

Nesse parágrafo aparentemente simples está colocada uma verdadeira “agenda de pesquisa”, tanto para história quanto para as ciências sociais, que é a de perceber, em diversos níveis, de que forma esses sistemas de intercâmbio – a dádiva, o mercado, e o estado – interagem na sociedade moderna. Importa perceber para compreender o caso aqui abordado, o dos dirigentes de futebol, é importante compreender de que forma e de que maneira o processo de espetacularização do esporte descrito no capítulo anterior interage com este modelo do patronato, da economia política da honra, em que o capital econômico está “encapsulado” pelas relações de prestígio. Aqui, não obstante, as interpretações evolucionistas e ligeiramente romantizadas que tendem a imaginar o avanço irreduzível do mercado sobre a economia política da honra serão evitadas, dando-se vazão aos momentos em que se inter-relacionam estes três sistemas de intercâmbio, o Estado, o mercado e a dádiva. O foco, no entanto, é sobre o *modus operandi* da dádiva tomado como pedra angular desta economia política da honra, sendo que os demais sistemas aparecerão tão somente quando articulados à moral do dom.

Cosmologias do dom no universo mercantil:

A pessoa de Jean Marie Faustin Godefroid d’ Havelange, popularmente conhecido como João Havelange, expressa de forma singular o que se imagina ser a cartolagem brasileira, tanto na caricatura midiática, quanto na apercepção sociológica ou antropológica. Desde há muito à frente dos bastidores das principais organizações esportivas no mundo e no Brasil³⁸, a figura de Havelange é conhecida por incorporar nela os traços singulares e as características paradigmáticas do que se espera de como deve agir um dirigente. De forma precisa e preciosa, o crítico literário José Miguel Wisnik (2007: 183) foi capaz de sintetizar em uma expressão a figura do ex-presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação): *o cartola dos cartolas*. No plano empírico, a potência expressão foi imediatamente compreendida quando, por ocasião de minha primeira entrevista de pesquisa, o antigo mandatário rubro-negro George Helal, proferiu *offtherecord* a seguinte frase: “você tem de entrevistar o

³⁸ Como dirigente: Havelange desempenhou os seguintes cargos: primeiro foi Diretor de Water Polo do Clube de Regatas do Botafogo, 1937; depois já em São Paulo, Diretor, de Esportes Aquáticos, nos anos 1940, do Floresta Atlético clube, clube que se tornaria Presidente em 1945. Ainda antes de chegar a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) Havelange foi vice-presidente da Federação de Esportes Aquáticos 1953-1957. Depois, presidente da CBD de 1957-1974. De 1974 até 1998, foi presidente da FIFA, sem disputar uma eleição. Além disso, desde 1963, Havelange foi membro do Comitê Olímpico Internacional, tendo se desligado da entidade, em 2012. Sobre Havelange, a lista de filmes é extensiva, há a muito bem documentada do jornalista Ernesto Rodrigues. (2007). Indico também o livro-memória organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro também é, de certa forma, fonte preciosa. (Havelange, 2011).

Havelange, ele é o maior de todos nós”. Quanto mais me encontrava com dirigentes, maior era a onipresença da *persona* de Havelange.

No próprio Flamengo, o principal rival de George Helal, Márcio Braga, fez lembrar um adivinho infundado do dirigente da FIFA. As profecias de Havelange eram (e são) largamente conhecidas no universo da política futebolística: a precisão e a eficácia residiam não apenas na adivinhação do resultado simples de disputas eleitorais, mas sim de acertar quantos votos cada candidato haveria de ter; como ele faria na vitória do espanhol José Carlos Saramanch, no *Comitê Olímpico Internacional*, e uma vez mais, na eleição de Joseph Blatter para a FIFA (1998). Na primeira eleição de Márcio Braga à presidência do Flamengo, o boato então corrente era de que o então dirigente da FIFA havia dito que a vitória do candidato da *Frente Ampla pelo Flamengo* não passava de uma quimera³⁹.

No caso do *Fluminense Futebol Clube*, clube do qual é egresso, a inserção de Havelange numa rede de intrigas, para não dizer, fofocas. De um lado, os aliados de longínqua data parecem cultuá-lo – “Ele fez tudo pelo Fluminense”; alguns relativamente neutros, como José Gil Carneiro de Mendonça, não escondem a importância do dirigente na dinâmica eleitoral do clube – “Me candidatei, pela primeira vez [contra o Francisco Horta], a pedido do Dr. Havelange para que houvesse lisura nas eleições, mas não pedi um voto” –; outros opositores de Havelange na política do clube faziam zombaria da participação de Havelange no clube – “Ele nunca fez nada pelo Fluminense. Era uma pessoa muito cultuada lá, porque ele foi indicado pra presidência da CBD (...). Mas ele nunca ajudou o Fluminense. O Havelange é foda, pode não te ajudar, mas te prejudicar, ele te prejudica, se quiser”. Aliás, uma das consequências dessa densa rede de intrigas é a própria “deformação” dos juízos de fato: abundam as historietas, as teorias e as fábulas sobre a vida pública e privada de Havelange.

De qualquer forma, a fofoca⁴⁰ não é fenômeno independente: ela faz parte de um grande circuito de trocas envolvendo os dirigentes de futebol de uma rede extensa, no

³⁹ Eu almoço aqui no Jockey a vida inteira, o Jockey era lá na Almirante Barroso, agora é aqui do lado e eu entrei aqui no almoço, na sala de almoço e o João Havelange ai também, numa mesa grande, uma mesa de tricolores e o João Havelange disse para um... – É você é um bom menino, mas não ganha a eleição do Hélio Maurício. O Hélio Maurício tem seiscentos conselheiros que são cativos lá, ele manda naquele Conselho. E a pessoa que ouviu veio me contar por que era meu amigo... – E o João disse que você não ganha não... (Entrevista com Márcio Braga.)

⁴⁰ Numa relação de dinâmica entre grupos *estabelecidos- outsiders*; os primeiros são obrigados a fazer mover um moinho contínuo e ininterrupto de mexericos de modo a reforçar a unidade, a coesão e até mesmo o carisma grupal. Daí, estar do lado de fora do fluxo contínuo significa ser marginalizado no grupo de estabelecidos; sendo a participação obrigatória aos membros da rede quase como um preço simbólico que os grupos estabelecidos

qual fofocar é tão somente um dos muitos elementos pelos quais se solidificam o amálgama dos vínculos entre os indivíduos. Neste quesito particular, o que mais impressionava na trajetória de João Havelange era o polo central em torno do qual se estruturava um longo circuito e uma cadeia de ligações por meio de intensa distribuição e troca de *dádivas*⁴¹ – logo percebendo a existência de um “circuito-Havelange”, em que bens, presentes, fofocas, vínculos, enfim, tudo era colocado em circulação. Num sentido muito específico, a caracterização de B. Malinowski, o papel de Havelange assemelhava-se ao do *chefe* melanésio: ele atua quase como uma espécie “banqueiro tribal”, cujo objetivo é encerrado na diáde do tesaurizar-redistribuir. Na configuração máxima do futebol mundial; ao ocupar posições estratégicas no comando das entidades desportivas, Havelange distribuía os benefícios de uma extensa rede de aliados a multiplicidade os benefícios propiciados pelo poderio da entidade: “quem é que não gostaria de sentar naquela cadeira?”, perguntaria anos mais tarde.



obrigatoriamente pagam para manter as suas posições de domínio. Exatamente por isso que o sociólogo alemão Norbert Elias considerou a fofoca elogiosa (*pridegossip*) como “estruturalmente inseparável” da fofoca depreciativa (*blamegossip*) – o que importa, enfim, é fazer parte do circuito de mexericos, de modo que seja reforçado o laço do indivíduo com o grupo. Ver “Observações sobre a fofoca”, de Norbert Elias e John Scotson (2001)

⁴¹ Talvez seja útil desde início afastar certo senso comum acadêmico de que a ideia de *dádiva* se iguala àquela de presentes ou de benesses simbólicas – ela engloba uma totalidade de relações sociais: festas, gentilezas, recepções, trocas jocosas, tributos, e até mesmo as fofocas como iniciei o texto. Ver Marcos Lanna. (2001).

Logo após eleito presidente, Havelange olha de soslaio Stanley Rous por tê excluído da mesa principal. “Eis tudo o que importa neste ritual [do *Negara*] é o lugar aonde se senta à mesa”, Clifford Geertz. Foto: Havelange (2011) .

A formação dessa rede de aliados de Havelange se faz, sobretudo, a partir da aposta inexorável na fidelidade e na confiança; ela é fundada por conta da aposta nas relações de dádiva; identificava, no conjunto de alianças, de forma quase absoluta, aquilo que Alain Caillé definiria como sendo “a aposta no dom”. Num universo envolvendo um número restritivo de membros, que é marcado pelas relações face a face, em que tudo o que se empenhava nessas negociações eram a “palavra” e a “honra”; parecia “não haver alternativa a não ser confiar ou desconfiar inteiramente”. (Mauss, 2003: 351).

A ideia de troca-dádiva faz perceber que em situações de troca generalizada importam menos os objetos/ coisas trocadas do que os vínculos constituídos entre as partes interligadas pelo circuito (Mauss, 2003) Dessa forma, a relação de troca-dádiva difere, por excelência, das relações de troca-utilitária precisamente porque tais trocas supõem a ausência de “cálculo utilitário”, enfim, a lógica dos ganhos e das perdas. A distribuição dos “tesouros” deve ser feita, caso não haja equilíbrio na distribuição deste “fundo de poder” o circuito pode se desfazer em fragmentos, gerando disputas de prestígio e rivalidades incontroláveis. A instabilidade e o risco são componentes entranhados na organização de tipo dadivoso. Neste ponto, Pierre Bourdieu, em artigo sobre a formação do campo burocrático, toca que quanto maior o poder de um dirigente, tanto maior será sua dependência a uma cadeia de etapas de execuções:

É possível ver como, por meio do alongamento da cadeia de autoridades- responsabilidades engendrar-se uma verdadeira ordem pública baseada numa certa reciprocidade nas próprias relações hierárquicas: o executante é a um só tempo controlado e protegido pelos dirigentes e ele, por sua vez, controla e protege o dirigente principalmente contra o abuso de poder e o exercício arbitrário da autoridade. *Tudo se passa como se, quanto mais crescer o poder de um dirigente, mais crescerá a sua dependência em relação a toda uma rede de etapas da execução.* (Bourdieu, 2005: 67)

A constante e contínua redistribuição de recursos permitiu a Havelange formar um extenso *capital relacional*, como tal pudesse ser, em momentos posterior, reconvertido, em capital econômico, ou capital simbólico. “Quem é que não gosta de ter uma pessoa assim, cheia dos contatos?”, disse um dirigente do Fluminense. A

elasticidade do que chamo “circuito Havelange”⁴² é espantosa – para termos uma ideia genérica do tamanho desta “superfície social” (Bourdieu, 2006) será suficiente lembrar que, enquanto foi dirigente da FIFA, a correspondência pessoal alcançava seis milhares de cartas por ano; além disso, ele enviava e assinava de próprio punho cartões natalinos para aproximadamente duas mil pessoas. (Havelange, 2011). “Eu recebia um cartão do Havelange todo ano”, confessou-me Ângelo Chaves, presidente do Fluminense nos início da década de 1990. “Havelange conhecia Deus e o mundo”, espantava-se Gil Carneiro de Mendonça, enquanto historiava a importância do dirigente na guerra comercial travada entre a Viação Cometa e o Expresso Brasileiro.

A produção do referido “circuito Havelange” se fazia por um trabalho de troca e de interação entre os variados componentes dessa figuração social, de modo que fossem postas em contato constante. As dádivas aparentemente banais são, nesse universo, certamente as mais importantes, a distribuição de ingressos, convites à festa, envio de cartões; a troca de gentilezas; o cumprimento pelo nome e até mesmo presentes dados em retribuição a empregados fiéis; tudo era energia para fazer mover o moinho do circuito. Não esquecer o nome dos companheiros era a primeira dádiva; oferecida por Havelange a seus inimigos, decorar “nomes”, estudados por horas a fio era a obsessão cotidiana: “se, por ventura, amanhã ou depois esqueço um nome, sinto que ganhei um inimigo”.⁴³

A disputa pelo controle do monopólio de distribuição dos ingressos para jogos de futebol importantes é, neste sistema de alianças, ponto fundamental. O antropólogo Luiz Henrique Toledo chegou mesmo a dizer que a distribuição de ingressos é o elemento que sedimenta a aliança entre cartolas e torcidas organizadas, fazendo com que certos torcedores apoiem este ou aquele candidato. (Toledo, 1996) Aliás, não é incomum que certos dirigentes de times sejam padrinhos de certas organizadas, como é. As torcidas não são o único grupo que é atingido com as benesses dos ingressos; a distribuição dos mesmos abarca um conjunto significativo e extensivo de membros do campo esportivo e mesmo alienados em relação a ele, envolvendo patrocinadores de agências, políticos, familiares, etc. Antônio Carlos de Almeida Braga, um dos mais importantes banqueiros brasileiros dos anos setenta, financiador e arquiteto da campanha de João Havelange para a presidência, seria para agraciado com ingressos nos

⁴² Falar em “circuito Havelange” faz aludir, quiçá de forma pretensiosa, ao circuito-*kulamelanésio* de Bronislaw Malinowski.

⁴³ Karina Kuschinir havia observado que a vereadora Marta Silveira conhece todos os seus pesquisadores pelo nome.

melhores lugares das Copas do Mundo e das Olimpíadas pelo intermédio de seu amigo. As batalhas mais sangrentas disputadas por João Havelange e outros dirigentes envolveram a disputa pelo monopólio de distribuição dos ingressos; num jogo da Copa do Mundo de 1986, ele ameaçou se trancar com um funcionário da organização numa diminuta sala do estádio do México, se os lugares prometidos; n'outro caso, ainda à frente da CBD, ele provocaria a demissão de um funcionário do Maracanã, à época de Carlos Lacerda, que, numa tentativa de racionalizar a organização do estádio, dificultaria o acesso livre de cartolas aos ingressos. (Goldblatt; 2007; Rodrigues, 2007 – indicar páginas).

Igualmente cardinal para o movimento do circuito era a organização de festas, cerimônias, banquetes e homenagens oferecidas ao Havelange e oferecidas pelo Havelange. Não foram poucas vezes que encontrei, em jornais de época, os dirigentes de clube e de federações a se reunir para celebrar a figura de Havelange: era muito frequente que terceiros oferecessem festas à figura máxima do futebol mundial, sejam eles organizado por entidades como, por exemplo, as constantes homenagens da Associação dos Cronistas Esportivos; sejam por meio de indivíduos isolados.⁴⁴ Alguns indivíduos composto de indivíduos de origem sociais distintas aglutinam-se em torno de Havelange, formando um tecido relativamente extenso.

Nesse *entourage*, o menor dos gestuais pode adquirir importância capital, sobretudo, porque estão ali em jogo as “chances de prestígio” (Elias, 2001: 151)⁴⁵ – o não comparecimento a uma festa pode significar uma declaração de guerra, a má disposição dos lugares à mesa principal pode estar na origem do conflito irremediável, e

⁴⁴ É interessante perceber que a vida social dos clubes era muito noticiada até o final dos anos 1970. Além disso, são muito comuns as referências a eventos festivos do clube e aniversário de dirigentes. A descrição muitas vezes seguia em tom elogioso ao dirigente. Noutro exemplo muito ilustrativo, podemos ler abaixo a descrição do *Jornal dos Sports* por ocasião da festa que marcou o aniversário de George Helal: “O presidente do Conselho assessor, Sr. George Helal, foi ontem homenageado pela diretoria do clube e pelos seus amigos por motivos do seu aniversário. De fato, trata-se de um acontecimento que figura entre os mais marcantes fatos da vida do tradicional clube. George Helal não é apenas o dirigente do Flamengo. É o homem de todos os momentos. É a voz, ponderada que se faz ouvir nas horas difíceis. É, sobretudo, o amigo que goza de todo o conceito tanto no esporte quanto no setor do chamado alto comércio em que ele desponta como das figuras singulares. Justas, pois, as manifestações tributadas ao dirigente rubro-negro”. No caso de Havelange, pode-se mesmo historiar as festas em sua homenagem com a leitura atenta do *Jornal dos Sports*, se não vejamos à guisa de exemplo, no “Terceiro Banquete em Homenagem à Havelange”, realizado no Jôquei Clube da Gávea, pode se ter acesso, inclusive, a lista nominal dos comitês responsáveis pela feitura do evento, quais eram: “ORGANIZAÇÃO Nelson Vaz Moreira, Nei Carvalho, Wilson Alves, Ministro Gama Filho, Giulite Coutinho, Antônio Carlos de Almeida Braga. FINANÇAS: Luís Burgos Neto, Wilson Xavier, Belini Cunha, Ronaldo Vaz Moreira, Walter Guerra, Fábio Egypto. RECEPÇÃO: Dr. Alexandre Nader, Deputado Carlos Alberto de Brito, Oscar Bloch, Antônio Moreira Leite, Carlos Pimenta, Ivan França, Frederico Nicola e Waldir Caldas”.

⁴⁵ “Cada gesto, cada frase, cada passo do rei tinham grande significado para as pessoas que se concentravam em torno dele, na medida em que representavam chances de prestígio, sendo um detentor do monopólio de chances pelas quais um número incomparavelmente grande de concorrentes lutava, ele precisa organizar e planejar em detalhe a distribuição de tais chances, cuja doação tinha simultaneamente função de prestígio e dominação.” (Elias 2001: 151)

até mesmo uma inesperada ausência numa recepção de Aeroporto pode indicar, se não criar, a ruptura iminente. Na pena do *Jornal dos Sports*, o cronista Ruy Porto narrava a ausência de um dirigente do *circuito Havelange* no desembarque do Galeão como o ato indicativo da ruptura iminente, algo aparentemente banal, mas iluminado “pelo [saber prático dos] *experts* como gesto muito rico em significação subjacente”⁴⁶. A querela aparentemente inútil ou fútil ao leitor médio do folhetim de Mário Filho adquiria, então, para “aqueles que jogam o jogo”, perfeitamente cientes do modo de funcionamento do campo, numa palavra, os *experts*, era dotada de significação evidente, encerrada em si mesma (e não subjacente)⁴⁷.

De qualquer forma, a organização hierárquica e o funcionamento da rede do dirigente prescindiam a obrigatoriedade da consecução de certos *rituais da etiqueta*. Existe aqui claro paralelismo entre ‘a figuração de Havelange’ com a ‘figuração de corte’ estudada por Norbert Elias, na qual os nobres, os vassallos e o rei são aprisionados pelas normas da etiqueta, uma vez que “as chances de prestígio” e de ascensão pendiam diretamente de se seguir ou não a lógica do ritual – exatamente por isso Havelange era objeto de constante vigilância por seus pares, não podendo, em momento algum, escorregar da sua condição – “Eu recebo todo mundo, conforme o senhor vê”, foi o que ele me declarou por conta de nossa entrevista. No *Ensaio sobre a Dádiva*, as anotações de Marcel Mauss sobre as sociedades melanésias parecem complementar, ainda que de forma involuntária, as hipóteses de Norbert Elias:

Não há um instante um pouco além do comum, mesmo fora das solenidades e reuniões de inverno, em que não haja *obrigação* de convidar amigos, de partilhar com eles os ganhos de caça e de colheita que vêm dos deuses e dos totens, em que não haja obrigação de redistribuir tudo que vem de um *potlatch* de que se foi o beneficiário, em que não haja obrigação de reconhecer mediante dádivas qualquer serviço, dos chefes, dos vassallos, dos parentes, sob pena, ao menos para os nobres, de violar a etiqueta e perder a sua posição social” (: 245 2003)

No circuito Havelange, a sedimentação das redes e das alianças se dá, sobretudo, por conta do ritual encenado pela *troca-dádiva*, em que se encena, sobretudo, o

⁴⁶ 1/1/1974, pg. 6. *Jornal dos Sports*.

⁴⁷ Muitas vezes, alguns objetos do circuito- Havelange parecem destituídos de valor aos de “fora do jogo”: quando entrevistei o dirigente da FIFA, vi uma extensa lista de brasões, títulos, certificados de nobreza, legiões de honra, benemerência, expostos à parede no corredor do escritório. Com toda a franqueza, não posso deixar de notar o quão ridículos, e até anacrônicos, aqueles títulos “de nobreza” me pareceram. Instintivamente as observações precisas de Malinowski sobre as joias da coroa e a comparação com os objetos do kula vieram à mente: de que certos objetos inúteis aparentemente são dotados de alto valor simbólico para agentes que travestem aquela lógica. (Malinowski, 1978: 75).

desinteresse e em que se proclama a negação do utilitário. Apesar disso, a figura Havelange tem sido constantemente apresentada como um dos dirigentes responsáveis pela escalonada mercantilista do futebol espetáculo, porque foi graças à racionalização e à profissionalização propiciadas em que os *interesses* comerciais começariam a invadir o universo futebolístico. A bibliografia – acadêmica ou jornalista – tem sido quase unânime em apontar que, entre 1974 e 1998, os lucros simbólicos e econômicos da empresa FIFA atingiram números inimagináveis há décadas atrás. Novamente, o crítico literário fez observar que a figura de Havelange aparece à frente do “mundo”:

No cume desse mundo está a figura de João Havelange, que, no rastro das conquistas brasileiras dentro de campo, elegeu-se presidente da FIFA em 1974 (cargo que permaneceu até 1998) e promoveu uma extraordinária expansão da entidade através de campeonatos de juniores, organizados “nos limites da estrutura normativa de amadores”, com a inclusão de todos os países possíveis e imagináveis e a consolidação institucionalizada do futebol como o esporte global. (Wisnik, 2007: 354)

Ora, essa esquizofrenia, que não é senão aparente, suscita um problema em pesquisa há algum tempo tanto nas disciplinas da história e nas da antropologia – de que forma as trocas-dádiva, fundadas na lógica do desinteresse, articulam-se às transformações difusas pelas relações mercadológicas? Esse enlace que é evidenciado com maior facilidade a partir da biografia de Havelange pode ser de alguma forma, estendido aos processos de transformação e mudança ocorridas no interior do futebol brasileiro, em que, muitas vezes, as próprias alianças com os setores comerciais são feitas sob o véu do simbolismo das relações de dádiva, considerando-se as relações de amizade, parentesco, o cerimonial.

Diversos pesquisadores têm insistido, desde a fortuna de Karl Polanyi, no argumento de que para se compreender o funcionamento da sociedade ocidental é preciso perceber o processo histórico de autonomização da esfera do econômico ante a vida social. O fenômeno da mercadorialização da vida social colocaria de ponta a cabeça as relações de dádiva transformando-as em mistificação. Na nossa sociedade, é recorrente a tentativa minorar a importância dos laços produzidos pelas relações deste tipo, uma vez que estamos tratando, ao contrário das sociedades primitivas, de uma sociedade estruturada pela lógica do mercado e direcionada pela presença do estado, como se o advento do mundo moderno tivesse implicado a falência, sobretudo, no interior de regiões pautadas pela ideia de um estado moderno.

Pensar as modalidades de dádiva no mundo contemporâneo Godbout, é imprescindível inseri-las numa dupla relação: seja com o Estado, seja com o Mercado. Neste particular, o caso de Havelange parece ideal típico para pensar o jogo entre a dádiva e o mercado, mostrando de que forma as próprias relações mercadológicas são impulsionadas pelas ligações dadivosas. A estória mítica em torno do contrato que transformou totalmente a dinâmica do futebol mundial – contrato FIFA/ Adidas – conta que este nunca foi senão um acordo de cavaleiros, feito no *fio do bigode*. Narrada pelo jornalista Ernesto Rodrigues, e é visto como uma ajuda mútua entre uma empresa, que precisa de auxílio no negócio e a FIFA, que precisa de ajuda no esporte, ou melhor, entre Havelange e Dassler. Como veremos, nesse mundo dominado pela dádiva, as instituições confundem-se com as pessoas que as representam, Havelange, enquanto é Presidente da FIFA, é a FIFA, Horst Dassler, enquanto é o maior acionista da empresa Adidas, é a Adidas.

Não houve assinatura, folha de papel ou protocolo. A parceria que em duas décadas transformaria a FIFA em uma multinacional milionária do esporte nasceu de um *aperto de mão* entre Horst Dassler, o dono da Adidas e o novo presidente da entidade, João Havelange. (...) Para Jean Marie Weber, o braço direito de Dassler, que participou do processo desde o início, o conceito de parceira cabia folgado dentro de uma frase que não precisava de contrato: ‘Eu ajudoVvocê no seu esporte e você me ajuda no meu negócio’” (Rodrigues, 2007: 53)

Se bem que jamais possamos confirmar o estatuto verídico do episódio, a estória coaduna-se perfeitamente com as diversas atitudes de Havelange junto à FIFA e junto à atuação no Brasil. Todas as suas relações são construídas *face a face*, de pessoa à pessoa, o contato pessoal é quase sempre requisitado como instituição necessária para consolidar uma boa relação. É pensar, portanto, essas interações entre o mercado e a dádiva e de que forma o mercado faz mover a própria dádiva (e vice-versa) é uma das possíveis análises propiciadas pela biografia de Havelange. Anualmente, Havelange *escreve e assina*, segundo relato de sua secretária, dois *milhares* de cartões de Natal, bem como é o responsável por uma correspondência que totaliza *sessenta centenas* de cartas. Nas eleições que esteve pessoalmente envolvido, como a primeira de Sepp Blatter à gerência da FIFA, Havelange se recusava de pronto a ligar para as pessoas requisitando o voto, mas tomava como imperativo a viagem até os respectivos lugares. “Não tem este negócio de telefone, tem que ir lá”.

Interseções entre o simbólico e o utilitário:

A emergência da televisão como um ator decisivo no cenário do campo esportivo transformou significativamente as receitas auferidas pelos clubes, bem como a relação entre os clubes e os patrocínios. (Proni, 2000). A visibilidade legada pela televisão atraiu a atração de um sem número de empresas, cientes do poder e da capacidade atrativa que o futebol desempenhava como meio de propaganda e de marketing. Desde 1976, a *Federação Internacional de Futebol* autonomizava às Confederações para definir se os clubes poderiam estampar logotipos de empresas nas suas camisas. No Brasil, todavia, por pressões da Confederação Brasileira de Desportos, essa liberação ocorre apenas em 1983 (Manhães, 1986; Helal, 1997), quando o patrocínio fora liberado. Num primeiro momento, ainda na década de 1970, o patrocínio de material esportivo começaria a se difundir. Neste momento, o Flamengo assinaria um primeiro contrato com a fornecedora *Adidas*, ainda em termos muito rudimentares. Um dos envolvidos com a assinatura, Joel Teppet é quem dá a tônica:

Fizemos um contrato com a Adidas que foi o primeiro contrato de patrocínio que nós conseguimos. Quer dizer: não havia dinheiro. Era não comprar camisa, nem chuteira, nem meia, nem calção. Era uma coisa violenta que o Flamengo deixava de gastar porque a Adidas fornecia material para o principal, para o juvenil, para o júnior e até mesmo para o infantil. Entendeu? Isso era coisa que a gente tinha que comprar na época.

Quando se comparam as (inexistentes) cifras deste primeiro contrato do Flamengo com o então vigente, que é estimado, de acordo com números expostos na grande imprensa, em 350 milhões de reais por dez anos, tem-se a dimensão em níveis concretos do quanto o futebol se transformou nos últimos quatro decênios. No que pode talvez parecer exótico dada à naturalização dessa prática social, houve um intenso debate acerca do quão legítimo era profanar um elemento envolto em aura de sacralidade: a camisa. À direita, por parte dos puristas, ou à esquerda, por aqueles que se manifestavam contra a comercialização do jogo, as críticas viriam dos mais diversos segmentos. Neste processo e neste debate, como estudioso e como participante, já que era membro sócio do Clube de Regatas Flamengo, o sociólogo Ronaldo Helal colocava tal problema em termos sociológicos:

No que diz respeito à comercialização do futebol, por exemplo, minha suposição era a de que o advento da propaganda nos

estádios e nas camisas dos times, assim como a transmissão de jogos pela TV, tiravam muito da aura mística e sagrada do futebol, fazendo com que este universo se transformasse em um mero meio comercial, desencantando os torcedores e contribuindo para a queda de público. Esta hipótese não foi confirmada pela pesquisa. (Helal, 1997: 18).

Essas discussões acaloradas foram, por outro lado, recuperadas por Antônio Augusto de Dunshee de Abranches porque colocar ou não propaganda na camisa era uma “problemática”:

E o segundo produto que eu consegui também. Era propaganda na camisa. Eu não gosto de falar em mim. Eu digo o grupo. Eu era o vice de relações externas e cabia a mim esse tipo de coisa. E o segundo produto que nós conseguíamos para fazer dinheiro foi propaganda na camisa. Que também era um drama, era uma problemática. Mas, no final, já aí. Aí no negócio de propaganda da camisa, eu tive dois companheiros, o Francisco Horta, que era meu colega de Colégio Primário, e o Nuzman, que era o meu colega de faculdade. Então, o trio foi lutar por isso. E até o Nuzman outro dia no Réveillon, ele estava numa casa e eu estava na outra, nós passamos o Réveillon em Búzios, mas teve uma festa. Ele estava numa casa e eu em outra. E tinha um sujeito de São Paulo. Agora, esse ano. “Pô, como vocês conseguiram esse negócio?”. Aí, o Nuzman: ‘Esse cara aí [o Dunshee] falou ‘Vou fechar a porta do Maracanã e só abro se pagar *um* cruzeiro’. E eles pagaram? Pagaram. Aí é aquele negócio, pagou uma vez, vai pagar o resto. A segunda fonte de renda que o Flamengo teve somando a televisão com a propaganda na camisa. Aí o Flamengo alavancou o que ele nunca teve que era dinheiro. O Flamengo não tinha dinheiro. Tinha torcida. A renda do Maracanã era, às vezes, pequena, porque tinha intervenção do governo. Houve um governo que tabelou a entrada do Maracanã. Então, o Flamengo vivia sempre na corda bamba. Afinal, com estes dois recursos novos, o Flamengo alavancou para grandes conquistas, a partir de 1977. Eu tomei posse em janeiro de 1980, substituindo o Márcio.

Depois dessa “brigalhada”, o Flamengo acabaria, enfim, assinando o contrato com uma empresa de patrocínios, que o acompanharia nos próximos trinta anos praticamente, a Lubrax. Quando da assinatura do contrato de patrocínio entre o Flamengo e a Petrobrás, não se tratava exclusivamente de lucros exorbitantes, mas sim de um suposto encaixe entre as perspectivas simbólicas e imaginárias do clube e da empresa. Depois da liberação, o Flamengo oscilou ainda muito tempo para firmar um contrato com uma empresa até assinar com a Petrobrás. Na fala de George Helal, responsável pela assinatura do contrato, o que chama atenção é que a escolha

mercadológica leva em consideração elementos que são irredutíveis ao campo econômico e à lógica da mercadoria, mas que são eles mesmos simbólicos, como o capital imaterial do Flamengo e da Petrobras.

GH: Petrobrás assinou comigo. Fui o primeiro a assinar com a Petrobras. Eu me orgulho disso. Me orgulho porque, então, eu vou te contar essa história. Isto é bom você saber. Você não era nem nascido. Você tem 22 anos. Você nasceu em que ano? 1987?

Luiz: 1988.

GH: Eu vou dizer para você. Na época, existia um órgão chamado CND, Conselho Nacional de Desportos, hoje não existe mais. E era proibido estampar qualquer propaganda na camisa. Era proibido. Ai, ai, eu não sei precisar o ano. (Para e pensa). É, 82. 83 É isso aí. Em 1982, passou pelo conselho, com muita discussão, com alguns votos contrários, passou pelo conselho, o conselho aprovou que o Flamengo pudesse estampar uma publicidade. Meu filho Ronaldo votou contra na época. Veio falar: 'Papai, vou votar contra'. 'Fica à vontade'. Sociólogo, 1982. Hoje são vinte e tantos anos passados. Ele tinha um pouco mais de idade que você, devia estar com 30 anos. Ele votou contra. "Não, não pode manchar o manto sagrado". Mas passou. Eu assumi a presidência. Propostas várias: imobiliária tal e tal. Eu estava com dinheiro em caixa, eu segurei, eu me lembrei do Ronaldo, lembrei de mais três conselheiros, amigo Vaz, Marco Aurélio, Moreira Leite, falecido, eu relutava: "Não quero, não quero, não quero". Mas não, o Gilberto era meu vice: "Não, tem que botar". Eu disse: "Gilberto, calma. Nós vamos colocar um melhor.". O Kléber Leite, na época, bom... na época não, ainda hoje, dono da Klefer, propaganda estática, meu amigo, não tinha envolvimento político no clube, não tinha, isso em 1983, veio falar comigo. Flamengo disputava em 1983, a Libertadores da América, nós fomos vice-campeões, perdemos para o Grêmio. O Grêmio foi campeão mundial depois. (...) Lubrax, falei naquela época, era muito mais exacerbada: 'o Petróleo é nosso', né? Flamengo maior clube do mundo, maior torcida, aquela história toda. Eu disse: está bem, vamos fazer uma experiência. .. Eu faço uma experiência apenas pelos jogos da Libertadores. Fizemos um contrato para os jogos, chegamos lá a importância, muito feio era amarelo e preto na frente, se você pegar o antigo e jogamos por lá. Porém, deu certo e em 1985, fizemos um contrato de um ano. Belíssimo contrato. Mesmo a oposição foi na tribuna elogiar o contrato, dizendo que só a Juventus da Itália tinha o contrato semelhante. E tinha mesmo. (...) Isso me orgulha ser da Petrobrás, porque a Petrobrás hoje esta vinculada à história do Flamengo. Toda hora eles querem tirar, até que tiraram, eu achei um absurdo.

Retomando uma ideia já presente no léxico da crônica rubro-negra desde, pelo menos José Lins do Rego, (Hollanda, 2002)⁴⁸, George Helal associa, ainda que num

⁴⁸ Cito uma crônica de José Lins utilizada pelo historiador Bernardo Buarque de Hollanda: "Se há um clube nacional, este será o Flamengo, criação do mais legítimo espírito de brasilidade. Flamengos são brasileiros de todas as cores, de todas as classes, de todas as posições. Flamengo é o Sr. Eurico Gaspar Dutra, é o Sr. Nereu Ramos, é o Sr. Juraci

nível inconsciente, o Flamengo à própria nação brasileira, promovendo uma congruência simbólica o que é a nação e o que o clube deve ser. Este padrão não é, todavia, algo que possa ser exclusivo do Clube de Regatas do Flamengo, mas extensivo para outros casos. Na sua *tese de Doutorado*, o sociólogo Aldo Antônio Azevedo (1997) observou que, em São Paulo, houve uma estratégia de mão dupla envolvendo tanto as empresas quanto os clubes que assinavam os acordos de patrocínio. Era, assim, preciso afinar uma identidade entre o produto e o clube: o banco Excel, que, numa estratégia para se popularizar, associava-se ao Time do Povo, o Corinthians; a empresa de linhas aéreas TAM, que começava a se afirmar no mercado com uma companhia “moderna”, associando-se ao São Paulo e, por fim, a parceira entre os “italianos” do Palmeiras e da Parmalat. Havia, por isso, uma tentativa entre se casar um ideal simbólico à lógica econômica, de forma que a segunda pudesse ser maximizada. Numa dissertação original, Mateus Donato (2012) aponta similitudes quando mostra que, mesmo os “novos gestores do futebol”, adeptos do receituário futebol-empresa, defendem a ideia de que o “futebol não é um negócio como qualquer outro”.

Existe, neste sentido, uma *moralidade* e uma maneira de gerir os clubes que estão distantes da realidade puramente mercadológica, pois há mesmo uma interação contínua entre o simbólico e o utilitário⁴⁹. Essa forma de gerir se retraduz, em uma série de práticas administrativas: quase nunca são feitos em moldes estritamente utilitários sob a pena de ferir o residual simbólico de um jogo sem finalidade – ou um elemento pré-moderno que persiste no futebol-espetáculo, como diria José Miguel Wisnik (2007) – que é, em síntese, o que faz com que o futebol seja um espetáculo das massas. Neste sentido, a presidente Patrícia Amorim dizia, por exemplo, que gostava de trazer jogadores com “a pele rubro-negra”. Noutro contexto, refletindo sobre a transferência de Ronaldinho Gaúcho – Grêmio – Paris Saint-Germain –, Arlei Damo (2008) disse que

Magalhães, é o meu rapaz de jornal, é o meu apanhador de bolas no tênis, é o Grande Otelo, é o pintor Portinari, é o Brasil de todos os partidos.” (Hollanda: 218, 2002)

⁴⁹ Talvez, devêssemos pensar, assumindo como Marshall Sahlins uma perspectiva extrema, que não há, no capitalismo contemporâneo, produto que escape à ordem simbólica: “O capitalismo ocidental, em sua totalidade, é um arranjo cultural verdadeiramente exótico, tão bizarro quanto qualquer outro, marcado pela subsunção da racionalidade material numa vasta ordem de relações simbólicas. Somos demasiadamente enganados pelo aparentemente pragmatismo da produção e do comércio. Toda a organização cultural de nossa economia permanece invisível, mistificada como a racionalidade pecuniária pela qual se realizam seus valores arbitrários. Todas as idiotices da vida moderna, desde o walk-men, e os tênis Reebok até os casacos de *vison* e os jogadores de beisebol que ganham sete milhões de dólares por ano, passando pelas lanchonetes Mc Donald’s e pelas Madonnas e outras armas de destruição em massa, todo esse curioso esquema cultural aparece para os economistas, ainda assim, como o efeito transparente de uma sabedoria prática universal. No entanto, até os produtores (...) tem de estar impregnados pela ordem de valores culturais, isto é, daquilo que vende. O fetichismo deles é um clássico fetichismo da mercadoria: os valores significativos são compreendidos como valores pecuniários. Mas, enfim, a economia de mercado, ao atrelar uma ideia absoluta de racionalidade a uma lógica relativa de signos, inaugura uma era (realmente) dourada de liberdade simbólica.” (2007: 515).

quando um jogador “prata-da-casa”, formado nas “categorias de base” é vendido o drama se acentua porque não é apenas uma transferência comum, mas o tanto de clubismo – coloradismo, rubro-negrismo, gremismo, etc. – que ele incorporou ao longo de um tempo. Num episódio aparentemente esquecido pela bibliografia acadêmica, mas que mereceria um estudo minucioso, no Clube de Regatas do Flamengo, a venda de Zico para a Udinese da Itália (em 1983) engendrou uma série de protestos e motins por parte dos torcedores, que se indignaram com a venda do seu menino d’ouro. Em meados dos oitenta, estes protestos que, em muitos momentos, assemelharam-se à maneira de agir da turba inglesa à Thompson, cuja lógica simbólica seguia os preceitos de uma “economia moral da multidão” (Hollanda, 2010); foi muito além do quebra-quebra caótico e anárquico, quando muitos deles se organizaram em mutirão – entre eles, um dos líderes da *Torcida Jovem do Flamengo*, Leonardo Ribeiro – para ingressarem no clube não somente como torcedores, mas como participantes.

Neste sentido, embora o caso Zico deva ser descrito e compreendido como um caso emblemático da história do futebol brasileiro, em que um jogador de futebol liga sua imagem indissoluvelmente a um clube, é interessante descrever um episódio – narrado por Gilberto Cardoso Filho – cujo sentido ilustra bastante como os dirigentes imaginavam as transações entre os clubes na compra e venda do passe dos jogadores. Datada de 1989, muito antes, portanto da promulgação da lei do passe, essa história parece arquetípica de um modelo falido de travar negociações, haja vista que a partir da Lei Pelé, parece quase impossível recrutar os melhores jogadores sem que exista a intermediação e o assessoramento dos “mercadores do dom” (Damo, 2007), isto é, os empresários.

Gilberto Cardoso (...). Aquele do Vasco, o Calçada. É, foi o único que eu tive atrito, porque eu estava lá e eu perguntei: “Vocês vão querer comprar o Bebeto? Vocês estão comprando o Bebeto? Eu falei: então, vamos fazer uma coisa, vamos trocar o Bebeto pelo Giovanni, fica um ano o Bebeto contigo, um ano o Giovanni comigo, depois a gente troca, faz um troca-troca?”, “Não eu não quero é muito caro. Não vou fazer, estou dando a minha palavra aqui na frente da minha mulher e da minha filha, fui amigo do seu pai. Se eu tivesse que fazer, eu te diria.” E faltou com a palavra. Ali não era Gilberto e Calçada, ali era presidente do Vasco e presidente do Flamengo. Mas fora isso...Com Eurico Miranda sempre me dei muito bem, com o Botafogo, com o Fluminense, fui vice-presidente do clube dos 13. Então tinha muito bom relacionamento. Com o próprio Caixa d’Água, que era presidente lá da Federação (...)

Nesta fábula, o que é interessante é que a maneira de vender e de negociar os jogadores é finalizada através das dádivas simples de palavras, mediada pelo “empenho da honra”. No momento em que as expectativas não são realizadas, há a crise na relação de reciprocidade, ensejando a ruptura e a inimizade, dando a ideia de que tal modelo tenha sido recorrente do que o creditamos usualmente.⁵⁰ Depois, Gilberto Cardoso acabou por confessar que o problema não era tanto o quanto Bebeto pedia, mas o fato de que ele desejava ganhar mais que o ídolo rubro-negro maior, o Zico, o que era isto sim, inaceitável. A partir da lógica de Gilberto Cardoso Filho, seria impensável que Bebeto almejasse um salário maior do que o Zico – ainda que tenha se omitido que, em 1989, Bebeto estava no auge de sua forma em escala ascendente, enquanto o “galinho de Quintino” estivesse à beira de aposentar as suas chuteiras. A questão é que Zico tinha um capital de honra incorporado à sua persona, fruto de seu trabalho ao longo do tempo, incapaz de ser desprezado pelo Gilberto Cardoso. Assim, como não poderia deixar de ter sido, ele ficou preocupado com a possibilidade de um ídolo grande do Flamengo ser adquirido pelo maior rival, fato lembrado na imprensa.:

O Flamengo sempre foi complicado. Você tem períodos bons, em que o time ganha, é uma beleza, e quando perde o culpado é ou o presidente ou o técnico. Não tem meio termo. Eu tive um período difícil que foi a época do Bebeto. Bebeto queria ganhar o dobro do que ganhava o Zico. E isso eu não podia pagar. Sob pena de, no dia seguinte, o Zico bater à minha porta e perguntar: “Presidente, o senhor sabe quem sou eu?” Mas, para te dizer, à época, o Zico ganhava 20.000 dólares por mês, você vê, perto do que é hoje, do que se ganha aqui, brincadeira, né? E o Bebeto queria ganhar o dobro. E ele tinha o passe fixado por um documento à época do Márcio ainda, e aí, depositou, foi embora. E isso criou aquele negócio de ir para o Vasco e etc. tumulto todo, então, tive algumas dificuldades (...).

Àquela altura, mesmo Zico sendo um jogador em relativo declínio, enquanto Bebeto um jogador de potencial ascendente, que brilharia na próxima década como um dos principais artilheiros do selecionado nacional, havia – pelo menos na cabeça de Gilberto Cardoso – um reconhecimento de que o salário não poderia ser determinado somente pelo desempenho futebolístico *stricto sensu*, mas regimentado pela totalidade dos “capitais futebolísticos” (Damo, 2007) – a dedicação ao clube, as honras acumuladas, etc. – agregados ao longo de uma trajetória de sucesso. Por sua trajetória espetacular, Zico é uma figura absolutamente ímpar sem relação, donde estar, de

⁵⁰ Na entrevista que realizei com Eurico Miranda, sem que eu o perguntasse, ele fez uma espécie de defesa do ideário da “palavra” no futebol, afirmando que sempre “cumpriu o que prometeu”. Daí contou orgulhoso quando avisou que iria comprar o Bebeto na grande imprensa, ainda que desacreditado pelos dirigentes rubro-negros. Neste momento interpelei sobre o assunto, e ele afirmou que aquilo foi “o problema entre o Calçada e o Gilberto, que estava lá em Portugal, mas não sabia de nada”, mas que ele havia avisado na grande imprensa que iria comprar o Bebeto.

alguma maneira, associado à sua *persona* e/ ou a sua biografia produz intensa quantidade de *mana* e de admiração. Há, por isso, duas ou três coisas a se comentar sobre a relação entre um dirigente e Zico, que nos possibilitam adentrar no universo mental dos dirigentes que se relacionavam com os jogadores. Embora a relação entre Zico e Helal não seja nada típica, ela me parece *representativa* (Portelli, 1989) de uma maneira de os dirigentes construírem simbolicamente suas relações com os jogadores de futebol, por meio do apadrinhamento afetivo e, algumas vezes, econômico.

Excerto: gratidão e ingratidão entre futebolistas:

A relação dos jogadores com os dirigentes, muitas vezes, observou Benzaquem, é fundamentada num sistema de oposição entre a lógica individualista e acumuladora, fundada em um projeto mercantil dos jogadores; e a hierarquizante e paternalista dos dirigentes de futebol. (Benzaquem, 1980: 69-72). O próprio Ricardo, no entanto, reconhece que, muitas vezes, os jogadores de futebol absorvem as categorias dos dirigentes de forma a conseguir, sob a forma de presentes, angariar prestígio, obter favores, e angariar posições no clube de coração. A categoria de capital futebolístico criada por Arlei Damo dá traços de complexidade às relações dos jogadores com os seus clubes, mostrando precisamente de que forma os agentes manipulam seus dons e talentos, incorporando, muitas vezes, o próprio amor ao clube como recurso ou estratégia de acumulação econômica. Isso permitiu, inclusive, desnaturar categorias nativas geralmente idealizadas como o “amor à camisa” do jogador ao clube, mostrando como também elas se colocam a serviço da transmutação e da ampliação do capital futebolístico.

Tomando essa interpretação como base, pretendo, muito rapidamente, quase num adendo ou pós-escrito, investigar a relação entre um jogador e um dirigente: o caso Zico-Helal, que me parece absolutamente singular, em que abundam documentos, momentos de gratidão, trocas-afetivas, entre um e o outro. A força da relação entre Zico-Helal parece-me absolutamente singular, mas seu caso pode ser estendido para problematizar a relação entre jogadores e certos dirigentes. Num sentido corriqueiro, comum que certos jogadores sejam “apadrinhados” por dirigentes. Essa retórica da “casa” e da “família” é uma constante entre os dirigentes de futebol, recordo-me que o próprio João Havelange declarou um sem número de vezes que ama “Pelé como um filho”; ou que “Rildo é um filho para mim”. Outrossim, é muito difícil compreender,

pelo menos, nos limites desta pesquisa, perceber de que forma os jogadores reagem a este tipo de relação, mas gostaria aqui ao menos iluminar esta problemática a partir da relação triangular entre um dirigente e dois jogadores: refiro-me à relação entre Zico e Helal; e àquela entre Helal e Adriano.

No caso da relação entre Zico-Helalé mais do que evidente que ele o jogador transita na lógica “hierarquizante”. Incorporando os valores tipicamente ideias da ética dos dirigentes esportivos, Zico traz consigo marcado nele tudo o que se espera do atleta-ideal: os valores referentes ao trabalho, a paixão demolidora pelo Flamengo, o amor e a devoção ao clube do coração, mas mais do que isso, ele *retribui e reconhece* publicamente toda a dedicação e o esforço de George Helal. Por contraste, é necessário George Helal narra a sua relação com Adriano como incapaz que não reconhece. É importante perceber que a primeira entrevista com George Helal, quando colhi a maior parte destas informações, ocorreu em princípios de 2009. Isto é importante porque Adriano ainda estava na Europa, mais precisamente, na Internazionale de Milão, ainda que sinalizasse franca decadência na sua carreira esportiva. O “Imperador”, no entanto, não havia conquistado o campeonato brasileiro, apenas se especulava sobre o seu retorno ao Flamengo: então, ele fora até ali simplesmente um *ingrato* em todos os sentidos.

Para pensar a díade de representações sobre estes dois jogadores; lancei de forma abundante dum artigo gestado clássico: estou-me referindo a José Sergio Leite Lopes o primeiro a observar o contraste das representações produzidas sobre Garrincha e aquelas produzidas sobre Pelé. Havia, sobretudo, uma diferença marcante: se Garrincha negava uma *ética do trabalho* quase fundamentada em valores do ascetismo necessários ao esporte-espetáculo; Pelé as valorizava, o que traduzia num gerenciamento espantoso de sua própria carreira.⁵¹ Se tomarmos este artigo como base,

⁵¹ Podemos pensar até mesmo no contexto além-mar. No contexto norte-americano, o sociólogo Loïc Wacquant (2002) foi arguto em problematizar as diferenças de valores e de comportamentos no interior do *gym* entre dois lutadores. Um tem emprego fixo, o outro não. Enquanto o primeiro valoriza a ética do trabalho naquele *gym*, o outro ignora e desdenha quase tudo que seja treinamento, enfatizando seus dotes “naturais de boxeador”. Daí ele irá recuperar a oposição entre facções de classe entre proletariado e subproletariado exposta por um jovem Pierre Bourdieu ainda em Argélia – sobre os primeiros escritos bourdieanos, sugiro, de passagem o volume organizado pela Revista Etnography “Following Pierre Bourdieu on the Field”, traduzido para o português pela Revista Sociologia e Política da UFPR – para compreender por qual razão ou motivo havia diferentes formas de internalizar valores na mesma academia. Com isso, Loïc Wacquant desconstruiu o “mito indígena” de que quando mais embaixo o lugar na hierarquia social, melhor boxeador você será (quanto mais batem em você, tanto melhor você será), mostrando que a maior parte dos boxeadores era recrutada entre uma classe baixa, sem dúvida, mas que, de forma alguma, ocupava a camada mais baixa da esfera social. Para Wacquant, os membros do subproletariado teriam muita dificuldade em incorporar os valores de ascetismo necessários ao desenvolvimento pleno de uma carreira de boxeadores de sucesso. (2002: 184)

perceberiam inúmeras semelhanças entre a história de Adriano e a vida de Garrincha. À semelhança do craque de 1962, que fazia questão de voltar para Pau Grande e mesmo morar lá, a origem social de Adriano nunca foi escondida ou renegada pelo atleta, marcadas pelos sucessivos retornos à Vila Cruzeiro, “aonde é acolhido como um ser humano normal”, como costuma dizer. No polo oposto aparece a formação do próprio Pelé (e mais contemporaneamente Ronaldo e, talvez, ainda que tenha dúvidas, do próprio Zico) que não realçaria as origens locais, e sim o núcleo estrito da família – pai, mãe, irmão, avós, etc. (Leite Lopes, 1992: 15). Quando pensamos nas origens de Pelé, o que nos vem à mente é a figura de seu pai, o jogador migrante Dondinho; por outro lado, é praticamente impossível dissociar Garrincha de Pau Grande, enquanto as informações sobre sua família são limitadas. Por outro lado, de forma similar a de Garrincha, o comportamento de Adriano suscita tabus entre a imprensa; podemos mesmo enquadrá-lo numa tipologia construída por Simoni L. Guedes há algum tempo, como um “hedonista”.⁵²

Marcado pelo apelido, “Galinho de Quintino”, as representações de Zico, fazem com que ele fique marcado pelo lugar em que nasceu. Ainda assim, na imagem de Helal, Zico preenche os requisitos do atleta ideal, irrepreensível nos seus gestos e nas suas ações, que incorpora os valores do ascetismo atlético idealizado por técnicos e dirigentes; enquanto Adriano é avesso a ele, incapaz de seguir a risca os exercícios propostos por técnicos e dirigentes, quase sempre rejeitando a autoridade. Zico era descendente direto de portugueses, cujas famílias fazem, desde a tenra infância, um trabalho de forjar um senso de responsabilidade e de projeto para tudo o que diz respeito à ética do trabalho; Adriano, por sua vez, filho de pais pobres, teve, podemos imaginar, uma liberdade de circulação relativamente grande na morada da favela, fazendo amigos, soltando pipas, jogando futebol, sem obrigação de frequentar a escola. Dessa forma, é que a mesma oposição Zico e Adriano, construída na entrevista de Helal superpõe a dualidade entre o subúrbio e a favela que preexiste no imaginário social brasileiro. Enquanto o subúrbio – como exemplo, entre outros, pensamos nas peças de teatro de Néelson Rodrigues estudados por Adriana Facina (2004) e numa canção de Noel sobre a Penha: “Meu Barracão” – é apresentado como a morada *idílica* das classes populares, em que as relações de vizinhança forjam um clima de “comunidade” familiar; a favela

⁵²“Esta forma de rebeldia em que há uma utilização do corpo considerada como desregrada por técnicos e dirigentes, apenas sinaliza, muitas vezes, a manutenção de hábitos boêmios (noitadas, bebidas, farras, mulheres). Poderíamos chama-los hedonistas, cujo comportamento não é, intencionalmente, contestador. Sua classificação pela equipe dirigente, como imaturos ou irresponsáveis, tende, algumas vezes, a reforçar a relação autoritária” (Guedes, 1998: 67)

tem sido sistematicamente imaginada como o lugar que suscita o medo, habitado pelas “classes perigosas”. Por outro lado, a questão racial – quero crer – também produz importante efeito nesta dualidade, e mesmo se sobrepõe a ela, porque Zico é de origem portuguesa; enquanto Adriano é considerado “negro”. Entre Zico e Adriano há, por fim, a diferença temporal, uma vez que o primeiro é dos anos oitenta, ficou a maior parte no Flamengo, indo para a Europa tardiamente; enquanto Adriano ficou pouco tempo no clube, sendo rapidamente vendido.

Feito o introito, partimos da maneira como Helal narra a historietta de Adriano:

“Adriano, eu vou te contar a história do Adriano rapidamente. Eu, por uma questão de ofício, Adriano era juvenil comigo. Filho, ano 99, ele tinha dezesseis anos, Flamengo jogava a Taça Rio de juvenis, eram 62 clubes espalhados por várias cidades do Rio de Janeiro, e os clubes se dividiam por várias sedes, Macaé, Resende, pá-pá-pá, Flamengo ficou em Vassouras, eu fui ver os jogos do Flamengo, dever de ofício, fui ver ali, não podia ver tudo, mas ia ver, Flamengo chegou na final com o Madureira, perdemos nos pênaltis, o jogou empatou, mas o Madureira tinha Léo Lima e Souza, Léo Lima e Souza, Souza que está no Corinthians hoje, Léo Lima que tá no Vasco, dois “biriteiros”, mas tavam lá. E o Adriano jogava de lateral esquerdo, sabia que o Adriano jogava de lateral esquerdo? (Faço um não com a cabeça) Então, fique sabendo. De origem, lateral-esquerdo, um cara grandão, pernao grande, chamei o treinador o Carlos Alberto, na época de 99, eu era o **tio Helal** para os garotos, os garotos gostavam de mim, chamava o pai, orientação, conselho, isso eu dava, é...Chamei o Carlos Alberto: “Este rapaz, não dá para ser meia-esquerda?” Canhotoça, na época de 99, a moda era o Rivaldo, Rivaldo foi eleito o melhor jogador do mundo em 99, 99, Carlos Alberto colocou ele de atacante, de frente, o Anderson Barros, meu amigo, “pó Helal, o dirigente, o técnico ta inventando, botou o rapaz...” (risos) Eu chamei o treinador e vem cá: “Tá indo bem o rapaz?”. “Tá. Me dá um *crédito de confiança*”. Chamei o Adriano, Adriano, vem cá, nessa altura, você tem 16 para 17 anos, se você não quiser, você volta “Não, não”. “Chama teu pai.” Seu Almir foi lá, “Seu Almir, ele pode ter vergonha ainda”, hoje não tem vergonha de mais nada, foi lá, **hoje, nem um cartão postal ele me manda, (risos), devia mandar, né?** Aí ele foi, foi: “Não, senhor, tá tudo...” “Tem certeza? Ele pode estar envergonhado e não querer...” “Não, não, pode deixar”. Subiu pro meio dos juniores, Carlos César, que era meu treinador, que hoje é treinador do Duque de Caxias, foi treinador comigo, foi campeão comigo, nos juniores, quebramos o tetracampeonato do Botafogo, eles eram tri, nós fomos campeões em 99, Fernando jogou comigo, que hoje tá no Vasco, ele ta no Vasco, este zagueirão, era meu jogador, ele com o Juan, Fernando e Juan. Então, o Adriano tornou-se o Imperador, e o Edmundo acabou vendendo, ele o Reinaldo, que tá no Botafogo.”

Uma vez mais, as relações de parentesco são evocadas; Helal é o tio, responsável pela mediação afetiva, simbólica e muitas vezes até econômica entre os garotos e o

técnico, o clube e a família; a figura do ancião que dá conselhos sempre que é solicitado justamente pela experiência adquirida ao longo do tempo. A posição afetiva e amical suscita também a autoridade e a hierarquia tio/garotos, é Helal quem *dava* conselhos e orientações, aconselhava, e tudo o mais. A intervenção de Helal é fundamental no sentido de possibilitar o livre-desenvolvimento da carreira de Adriano a acamá-lo, garantindo o “crédito de confiança” do treinador de base. Apesar de ajudado, no entanto, o menino Adriano é; ele mesmo um ingrato, não reconhece a atuação de George Helal como um mediador responsável por sua mudança de posição. No final, todo o encantamento que cerca as relações de dádiva é reduzido à lógica do desencantamento, reduzindo à esfera do interesse, “não manda nem um cartão postal, não é? Devia mandar.” Nessa representação, enfatizam-se; outrossim, as qualidades corporais de Adriano, a potencia na canhota, a perna grande, “cara grandão” em que ele observa os capitais futebolísticos se concentram na maneira de girar e usar o corpo. Neste particular é interessante porque o uso do corpo foi historicamente percebido como atributo preferencial dos afros descendentes; que os dominam muito bem, conquanto tenham dificuldade de utilizar os atributos do espírito e do cérebro. Além disso, a ida de Adriano para Europa é fundamental; ele havia abandonado o clube do coração, sem sequer construir uma carreira sólida, conquistando títulos, etc.

A relação entre Helal e Zico, é, por outro lado, bastante antiga, documentada e duradoura, porque eles solidificaram décadas de amizade. Na década de setenta e oitenta, mesmo afastado do Flamengo, Helal era inescapavelmente convocado sempre que Zico precisasse renovar conversar mediatamente com o craque; as renovações do craque eram sempre difíceis e tortuosas considerando a cobiça dos clubes do exterior o que o fez seguidamente aumentar o prestígio entre torcedores e dirigentes. A relação de amizade entre ambos era fato público, e eu mesmo cheguei a encontrar fotos dos dois, lado a lado, no *Jornal dos Sports*, abraçados. Por outro lado, de início, seguindo a risca as relações de tipo dadivoso, em que o modo e a forma de dar importam tanto quanto o que se dá (Bourdieu, 2008: 193), a importância do segredo nessa transação foi absolutamente capital para que ela fosse construída, adquirindo solidez suficiente para que não pudesse ser desfeita quando tudo for revelado:

Padrinho do Zico que é um fato muito importante na minha história. Gosto sempre de tratar da base do Flamengo, sempre tratei, com muito carinho. Posso citar alguns nomes: Álvaro Niemayer, Ivan Drummond, Adair Blanco...Muita gente. Futebol de base não dá

nome, né? Futebol de base não dá nome, né, não aparece, mas eu gosto, eu adoro. Eu não dou futebol a ninguém, mas eu ensino, eu oriento. Eu posso orientar o menino com 15, 16 anos. Se vier o pai e falar o que eu acho e tudo. E o Zico veio ao Flamengo através do jornalista Celso García, que faleceu recentemente. Era também padrinho do Zico, como eu. Era de Quintino também, muito amigo do Zico. Conheceu a família do Zico antes de mim. Celso faleceu há, sei lá, dois três meses atrás. E o Seu Antonio, que me trouxe o Zico, me disse, com aquele sotaque português: “Ele vai ter que estudar, ele vai ter que estudar. Se não estudar, eu vou tirar ele”. Eu disse para o pai dele: “Fica tranquilo. Ele vai estudar”. E eu ajudei o Zico na preparação física dele financeiramente. Eu o ajudei financeiramente. Na época, ele não sabia, porque, se soubesse, não tinha aceitado. Mas hoje eu posso falar porque ele botou no livro.⁵³ O sacrifício que o Zico fazia de Quintino-Central, Central-Gávea, só ele mesmo. Só ele mesmo, o trabalho que ele fazia.

Ao contrário de Adriano, os valores enunciados pela entrevista concedida por Zico reconhece o trabalho do dirigente. À antítese da historieta de Adriano; aqui, é o pai de Zico quem toma as redes para conversar com Helal, recordando da importância do estudo, enquanto o primeiro só aparece depois que foi chamado pelo dirigente. Zico, ao contrário de Adriano, tem problemas com o corpo, ele não é dotado de “corpão”, ele precisa se sacrificar, apesar da habilidade futebolística, para adquirir pela via do trabalho, sendo exatamente aí que o mecenato do cartola adquire significado brecha de atuação, financiando o tratamento corporal do atleta. A habilidade de Zico passa por outras vias que não o uso do corpo como talento natural (como no caso do Adriano), mas pelo uso dos capitais futebolísticos adquiridos por meio de uma ética de disciplina, do sacrifício e do trabalho. Sobrepondo-se a oposição inicial entre o subúrbio e a favela, Helal encaixa num sistema primeiro de classificação os papéis desempenhados tanto por Adriano quanto Zico: corpo grande/ mirrado/; o dirigente que procura a família/ a família que vai até (e o vigia) o dirigente; descaso/ sacrifício; não estudo/ estudo; ingratidão/ gratidão; vergonha/ orgulho; descrédito/ reconhecimento; desonra/ honra.

Além de retribuir mediatamente entregando-se por inteiro ao manto e à família rubro-negras como ninguém, Zico retribui nominalmente ao George Helalde forma

⁵³“Aos trancos e tocos, disputei o campeonato no ano seguinte e fui o artilheiro, com vinte e sete gols. Nessa época, o George Helal começou a me ajudar, pagando do seu próprio bolso meu transporte e alimentação. E me ajudaria mais ainda na minha passagem para o juvenil, aos 18 anos.

O técnico do juvenil era o Joubert. Durante os jogos, toda vez que eu era derrubado em campo ele se levantava do banco irritado, coçava a cabeça quase arrancando uns fios de cabelo, fazia uma careta ou duas, com expressão de quem comeu e detestou, e eu nunca sabia que diacho ele estava pensando. Já andava cismado quando, um dia, ele chegou para mim e disse: - Ô Zico, é o seguinte...você é muito bom, mas com esse seu corpo mirrado não vai adiante! "Lá vem", imaginei...Só que nunca esperava a proposta que ele me fez. "Já falei com o dr. José Paula de Chaves, o médico do clube, e como Franalacci, o preparador físico. O Helal concordou em conversar com seus pais e assumir todas as despesas. Nós vamos trabalhar você, garoto! Pode ir se preparando porque, daqui para frente, sua vida vai ser dureza!" (Zico, 1993: 23)

seguida. Aqui, Zico segue a risca o preceito fundamental da *economia do dom* de que se deve dar a apenas o de retribuir, como muito bem observou Jacques Godbout, mas isto sim o de “retribuir mais”. (2000: 35). No caso limite, forma-se aqui uma verdadeira “espiral de dádivas” (2000: 210), um circuito tão forte e contínuo que a relação entre Zico-Helal passa a ser pensada como um “uno”. Isso é facilmente perceptível na entrevista que o Galinho de Quintino concedeu ao *Museu da Imagem e do Som* na série “Depoimentos para Posteridade”. Nela, juntamente com outras personalidades, entre elas, o jornalista Celso Garcia já referenciado, George Helal foi um dos convidados para realizar a entrevista. Tal convite foi percebido como uma forma de reconhecimento, como mais uma “oferta” do Zico ao próprio Helal. Zico é “uma pessoa de gratidão, uma pessoa *reconhecida*, me convidando, inclusive, hoje para participar deste depoimento” Nesta mesma entrevista, há o marcante momento, quando o jogo de despedida de Zico, “num momento muito bonito realmente, quando ele saiu do campo (...). Zico veio em direção ao meu banco e me deu a camisa; e me pediu para vestir, eu fiquei sem fala, (...) foi uma emoção muito grande.” (Helal Apud Zico). Essa “espiral de dádivas” é tão intensa e tão frequente que a família “Antunes” passa, no limite, a ser “englobada” ou a convergir com a própria família Helal, constituindo um só bloco relacional. Nesta mesma entrevista, foi Helal quem definiu:

E que é um grande orgulho de ter o Zico como se fosse um filho, principalmente pertencer à família Antunes. A família Antunes é uma continuidade da família Helal. Na nossa família tem um laço muito grande com a família dele. (...) Olha, o George Helal teve dezenas, centenas de jogadores que passaram pelas minhas mãos, todos com respeito por eles e eles por mim. Mas o Zico é o expoente disso tudo. Zico, muito obrigado por tudo. (...) O Zico pertence à minha família. Meus outros filhos adoram o Zico – o Ronaldo, o Jorginho, a Glorinha, a Cristiane, o Michele, a Dona Irene, que é madrinha dele, ama de paixão”

O resultado desta troca de dádivas é que já não se sabe quem deve retribuir a quem, forma-se um sistema de prestação total. Ao longo de todo o tempo, Zico e Helal foram estreitando um vínculo que beneficiaria a ambos. Ter formado e financiado a carreira de Zico passou a fazer parte do capital político de Helal; já, por sua vez, para Zico o alto investimento na comunidade do Flamengo fez com que ele obtivesse um sem número de retornos, inclusive, financeiros, haja vista que, como já observamos, o seu próprio salário estava relacionado a este capital de honra acumulado. Esta temática aqui colocada refaz outra, que é o da honra em circulação por meio do grupo também

aparece quando se trata dos lugares e das nomeações de salas, ginásios, etc., que são produzidos no interior dos clubes, quando o nome do doador cola àquilo que ele dá.

Vaidade, teu nome é mulher:

Existe um ditado em latim: *Vanitasvanitatumetomniavanitas*.
Significa: ‘Vaidade, teu nome é mulher’, Dirigente do Flamengo⁵⁴

No caldeirão efervescido da política Flamengo, as eleições presidenciais para o triênio – 2013 – 2015 – mobilizou boa parte da mídia eletrônica, além de inúmeros torcedores, insatisfeitos, em sua maioria, com a gestão de Patrícia Amorim. No futebol, o time atravessava uma fase negra, com jogadores medianos e fracos, lutando até as rodadas finais do campeonato brasileiro de 2012 para escapar da degola. No Rio, a torcida elegera uma responsável clara e direta: era a presidente Patrícia Amorim, pusilânime nas suas decisões, covarde em seus atos principais, a “presidente do parquinho”, com seus métodos arcaicos e amadores, a causa única do fraco desempenho do time. Nisso, uma das consequências de sua gestão considerada trágica foi o fato que ela não conseguira se reeleger vereadora, tendo tido um número muito inferior de votos ao de suas últimas campanhas.

Esse sentimento generalizado de insatisfação não atingia apenas a torcida, mas também importantes cacifes políticos rubro-negros, alijados dos principais cargos e encargos do clube. Numa das vezes em que estive com um deles, o brado e retumbante grito de guerra era claro: “A gente precisa é tirar aquela mulher de lá. Ela vai matar o Flamengo”. Para o meu pesar, essa não foi a solitária ocasião, aliás, em que tive o desprazer de presenciar frases machistas: “futebol é coisa para homem, e é um pouco por aí mesmo”, chegou a me dizer um de seus aliados antes dela ser eleita (2009), dizendo que, “embora fosse muito amigo dela”, achava que “aquilo não ia dar certo”. Outro ainda: “ela se sentou nesse sofá onde você está. Veio me pedir voto e apoio. Disse que não votava em mulher”. “O papel dela não é a de ficar dando beijo em crioulo, achando que o Flamengo é a sua própria casa”, escutei ainda noutra

⁵⁴ Graças ao meu amigo o Doutorando José Ernesto Knust, especialista em Roma Antiga, que há algum tempo vem se aventurando nos mistérios do mundo romano, consegui traduzir a expressão de uma forma mais precisa do que as disponíveis no *Google*: “Toda a vaidade é a vaidade das vaidades”. Ele me disse que é relativamente comum que, em latim, se omita uma expressão ou uma palavra. O leitor habitual de Mauss, que, como eu, nada sabe de latim, lembrará “Gift-Gift” (2003), em que o etnólogo francês esquadrinha a origem etimológica da palavra gift, aproximando-os sentidos de “presente” e de “veneno”, mostrando que, em princípio, seus significados confluíam. Nalgumas línguas, Mauss chegou mesmo a observar que havia uma palavra para simbolizar estas duas coisas aparentemente tão distintas. Nesse sentido, convém notar que a palavra “veneno”, do latim “vania”, tem o mesmo radical que vaidade, “vanitas”.

oportunidade. Num processo particular à dominação simbólica, em que os dominados naturalizam certas categorias e mesmo trabalham com elas, a própria Patrícia Amorim, apesar de, aparentemente, se insurgir contra o machismo, termina por trabalhar no plano retórico com o léxico da dominação. Numa entrevista à revista de bagatelas femininas, a *Marie Claire*, Patrícia Amorim chegou a dizer que havia casado com o Flamengo, mas que não se arrepende⁵⁵.

MC Como é trabalhar com o marido, cuidar de quatro filhos, de três escolas de natação e atuar como vereadora? Dá para namorar?

PA Pois é... é que esse marido é fantástico. Não existe em lugar nenhum um igual. Ele me defende, me apoia, me acolhe. Mas eu também me casei com o Flamengo e não me culpo por isso. Sei que nossa relação de marido e mulher ficou até para segundo plano. Mas ele vibra junto comigo. A afinidade é tanta que ele fala o que eu estou pensando, antes de mim. É impressionante. Somos opostos complementares. Ele é impulsivo, exigente, autoritário. Eu não: sou permissiva, tenho uma superpaciência, engulo sapo, tenho a maior dificuldade em ser dura, sabe?

Nos meios de comunicação, o machismo era tão ridículo que jornalistas considerados sérios chegaram ao cúmulo de publicar, como se fosse uma notícia “verídica”, que quem governava o flamengo era, de fato, o marido “tricolor” de Patrícia Amorim. De qualquer forma, marcado esse ideal de honra, o cotidiano do mundo dos dirigentes toma como regimento o signo da virilidade e da masculinidade, em que valores como a coragem, o olho-no-olho, a palavra, etc., são considerados cardinais.

Enquanto entrevistava um dirigente, o telefone tocou interrompendo a entrevista, quando me ausentei, desligando o gravador para liberá-lo. Quando terminou de falar, interpelou: “Era minha namorada. O velhinho ainda namora, hein?”. Este caso, porém não é o único, tampouco atípico: outra vez, um presidente do Fluminense que entrevistava narrava orgulhoso seus feitos com as mulheres na juventude. Contava também com um misto de glória e preocupação os feitos de seu neto “que, aos treze anos, já dava até beijo na boca” e de seu filho “que, apesar de ser um ótimo goleiro, nunca deu certo porque sempre fugia dos jogos por causa das moças...”. Certo gosto

⁵⁵Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI125025-17735-00-CASEI+COM+O+FLAMENGO+E+NAO+ME+CULPO+POR+ISSO.html> acesso às 14: 31, em 06/01/ 2013. Citação completa:

estético de alguns presidentes por palavrões também ilustra a chefia como uma área reservada masculina. Nas entrevistas, os palavrões são usados de forma abundante e maciça como interjeições, como adjetivos, e como substantivos até: “porra”; “merda”, “filha da puta”. Para dizer o evidente não custa lembrar que, na sociedade contemporânea, os palavrões são praticamente interditos às mulheres; sendo seu uso passível e possível em ambientes em que a predominância axiológica do masculino é evidente – os bares, os estádios de futebol, etc.

Ainda assim, esse ideal que hiperboliza a faceta da honra e da virilidade é flagrante, em particular na recém-lançada biografia de Eurico Miranda quando os elementos sobre o que dissemos até aqui de forma até certo ponto impressionista, abundam. Num trecho revelador, o biógrafo faz perguntas sobre a relação de Eurico com a sua família e a sua relação passada com as mulheres que conheceu antes da esposa. Entre colchetes, para não atrapalhar o fio da narrativa, mantive as perguntas do entrevistador, o biógrafo Sérgio Frias, ao passo que as falas de Eurico estão corridas:

[Você gostava de frequentar a noite?] Se eu ia para um baile, uma festa, eu ia, tudo bem, sem problema. Agora deliberadamente eu sair, perder uma noite, duas, três, quatro horas, sentado em um bar, jogando conversa fora. Aí não dá. Nunca gostei de sair à caça com uma menina e ficar três horas conversando, primeiro que eu tinha um objetivo só. [Você ia direto ao ponto?] Não eu ia na tentativa, não ia direto. Uma coisa é você ir na tentativa, outra coisa é ir no abate. [Mas você já sabia o que ia acontecer no fim?] Não, tinha meu objetivo, nem sempre conseguia. [Você era tipo galã?] Não eu era um tipo que me abria todo. Tem aquela história de que você faz a fama e deita na cama. Você sabe que mulher gosta de contar as coisas. Passa de uma a outra e sempre aumenta. Aumenta tudo. [Antes de casar, você fez a festa?] Fui um bom abatedor. Tinha facilidade, não era... O conquistador tem problema também. Eu era um cara recolhido. Quer dizer, ninguém nunca soube, ninguém nunca sabia. [Nesta época, você levava as moças para onde?] Ah, para qualquer lugar.” (Miranda Apud Frias, 2012: 379-385) “Separação, isso nunca passou pela minha cabeça. [Eu sei que não passou pela sua cabeça] Nem pela minha, nem da minha mulher. Eu sou um cara diferente à beça. Eu já disse que eu sou do tipo de sujeito que se eu for em um analista, o cara vai começar a falar comigo e eu estou deitado no sofá. Meia hora depois está invertido, ele no sofá e eu falando. Eu nunca tive briga com a minha mulher, crise com a minha mulher, eu nunca tive nada disso. [Mas você poderia falar mais da sua mulher] A minha mulher é uma cabeça aberta. Tem um curso universitário, é formada em Letras. Tem vontade própria. Mas, rapaz., eu

nunca fiz porra nenhuma. Eu fiquei dois anos em Brasília e a minha roupa ia toda embalada sempre que eu i lá: camisa, cueca, meia. Tudo separado e sempre embaladinho. Eu saio de casa e ela só me pergunta se eu vou sair de terno e gravata ou vou sair ‘esporte’. E aí minha roupa tá toda separada de manhã. Eu fui bem tratado. Eu tinha estrutura e sou bem tratado. Educação, basicamente, é exemplo. (Miranda Apud Frias, 2012: 170-175)

Esses discursos mostram o quanto esse ideal da honra é valorizado entre os dirigentes de futebol, mas eles aparecem envolvidos numa lógica da redistribuição. Correndo o risco de efetuar uma simplificação grosseira, no Clube de Regatas do Flamengo existem, em linhas muito gerais, há pelo menos quatro decênios, dois projetos antagônicos que se alternam à frente do poder: de um lado, há os que privilegiam o clube – o “Flamengo da sede” –, o associado e os esportes olímpicos; d’outro, os que defendem que o Flamengo nada mais é do que um clube de futebol – “o Flamengo do Maracanã” –, devendo servir à sua torcida com um time forte e competitivo⁵⁶. Embora indivíduos migrem dum lado ao outro com certa facilidade e facções sejam formadas e pulverizadas na sequencia diante de reme-e-reme da honra e dos diz não diz do prestígio, tais projetos se digladiam e se alternam à frente do poder há tempos. No intuito claro e manifesto de recuperar a importância do futebol-Flamengo, o presidente Márcio Braga começou a organizar e articular a oposição em torno do Movimento *Ocupe o Flamengo* para retirar o clube do estado de letargia e inação em que se encontrava. Com apoio de empresários conceituados nos seus ramos de atuação – Rodolfo Landim, Carlos Langoni, Flávio Godinho, Luiz Eduardo Baptista –, Márcio Braga articulou politicamente o que viria a ser a Chapa Azul, prometendo dar um salto de qualidade no Flamengo. Na internet, a mobilização torcedora era quase sem fim: por meio de sítios, blogs e através das redes sociais, o espaço de discussão da política futebolística extrapolava e muito o circuito fechado das salas do Conselho, avançando para numero significativo de torcedores que debatiam o rumo do clube.

Essa mobilização torcedora organizou inúmeros debates entre os candidatos à presidência transmitidos ao vivo pela internet, mas que os torcedores podiam participar

⁵⁶ Num primeiro momento, foi a entrevista com Antônio Augusto Dunshee de Abranches indicou este padrão, mas basta ver que certos nomes estão sempre em oposição, em lados opostos, para perceber este modelo desportivo em confronto. Se não vejamos o que ele me disse: “Flamengo da sede e o Flamengo do Maracanã. Sempre é uma disputa agora. Você vê agora a Patrícia, ganhou o Flamengo do clube. Mas os últimos presidentes do Flamengo sempre foram do futebol; e a Patrícia acabou sendo eleita, sem nunca ter militado no futebol profissional. E ela está lá, fazendo o trabalho dela, com muito esforço”.

in loco caso tivessem interesse, já que eles eram abertos ao público mediante inscrição. Num modelo que mimetizava os debates tradicionais entre os políticos, era curioso perceber que a maior parte dos envolvidos ali não eram sócios do clube, muito menos aspiravam a sê-lo – o Flamengo tem pouco mais que cinco mil sócios – mas todos julgavam ter opinião formadas sobre quem era o melhor candidato. Sempre fui intrigado, aliás, por qual razão os candidatos à presidência do clube espalhavam pela cidade panfletos, fotos, *outdoors*, como se os cariocas fossem em massa “naufragar” os votos nas urnas de vermelho-e-preto⁵⁷. Nada disso me interessa em particular, mas o fato é que frequentei inúmeros destes debates, além de assistir outros tantos pela televisão. Num deles, o candidato Maurício Rodrigues, filho do ex-presidente e médico Hélio Maurício Rodrigues, que depois abrindo mão de sua candidatura para compor a chapa de Jorge Rodrigues, abriu sua fala assim:

Aquele Ginásio lá, lá da Gávea, tem o nome do meu pai, *Ginásio Hélio Maurício*, mas a administração tem tanto respeito pelo passado, que resolveram mudar o nome dele, virou ‘Hélio ‘aurício’, o ‘M’ caiu.

No quartel general rubro-negro, o espaço social de afirmação simbólica do “centro como centro” (Geertz, 1978), há uma série de homenagens aos membros destacados do clã: entre eles, os espaços principais Cláudio Coutinho e Togo Soares, e os presidentes Fadel Fadel, Gilberto Cardoso e Hélio Maurício. Há, ademais, um sem número de salas menores que homenageiam figuras notáveis do clube, mas a disputa entre quem será homenageado e o porquê da produção destas disputas políticas. A produção destes “lugares de memória” nunca está descolada das querelas de prestígio, fazendo parte do cotidiano do político dos clubes de futebol. Enquanto escrevia, houve na mídia impressa um acalorado debate a respeito do Estádio Olímpico João Havelange, com jornalistas importantes e renomados, defendendo que o nome fosse alterado para João Saldanha, reforçando o repúdio às práticas corruptivas do primeiro à frente da *Federação Internacional de Futebol*. Mais ou menos nesta mesma época, prova de que também essa memória é atravessada por lutas e por contradições, tive a oportunidade de assistir uma sessão de aniversário do Conselho Deliberativo do Fluminense, quando

⁵⁷ Nessa eleição, um dos candidatos, Jorge Rodrigues, declarou ter gasto mais de três milhões de reais em material de divulgação e de campanha, pouco menos da metade do valor da campanha de Marcelo Freixo à prefeitura do Rio no mesmo ano, por exemplo, que declarou ter gasto em torno de oito milhões. Essa forma distinta de fazer campanha, abrindo-a aos torcedores, se inicia ainda em finais da Ditadura Civil-Militar, como pretendo mostrar no capítulo a seguir.

Peter Siemsem pronunciou o nome de Havelange, este foi aplaudido uníssono por boa parte dos presentes.

À frente da Gávea, a estátua de Gilberto Cardoso parece querervigiar e saudar os que cruzam e os que adentram na sede social da Gávea. Segundo a interpretação de Roberto Da Matta (1997: 144-145), a proximidade imaginária entre os mortos e de vivos na sociedade brasileira “reforçaria a tese de que as relações são mais importantes do que os indivíduos, e, ainda que esse selos sobreviveriam à destruição do tempo e da morte”; exatamente, por isso, “o pai morre, mas a sua relação com os filhos continua”. Num sentido positivo, Gilberto Cardoso Filho herdaria de seu pai não apenas o clubismo, mas os capitais políticos de seu próprio pai no interior do Clube de Regatas do Flamengo. Convém recordar que Marcel Mauss havia observado a origem ambígua do termo “gift” poderia significar, nas línguas latinas, tanto “presente” quanto “veneno”⁵⁸; uma vez aceitos os capitais, Gilberto Cardoso Filho, precisava honrar, justamente quando foi eleito presidente já nos anos oitenta, a todo o tempo o “nome” e o “significado” do seu pai, sob ele pesava uma responsabilidade ainda maior. Enfim, quando o clube foi assolado por uma crise de resultados, os dirigentes rubro-negros da oposição não pouparam nem os mortos, o presidente foi rapidamente convertido no “filho da estátua”. Esses locais de consagração aos que se foram tem, por conseguinte, muito mais *vida* do em geral se supõe, uma vez que eles estão inadvertidamente encapsulados pela relação que suscitam, sendo incorporados ao jogo da política.

Sendo assim, será preciso insistir uma vez ainda na ideia de que os dirigentes representam suas relações com seus próprios clubes como atos de benemerência, regulados pela moral da dádiva e do dom, cujo ato de dar implica sempre o de receber e o de retribuir, formando um *circuito* contínuo de trocas. Esses locais de homenagem constituem a parte fundamental deste momento do “receber”, do reconhecimento público e coletivo, a prova de minerva se o que se fez é digno (ou não) das honras. É essa ideia de circuito-troca-coletivo que é enfatizada numa entrevista de Francisco Horta:

⁵⁸ “É inútil evocar aqui um grande número de temas de direito e de mitologia germânicos. Mas vê-se que em parte alguma a incerteza sobre a natureza boa ou má do presente pode ser maior do que em usos deste gênero onde os dons consistiam essencialmente de bebidas tomadas em comum, em libações oferecidas ou a retribuir. A bebida presente pode ser um veneno; em princípio, salvo sombrio drama, não o é; mas sempre pode vir a sê-lo. Em todo o caso, é sempre um encantamento (o termo gift conservou este sentido em inglês) que une para sempre os comunicantes e que sempre pode voltar-se contra um deles se infringiu o direito. O parentesco de sentido que une gift-presente e gift-veneno é, portanto, de fácil explicação e torna-se natural”. (Mauss, 2009: 366)

Eu digo sempre: a coisa mais feliz é a gente ser ex: é a mais feliz. O que é ainda está para ser, o que foi, já conseguiu ser. Entende? Veio o Presidente Murgel aqui inaugurar a sala com o nome dele. Foi o homem mais feliz de todos os presentes. Porque ele percebe que se fez a ele. Mas ele não podia, ele próprio fazer uma autojustiça. Não podia chegar aqui e botar uma placa com o nome dele. Ficaria ridículo. Mas merecia. E aí vem um e diz que ele merece. Fantástico. (09/10/1975).

As disputas de prestígio⁵⁹, que são traduzidas em linguagem nativa simplesmente como “a ciúmeira”, é mais do que generalizada. Em 1977, o finado colunista do *Jornal dos Sports*, Ruy Porto noticiava no Fluminense Futebol Clube uma sala que não se conseguiu batizar, já que grupos distintos tinham em vista homenagear personagens antagônicos. É interessante perceber que há uma espécie de colagem entre o que se dá ao clube e o que se homenageia. Num padrão instigante de retribuição e reconhecimento, Gilberto Cardoso, por exemplo, que “deu a vida” para o Flamengo e para o esporte no Estádio Maracanãzinho, fez com que o estádio fosse rebatizado em seu nome; já Fadel Fadel que erigiu o Parque Aquático rubro-negro também teve sua retribuição garantida; George Helal, que ajudou a comprar o terreno de Vargem Grande, e assim por diante. Dessa forma, ninguém menos que o próprio George Helal quem haveria de me explicar este tipo de homenagem:

Hoje a sede do Flamengo existe porque eu, daí vou botar na primeira pessoa, não é nós, sou eu, evidentemente, eu e os meus amigos. Hoje aquela sede existe, do Flamengo, foi o trabalho que eu fiz. Existe o Centro de Treinamento, porque eu construí. E tem meu nome. É oficial nos papéis: Centro de Treinamento George Helal. Ninguém fala. Todo mundo só fala: ‘Ninho do Urubu’. Veja bem: você conhece o nome do Maracanã? Você deve saber? Como é o nome do Maracanã? Luiz: Mário Filho. George Helal: Como é o nome do Maracanãzinho? Luiz: Não sei. George Helal: Gilberto Cardoso. Como é o nome do Engenhão? Luiz: João Havelange. George Helal: Você sabe, você acompanha, mas a maioria não sabe. E assim por diante. E o Morumbi é o Cicero Pompeu de Toledo. E o meu nome vai sair nos anais. Nas placas. Eu comprei quer dizer, o Flamengo comprou através de uma pesquisa e está lá. A gestão do Márcio Braga conseguiu terminar e isso é um mérito que ele tem. Me aborreci muito com o Gilberto, que não fez. Márcio não: vou fazer. Hoje já tem quatro campos, em que as categorias de base treinam. Já tem o vestiário. Digamos, tem 25 % por cento pronto.

⁵⁹ “As relações simbólicas de força são relações de força que se instauram e se perpetuam por intermédio do conhecimento e do reconhecimento o que não significa dizer por meio de atos intencionais de consciência: para que a dominação simbólica seja instituída, é preciso que os dominados tenham em comum com os dominantes os esquemas de percepção e de apreciação segundo os quais uns e outros são percebidos reciprocamente” (Bourdieu, 242: 2007).

Como, muitas vezes, essas obras atravessam gestões a fio, há pouco ou nenhum consenso sobre qual dirigente foi mais importante para esta ou aquela obra, ficando difícil eleger um responsável direto. É sintomático, neste ponto, o caso da construção do Centro de Treinamento em Xerém e do processo de aquisição do terreno me parece paradigmática. Trata-se de uma obra iniciada ainda no início dos anos oitenta, com o médico Sylvio Kelly, mas cuja inauguração só se dá em finais de 1994, com a gestão do médico Arnaldo Santiago. Apesar do relativo reconhecimento geral do mérito do advogado Sylvio Kelly e de João Havelange na realização do feito, todos proclamam para si participação importante na obra e, no mais das vezes, decisiva para a consecução da obra. Graças à intermediação de uma das amigadas notória e notáveis de João Havelange, General João Baptista Figueiredo, que, àquela altura, acumulava os cargos de presidente do Brasil e de presidente de honra do Fluminense, intercedeu para doação, em regime de comodato, o terreno. Sylvio, como ele próprio me confessou, “fez de tudo para o Havelange ganhar o nome do Centro de Treinamento”, mas acabou ele mesmo sendo homenageado nos papéis: *Centro de Treinamento Sylvio Kelly dos Santos*.

O problema é que, depois deste *ato inaugural*, reconhecido por todos, os dirigentes que trabalharam neste ínterim assumem para si os méritos de Xerém. Numa delas, quando um deles assumiu quase sozinho a autoria do Centro, não resisti a interpela-lo, “Mas você foi presidente em 1980, e o campo ficou pronto em 1990, não é?”. “Não é nada disso: é que você não sabe, durante todo este tempo, eu sempre supervisionei o processo. Sempre fiz tudo de longe”. No caso de Xerém, as disputas de prestígio são tão intensas que, nessa mesma entrevista, quedei estarrecido e bastante empolgado, quando o entrevistado disse que “iria me revelar algo em *off*, quando acabasse”. Como se me revelasse outros daqueles segredos de polichinelo, ele simplesmente sacou da gaveta uma revista da FIFA, que continha uma reportagem de cinco páginas sobre o Centro de Treinamento. Com um orgulho espantoso, ele me disse que “foi o Havelange quem colocou esta matéria na revista”, e que, em Xerém, “os jovens tinham de comer, estudar, lugar para ficar, e que o Fluminense fazia tudo por eles”. Fiquei surpreendido como algo tão trivial podia parecer envolvido numa áurea de sacralização, como se estivesse ali diante de mim, o *Santo Graal* tricolor.

“Mérito do Silvio, mas também fui importante”, diz Fábio Egypto. “O Fluminense ia perder o terreno, e eu precisei intervir”, completaria ainda Ângelo Chaves. O próprio questiona ainda o silêncio e o apagamento da memória através dos

quais certos fatos são apagados: o papel decisivo do senador cassado Luís Estêvão, que doou sacos de cimento e muito dinheiro para a obra, é quase sempre borrado. “Ele roubou e tudo, foi cassado, mas fez muito pelo Fluminense e tem que falar: porra”, esbravejando. Gil Carneiro de Mendonça foi sofista: “Você sabe quem é o responsável por Xerém?”, me perguntou. Depois que balancei a cabeça em negativa, pensando balbuciar os nomes de Havelange e Figueiredo, disse: “Fui eu. Fui eu quem conseguiria aquele terreno”. Dando a César o que é de César, Gil Carneiro de Mendonça logo reconheceria: “Agora, todo o mérito de Xerém é do Sylvio Kelly. Sylvio Kelly é o que começou, o cara virou, mexeu, conseguiu tudo o que é possível”. Especularíamos ainda o que diriam: se fossem vivos, Manuel Schwartz e Arnaldo Santiago, justamente aquele que inaugurou o Centro, sobre sua participação ativa (ou não) neste processo.

Seria cômodo escapar ela tangente, dizendo que todos os dirigentes contribuíram para a construção do Centro do Treinamento, o que não deixa de ser, mas toda a diversão faz pô-los a se digladiar numa batalha sem fim e eternamente sem vencedor, mimetizando um “torneio de valor” (Appadurai, 2000) para ver afinal quem terá mais, em momento ulterior, honra, prestígio e reconhecimento. Existe um caráter propriamente agonístico destas prestações, pois o “princípio da rivalidade” está na base de todas as relações, como fundante de uma disputa hierárquica, que é quase sempre “usurária e suntuária”. (Mauss, 2003: 124). Numa imagem maussiana, os presentes oferecidos à torcida – e eles podem ser diversos, desde até o recrutamento dos melhores jogadores, passando pelos títulos, até a construção de centros de treinamento – carregam o “espírito do doador” firmando um vínculo de almas àqueles que se dão: o clube e a pessoa. Ainda que as ideias não correspondam aos fatos, muito em face dos artifícios da memória, que é sempre envolta em lutas simbólicas e batalhas pela classificação, os torcedores do Flamengo nunca deixarão de imaginar que Márcio Braga é o “presidente campeão mundial”, ou que George Helal, “é o presidente que ajudou o Zico”, e assim sucessivamente. Também os feitos negativos colam àqueles que engendram um ciclo de reciprocidade às avessas: “o presidente que venceu o Zico”, “o presidente do rebaixamento”, “o presidente do jejum” são categorias utilizadas para denominar tantos outros. Daí, que a relação entre os presidentes e as dádivas, não são inertes, mas em movimento, porque se produz:

Um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é uma alma. Donde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é

apresentar algo de si. Em segundo lugar, fica mais clara a natureza mesma da troca por dádivas, de tudo aquilo, que chamamos prestações totais, e, entre estas, o *potlatch*. Compreende-se logicamente, nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que é na realidade parcela de sua natureza e substancia; pois aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente (...). Enfim, a coisa dada não é uma coisa inerte. Animada, geralmente individualizada, ela tende a retornar ao que Hertz chamava de seu 'lar de origem' (Mauss, 2003: 200)

Noutros segmentos da vida social e política brasileira, as benfeitorias promovidas pelos políticos raramente afiguram-se como o cumprimento de um dever do ofício, mas, porque embevecidas numa lógica simbólica da doação, são vistas como atos de doação, produzir o vínculo entre o doador e o recebedor. Estes fatores apontados são indicativos de um *modus faciendi* do político estruturado de uma maneira muito distinta do modelo individualista, que é considerado clássico ou normativo pelas ciências sociais, em que a relação entre a sociedade civil e a sociedade política fundante se estabelece tomando como a díade zero entre direitos e deveres.

Nela, o modelo da política é fundamentado numa outra lógica, acima de tudo, hierárquica, que é organizada em torno de duas categorias evidentes e unitárias: existem privilégios porque existem obrigações. No caso dos dirigentes de futebol, esta relação aparece transposta, sendo mesmo convertida no regimento dos clubes – *os Estatutos dos Clubes*. Neles, mesmo naquilo que deveria ser a letra da lei, não há igualitarismo, enunciando direitos e deveres, mas hierarquia e honra, com um sistema muito complexo de classificação, articulado à lógica da benemerência, em que cada dirigente é congratulado d'acordo com seus sacrifícios prestados por sua atuação no clube.

O festival das hierarquias:

Se há algo que vem sendo sistematicamente ignorado pela bibliografia sobre o futebol brasileiro é o fato de que existem diversas formas de se associar a um clube de futebol, em que cada uma delas implica certo número de *obrigações* e de *privilégios*. Conforme ilustra o quadro a seguir, existem várias maneiras de se associar às agremiações esportivas são construídas em torno de uma dupla gradação que é, simultaneamente, econômica e simbólica. Montei o quadro a seguir tomando como tipo

ideal o caso rubro-negro (Estatuto 1992), mas é preciso ter em mente que tais formas variam clube a clube, mas há forma-hierarquizante domina em praticamente todos os clubes que conheci.⁶⁰

⁶⁰ Para mais informações sobre este modelo em outros clubes consultar a dissertação de Donato (2012).

TITULAÇÃO:	REQUISITOS:	PRIVILÉGIOS:
Grande-Benemérito	Prestar serviços por período igual ou superior a dez anos, contados a partir da concessão da benemerência, “a juízo do poder competente”.	Participar do “Conselho dos Grandes Beneméritos”; apto a ser candidato à presidência do clube; isenção de contribuição de caráter permanente; possibilidade de transferência do título a descendentes;
Benemérito	Prestar serviços significativos ao clube por período igual ou superior a cinco anos a partir da concessão da emerência, a “juízo do poder competente”	Apto a ser candidato à presidência do clube; isenção de contribuição de caráter permanente; possibilidade de transferência do título a descendentes;
Emérito	Prestar serviços significativos ao clube por período igual ou superior a cinco anos a partir da aquisição do título de sócio, a “juízo do poder competente”	Apto a ser candidato à presidência do clube; isenção de contribuição de caráter permanente; possibilidade de transferência do título a descendentes;
Laureado	É o sócio que tenha sido campeão individual pelo Flamengo durante cinco anos consecutivos, competindo pelo Flamengo; ou aquele que tenha sido campeão durante três anos consecutivos ou cinco alternados, desde que o FLAMENGO também tenha sido campeão na modalidade esportiva disputada nos mesmos anos pelo atleta. São condições para que o atleta permaneça, pelo menos, dez anos como filiado ao FLAMENGO e que seja aprovada sua indicação pelo Conselho Diretor.	Isenção de contribuição de caráter permanente;

Honorário	É aquele a quem este título for conferido pelo poder competente, como homenagem especial, em atenção a assinalados serviços prestados ao FLAMENGO ou ao desporto nacional	Isenção de contribuição de caráter permanente;
Remido	É o sócio que completar cinquenta anos ininterruptos de vida associativa no FLAMENGO, ficando isento de pagar qualquer contribuição social	Isenção de contribuição de caráter permanente
Proprietário	É o sócio cujo título, com esta designação, é equivalente a uma fração ideal do patrimônio líquido do FLAMENGO na proporção do número de membros desta categoria Observação: Para ser sócio proprietário, é necessário ser, durante cinco anos, sócio patrimonial, em condição de “haver disponibilidade”	Apto a ser candidato à presidência do clube; isenção de contribuição durante cinco anos; isenção de contribuição permanente a quem era sócio proprietário (antes de 1992)
Patrimonial	É o sócio cujo patrimônio é constituído, exclusivamente, pelo valor do título	Votar para a presidência; frequentar o clube
Contribuinte	É o sócio admitido a este título no quadro social Observação: Tanto para categoria de Sócio-Patrimonial quanto para Sócio-Contribuinte, é necessário um parecer da “Comissão de Sindicância”.	Votar para a presidência; frequentar o clube
Atleta	É o sócio inscrito nesta categoria por indicação do Departamento de Educação Física e Esportes Amadores, enquanto estiver apto a competir pelo FLAMENGO	Isenção de contribuição; votar para a presidência

Nada seria mais equivocado do que – e é preciso enfatizar isto novamente – ler esta distinção estatutária dos associados como leis normativas que estabelecem uma distinção entre direitos e deveres, característica do sistema igualitário. O que está em jogo neste sistema de classificação, em revanche, são obrigações e privilégios, honra e desonra, hierarquia e prestígio. Não há dúvida acerca da presença do que o antropólogo Louis Dumont definiu como uma “ideologia hierárquica” que demarca, limita, e, sobretudo, classifica os associados nas agremiações clubísticas. Este jogo de classificação, que mimetiza também uma luta por status, tem poder performático, pois pertencer a esta ou aquela categoria garante de prontidão um prestígio, um capital que é crucial no jogo político dos clubes. É forçoso reconhecer uma vez ainda, apoiando-nos na senda aberta por Marcel Mauss e Emile Durkheim (2003), que acreditamos existir uma circularidade contínua entre as classificações produzidas – as representações coletivas – e as práticas sociais. Ser, portanto, um Benemérito é adquirir *status* suficiente para opinar no dia-a-dia do clube, influenciando nas decisões de poder do clube. Mais do que simplesmente prestígio, é reconhecer ter uma obrigação com o clube assegurada pela honraria máxima auferida que se tem: “é hoje que começa sua obrigação com o Fluminense”, foi justamente o que disseram a Gil Carneiro de Mendonça. Noutra ocasião, lembro, em particular, de uma reunião que assisti do Grupo *Ocupa Flamengo*, quando Márcio Braga abriu a sua fala da seguinte forma: “Tem algum Grande-Benemérito aí presente? Se tem, *suba* aqui e sente-se à mesa”. Neste sentido, mesmo o uso do verbo “subir” para distinguir os que estão em baixo e os que estão em cima indicava a transformação de status e de honra imediatamente realçada pela distinção concedida. Nessa mesma reunião, desembargador Walter D’Agostino estava presente, quando foi praticamente impelido a discursar, mesmo admitindo que nada tinha para dizer: o Grande Benemérito torna-se imediatamente um porta-voz autorizado que reconhecido pela comunidade como alguém obrigado a falar.⁶¹ Diversos entrevistados fazem, inclusive, sem o perceber confusão entre a palavra dirigente e da palavra benemérito, misturando-as como se os dois significassem exatamente a mesma coisa:

⁶¹ “O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. As leis da física social escampam apenas aparentemente às leis da física, e o poder logrado por certas palavras de ordem em obter trabalho sem dispendido de trabalho – e nisso consiste a ambição da ação mágica – encontra seu fundamento no capital acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.” (Bourdieu, 1996: 91).

Eu sou um Grande-benemérito que é a maior *honraria* que o clube dá. Eu, sem ser o mais velho, sou o mais antigo grande benemérito. Ganhei a grande-benemerência em 85 (...) Quer dizer, Flamengo tem emérito, depois de cinco anos, se você continuar trabalhando, pode tornar-se benemérito, depois de dez anos de benemérito, você pode ser grande-benemérito. Eu fui benemérito em 74, em 1985 eu me tornei grande-benemérito Hoje são... Só o Richer que está vivo comigo, que é grande-benemérito junto comigo. Os outros todos, Márcio Braga, tudo é 93. Devem ter 26, 27, dirigentes Grandes-Beneméritos.

Tal argumento é coextensivo ao que vamos chamado de uma economia política da honra, justamente porque essa ideia de *benemerência* evoca a ideia de honra, sacrifício, doação – “aquele que é digno de receber honras”, segundo a definição do Dicionário *Aurélio Buarque de Hollanda*. Dessa forma, o que existe no interior dos clubes é um ciclo de ascensão à honra e de disputa por ela e que faz mesmo lembrar o *cursushonorum* pelo Senado Romano tão bem estudado por Paul Veyne (1976). Nesse sistema honorífico, a dádiva-angular deste sistema de honra é, como já o ressaltamos, o tempo. Como diria Pierre Bourdieu, o tempo é a única prestação que não pode ser adquirida no mercado das trocas exclusivamente econômicas, pois todo tempo dispendido é tempo nunca-recuperado. Nesse sentido, existem honras que estão quase única e exclusivamente ligadas à “ação do tempo”, como o fato de ser sócio Remido, que implica o pagamento, durante cinquenta anos a fio, da mensalidade ao clube. Mas para aceder às honras mais importantes dos clubes, é preciso engajar-se durante um tempo considerável nas disputas de prestígio da casa, participando do dia-a-dia da disputa política do clube: a incerteza e a angústia que separam o dom e o contradom, pois nunca há a garantia de que será agraciado, por mais que se faça ao clube.⁶²

Outro valor cardinal deste sistema de honras é a *fidelidade*. Nesse quesito, o etnólogo Christian Bromberger e o antropólogo Arlei Damo já há muito tem observado como a fidelização do torcedor ao clube é o que faz mesmo mover o modelo da associação – “fidelidade, amálgama do clubismo”, escreveu o antropólogo gaúcho –; mas entre os dirigentes-torcedores tal modelo adquire caráter agônico, engendrando uma disputa de status, fazendo parte do cotidiano da política do clube. Nalguns casos extremos, tratados com desaprovação severa, em que um dirigente ou atleta é honrado

⁶² Daí que: “é o *intervalo temporal* entre o dom e o contra-dom que permite ocultar a contradição entre a verdade desejada do dom como ato generoso, gratuito e sem retorno e a verdade apreendida pelo modelo, aquela capaz de convertê-lo em momentos de uma relação de troca transcendente aos atos singulares de troca”. (Bourdieu, p. 234: 2007)

com título pelo clube enfrenta o seu clube de origem de seu título, a honra é imediatamente cassado. Na história recente do Fluminense, houve dois casos em que o título chegou a ser suspenso: uma atleta do basquete que migraria para o arquirrival da Gávea e um olheiro que passaria a recrutar jogadores para o Botafogo de Futebol e Regatas. (Entrevista com Gil Carneiro de Mendonça, 2012). Segundo relatos de outros dirigentes, cogitou-se que o próprio Francisco Horta, por ocasião de sua breve, mas escandalosa, passagem pelo Clube de Regatas do Flamengo, tivesse seu título de Benemérito suspenso, o que acabou não acontecendo.

No caso do Fluminense Futebol Clube, apesar do sistema em sua totalidade funcionar sem grandes diferenças para os demais, há uma distinção que merece ser mencionada em relação ao Clube de Regatas Flamengo. Neste caso, existem duas modalidades de ser consagrado como sócio renomado: o Benemérito Dirigente e o Benemérito Atleta, sendo o segundo eleito exclusivamente pelo seu somatório de pontos, cuja forma-modelo de contar está determinada pelo próprio Estatuto, enquanto o primeiro é escolhido como no Flamengo por meio de uma votação e por uma análise de currículo. Dessa forma, Sylvio Kelly dos Santos quem noticia:

O Fluminense é um clube muito seletivo – você veja que apenas eu [Sylvio Kelly] e o João Coelho Netto, o Preguinho, você sabe quem foi o Preguinho, não? Apenas eu e mais dois tem estes dois títulos de Grande-Benemérito por serviços prestados e de Grande-Benemérito Atleta. Nem o Havelange, nem o Marcos Carneiro de Mendonça, nenhum deles tem.

Nesse sistema hierárquico somente *um* indivíduo pode ser eleito Grande-Benemérito por serviços prestados por ano; não há nenhum limite para o número de Grande-Beneméritos Atletas, mas é curioso notar que a figura do Benemérito Atleta vem se tornando completamente anacrônica em face à espetacularização dos esportes de uma forma ampliada (Marchi Jr., 2008), em que os desportistas, de quase toda modalidade, transitam com muita frequência entre os clubes, ficando pouco tempo na maior parte deles. Neste particular, o modelo do esporte-espetáculo se choca com o paradigma da associação, que toma por base o modelo da doação do *tempo* e da *fidelidade*, valores muito distintos da prática esportiva de alto rendimento. (Damo, 2007) Com tristeza, o Grande-Benemérito Atleta, Gil Carneiro de Mendonça noticia “que não há nem mesmo um funcionário no clube que saiba contar os pontos, pois o último que sabia faleceu tem pouco tempo”. Há mesmo uma confusão entre o caso do funcionário confunde-se com o esvaziamento simbólico do título provocado pela

espetacularização esportiva. Na Cerimônia de Concessão de Benemerências que assisti no próprio *Salão Nobre* das Laranjeiras, não houve concessão do título de *Benemérito-Atleta* ou *Grande-Benemérito Atleta*.

Nesse sentido, é interessante observar como este sistema de classificação dos homens não é inerte temporalmente, mas vivencia uma constante mutação já que sua existência está relacionada às lutas simbólicas pelo direito de poder classificar, do “jogo de classificações” (Bourdieu, 1979). Neste quesito, defendo a hipótese de que a figura do sócio “benemérito” tenha emergido como uma resposta não consciente à disseminação do esporte-espetáculo e a ampliação do número de sócios nos clubes, tendo se difundido como lei nos anos 1930-1940.⁶³ Dessa forma, a figura do Grande-Benemérito pode ter surgido, com variações de clube-a-clube, um pouco depois, já nos anos cinquenta. Por contraste, quando estive no Itanhangá Golfe Clube com Fábio Egypto – Grande-Benemérito do Fluminense, ex-presidente do clube e ex-presidente do Itanhangá Golfe Clube – se havia uma distinção semelhante, mas ele tentou notadamente escapar do assunto, dizendo tão simplesmente: “Aqui é muito diferente”. Neste clube, há um pequeno quadrinho à sala de recepção, com a lista dos poucos beneméritos do clube, cujo total não excedia sete ao longo de toda a relativamente extensa história do Itanhangá Golfe Clube, ao passo que a figura do Grande-Benemérito sequer existe. Ser sócio de um clube como o Itanhangá, que não possui mais do que quinhentos associados, já é, por si só, sinal de distinção sem fim, não havendo necessidade de forjar rupturas, instaurar conflitos na busca tão desejada pela honra. A diferença de tamanho do “Quadro de Honra” do Itanhangá Golfe Clube com o do Fluminense, que é um verdadeiro “monumento” tricolor, em que os nomes dos Beneméritos e Grande-Beneméritos, vão cobrindo do chão ao teto da entrada do Salão Nobre dá a dimensão do quanto essa aspiração ao prestígio é vivenciada de uma forma diferente nessas duas agremiações associativas.

Mas como funciona a escolha dos beneméritos? E qual é, afinal, o caminho que leva à aquisição da honra máxima, a Grande-Benemerência por serviços prestados? O que se deve fazer para aceder à máxima das honrarias? Tomando o modelo do Clube de

⁶³ Não consegui nem na Biblioteca Nacional, nem no Arquivo Nacional ter acesso aos estatutos dos clubes. Eles estão disponíveis apenas na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), que é um dos locais de mais difícil acesso à pesquisa acadêmica no Rio de Janeiro. Minhas hipóteses estão ancoradas apenas em indícios: há, em revanche, notícias à época do falecimento de Gilberto Cardoso, que ele havia sido “aclamado Benemérito” do clube. Há também a entrevista de João Havelange, em 1967, no *Museu da Imagem e do Som* quando ele noticia a mudança no sistema de classificação do Fluminense, dizendo “que ficou mais difícil ser um benemérito, pois antes se fazia a contagem em jogos e agora, como se joga muito mais, se faz em anos”.

Regatas do Flamengo como um tipo ideal para compreender o funcionamento deste sistema, é preciso dizer, retomando um termo nativo, perceber que “aquilo lá é uma escadinha”. Há um escalonamento, por conseguinte que demarca a linha divisória entre os sócios comuns – proprietários, contribuintes, patrimoniais – e os sócios distintos – os eméritos, os beneméritos e, enfim, os Grandes-Beneméritos. Como vimos na fala de George Helal, para se sagrar um notável, é necessário ter um mínimo de serviços relevantes prestados por uma quantidade x de anos: para ser emérito, cinco; benemérito, dez; grande-benemérito quinze. De qualquer forma, o tempo mínimo não garante necessariamente que será agraciado com a honraria. Estas se afiguram articuladas à análise do círculo dos notáveis – o Conselho dos Grandes-beneméritos no caso do Clube de Regatas do Flamengo ou do que se chama, em geral, de Conselho Consultivo – e pelas mãos do próprio executivo.

Diríamos mesmo que, com Roberto Da Matta⁶⁴, há um sistema *dúplice* que rege essa moral, tanto o legal, pois há o mínimo de tempo, um número de critérios fixados em estatuto na letra da lei, quanto o pessoal, uma vez que a ascensão neste sistema de honras depende diretamente das *relações* construídas entre os indivíduos. Nesse sentido, vem do executivo uma lista de associados com currículo aptos a serem candidatos, em que já se fez uma seleção prévia e envia para a análise do Conselho dos Grande-Beneméritos que analisa os currículos dos postulantes, escolhendo um limite máximo de cinco beneméritos e um grande-benemérito por ano. Na ocasião do aniversário do clube, é consagrada uma cerimônia da instituição em que se concedem às honras aos escolhidos. Nela, os eleitos recebem principalmente um título (diploma), além de receber um broche d’ouro (não o recebem mais, sendo substituído por uma camisa oficial do clube) e uma carteira das mãos de um “padrinho” ou “madrinha”, que pode tanto ser uma pessoa importante no clube, quanto alguém próximo àquele a obter o título. Gil Carneiro de Mendonça, por exemplo, escolheu uma moça anônima, funcionária do clube, que ele definiria simplesmente como “a minha roupeira que me acompanhou há mais de trinta anos”; já Ângelo Chaves escolheu a própria mulher.⁶⁵

⁶⁴ “No Brasil, é preciso traduzir e legitimar o poderio econômico no idioma hierarquizante do sistema. E esse idioma revela as linhas de classificações fundadas na pessoa na intelectualidade e na consideração por uma rede de relações pessoais. É necessário então ser, doutor e sábio, além de rico. E estar penetrado (ou compenetrado como falamos) por alguma instituição como as Forças Armadas ou órgão de Estado. Os doutores, assim, substituíram – como indica Freyre (1962: 304) – os comendadores barões, viscondes, e conselheiros do Império. Era sugerido o modo de manter a nobreza e as distinções hierárquicas, mas usando outros recursos de diferenciação social.” (Da Matta, 1979: 157)

⁶⁵ Assisti a uma dessas reuniões no Fluminense Futebol Clube de Escolha no meu Caderno de Campo, anotando assim em meu Caderno de Campo: “Recebe-se, além do diploma, uma camisa do clube, e, nos casos da benemerência

Numa síntese, falamos de um sistema que é marcado pelo ideário da disputa da honra atravessado de ponta-a-cabeça pela lógica da hierarquia. Como diria o próprio Roberto Da Matta, trata-se de uma diferença que é produzida constantemente, típica de uma formação social marcada pela afirmação da desigualdade e pela valorização dos signos de nobreza. A comparação com a tese dos clubes e dirigentes argentinos estudados por Matias Godio (2010) em que essa discussão dos modelos de classificação dos dirigentes passa quase que completamente despercebida pode nos ajudar a perceber a especificidade do caso brasileiro, em que os modelos da desigualdade são generalizados mesmo entre um grupo visto como “uno”: os dirigentes do Flamengo. Nesse sentido, é que o ex-presidente do Flamengo, Márcio Braga falaria, com certo orgulho, de um amigo seu que é “Marquês, e não é apelido, ele é Marquês mesmo”. Na sociedade brasileira, ainda segundo Roberto Da Matta, a hierarquia se generaliza de tal forma que a distinção ocorre de uma forma generalizada, entre pobres e pobres, e ricos e ricos, mesmo numa esfera de aparente igualdade como um clube privado sempre há a necessidade de forjar a diferença, de produzi-la por meio de um trabalho simbólico contínuo de formação das hierarquias. Para reforçar e compor a trajetória institucional dos clubes tais diferenças afirmadas por meio de um rito de passagem, precisam ser materializadas sob a forma de emblemas, signos, nomes na parede, reforçando e constituindo as relações entre os indivíduos.

No Fluminense Futebol Clube e no Clube de Regatas do Flamengo, além da carteira, do broche e do diploma (título); existem dois objetos talismã (prenhes de magia social) ligados à presidência, que vale a pena mencionar. Se no estado-nação brasileira, que lança mão da faixa-presidencial como o elo de liga entre os velhos aos novos presidentes; no clube, há uma espécie de *bastão de prata* que é entregue de presidente-a-presidente. Recentemente, causou grande alvoroço que o cardiologista Roberto Horcades, a se considerar o enfretamento político com grupos tradicionais, não entregou a seu sucessor, Peter Siemsen, o tal do bastão de prata. Sobre o bastão, poderíamos

ou da grande-benemerência uma carteira que não é entregue no momento. No caso dos associados cinquentenários ou septuagenários; é muito comum (e muitas vezes emocionante) ver irmãos já idosos recebendo junta a honraria dada pelo clube. Se for possível confessar lágrimas, digo que, por duas ou três vezes, elas pularam de minha pálpebra. Em todos os casos, sempre o que recebe a honraria é premiado por alguém que escolhe. Em geral, o que dita e fundamenta a escolha é a ideologia de hierarquia – de duas metades complementares e indissociáveis – que fundamenta a lógica da escolha: o tio e a sobrinha, o filho e o pai, o neto e o avô, a mulher e o marido (o binômio mais recorrente, aliás), o chefe e o empregado, o presidente e o associado, enfim: são duas metades que são encaradas como fundamentais na composição de um *uno*. Não vi, por exemplo, um irmão entregar ao outro irmão; ou mesmo a troca simples entre amigos, à honraria recebida; sempre se escolhe um inferior ou um superior, nunca podendo ser igual”.

ilustrar com uma foto e uma citação o que estamos tentando dizer sobre os rituais de poder e de disputa de prestígio:



Patrícia Amorim entrega ao Eduardo Bandeira de Mello o bastão de prata.

Se tivesse de resumir por meio de uma imagem tudo o que acabo de dizer sobre a noção de campo e sobre a noção de *illusio*, que é tanto condição quanto do produto do funcionamento do campo, evocaria uma escultura que se encontra na catedral de Auch, em Gers, sob os assentos do capítulo, e que representa dois monges lutando pelo bastão de prior. Em um mundo como o universo religioso e, sobretudo o monástico, que é o lugar por excelência do *Ausserweltlich*, do supra-mundano, do desinteresse no sentido ingênuo do termo, encontramos pessoas que lutam por um bastão que só tem valor para quem está no jogo, preso ao jogo. (Bourdieu, 1996: 144-145)

Também a bandeira que fica hasteada por o período em que se foi presidente, é entregue ao dirigente dobrada em uma pequena caixa de madeira. “É, o Fluminense tem essas frescuras”, como sintetiza Ângelo Chaves. É como se tudo que o dirigente tivesse prestado ao clube (em tempo, dinheiro, etc.) retornasse materializado em um objeto físico, bandeira⁶⁶.

Noutro sentido, a concessão de uma *carteira* também tem um grande valor social. Ela me parece, em grande medida, ligada à formação social do Brasil naquilo que o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos definiu como uma “cidadania regulada”, em que os documentos assumem papel importantíssimo como forma de

⁶⁶ Certamente exagerado, há um pequeno paralelo com uma prática que é utilizada no exército americano sempre que ocorre o falecimento de um soldado em batalha. Quando isso acontece, o exército envia, também numa caixa de madeira, a bandeira para a família da vítima. Essa bandeira, em geral, é envolta no caixão do soldado como se o Estado estivesse a “retribuir” a vida do bravo americano.

regulação das relações sociais. (Peirano, 2006) Num exemplo típico, a atitude dissociada de sua atuação como presidente do Fluminense, mas ligada à magistratura, a criação da “Carteira Horta” (ou simplesmente “CH”) como forma de assistência dos presos recém-saídos do sistema penitenciário os impedia que fossem “presos” pela lei da vadiagem, confirmando a assistência da vara de execuções criminais⁶⁷. A concessão da carteira também serve para atribuir, inclusive, um novo status, uma nova identidade quando a essência social é transformada, no ritual de passagem em que se deixa de ser apenas “sócio” para ser, enfim, “benemérito”: ela institui e consagra um “nome”. (Bourdieu, 1996). A raiva e o espanto de um dirigente ao *não* ter tido a sua carteira solicitada quando foi visitar o Fluminense o fez lembrar a história de seu próprio pai, Fábio Carneiro de Mendonça, que ficou, mesmo sendo o presidente do clube então, certa feita, ficou retido na portaria do clube por ter deixado o documento em casa. Na sua visão, a ausência dessa solicitação era o sintoma externo de uma desarmonia interna em que o clube se encontrava. Por contraste à organização perfeita do tempo do seu pai, em que a carteira de sócio era o que franqueava o acesso ao clube marcando uma linha entre os de “dentro” e os de “fora”; agora qualquer um pode entrar livremente na casa, sem que porte as qualidades de associado.

Esta forma de utilização torna mais evidente as funções específicas que este tipo de escritura [o documento] assume aqui: não nos encontramos frente apenas à sua utilização instrumental – de resto, comum à grande parcela dos habitantes das grandes metrópoles – mas à utilização simbólica dos escritos como instrumentos de significação. (Guedes, 1999: 95).

Se, entre as camadas populares brasileiras, a importância simbólica dos documentos já havia sido acentuada pela bibliografia; no interior da configuração clubística os documentos também aparecem como um idioma mediador das relações sociais que compõem o que Simoni Lahud Guedes (1999) definiu como sendo a “escritura das relações sociais”. Também faz parte desta escritura o “diploma” concedido aos beneméritos e aos grandes beneméritos quase sempre mostrados em conjunto com a carteira. Há pouca dúvida de que o objeto mais importante deste sistema de honras é o diploma. Sobre importante dizer que ele é assinado tanto pelo presidente da época, quanto pelo presidente do conselho dos Grandes-beneméritos. (no caso do Fluminense, pelo “padrinho”), essas pessoas morais que devem se confundir com a

⁶⁷ A ligação de Horta com os presidiários irritou boa parte dos dirigentes do Fluminense. Ele levou diversos dirigentes do Flu: “Ele botou um monte de ex-detentos aqui dentro”.

própria instituição. Nas casas ou nos escritórios de dirigentes que pude frequentar invariavelmente ficavam pendurados à parede do local os diplomas auferidos na atuação dos clubes. Escrevendo sobre o diploma da vida universitária francesa, Pierre Bourdieu escreveu que “há tanta magia social nos amuletos quanto nos diplomas” (1996: 99), pois neles há também um processo de “produção da crença”, um circuito do conhecimento e do reconhecimento, cujo objetivo é transformar objetos relativamente comuns em objetos dotados de *mana* ou magia social.

Deste sistema de objetos mágicos, há um que é envolto e envolvido numa aura de mistério e de fantasia: é o broche d’ouro. Nunca cheguei a ver, apenas escutei relatos sobre a sua existência, mas alguns dirigentes relataram tê-lo recebido. É razoável supor que ele tenha existido no passado, tendo perdido sua força e importância histórica ao longo do tempo. Do ponto de vista antropológico, é bastante possível e factível sua existência: o próprio Roberto Da Matta havia observado que a sociedade brasileira no meio do caminho entre o código individualista e holista os objetos auferidos em rituais de passagem se materializam em broches ou insígnias que se pode tirar e colocar à vontade a depender da situação. Outros dirigentes, porém, relatavam desconhecer a insígnia. Quando perguntei para um deles se a existência do broche era verdadeira (ou não), a resposta foi negativa, essencialmente negativa: “Olha, eu não sei deste negócio de broche não, até porque eu não sou homem de penduricar broche no pescoço e ficar andando para cima e para baixo”.

Ressaltando o óbvio, é dizer que tais utensílios estão preenchidos de magia social, somente porque a coletividade reconhece nele poder simbólicos, mediante um trabalho social de produção da crença, do qual o rito de consagração é inseparável. Neste sentido, a cerimônia de entrega dos diplomas que é quando tais objetos são entregues, é crucial para a instituição deste valor, pois é somente através dela que se “dá a ver” ao grupo e a coletividade quem é (ou não) passível de ser honrado. Trata-se da formação de um ritual de instituição do próprio grupo que, ao consagrar o indivíduo termina por sagrar-se a si mesmo:

O rito consagra a diferença, ele a institui, instituindo ao mesmo tempo o homem enquanto homem, isto é, circuncidado e a mulher enquanto mulher, isto é, não passível de circuncisão. (...) assim como a instituição consiste em atribuir propriedades de natureza social, como se fossem propriedades de natureza natural (...). A investidura consiste em sancionar e em santificar

uma diferença (preexistente ou não), fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, reconhecida e reconhecida pelo agente (...) o ato de instituição é um ato de notificação (Bourdieu, 1996: 101)



Exemplar de um Diploma de Grande-Benemérito exibido na parede de um entrevistado.

No ritual de consagração que assisti, não houve nenhuma mulher homenageada, além da presença majoritária de brancos já idosos, reforçando o caráter elitista e eminentemente masculino dessas associações. Não é casuístico que os ritos de instituição estejam articulados à simbólica do sacrifício – mental, físico, temporal – que os dirigentes dispendem na instituição que são egressos. Por conseguinte, falamos de uma diáde que congrega num bloco relacional os sacrifícios e os privilégios, as obrigações e as retribuições:

“Todas as aristocracias se veem obrigadas a dispender uma energia considerável para fazer com que os eleitos aceitem os sacrifícios inerentes ao privilégio, ou para que adquiram disposições duradouras, que constituem a condição de conservação do privilégio” (Bourdieu, 1996: 103).

Neste sentido, o discurso de ascensão ao poder – a que designei uma filosofia da troca e do poder– está diretamente relacionado com essa simbólica do sacrifício, em que nunca se assume a aspiração ao cargo, sempre se afigurando como algo que é imposto pelo grupo.

À procura da filosofia da troca e do poder:

A ideia da ser dirigente esportivo como sacrifício que se presta ao clube atinge seu ápice na monofonia dos discursos dos presidentes de futebol. Um dos traços diacríticos deste discurso é a imagem de que não se deve nunca “procurar pelo cargo”, mas que se é procurado. “se o presidente me chama, eu vou”, disse o ex-presidente Luís Augusto Velloso, “não quero cargos; eu quero encargos”, completa Gilberto Cardoso Filho. Fôssemos seguir a tipologia weberiana, o fundamento desse *cosmos* é o de que não se deve, em hipótese alguma, viver *da* política, mas sim *para* a política. (Weber, 1978)⁶⁸. Engajar-se no clube é uma espécie de vocação, à qual se deve agarrar de assalto, sempre que houver o chamado.

Dessa forma, num livro síntese sobre a história do futebol inglês, o historiador Dave Russel (1997) argumentou que a tópica dos motivos que cercam engajamento dos dirigentes de futebol em seus clubes é uma das querelas mais possivelmente abertas “à especulação” na bibliografia sobre o campo futebolístico daquele país. Era difícil produzir um consenso sobre o porquê os dirigentes se engajavam em seus clubes. Mesmo na sociedade civil, há um acalorado debate sobre se os benefícios auferidos pelos dirigentes seriam da ordem exclusivamente simbólica, do ganho material, ou retraduzidos em ganhos políticos.⁶⁹ *Mutatis mutandis*, transposto ao caso brasileiro, poucos temas foram tratados de forma tão leviana pelos especialistas da área: em geral, essa era uma resposta que parecia tautológica, evidente. A conclusão é quase sempre sintética: trata-se duma adesão simplesmente utilitária, postulando que o engajamento se devia ao desejo imediato na obtenção de lucros de qualquer ordem: é preciso dizer que mesmo quando se levava em consideração a dimensão simbólica e do *status* a associação era feita nos moldes do “toma lá, dá cá”, supondo a retribuição fosse imediata e absolutamente necessária. Nas poucas vezes em que se levou em

⁶⁸ “A vocação é aquilo que o ser humano tem que aceitar como um desígnio divino, ao qual tem de “se dobrar” – essa nuance eclipsa outra ideia de que o trabalho individual também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus” (Weber, 2004: 77).

⁶⁹ Segundo Russel, “Muitos contemporâneos acreditavam que os motivos eram essencialmente inocentes: ‘não havia nenhum desejo de obter nenhuma recompensa para o sucesso do clube para além do sucesso esportivo’. Historiadores, no entanto, seriam muito inocentes não procurassem por motivos mais egoístas. (...) [Descartando lucros diretos como rendas, transferências de jogadores, construção de estádios] eram incomuns, possibilidades de benefícios indiretos eram muito mais frequentes e substanciais. (...) Noutros casos, há a possibilidade dos diretores usarem o clube como mecanismo de influência partidária ou de controle social. (...) Seria tolice negar que os dirigentes estão cientes da amplitude dos benefícios políticos que envolvem, mas isso deve ser visto como apenas um dos fatores que envolvem o envolvimento com o futebol. Novamente, o simples exercício do poder é suficiente para alguns, enquanto para outros provem um status e *umkudos* em geral sublimados noutras áreas da vida pública. Alguns dirigentes podem sim ter ido à caça de benefícios políticos, mas muitos regozijavam com os prazeres e o senso de importância que um lugar na direção podia (e parecia) proporcionar” (Russel, 1997: 42-45).

consideração a perspectiva nativa, fizeram-no apenas para negá-la, mostrando o quanto há de ilusório na crença dos nativos, afirmando os interesses materiais e reais por detrás do engajamento simbólico. No meio acadêmico nacional, há uma interpretação de fundo marxiano, que adquire caráter de complexidade, por exemplo, na pena de sociólogo Aldo Antônio Azevedo (1997) para quem as formulações dos dirigentes compõem uma espécie de *ideologia* que se equivale à falsa consciência, no sentido marxiano do termo.

Na tentativa da produção de outro olhar, tentamos deslocar a pergunta de fundo para tentar assegurar outros olhares. De antemão, é preciso frisar novamente que não se trata aqui de negar os ganhos materiais e simbólicos que os dirigentes auferem ao adentrar nos clubes, o que seria ingenuidade grotesca: aqui, a questão, no entanto, não é tanto saber o *porquê* do engajamento, intentando revelar estratégias ocultas sublimadas pelo falseamento dos discursos, mas de compreender *como* se dá o processo de ingresso dos dirigentes nos clubes. Essa questão, aliás, surgiu tomando como base o modelo narrativo do recrutamento dos dirigentes, que se repetia normativamente de forma espantosa, apesar dos contextos, com poucas variações. Na perseguição a este significado foi que eu decidi interpretar a *estrutura narrativa*, isto é, a urdidura do enredo através da qual os dirigentes experimentavam a participação nos clubes. Seguindo certos preceitos metodológicos da História Oral, fomos, então, tentar compreender uma *filosofada troca e do poder* que organizava os *fatos* que os dirigentes narravam na trajetória de ascensão no clube. Segundo o historiador Alessandro Portelli:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos e que nenhuma pessoa quer decida escrever sua própria autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição a filosofia de outros (...). Não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste em expressar os significados da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. (...) Excluir ou exorcizar subjetividades como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade fatural dos testemunhos narrados quer dizer em última instância torcer o significado dos próprios fatos narrados (Portelli, 1999)

Neste caso, a filosofia não estava tanto na escolha dos fatos, mas na estrutura narrativa que se repetia de forma assombrosa. Logo percebi que, se eu compreendesse este enredo repetitivo, eu conseguia adentrar no conjunto de signos e de valores que os dirigentes de futebol elaboravam sobre a política. Daí quando notei haver uma espécie

de enredo universal no qual apenas os personagens e as historietas variavam; percebi que estava diante do que o próprio Alessandro Portelli qualificou como um *mito fundador*, isto é, histórias que aparece seguidamente numa diversidade incomum de narrativas como indicativas de um momento de ruptura. (Portelli, 1990: 130).

Donde a universalidade destas histórias reside no fato de que o ingresso no universo político é sempre mediado por fatores externos ao indivíduo em que o indivíduo aparece completamente subsumido pelos desejos e os desígnios do grupo. A política é vista como uma escolha individual que se faz para defender certos interesses ou projetos; mas como uma coisa que é imposta de forma coercitiva pelo grupo, sendo necessário “honrar” ou “retribuir” as expectativas impostas ao indivíduo. Uma rápida visagem na bibliografia sobre as narrativas da política na sociedade brasileira em que se verificam contextos sociais completamente díspares nos permitem, inclusive, extrapolar, indagando se não há uma universalidade deste padrão narrativo⁷⁰, para além do universo da política futebolística no sentido estrito. Num conjunto multifacetado de narrativas, três que considero arquetípicas deste modelo de dirigentes pensarem, fazer e narrar a forma como ingressam em seus clubes de futebol: Ângelo Chaves, George Helal, Gil Carneiro de Mendonça, e Joel Teppet. (ainda não decidi se eu vou manter as quatro) Os dirigentes escolhidos têm muito pouco em comum, salvo a idade semelhante, mas os níveis de capital econômico e cultural variam muito, da mesma forma que as origens familiares.

“Nunca fiz política”. Ângelo Chaves – presidente do Fluminense Futebol Clube, 1991-1993:

Quando liguei, pela primeira vez, para o dirigente do Fluminense Futebol Clube, Ângelo Chaves, presidente do clube no início dos anos noventa, manifestei o desejo de entrevista-lo como uma forma de saber como “funciona a política do clube”; quando ele me retrucou de bate-e-pronto, “olha, meu filho, eu nunca fiz política; quer dizer, faço hoje, naquela época não fazia”. Pouco tempo depois, Ângelo Chaves me receberia –

⁷⁰ Este padrão parece estar muito além dos dirigentes de futebol, mas, a meu ver, relaciona-se diretamente à maneira que se compreende o “fazer política” no Brasil. Retornarei ao assunto na conclusão, mostrando como isso é verificável em outras experiências de pesquisa com políticos. Devo muito dessas reflexões ao livro *Cotidiano da política*, que trata da trajetória de uma vereadora do “subúrbio” e ao contato com Toninho Canecão. Karina Kuschnir afirma que “a entrada na política é mais valorizada quando é motivada por fatores externos ao candidato”. (2000: 48), dado que sua entrevistada fez a seguinte colocação “Não me lancei candidata- me lançaram!”.

com extrema gentileza, simpatia e receptividade⁷¹ – em sua casa na região serrana de Friburgo, mais precisamente, em seu escritório. Foi uma viagem relativamente curta – duas horas e quarenta minutos do Rio a Friburgo num ônibus relativamente confortável –, mas acredito que o meu deslocamento fez com que o ex-presidente do Fluminense se sentisse lisonjeado com a minha presença lá, falando mais do que os presidentes habitualmente falam, me “obrigando” a fazer perguntas e indagações e até me mostrando diversas relíquias históricas – como a bandeira recebida ao final do mandato, fotos de ex-presidentes unidos e gravações de reunião do Conselho.

Na sala, o que de pronto me chamou atenção foi o seu elevado capital cultural. Disse-me que ainda lia muitos livros de História, mas havia doado todos os de medicina. Vi, na estante, livros de Pierre Bourdieu, Machado de Assis, Eric Hobsbawm. Na mesa, um livro de Tony Judt. Tentei introduzir um assunto e lhe contar a história de Tony, que, contraindo uma síndrome de Lou Gehrig, padecerá nos últimos anos de sua vida para terminar seu último livro. O fato é Ângelo sabia muito mais do que sobre o tema e comentava sobre a vida de Tony com facilidade. Ao contrário das representações midiáticas que colocam os dirigentes e os presidentes de futebol como milionários, ricos. Estava diante de um homem, um médico, muito culto, mas que nunca sequer havia morado na Zona Sul. Pouco antes de sair, quando eu lhe perguntei se já tinha tido vontade de morar nas Laranjeiras, respondeu-me citando Noel: “Palmeira de Mangue não vive na areia de Copacabana”.

Ainda assim, havia cismado com as assertivas ao telefone: ora, como é possível que se possa ser eleito sem se fazer política? Tal pergunta implicava imediatamente outra: compreender, afinal, o que se entendia por política como formulada pela própria terminologia nativa. Onde adviria a importância e, mais do que isso, a “eficácia simbólica” de negar o seu próprio fazimento, num clube que é sabidamente marcado pelos embates entre os grupos e pela disputa de projetos? Logo no início, enquanto me mostrava papéis de propaganda política e jornais que recebia, tive a percepção de que aquela ideia só se fazia compreensível se complementada por outra: a ideia de que toda oposição ou conflito é *necessariamente* prejudicial à imagem do clube:

⁷¹ A mulher de Ângelo Chaves não fez por menos em sua gentileza de me receber: ela me serviu um maravilhoso (e bastante generoso, aliás, pois a fatia era bem grande) pedaço de pudim de leite condensado. De forma rápida, lembrei-me de pronto do historiador italiano Alessandro Portelli que, certa feita, comparou os prazeres de tomar café com seus entrevistados, comendo um pedaço de bolo, com a descoberta de um arquivo em estado virginal.

Eu sou contra você fazer parte da política de clube para fazer oposição. O cara que faz oposição, igual estes babacas que estão aí contra a Dilma – eu não sei se você é contra ou a favor, mas não me interessa, eu sou a favor – os babacas que estão, tem um que é veado (muitos risos) até, lá de Santa Catarina. Como é o nome dele? (...) Eu tenho até uma porra que ele mandou para mim... Esse cara, ele falando, ele é uma graça, acho que ele deve ter cueca rendada. Alguma coisa que eu não sei. Pessoa quer, de qualquer forma, esculhambar com ela, não quer que der certo. (...) Ele virou do contra. Aquele anãozinho da Bahia, ACM Neto, ele é anão, não é? Anão não quer dizer nada de mal, falei só para sacanear ele. (...) Vamos voltar para o futebol, que é melhor (Entrevista com Ângelo Chaves)

Exatamente, por isso, nas desavenças, em seus desentendimentos com medidas políticas, etc., a saída foi sempre a de sair pela tangente, afastar-se, ser avesso ao conflito, na busca permanente pelo *consenso*. Salvo, muito recentemente, as improbidades e os embates suscitados pela gestão Roberto Horcades – “o único dirigente que não passou o bastão de prata para o seu sucessor”, nas palavras de Gil Carneiro de Mendonça – que o levaram a fazer parte de um grupo articulado para pedir o impeachment do dirigente, “meu filho, ele fez muita merda, puta que o pariu”, a política se pretende fundada na base da conversa e da aglutinação. “Aqui no Fluminense somos uno, todos somos Fluminense, unidade, indivisíveis”, como dizia Francisco Horta. Tudo indica, conforme diz Da Matta, no Brasil, concebemos os conflitos como presságios do fim do mundo e como fraquezas (1997: 141).

Antes de se consagrar presidente já na década de 1990, Ângelo exerceria ainda alguns importantes cargos diretivos no clube nas gestões de Francisco Horta, Manuel Schwartz e Sílvio Vasconcelos, até chegar a ser convidado a ocupar a presidência. Apesar de ter chegado ao Rio em 1942, “ano em que o Flamengo foi campeão”; Ângelo rapidamente teve o coração físgado pela aristocrática equipe das Laranjeiras. Formação médica, ex-aluno do Colégio Pedro II, agremiação escolar centenária e imperial da cidade do Rio de Janeiro, Ângelo – que é irmão do conhecido jornalista João Máximo – era um “apaixonado por futebol”, chegou mesmo a “assistir a todos os jogos do ano de 1950”, na estreia do estádio rei da cidade do Rio de Janeiro. Depois que se formou na faculdade de medicina, Ângelo começou por conta de um “padrinho” seu, “que era botafoguense”, a operar os jogadores do Fluminense.

Ângelo Chaves: ‘Olha, você que é tricolor é quem vai operar os jogadores do Fluminense’, ele falou para mim: ‘Não vou mais operar

jogador do Fluminense’. (...) Daí comecei a operar, não era nem sócio. Aí um dia, eu chego ao Fluminense, a vice-presidência médica estava vaga, e o presidente resolveu me fazer Diretor do Clube. Diretor em 1963.

Nas narrativas, a importância do acaso é o a singularidade dos processos de ingresso e de recrutamento na vida política e social do clube; Ângelo constrói a sua memória e a sua biografia marcando o aleatório, o azar e a fortuna no ingresso como dirigente de futebol. Se não vejamos:

Ângelo Chaves: Eu estava operando jogadores do Fluminense, né? Aí um dia eu fui lá, ver um jogador lá. O Fluminense tinha uma pequena enfermaria. Hoje não tem mais. Internavam o jogador ali, e eu ia vê-los. Foi lá que me apresentaram ao Nelson Vaz Moreira. Já tinha sido criada uma vice-presidência médica. Acho até que é ela é desnecessária. Se há um médico assalariado, não há necessidade de vice-presidência médica. Acho uma bobagem. Basta um Diretor-Médico. Aí o Nelson Vaz Moreira falou que essa vice-presidência havia sido recém-criada. Falou assim, ô, por que você não propõe que ele seja Diretor? ‘É mesmo’. Eu falei com um amigo que havia sido aluno do Pedro II, muito amigo meu até hoje, que é titular. ‘Eu não sou, eu não sou sócio do Fluminense. Eu não cobrava nada do Fluminense’. ‘Te proponho ser sócio’. Mas eu não queria ser sócio. Eu queria ser sócio proprietário. Queria comprar um título. Naquela época, os círculos eram fechados, você não tinha título para vender. O número de membros era limitado – dependia de quantos títulos tinha. (...) Fluminense precisava de dinheiro numa ocasião, já não me lembro para o quê, quando emitiram uma série de títulos. Quem pagasse o título, ficaria livre da manutenção que se fazia normalmente. Aí eu acabei ficando para sócio, logo de saída como Diretor.

A filosofia do Fluminense Futebol Clube naquela época consistia em tentar manter um número diminuto e limitado de sócios; as dificuldades de comprar aos homens comuns; por certo, foram facilitadas pelas poucas relações sociais de Ângelo construídas no período. A aquisição de um prestigioso título era insuficiente ter capital econômico; aliás, esse parece ser o menor dos problemas, porque, em seguida, quando lhe pergunto se o título era “caro”, ele diz não se lembrar, dizendo ter pagado a prestação. Outrossim, Ângelo enfatiza a presença de uma “comissão de sindicância” que fazia uma visita a sua casa, observava os filhos, a mulher, analisava a sua situação social, enfim, “queria saber se você era médico, advogado ou alguma coisa assim”, e o fato de que “ninguém passava o título de sócio proprietário”. Depois de passar pela vigilância da “comissão de sindicância”, Ângelo pode adquirir tal título e construir uma “carreira” política no Fluminense; tendo-se tornado, além dos cargos diretivos já

mencionados, benemérito do clube em 1979 e grande benemérito em 1994. Conquanto tivesse prestígio elevado por conta da profissão de medicina, Ângelo era um migrante de uma cidade pequena para média (Friburgo), filho de pais não muito abastados, a engatinhar a vida na cidade do Rio de Janeiro; daí a importância dos “padrinhos”, tanto o que deixou de operar os jogadores do Fluminense; quanto o “seu amigo do colégio do Pedro II”, cruzando, em dois tempos, os laços profissionais e os estudantis. Na narrativa dos dirigentes de futebol, a imersão num circuito clubístico em que quase sempre se enfatizam os fatores externos, mediadas por relações de amizade, parentesco, vizinhança ou apadrinhamento.

Natural de Friburgo, o percurso de Ângelo é bastante trivial, muito representativo do que é uma carreira à frente de um clube de futebol. A descrição da maneira como foi requisitado para disputar a presidência também é ilustrativa deste modelo, em que o recrutamento é feito de forma coercitiva, com pouca margem de ação e de manobra.

Depois, no ano seguinte, Fábio Egypto resolvi não participar da diretoria. Mas quando veio depois do Fábio Egypto, aí eu estava em casa, já estava aposentado, já tinha fechado o consultório e só trabalhava no hospital. Aí, me chamaram um dia pra almoçar. Veio um grupo, né? Eu nem estava sabendo que era um grupo, pensei que fosse só o Sílvio Vasconcelos. Eles pediram pra mim “ó, negócio é o seguinte nós queremos que você seja o candidato para presidência, no Fluminense”. Aí eu falei “po, mas numa altura dessa né” Era outubro isso. O outro candidato era Gil Carneiro de Mendonça, de uma família tradicional e tudo, dessas tradicionais. Ele já era grande benemérito. Eu era só benemérito. E um grande atleta do clube, várias vezes premiado, e eu falei assim... “Mas o Gil está lançando desde janeiro. Vão lançar em outubro agora?”. “Não, mas você vai, se você não aceitar, a gente precisa de ajuda”. Acabei sendo eleito. Ganhei por um voto a eleição.

Há outra coisa em comum com as narrativas dos dirigentes que veremos a seguir: a vitória é quase sempre improvável ou utópica. Como um Ângelo Chaves, lançado em finais de outubro, pode derrotar um Carneiro de Mendonça, candidato desde janeiro, parece, enfim, uma batalha, por definição, invencível, que é travada tão somente pelos interesses do grupo, e não pela vaidade individual. Uma vez mais, os elementos do acaso são enfatizados: “pensei que fosse só o Sílvio”, “nem estava sabendo”, “já estava aposentado”, o currículo do adversário, etc. para reforçar a ideia de improbabilidade do êxito, de sacrifício que se faz pela vontade alheia. A aspiração não é

chega a ser individualizada em momento algum, porque, mesmo sendo objeto de uma investida do grupo rival, a que chama de “tradicional”. Nestas relações, pelo menos nas narrativas, o indivíduo é “englobado”, diria Louis Dumont, pelo grupo, restando pouca margem de manobra, ou de atuação para os dirigentes. A eleição é descrita como um “isso que não é meu” (individual), mas hierárquico, coletiva: há, enfim, uma obrigatoriedade em honrar os desígnios e as imposições grupais.

Este grupo já era um pessoal mais moderno não era aquele pessoal tradicional. Apesar de que o pessoal mais tradicional, que gostava muito de mim, até tentaram me convencer pra não ser candidato. “Não, deixa o Gil agora”, e na próxima eleição você se candidata. Não havia reeleição. A eleição não é minha, *isso aí não sou eu*. Não sou eu pra discutir isso aí. O pessoal me convidou e eu aceitei

O exercício do cargo e ou da função é visto como externo ao indivíduo e mesmo construtivo a ele, como uma obrigação que assume diante do grupo. (“isso não é meu, isso não sou eu”). Não é o indivíduo moderno, com desejos, vontades e aspirações que aqui se coloca, mas sim o ideário da *pessoa* no sentido coletivo que se apresenta. Nesta simbologia, a recusa, num primeiro momento, em aceitar as atribuições do cargo seria inúmera, parecem existir os motivos para não assumir, nenhum para aceita-lo, salvo a paixão incondicional pelo clube do coração. A morada em Friburgo, a aposentadoria na medicina, o temperamento avesso da esposa ao futebol, tudo parece impedir que Ângelo fosse reconvertido em presidente do clube:

Foi até um troco engraçado que na hora que eles falaram comigo acontece: ‘Eu não quero porque a minha mulher não vai querer’ Eles pegaram o telefone e ligaram para minha mulher: ‘Escuta, nós queremos que o Ângelo seja o candidato à presidência do Fluminense, o que é que você acha?’. Ela falou: ‘Ele é quem sabe’. [interrupção]. Ela falou assim: ‘Ele é quem sabe’. (risos) Pessoal virou para e disse, ela disse que é você quem sabe. Que eu poderia fazer? (Muitos risos). Mas eu achava que eu ia perder a eleição. Sujeito de uma família tradicional, com o conselho praticamente na mão deles. Agora, ele era uma pessoa de muito difícil de trato. Eu acredito até hoje que fui eleito mais pela rejeição a ele. Acho. Tenho a impressão.

Na historietta não é o próprio Ângelo quem procura a mulher; é o grupo que lhe deixa praticamente sem saída, se não a de concorrer como candidato. Não há escolha se não aceitar a “obrigação” que é imposta pela coletividade ao indivíduo; há pouca margem de atuação para projetos individuais quando a única opção parece ser a de aceitar o que é imposto pelo grupo. Nesse sentido, é precisamente isso o que Ângelo definiu como “não fazer política”; há algo na política institucional, fundada na disputa

de projetos ou no embate de interesses pessoais, que se afigura essencialmente poluidor das relações de amizade ou parentesco.

George Helal – presidente do Flamengo, 1983-1985:

A trajetória de um proeminente dirigente rubro-negro, George Helal indica a presença de valores convergentes ao discurso de Ângelo Chaves. A figura de George Helal será novamente aqui trabalhada, por isso talvez seja preciso acentuar que as origens árabe-libanesas de George Helal hiperbolizem, tanto no seu discurso quanto na sua prática, os valores da honra, da virtude, da amizade, do ideal de si ante o grupo, etc. Exatamente por isso que um dirigente, Joel Teppett, muito amigo seu, inclusive, disse que “sempre batera boca com ele no Conselho dos Grandes Beneméritos, porque ele quer sempre colocar todo mundo lá, ele gosta de todo mundo, é amigo dos amigos⁷², não entende que a pessoa tem que ter currículo para entrar aqui”. Tomando isso como referencial, tais valores recorrentes no mundo dos dirigentes são onipresentes na figura de Helal, a considerar a origem familiar imigrante. Alguns atos de George Helal como a “renúncia” para concorrer com Márcio Braga (e, conforme indicavam as previsões, vencer) as eleições de 1979, o financiamento do Zico enquanto jovem, o valor que atribui às palavras e aos amigos, etc. têm de ser compreendidos levando-se também em consideração essa “bagagem cultural”⁷³ mediterrânea, estruturado entre a honra e a vergonha, o orgulho e a desonra. Na trajetória profissional e rubro-negra de George Helal, tudo parece se constituir com base no exercício do que seja honra compreendida aqui como “a imagem de si, a ‘pretensão ao orgulho’ e o valor ante ao grupo” (Peristiany, 1968) Ora, o êxito relativo de George Helal supõe imaginar que não sejam

⁷² Cheguei a fazer uma espécie de circuito-Helal, em que eu destacava todos que eram qualificados como amigos na Entrevista com o dirigente rubro-negro, que eram muitos. Talvez possamos compartilhar duas reflexões sobre a amplitude da palavra “amigo”. Como disse Karina Kuschinir: “A construção de amizades é a contrapartida para prevenir ou superar disputas. A amizade entre indivíduos hierarquicamente diferenciados pode ser um importante instrumento da ‘produção de afinidades’. Mesmo em casos de relações verticais, como aquelas entre patrões e empregados, a amizade pode ser invocada, já que a ênfase está na sua capacidade de neutralizar as diferenças, produzindo confiança e aproximação dos envolvidos. A valorização das relações de amizade num ambiente de trabalho e uma forma de superar relações impessoais e contratuais (...). Amizade é a palavra mais empregada para definir os sentimentos entre os membros da rede porque evoca relações de afeto, nem tão sutis quanto a simpatia, nem tão intensas quanto a adoração” (2000: 106-107)

⁷³ “O *ethos da honra* opõe-se, no seu próprio princípio, a uma moral universal e formal, afirmando a igualdade em dignidade de todos os homens e, conseqüentemente, a identidade dos direitos e deveres (...) todas as relações são vividas segundo o modelo das relações de parentesco, e por outro, as regras que valem com estranhos”. (Bourdieu, 2002: 27)

poucos os pontos de trânsito entre o ethos mediterrâneo e os códigos vigentes na sociedade brasileira, como propôs, em boa parte de sua obra, o próprio Da Matta.

Na década de 1970, a popularidade de George Helal no Clube de Regatas do Flamengo, fez com que ele fosse, tanto entre cartolas quanto entre dirigentes, a ser cotejado entre os presidentes, o que negou até 1983, quando se candidatou e venceu as eleições com certa folga. Mesmo antes disso, a figura de Helal já havia se tornado bastante popular entre os torcedores rubro-negros ilustres e desconhecidos, que enviavam um sem número de cartas “agradecendo” façanhas e “pedindo” que, enfim, um flamenguista de verdade fosse candidato à presidência para vencer Márcio Braga que, àquela altura, ainda não havia se transformado no “símbolo” rubro-negro. Neste universo, há, inclusive, uma série de cartas para a coluna *Bate-Bola*, agradecendo ao “salvador” Helal por ter renovado com o Zico, bem como uma série de outras pedindo que derrotasse Márcio Braga nas eleições de 1978.⁷⁴

Tamanho era o prestígio do dirigente que um conjunto de torcedores chegou mesmo a criar um torneio de futebol amador, nomeado, “Torneio George Helal”, em préstimos ao comerciante libanês. Além disso, George Helal havia apadrinhado a Torcida Jovem, fundada em 1968, e havia financiado do próprio bolso a preparação física de Zico, o Arthur Antunes Coimbra, fato que, se não divulgado abertamente até a publicação da biografia do craque, em 1993, era sabido nos bastidores e muito provavelmente por um conjunto grande de torcidas, dado as constantes imagens deles juntos publicadas na mídia, tudo contribuía para ampliar sua popularidade. Soma-se a tudo isso, o fato de George Helal ter sido um dos empresários mais bem-sucedidos do Brasil, com alguma riqueza material, dono, em parceria com seus irmãos, das Lojas

⁷⁴“Estou com Helal. “Aqui estou novamente e desta vez para apoiar totalmente o Helal como futuro presidente do Mais Querido. Helal é um rubro-negro nato, conhece e sabe tudo o que se passa no Flamengo, pois não são poucos os anos de serviço prestados ao clube além de ser um homem que sempre teve dialogo livre com os jogadores sendo um grande amigo. Em relação a Márcio Braga só posso dizer que prometeu mundos e fundos e não soube cumprir, brincou com o que há de mais sério, que é a torcida. Confio em Helal e com ele, terei certeza que verei um Flamengo forte à altura de sua imensa e apaixonada torcida.” “Lembre à nação rubro-negra” (Helal) “Sou torcedor ardoroso do mais querido e gostaria, através desta coluna, de fazer um lembrete a toda nação rubro-negra. Se, por um esforço de memória, retornarmos um pouco ao passado, veremos que a meninada dos olhos da torcida rubro-negra para ocupar a presidência do clube, sempre foi o sr. George Helal. Em todos os cantos, ele era apontado com a esperança rubro-negra, a salvação do Flamengo e coisas do gênero. Até agosto do ano passado, quando os muros do clube foram pichados, depois da vergonhosa derrota para o Grêmio (5 a 2), a maioria dos flamlenguistas clamava por um único nome: George Helal. Afinal de contas, foi ele quem iniciou um trabalho de base, em 1970, quando ainda era diretor de futebol, no qual os resultados foram craques: Cantarelli, Rondinelli, Júnior, Adílio, Geraldo (o inesquecível), Júlio César, Tita e o maior do mundo, o Zico. Ainda recordando, foi Helal o primeiro dirigente a manter contatos imediatos com facção de torcidas (sem nenhum interesse). Torço e voto em George Helal, pois sei que ele fará, além de apresentar uma filosofia de trabalho, que deixará o clube projetado para o futuro, um futuro sem ilusões, de glórias e de união. O único erro dele foi não ter sido presidente há mais tempo (há dois anos atrás a FAF o queria como candidato), pois, se assim fosse, estaríamos partindo para o tri-carioca e o tri brasileiro, além de já termos na Gávea o tão sonhado estádio. Salve Helal!” (Marcos Ferreira – Flamar – RJ) 8-3-1979

Helal, uma das maiores, se não a maior, no setor de varejo do Rio de Janeiro. No decênio dos oitenta, a loja perdeu a força que tinha, muito em função da “avalanche asiática”, que tomou conta do comércio da Rua da Alfandega, falindo grande parte dos varejistas de ascendência árabe, aglutinados naquela região. O próprio Helal, sem mencionar diretamente a derrocada da loja, parece associar a sua *debacle* política à derrocada da loja e da fortuna material, mostrando um vínculo quase indissociável entre o utilitário e o simbólico: “Antigamente eu tinha muito prestígio. Hoje ainda tenho, mas diminuiu bastante”. Com Pierre Bourdieu, pode-se falar mesmo de uma “transmutação alquímica” de capitais, uma vez que, se, no passado, George Helal “emprestou” tantas vezes dinheiro ao Flamengo. Atualmente, ele é um dos responsáveis por gerenciar a sede do Morro da Viúva, recebendo um salário de valor *x* pago pelo próprio clube.

No final do decênio de 1960, o sucesso e a fama de Helal como comerciante, a adoração popular pelo futebol fez com que ele fosse convidado num significativo conjunto de vezes para se tornar dirigente. Desde moço, Helal era um apaixonado pelo Flamengo, ainda em Vitória, ele chegou mesmo “a quebrar um rádio no dia do gol do Valido do tricampeonato”. Na sua infância, ele e os seus companheiros de Vitória, haviam fundado o “Flamenguinho”, mostrando, desde sempre, as características do seu espírito empreendedor de comerciante, a sua paixão pelo Flamengo existia “mesmo sem conhecer o Flamengo”. Depois, emigrado para o Rio de Janeiro, Helal começou a frequentar o Maracanã, tornando-se sócio do Clube de Regatas do Flamengo. Migrado para um prédio da zona sul do Rio de Janeiro, no bairro do Flamengo, um bairro de classe média alta, alguns amigos começaram a insistir para que o comerciante de sucesso fosse convertido num dirigente popular:

(...) Mas, enfim, neste prédio em que eu fui morar, morava o *Orlando Barros*, infelizmente falecido, que *viu em mim*, a minha trajetória, a minha torcida e pápápá, aquela história toda. E veio me visitar várias vezes para eu me tornar dirigente. E eu dizia: Não, não quero saber, não entendo disso. Eu sou torcedor”. (...) E muita gente queria que eu me tornasse dirigente o Ivã Drumond, o Radamés Lattari, *pessoas amigas viam em mim uma possibilidade de me tornar um dirigente*.

Como já vimos, o ingresso na vida política do clube é mediado justamente pelas relações de amizade, parentesco, vizinhança e; exatamente por isso é que partem dos outros a visualização das características nobres próprias ao exercício da dirigência esportiva. Há um contraste em que o próprio George Helal não enxergava em si mesmo

as qualidades de um dirigente; são apenas os outros que conseguiram nele ver como portador deste “dom” ou desta “mana”, fundamentais ao exercício da dirigência esportiva. Apesar do reconhecimento público de que George Helal teria as qualidades intrínsecas à execução do cargo (“amor, zelo, nome, projeção”, sintetizaria Francisco Horta), ele próprio reluta contra o grupo insistindo:

Não, não quero saber, não entendo disso. Eu sou torcedor”. Eu era torcedor. Torcedor de arquibancada mesmo, sem demagogia. Eu era um Arquibaldo, como diz o nosso querido Apolíneo. Eu era Arquibaldo. Eu tinha um lugar certo na curva do Maracanã, eu me reunia com o pessoal da rua da Alfândega, do Saara aonde eu tinha loja, eu já sabia que nós íamos se encontrar lá.

. Helal, no entanto, reluta: ele não quer aceitar, dizendo um total desconhecedor do universo futebolístico. Em 1968, há um fato que transforma a trajetória de George Helal. André Gustavo Richer decide se candidatar à presidência do clube, movimentado um numero significativo de rubro-negros, como o chamado “grupo forte”, que iria sedimentar a base da *Frente Ampla pelo Flamengo* tempos depois. Maldosamente apelidado de “vereador de Barbacena”, porque “ninguém sabe muito bem o que ele está pensando, muito menos em quem ele vai votar”, ele se dirige a Helal para pedir que ele seja o seu “vice-presidente de futebol”:

André Gustavo Richer era candidato à presidência em 1968, para 1969-1970 Ele veio ao meu escritório e veio me fazer um convite e disse que se ganhasse às eleições, eu ia ser o seu vice de futebol. Eu falava: ‘André Richer, eu não sei nada de futebol, eu não posso ser’. Não é modéstia, não. Hoje em dia, eu sei ser. Mas naquela época eu só era torcedor. Eu pensava até que ele não fosse ganhar a eleição, porque o adversário dele é uma pessoa muito bem quista, muito mais projetada, que era o Antonio Moreira Leite Eu não tinha a vivência necessária de nenhuma participação efetiva, de dirigir uma equipe de futebol, mas naquela época eu só era torcedor (...) ‘Você não pode estar com o Richer’. Eu respondia: Ah, não, já dei minha *palavra*. Mas ele ganhou a eleição, por várias razões, equívocos do Moreira Leite na Televisão. O Richer ganhou a eleição. E eu fui ser vice-presidente de futebol, sem entender nada, sem saber lhufas da direção. Não entendia nada mesmo.

Existem alguns elementos que se proliferam nas histórias: reparem é André Gustavo Richer quem vai até ele para fazer o pedido, praticamente irrecusável. O próprio permanece imóvel, em seu escritório, sem se locomover, escutando apenas um pedido do amigo. Novamente, George Helal não acreditava que Richer fosse ganhar de

Moreira Leite, e mesmo contra todos os *amigos*, que estão do lado de Moreira Leite, em nome de sua *palavra*, segue firme do lado de Richer, sem traí-lo. As homologias com Ângelo Chaves, são evidentes, que recusa, como o próprio Helal, as investidas do grupo rival, mantendo-se firme na sua posição. No caso, o vínculo Helal-Richer é direto, a força da palavra, é construída face-a-face entre os dois somente, como um laço de união entre indivíduos; ao passo que o compromisso de Ângelo é para com o grupo. O signo da honra, da força das palavras, do homem que, como diz Pierre Bourdieu, “é um homem e uma palavra” em que se estabelece o contrato entre as partes.⁷⁵

De qualquer forma, ainda que sem desejar, sempre se submetendo à coerção externa, Helal acaba por aceitar essa missão e ingressa ao Flamengo como dirigente, passando por esta metamorfose, do “torcedor de arquibancada” ao “dirigente de futebol”. Implicitamente evocada nestas narrativas é a ideia de que não se procura ser dirigente, mas se é procurado pelo cargo, por outros, como um chamado, uma missão, um sacrifício por amor ao clube, não se trata de uma escolha racional e deliberada. Há todo um processo de “tornar-se dirigente”, que é narrado de forma variada, mas o padrão se mantém: são os outros que lhe fazem o “chamado” para emergir avocação, das qualidades que o dirigente traz consigo, mas permanecem adormecidas senão despertadas pelo contrato assumido com o grupo. No limite, pode-se mesmo dizer que não se escolhe ser um dirigente de futebol, mas se é, pura e simplesmente, aceitando e naturalizando os ônus e os bônus de ser *assim*.

3. “O presidente sem paletó”. José Gil Carneiro de Mendonça, 1997 (mandato interrompido):

Em julho de 2012, quando encontrei José Gil Carneiro de Mendonça já com seus oitenta e oito anos contados, seu caminhar era vagaroso, vestia shorts simples, tênis confortáveis e camiseta simples de malha. Não muito tempo antes, o presidente havia ingressado no panteão dos presidentes tricolores ao tirar a foto que lhe garantiria a imortalidade na “Sala dos Presidentes”: “Só eu e mais um, este último que esteve aqui, que ainda não tiramos essa foto. Minha filha estava enchendo o meu saco para fazer isso logo”. Às vésperas da entrevista, que foi marcada no Fluminense Futebol Clube, ele balbuciava reclamações sobre o fato de ter que alugar um terno para a foto. Embora

⁷⁵ Como observou Verônica Moreira (2008), essa moralidade da honra não faz parte exclusivamente do léxico dos dirigentes, mas é extensiva, em muitas situações, à moral de muitos grupos torcedores, como ela mostrou na sua pesquisa sobre os torcedores do Independiente da Argentina que passaram a ocupar espaços simbólicos na estrutura política administrativa do clube. Assim, trata-se de uma ética eminentemente *masculina* em que se lê o mundo a partir de certos padrões de conduta pautados na disputa e na rivalidade pela honra.

tivesse sido alertado por outro ex-presidente; foi bastante espantoso perceber que Gil não possuía *nenhum* paletó, simplesmente por julgar uma vestimenta desconfortável. A aversão profunda e visceral que nutria a este tipo de vestuário fê-lo tacar rapidamente paletó e gravata em um saco “plástico” daqueles de supermercado, colocando trajas mais do que esportivos para iniciar a conversa.

Numa agremiação de verniz aristocrático, como o Fluminense Futebol Clube, em que a utilização do terno em certas ocasiões cerimoniais ainda hoje é mais do que obrigatória; de tal forma que, quando fui numa reunião de consagração dos beneméritos e dos grande-beneméritos, recebi a advertência prévia da funcionária: “Venha de terno para não chamar atenção. Não faça como aqueles meninos que vem de terno e de calça jeans”, o fato de um ex-presidente não ter nenhum em seu guarda-roupa, foi como um chafariz de fumaça para o pesquisador. Ora, escreveu Pierre Bourdieu: “a oposição entre quantidade e qualidade sintetiza-se na oposição entre o terno, o apanágio do quadro superior, e o macacão, marca distintiva do agricultor e do operário”. (2007: 189-190). Causa espanto, portanto, que um ex-presidente de clube não tenha sequer um paletó em seu guarda-roupa. Ademais, ele não era um ex-presidente qualquer, mas sim “um notável” Carneiro de Mendonça. Num clube notabilizado pela fidalguia, ele era (ou deveria ser) a nobreza elevada ao quadrado. Sem querer adiantar hipóteses ou forçar conclusões, tomei a sério esta pergunta aparentemente anedótica – por que o presidente não usar paletó? – como novelo que possibilitaria construir compreender esta entrevista.

Prolegômenos à parte, a interpretação que Gil constrói acerca da sua própria vida e trajetória, mesmo tendo sido candidato três vezes até ser eleito presidente do clube, é, como podemos imaginar, de que nunca teve como projeto ser presidente do Fluminense Futebol Clube. Conquanto haja um silêncio ensurdecido sobre a sua segunda candidatura quando perdeu – como já vimos – por apenas um voto para Ângelo Chaves; há um relato pormenorizado de sua primeira candidatura em 1974, quando derrotado de forma avassaladora por Francisco Horta, bem como da sua terceira candidatura, quando eleito em chapa única, sem adversários. Dessa primeira candidatura, fica a lembrança “de um pedido do Havelange”, de sorte a garantir “a lisura” no pleito, pois foi “naquela época em que começou a ter briga aqui”. A despeito de sua aversão ao cargo, ele foi convencido pelo amigo, Arnaldo Santiago, que viria a falecer pouco tempo depois:

Então, o Arnaldo fez uma questão. Eu não queria ser de jeito nenhum presidente do clube. Então, o Arnaldo fez, fez, fez, fez, fez e eu fui

presidente. Quando eu peguei o negócio, eu vi, porra, a situação que estava, a merda que estava.

Dessa vez, em algo inédito principalmente em se tratando dos últimos trinta anos, Gil Carneiro acabou sendo aclamado pelos sócios em eleição de chapa única sem adversário. Apesar de ser vice-presidente de Esportes-Olímpicos, Gil Carneiro desconhecia a situação mais do que trágica do futebol tricolor. Na segunda metade da década de 1990, o Fluminense passaria a sofrer com resultados ruins em campo, sendo relegado à terceira divisão como consequência de um triplo rebaixamento. Enquanto isso, os rivais viveriam fases muito distintas, o Vasco da Gama passou a colecionar naquela mesma época títulos nacionais e internacionais; o Botafogo sagrava-se Campeão Brasileiro pela primeira vez; e o Flamengo começava a construir a hegemonia no Estado do Rio de Janeiro, o Fluminense padecia num martírio sem fim. Daí que Gil começou a ser alvo intenso de protestos de torcedores que penduraram seguidamente faixas (“Fora Gil”) pedindo a sua renúncia imediata. A “crise dos resultados” faria com que Gil terminasse por renunciar à presidência do clube pouco menos de um ano após tê-la assumido. Segundo o próprio Gil, essa renúncia acabou sendo “por problemas pessoais”, mas não há dúvida de que a pressão conjunta da torcida e da mídia quedaria por afastá-lo por completo da presidência.

No interior do clube, até hoje circulam fofocas de que ele teria privilegiado os esportes olímpicos em detrimento do futebol, o que teria causado a espiral negativa de resultados. É preciso dizer que do ponto de vista diacrônico, a turbulência do governo Gil parece por em evidência o irreduzível confronto entre os novos atores emergentes no campo esportivo nacional – as torcidas organizadas, os setores empresariais, etc. – e as forças residuais anacrônicas – os dirigentes das “grandes famílias” que vinham perdendo a força nos clubes de origem. No Fluminense, as famílias Coelho Netto e Carneiro de Mendonça, cujo poder de domínio fora incontestado por décadas a fio no controle dos bastidores do clube, praticamente saíram do teatro da política verde, branco e grená. Numa “nostalgia aristocrática” (Elias, 2001) de um tempo em que as grandes famílias reinavam absolutas no Fluminense Futebol Clube, Gil chega mesmo a dizer que “ser presidente do Fluminense foi a sua maior decepção”:

Gil: Minha maior decepção foi de ser presidente aqui. Porque reuniram um bando cafajestes que fizeram a não sei o que tricolor, eles eram tão cafajestes, porque eram aqueles caras que ganhavam dinheiro do Fluminense, gente de torcida organizada, crioula toda. Chegaram e alugaram uma sala ali no Largo do Machado, foram

despejados e nunca pagaram um tostão, é gente dessa laia. Sabe como é jornal, jornal tem a notícia, então, apareciam eles com faixa na cabeça, “Fora Gil!”, escrito não o que, “pereré”, tudo bem. Tem um aqui, que trabalha aqui, está até hoje, me trata muito bem, era um daqueles “Fora Gil” (risos). Meu Deus do céu, e eu que o admiti. É que sou assim, eu o admiti. Não vou criar uma desavença, uma pessoa. Agora, como eu digo, uma decepção é ver o nível de gente que aparece no clube. Isso é o nível de gente. Isso não poderia acontecer nunca, como eu falo... A oposição, tudo bem, quando chegou, ganhou, todo mundo se unia para o bem do clube. Diferente, hoje em dia não é isso, o sujeito está aqui no banco fofocando com o fulano sei lá o que é, não sei o que... Então, eu sempre fiz o seguinte, nunca me meti, jamais, nunca mais vou chegar aqui... Ele é o presidente, porra, não vou ficar fofocando aqui se o cara está bom nisso ou naquilo outro. Hoje é o único dia que eu estou falando alguma coisa. Nunca, porque eu nunca sentei nesse banco. É sério, não estou brincando não. Nunca sentei nesse banco.

De qualquer forma, para além da importunação dos amigos, a presidência era um projeto de linhagem familiar: “meu pai sonhava que eu me tornasse presidente deste clube”. No caso, o pai de José Gil Carneiro de Mendonça era ninguém menos do que Fábio Carneiro de Mendonça, considerado um dos maiores presidentes da história do clube, o irmão de Marcos Carneiro de Mendonça, o lendário goleiro “fitinha roxa” e presidente do Fluminense, de quem muito já falamos e sobre quem muito já se falou. Marcos e Fábio, por sua vez, eram filhos do casal formado pela imigrante belga LeocadieProcureur e por Alberto Carneiro de Mendonça, médico mineiro que aparece, inclusive, citado como um dos que foram entrevistados por Gilberto Freyre, em seu estudo clássico sobre a República, *Ordem e Progresso*.⁷⁶ Seguindo uma tradição

⁷⁶ Ainda que de forma assistemática, *Ordem e Progresso* foi o primeiro trabalho sistemático da ciência social brasileira a se dedicar a coletar “entrevistas” com pessoas que viveram uma determinada época, de forma a tentar resgatar a experiência daqueles indivíduos. Freyre esclarece-nos muito pouco sobre os seus métodos, formas de seleção, etc., ainda assim inventaria seus entrevistados logo ao início do livro, quando encontramos o avô de Gil Carneiro de Mendonça. Nesta seção, há um esboço de sua biografia justamente quando o discípulo de Franz Boas faz uma prosopografia dos selecionados. Vale a pena transcrevê-lo: “CARNEIRO DE MENDONÇA, ALBERTO. – n. INTERIOR, Província de Minas Gerais, 1868. Curso primário e secundário. Fundador da agência de transportes. Registra indiscrições da época acerca de Olavo Bilac, que conheceu de perto. Formação católica”. Apesar de comerciante, é sabido que Alberto construiu sólidas relações com a sociedade literária da época como indicado na própria entrevista, com as declarações, como já veremos, de Gil sobre a presença do intelectual Austregésilo de Athayde na sua casa. Não à toa, Marcos Carneiro de Mendonça, desenvolveu um apreço de todo especial para as ciências humanas, sagrando-se renomado historiador. Através da pena de G. Freyre, Alberto Carneiro de Mendonça aparece outras cinco vezes na sua obra. Na primeira (: 262), discorre acerca dos heróis de sua mocidade, em especial, os Generais e Coronéis da Guerra do Paraguai. Na segunda, (:342), fala sobre a atuação do “prodigioso rui Barbosa”, com uma memória espetacular. A seguir (:409), rememora a pedagogia a que foi submetido quando em infância, baseada em aulas particulares em casa, e em métodos de aprendizagem via repetição contínua. Na penúltima vez (:499), pinta uma espécie de retrato de Olavo Bilac, ele “não tinha dentes”, diz Alberto, “só quando foi importante, pôs dentadura”. Por fim, na sua última menção, (: 946), temos uma informação que nos interessa muito, pois diz respeito ao passado desportivo de Alberto, praticando equitação, saltos, natação e até críquete. Sabíamos – através da entrevista de Marcos Carneiro de Mendonça depositada no Museu da Imagem e do Som – que Alberto

familiar, portanto, Fábio havia escolhido a profissão de médico seguindo os passos do pai. Embora ambos os irmãos tenham tentado carreira como jogadores de futebol, o sucesso de Marcos é incomparável ao de Fábio, “que muito rapidamente estourou o menisco”; mas o curioso é que o inverso é que é verdadeiro quando se fala da atuação do dueto como dirigente. Alguns mal se lembram da passagem de Marcos à frente da presidência, mas as histórias de Fábio Carneiro de Mendonça são envolvidas num culto por diversos ex-presidentes vivos: teria sido ele quem, em primórdios do profissionalismo carioca, viabilizou a contratação do selecionado paulista, com Romeu, Tim, Hércules e companhia, garantindo a hegemonia tricolor por quase meia década.

Na narrativa de Gil, Fábio é evocado como o modelo tipicamente ideal de presidente tricolor: ele é dedicado ao Fluminense, “muito mais do que o meu tio Marcos”, trabalhador, mas, sobretudo, *caridoso* e *abnegado*. Neste aspecto ele não é apenas o pai, mas, em particular, um símbolo, um modelo *do* real e um modelo *para* o real, como talvez o dissesse Clifford Geertz. Neste particular, Gil recupera ainda uma história bastante significativa, diria mesma arque-mítica sobre como deve agir o homem ideal e, ainda mais, o “dirigente” tricolor:

Luiz: [O Austregésilo de Athayde] Era muito amigo do seu avô, salvo engano, não é?

Gil Carneiro de Mendonça: Eles eram bem amigos. O Austregésilo... Nós fazíamos o seguinte, Tio Marcos, todo domingo, a família inteira se reunia, era uma mesa daqui até lá. E minha mãe, eu tenho uma filha igual, só tomam troço fervendo, eu não boto nem a língua ali. É tudo fervendo. Então, em homenagem a minha mãe, vinha uma terrina de sopa fervendo, minha mãe botava aquilo, Tia Ana Amélia botava aquilo no prato, pegava um copo d’água, e levava a minha mãe à loucura, aquele copo d’água. O Athayde ia, o Jujuca ia. E o Athayde, quando meu avô morreu, eu tenho lá em casa este quadro, lá na fazenda, ele escreveu um artigo em que dizia que o meu avô era ‘o melhor dos homens’. Meu avô realmente era uma pessoa bonita, ele tinha uma pestana, que ele tinha todo o tráfego de cargas da Leopoldina, e tinha uma parte da Central. Em frente às barcas, até hoje um dos prédios está lá, tem um prédio branco à direita, tem aquele restaurante Albamar, tudo

havia praticado natação, mas as passagens de Freyre nos permitem pensar a formação de uma espécie de “*habitus*” *esportivo*. Esse *habitus* foi, sem dúvida, transmitido por uma sequência de três (pelo menos) gerações bem sucedidas em esportes diversos – natação, futebol, vôlei. Parece, no entanto, que a história não acaba aí: a filha mais velha de Gil, pelo que ele me relatou, chegou a jogar tênis, sendo, inclusive, convidada a cursar uma Universidade nos Estados Unidos como atleta, o que recusou.

aquilo era do meu avô. E um pessoal culto, Machado de Assis, sempre ia lá. (...) O meu avô, de repente, chegavam lá e diziam: ‘Poxa sr. Alberto, sicrano está roubando, toma cuidado!’ ‘Mas enfim, ele é mais pobre do que eu, o que é que eu vou fazer?’. Ele sempre foi assim, você está entendendo. Agora eu fico até hoje com uma dúvida, se meu avô era o melhor dos homens, ou se era o meu pai. É um troço que está em mim. (risos) Meu pai era uma pessoa que, meu Deus do céu, quando ele ficou cego, e já não tinha firma lá para abrir para família, enfim, em Ipanema, e ele cego não podia mais trabalhar, não é? Mas ele não tinha conversa. Ele ia. Olha, fazia fila na rua para ele atender lá na sobrelojinha que tinha, ele atendia de graça, todo mundo que ia lá. Eu tenho até hoje essa dúvida sabe? [sobre o melhor dos homens] Que eu vejo o quadrinho lá, eu me lembro do meu pai.

Esses objetos aparentemente desprovidos de significação – aqui, a sopa transbordando de quentura que Anna Amélia não suportava beber, o copo d’água que torrava para desespero, mas também outros acolá, como o uniforme de General do pai, que o filho usava sempre quando saía à procura de moçoilas, os retratos de nobreza de Dona Josefina à parede da fazenda, e assim sucessivamente – é que produzem a coesão familiar entre o filho e a família, o elo entre o presente e o passado: são objetos carregados de uma herança imaterial dos Carneiro de Mendonça.

Voltando ao que Gil diz sobre o pai, a cegueira do Dr. Fábio faz com que este seja imediatamente envolvido numa aura de sacralidade, já que, mesmo privado de seu principal órgão sensorial, não se pode deixar de cumprir o papel que lhe era cabido: a obrigação de atender aos pacientes sempre quando fosse solicitado. Circundada pelo imaginário da pureza e de abnegação comumente associados à profissão de medicina, as ações do Dr. Fábio numa “sobrelojinha”, tipificam a ideologia da humildade tão presente no catolicismo medievo – tal ideologia aparece, por sua vez, corporificada na expressão latina *sermohumilis* estudada por Eric Auerbach –; cuja importância conceitual para a formação (e o pensamento) social brasileira se fez a partir da análise empreendida por Ricardo Benzaquen acerca da obra de Gilberto Freyre. A “ética do trabalho” sobrepõe-se à simbólica da doação; pois o ideal do sacrifício que deve prevalecer. Celebra-se, assim, o ideal caritativo através do qual se celebra a relação, cultuando a importância do feixe de relações, pois tanto o avô quanto o pai, sabem bem colocar se numa posição de auxílio quem tivesse necessidade; “ele é mais pobre do que eu”, optando pela manutenção do convívio à denúncia do furto, renunciando assim a ruptura, a quebra da relação.

A infância de Gil foi marcada por este ideário da disciplina e da hierarquia, mas também pela ideia de que se devam construir relações pessoais acima de tudo. Gil foi crescendo com ele, sabendo celebrar a importância das relações entre os patrões e os empregados. No dia em que, como vimos, “começou sua obrigação com o clube”, quando recebeu a distinção de Grande-Benemérito Atleta, escolheria ninguém menos do que “a minha roupeira” para lhe entregar o diploma concedido: “Todo mundo escolhe uma pessoa graduada aqui dentro, mas eu escolhi há minha roupeira, que estava comigo há mais de trinta anos”.

Eu não sou, eu não sou absolutamente, arrogante. Eu sou filho único e minha mãe tinha um pavor de me criar como filho único. Então, naquela época, havia praticamente, você não podia ter contato com gente de classe inferior. Eu fui morar em Ipanema com quatro anos de idade, só tinha três ruas calçadas. Ali, atrás de casa, fizemos um campo de futebol. Quem eram os meus companheiros? Era o filho do padeiro, o filho do açougueiro, filho do quitandeiro, filho de não sei quem, você está entendendo? Então, foi na guerra. Na guerra havia o racionamento. Em casa, havia de tudo. Aqueles meninos todos cresceram. Essa manteiga Leco, que você vê aí, começou ali, em Ipanema. Depois, abriu em Copacabana. Lembro que uma vez a minha mãe entrou na fila, o cara lá dentro foi e gritou: ‘Dona, não precisa entrar na fila’. (Entrevista com Gil Carneiro de Mendonça)

Estamos aqui diante do que pode ser um traço peculiar das representações que as elites brasileiras fazem sobre si mesmas: a possibilidade do contato, ainda que mínima, entre diversas classes sociais, em que se enfatiza a ideologia da harmonia e do consenso e não o modelo do conflito. Ao destrinchar o *modus vivendi* da burguesia francesa, a antropóloga Beatrix LeWita (1995) mostra como o discurso da burguesia francesa se restringe a afirmar a separação entre nós (a burguesia) e eles (a sociedade francesa), ressaltando a construção da distância entre “mundos” sociais díspares. “Eu não sei nada sobre como as outras pessoas vivem” (1988: 45) diria uma das informantes da antropóloga francesa. Na sociedade francesa, tal distância é simbolizada pela morada burguesa no campo – o *châteaux* – localizado muito além do burburinho social, em que se constroem espaços sociais exclusivos em que a burguesia “se refugia” e exerce seu livre pensar. Em revanche, o discurso de Gil acentua a possibilidade (ainda que como exceção) de interação entre os grupos sociais muito distintos, aclimatados pelos afetos, que se traduzem em ganhos recíprocos: a manteiga Leco, o leite, o pão em períodos difíceis, e o futebol cotidiano para os rapazes menos abastados.

Àquela altura, o menino José Gil Carneiro de Mendonça sequer pensava em jogar vôlei com o Fluminense, quanto menos almejava ser presidente do clube. No decênio de 1940, Gil Carneiro de Mendonça, ou simplesmente, o “Canguru”, como era mais conhecido, – famoso por seus saltos e suas cortadas demolidoras – se notabilizaria por mais de duas décadas dedicadas ao vôlei, ao Fluminense e à seleção brasileira. Numa comparação apressada, quiçá rasteira, José Gil Carneiro de Mendonça representaria para o vôlei nacional o que o seu tio, Marcos Carneiro de Mendonça, foi para o futebol de campo: o primeiro ídolo, a principal vedete do primeiro período de difusão do voleibol brasileiro. Na primeira eleição de Gil, Francisco Horta, sempre incapaz de resistir ao elogio, deliciava-se quando o via: “Este é o maior jogador de vôlei que já existiu”.

Gil Carneiro de Mendonça não fora, em infância, aquele torcedor desbragadamente apaixonado pela equipe de coração à maneira dos tipos rodriguianos preferindo a admiração estética pelo esporte, a admiração distanciada do jogo. Quase como num utilitarismo infante-juvenil, os motivos pelos quais o menino Gil ia para a assistência do clube eram simplórios: “Meu pai; é o que eu digo: eu comecei aqui, vindo aqui, minha mãe me trazia a troco de bala, eu chupava bala. E ele me trazia para ver futebol. Era assim que eu vinha”. Não obstante fosse filho de Fábio Carneiro de Mendonça, um dos “notáveis” da política tricolor, considerado até hoje um dos maiores presidentes do clube, Gil Carneiro de Mendonça começou “por acaso” a carreira como volibolista um pouco distante dos domínios do pai, no Flamengo.

Mas eu comecei o seguinte: eu estando na praia, nós tínhamos uma brincadeira, o vôlei de praia, eu jogava vôlei de praia, tinha o de Ipanema. Antigamente, a Liga de Praia era muito bem organizada, mas o único time de Ipanema era o nosso, Atlântico. Então, nós tínhamos uma redinha de vôlei lá, e eu era o dono. (risos). Eu era o dono, é. Eu namorava uma moça que, por acaso, era irmã do diretor do Flamengo. E saiu uma briga no Flamengo, daí ele começou a catar gente nas praias para jogar o segundo turno, e lá fui eu nisso. Joguei levantando, quando saiu outra briga (risos). Quando eu sai do vestiário, eu vim correndo e falei: - “Olha, quem vai cortar neste time sou eu e ‘pufe’!”.

Ocioso repetir que uma vez mais os ingressos nos clubes ocorre graças às mediações suscitadas por relações de amizade e de parentesco – neste caso, a namorada que era irmã do diretor do Flamengo. Isto sim também é revelador que, neste caso, a relação de namoro prevaleceu sobre a relação de parentesco que a família tradicional de

Gil com o clube do coração. Apenas depois de algum êxito na equipe do Flamengo, Gil é convidado por um diretor a participar da equipe do Fluminense. “Um diretor chegou para mim e perguntou: ‘Por que é que você não está no Fluminense?’”. Sem saber o que dizer, Gil acabaria se movendo para o Fluminense e por lá ficaria nos próximos cinquenta anos. Nesse ínterim, porém, o famoso Mário Polo, Benemérito e ex-presidente do Clube, julgou mesmo inadmissível que um “Carneiro de Mendonça” atuasse contra a equipe das Laranjeiras.

E tinha um senhor chamado, Mário Polo, Benemérito, que estava lá em cima, no ginásio havia uma passarela lá, estava lá em cima e gritava: - ‘Vergonha, vergonha um Carneiro de Mendonça jogando contra o Fluminense!’ Mal sabia ele que eu já tinha assinado o troço. Um Carneiro de Mendonça... E meu tio era o presidente. Então, foi nessa época, que meu tio, Marcos, era o presidente, é que eu vim jogar aqui

O fato de Gil Carneiro de Mendonça ser um dos membros notáveis do clã, Carneiro de Mendonça, interditava, no nível simbólico, que ele praticasse esportes no Clube de Regatas do Flamengo, o que seria compreendido como uma mancha na linhagem familiar e ao próprio clube tricolor. Neste quesito, então, a relação familiar e da linhagem acabaram prevalecendo enfim quando Gil haveria de regressar ao seu “lugar de origem”. De toda a forma, o interdito que é provocado pela relação familiar, certos “sacrifícios”, são os mesmos que possibilitam certos privilégios. Nesse sentido, graças à sua linhagem e as influências que elas exercem que Gil pode “liberar-se”, garantir certos privilégios no clube, entre eles, o de nunca precisar usar paletó. Dessa forma, é que ele diz que, enquanto trabalhou no Banco do Brasil, ausentava-se inúmeras vezes porque precisava jogar vôlei ou simplesmente acompanhar a delegação do Fluminense para cima e para baixo.

Mas eu também fui, você está me vendo assim, o meu primeiro emprego foi no Banco do Brasil, mas eu nunca trabalhei no Banco do Brasil, trabalhei no que hoje em dia é o Banco Central, chamava-se Tesouro Nacional. Havia uma lei, do Getúlio ainda, que quando você tinha competição oficial o patrão era obrigado, qualquer patrão era obrigado a liberar a pessoa jogar. Primeiro eu entrei, fui pra lá e fazia os esportes. Porra: veio o chefe do funcionalismo pra mim: - Sr. Carneiro, o senhor não pode botar assim, tem que botar paletó, botar gravata, botar não sei mais o que. Eu falei: - Me mostra onde é está escrito que eu quero é ver. Ele não mostrou, eu continuei minha vida. Ai pedi um campeonato na Bahia. Eu pedi autorização, teteté... Quando chegou na véspera, naquela época ainda usava-

se o avião da FAB, porra. Foi na véspera, o nosso, que trabalhava com o gerente geral, sei lá o que era nome... Eu falei: - Olha, teu papel na gaveta dele. – Quê? – Ta na gaveta dele. Eu falei: - Olha... Peguei, fui embora. Podia mais trabalhar, mas era outro prédio. Fui para o prédio do Banco do Brasil. Fui lá, cheguei lá às 17h. Disse que era presidente, vamos chamar hoje dia do Banco Central, antigamente tinha outro nome, me recebeu às 20h da noite. Ai chamou o secretário dele lá: - Avise lá o Renato – que eu esqueci o nome - que eu autorizei ele a ir. Quando eu voltei, quinze dias depois (risos), meu chefe virou: - Você é maluco! Não sei mais o que, teteté... Queria me emprestar o paletó e o colarinho para ir falar com o tal do Renato. Eu falei: - Que porra! Eu vou lá o que . Ai ele ligou lá né, viu que não tinha razão e tal, tudo bem. Ai da outra vez, o Fluminense futebol foi jogar na Guatemala. Ai me escolheram para chefiar a delegação. Eu não tinha direito, mas peguei lá um texto do Fluminense, mandei né. Ai não passei por ninguém, fui direto ao presidente né. Cheguei lá, fui procurar o Conselho e tal, ainda peguei fui para Guatemala. Voltei, foi pouco tempo, voltei veio o chefe do funcionalismo: - Muito bem Mendonça, batemos o seu ponto. Eu falei: - Porra, por quê? Tem lá. – Não o presidente botou que “conceda-se”, tudo bem, mas não disse se era com ou sem paletó (risos). Porra, quer dizer, uma merda tremenda. Bom, mas agora, eles não sabiam é o seguinte: eu fazia... Eles me chamavam *de maluco*, tudo bem. Mas eles não sabiam que esse presidente do Banco Central era vice-presidente de finanças do Fluminense com o meu pai presidente (risos). E eu nunca falei nada (risos) com ninguém, fiquei com a fama de maluco (risos). Fiquei com fama, está vendo. Levei o resto da minha vida com fama de maluco (risos). Falei com ninguém, estou falando hoje em dia que todo mundo morreu, mas foi assim que as coisas ocorriam. É isso.... (Entrevista com Gil Carneiro de Mendonça)

De certa forma, Gil assegura, como diria Pierre Bourdieu, aquele que é considerado “o privilégio dos privilégios”, que é o de se liberar de seguir à risca a cartilha do *modus vivendi* dominante, precisamente por representa-lo tão fortemente, naturalizando-o de tal forma em que é possível conquistar certas liberdades impensáveis a grupos numa linha tênue ou que pretendem ascender socialmente. Ele só o pode porque suas relações de sangue o permitem de forma que o espaço assegurado pelo pai no clube de futebol lhe garante certo status: a sua “maluquice” estava respaldada na rede de relações tecida pelo pai no interior do clube. Daí que o presidente não usa paletó porque está liberado de suas obrigações principais graças às relações constituídas em torno do seu *nome* familiar. Olhar com um microscópio para a entrevista do Gil é ver através de um pequeno caso a manifestação clara e latente da *ideologia da harmonia* tão

difusa no imaginário das elites, que creditam o lugar especial ao Brasil no concerto das nações, como uma morada idílica em que os conflitos de classes são minorados ante avalorização das relações interpessoais.

III. CARTOLAS NO PLURAL: OS MODOS DE GOVERNAR, OS ESTILOS DE DIREÇÃO E O CLUBISMO COMO TRAMA SOCIAL E SIMBÓLICA:

Os presidentes e a sua magia:

No capítulo anterior, observamos certas práticas e determinadas representações acreditando numa certa universalidade aos presidentes de futebol, notando nossa estranheza e esboçando uma interpretação ambiciosa diante do fato de que elas aparecem em contextos muito díspares. Por contraste, será preciso agora tratar do que é particular e peculiar, mostrando como certos engajamentos dirigentes e certas formas de atuação adquirem tonalidades específicas, variando de contexto-a-contexto, e, sobretudo, de clube-a-clube. Numa linha aberta pelo sociólogo francês Émile Durkheim e pelo antropólogo Marcel Mauss, defendemos haver uma constante circularidade entre as representações coletivas e as práticas sociais, já que a realidade é ela mesma socialmente construída a partir de um processo de seletividade no qual certas figuras, ícones e símbolos ganham relevo, enquanto outras são sublimadas.

Numa síntese, especificamente sobre o futebol podemos dizer que ele não tem um valor imanente, mas sim um valor simbólico zero (Guedes, 1977), em que se veiculam um conjunto multifacetado de representações. Daí que as equipes de futebol se prestam à “fabricação do singular a partir do [de uma linguagem] universal” (Bromberger, 1995: 111): valores que se metamorfoseiam ao longo do espaço, do clube e do tempo. Neste sentido, seguindo uma indicação esquadrinhada por Christian Bromberger (1998: 77-79), a hipótese a ser defendida é a da existência duma *conexão semântica* entre formas de gerir e as representações historicamente construídas sobre os clubes, indo além podemos auferir que a própria natureza da organização política irá variar clube-a-clube de acordo com as qualidades atribuídas a cada clube num processo de retroalimentação das representações. Aqui, o objetivo é entrecruzar o terreno do imaginário do clubismo à prática e ao engajamento dos dirigentes de futebol⁷⁷, tentando

⁷⁷ Esta ponte que investiga os rituais do clube-nação e certas maneiras de jogar não foi apenas aberta por Christian Bromberger. Certamente, o especialista em antropologia das sociedades mediterrâneas, foi primeiro a fazê-lo para pensar a relevância dos “estilos de direção” para compreender os dirigentes de futebol, mas valeria a pena citar o antropólogo argentino, radicado na Noruega, Eduardo Archetti (1999), que trabalhou com o tema da relação entre as representações do estilo de jogo “criollo” e a formação da nação argentina. No Brasil, é forçoso mencionar à tese de Luiz Henrique de Toledo (2002) e os trabalhos de Simoni Lahud Guedes (1977; 1998). Num artigo pioneiro (1999), o antropólogo paulista perguntava-se acerca da diversidade dos estilos de torcer, questionando a suposta univocidade de adesão dos fiéis aos clubes. Na sua tese de doutorado, Toledo cunhou o conceito de forma-representação, tentando ver como esquema tático de jogo (um país ou de um time) se ligava ao imaginário local: creio que podemos sem grandes problemas nos valer dessa categoria para pensar também os estilos de direção.

apreender a multiplicidade do que ele designou como *estilos de direção* (“style de gestion”):

Ao estilo de jogo sobre o gramado corresponde um estilo de gestão do clube e do torcer nas arquibancadas, que trazem embutidas a marca e o imaginário local. À antítese de outros clubes franceses (como o FC Sochaux, o AS Saint Etienne, o RC Lens, o AJ Auxerre, etc.), o OM [Olympique de Marselha] depois de sua adesão ao profissionalismo, sempre preferiu comprar os jogadores a investir numa política de cuidado com as categorias de base e formação de jogadores. O que chama atenção nesta forma de gestão são as transferências estrelares, os “golpes de pôquer” dos presidentes em que se deleitam os torcedores. A popularidade dos dirigentes, se ela tem a ver com o sucesso da equipe, repousa igualmente sobre a capacidade que eles têm de encarnar a dimensão imaginária em que os torcedores [do Olympique] se reconhecem: a malícia, o gosto pela aventura turbulenta e pelo espetáculo, o senso de desafio, a dramatização enfática do evento. (...) Se Bernard Tapie, que dirigiu o clube entre 1986 e 1994, gozou de uma popularidade extraordinária, é sem dúvida porque ele promoveu o clube ao primeiro escalão europeu, mas também porque suas qualidades traziam à tona os estereótipos da localidade: uma linguagem viva, direta, endereçada fortemente aos presidentes dos outros clubes e aos homens da política: um senso entranhado de desafio, da provocação viril e do gosto pelo espetáculo – os três “erres” (“Sonho, risco e riso”) [Rêve, risque et rire]. (Bromberger, 1995 : 130-131).

É que se os clubes de futebol são como microcosmos refletidos do estado-nação, o presidente pode afigurar-se como o líder salvador ou carismático, aquele que aparece, em momentos de crise, como dotado de poderes mágicos e que transita entre o céu e o inferno ao dissabor das profecias que se realizam (ou não). Neles, tudo o que dizem e tudo o que fazem parece estar circundado em torno de magia social, sendo o que notabiliza estes dirigentes é a capacidade singular de incorporar as características atribuídas ao clube do que são egressos na sua maneira de ser e de agir. Nesta capacidade de articulação entre o imaginário do clubismo e a sua prática social é que reside a sua magia, este *mana* social, que *certos* presidentes parecem emanar. A estes cartolas são atribuídos feitos mágicos muitos dos quais eles nem são os responsáveis, seja na memória oficial, seja na memória torcedora.

Por algum motivo, tais feitos são atribuídos a este ou aquele cartola, como se eles representassem a própria entidade. Este capítulo pretende investigar estes motivos, a natureza mágica e mística do poder destes indivíduos para adentrar à história do clube. Desenvolvida por Claude Lévi-Strauss, os três termos poderíamos evocar sorte de uma

relação ternária que envolve os seguintes termos da relação: o feiticeiro [os dirigentes], os crentes [os torcedores] e a crença [o clubismo]. Logo,

A eficácia da magia implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas, depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele perseguiu, no poder do próprio feiticeiro e, por fim, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. O problema é, portanto, o da relação entre o indivíduo e o grupo, ou, mais precisamente, entre um determinado tipo de indivíduo e determinadas exigências do grupo. (Lévi-Strauss, 2005: 183-196).

Dessa forma, o vigiar que o grupo impõe ao líder faz com que ele seja constantemente colocado à prova de fogo dos resultados, das expectativas do grupo, num regime permanentemente instável. Quanto maior é a crença no poder do líder, maior é também o temor que ele suscita. É a mesma crença que supõe que um líder como Eurico Miranda seja capaz de proezas heroicas, como levar o Vasco ao título das Américas, mesmo já distante do seu lugar de presidente, tenha sido o principal responsável pelo rebaixamento do clube da colina: para o bem ou para o mal, “a culpa é do Eurico”, cantariam os torcedores por ocasião do naufrágio do Vasco à série B do Brasileiro. O antropólogo Pierre Clastres dissera bem antes é que, entre os profetas e os xamãs, a fortuna e o azar caminham de mãos dadas. (Clastres, 2012: 247)⁷⁸.

Na configuração dirigente, em primeiro plano, é preciso retribuir a fidelidade torcedora com títulos, pois o fato é que não há escolha além daquela entre o “vencer ou vencer”, segundo a tautologia de Francisco Horta. Daí que, os dirigentes carismáticos são, quase que necessariamente, os dirigentes que logram êxito, essa dimensão do “ser vitorioso” é o primeiro ato mágico, assumindo um caráter central para a análise dos dirigentes de futebol, somente aqueles vencedores é que serão dignos de culto e que lembrados a longo e médio prazo. A nosso ver, embora importante, o elemento do êxito deve ser relativizado, na medida em que o sucesso em clubes de menor expressão não é

⁷⁸ “Você falou há pouco do xamã. De fato, o xamã, não há dúvida, é provavelmente o homem que possui mais poder. Mas qual o seu poder? Não é, em absoluto, um poder de natureza política; quero dizer que o lugar no qual se inscreve na sociedade não é em absoluto um lugar a partir do qual ele possa dizer: ‘sou o chefe, portanto vocês vão obedecer’. De modo nenhum (...) Há xamãs que tem reputação formidável, isto é, cuja reputação se estende até a grupos distantes que nem sequer o conhecem. O xamã, enquanto médico, isto é, enquanto senhor das doenças, é senhor da vida e da morte: ele põe e tira a doença do corpo e do paciente, é senhor da vida. Enquanto tal, ele trata e cura. Mas, ao mesmo tempo, ele é necessariamente senhor da morte, isto é, ele manipula as doenças, e, se é capaz de arrancar a doença, ou melhor de arrancar uma pessoa à doença, inversamente é capaz de lançar a doença sobre alguém. (...) Dirão ‘é ele’, é ele que malefícios, que faz as crianças adoecerem, etc. O que se faz neste caso? Bem, na maioria das vezes, o xamã é morto’. (Clastres, 2012: 247).

exatamente idêntico a lograr vitórias no Flamengo ou no Fluminense. Afora o fato de que acreditamos este não ser, nem de longe, o principal definidor de uma relação identidade que é construída entre os torcedores e os dirigentes.

Na trilha do argumento Christian Bromberger (1995), o argumento é o de que para certos dirigentes sejam misturados à memória coletiva do grupo, é preciso, por meio das *aparições públicas*, incorporar na sua *persona* o “espírito do clã”: dar vazão ao que seja conceitual e praticamente o gremismo, o coloradismo, o flamenguismo, etc. Nesse sentido, ainda que de forma inconsciente, os dirigentes travestem o que podemos chamar das *máscaras sociais do clubismo*: seja ao lançar mão de acessórios, objetos físicos, imaginárise até mesmo animais que representem seus clubes, seja na representação e práticas cotidianas, que, salvo exceção, sofrem a mediação do *ethos* de uma comunidade, de uma linhagem.

Neste sentido, será necessário pensar o clubismo como trama social e simbólica (Damo, 2007)⁷⁹ produto e produtora de certas classificações sociais dos agentes no campo esportivo. Há uma espécie de circularidade entre os “estilos de direção” (Bromberger, 1995) e essa produção de carisma será preciso que ele incorpore à luz dos torcedores e da crônica o próprio *ethos* de um determinado grupo sendo atribuído a ele um sem-número de características e qualidades atribuídas ao clã. “Eurico Miranda é o Vasco”, costumam dizer os torcedores vascaínos mais fanáticos. Neste particular, o caso do dirigente descendente de portugueses é um arquétipo do que vamos argumentando até agora. Os mitos construídos sobre o Vasco legitimam e justificam a própria trajetória do dirigente vascaíno, Eurico Miranda, pois se os poderosos da cidade sempre estiveram contra o clube desde a sua fundação, é natural que eles estivessem contra o presidente que encarna o próprio clube. Não à toa, “Todos contra ele” é o sugestivo título da biografia autorizada do cartola, escrita pelo vascaíno Sérgio Frias.⁸⁰

⁷⁹ “O clubismo aqui é analisado como trama social e cultural. Nada impede que se trate da dimensão simbólica como uma modalidade de totemismo moderno, com a ressalva já expressa de que esta não é a única possibilidade de abordá-lo. Em primeiro lugar, tratar o clubismo como um totemismo não é uma antropologia às avessas, pois não tem a pretensão de explicar o complexo pelo simples. O que está no cerne do totemismo é a ideia de um sistema classificatório, em que são estabelecidas relações diferenciadas e projeções articuladas em forma de sistema. A escolha dos totens, que certas sociedades fizeram recair sobre espécies animais, é uma arbitrariedade cultural, razão pela qual Durkheim descreveu o uso da bandeira na revolução francesa, como uma modalidade de representação totêmica.” (Damo, 2007: 51).

⁸⁰ Dessa forma, acredito mesmo que vale a pena citar um trecho do *Prefácio*, do livro: “O que transforma uma pessoa em um emblema de uma instituição? O que faz dele um mito? De onde deriva o ódio e a idolatria que ela passa a despertar quando passa a ser confundida com a própria instituição? O que faz desta harmonia um fenômeno possível? (...) Para entender todo o processo de brilho, declínio e revitalização da instituição sendo esta última etapa gerenciada por Eurico, para que se compreenda a sua importância na trajetória do Vasco, para que se aceite o seu método como a

Neste sistema, não devemos nos esquecer de que os presidentes são as pessoas morais do grupo porque eles representam as tradições etéreas da comunidade em carne e osso, quem se delega fisicamente toda a crença etérea do clubismo, e é, por isso, que é preciso, como contrapartida, que eles honrem e retribuam os valores delegados a ele. Retribuir, em primeiro plano, significa fazer valer as tradições e a história do grupo. Há muito tempo a bibliografia acadêmica vem notando que os clubes de futebol são comunidades imaginadas (Anderson, 2008), o que faz com que existe todo um processo de construção de certas “características elementares” atribuídas a cada clube. Este sistema de oposições e de afinidades não é, em nenhum sentido, um exercício de retórica intelectual vazio. Dessa forma, os próprios presidentes compartilham deste sistema de oposições, transitando por este código, com a absoluta noção de que os clubes só podem ser compreendidos na sua alteridade.⁸¹No filme do cineasta Milton Alencar, que retrata a vida de Eurico Miranda, *A locomotiva*, Márcio Braga chegou mesmo a declarar: “O Flamengo é a antítese do Vasco, assim como eu sou a antítese do Eurico”. Nesse sentido, são os agentes que formulam, em termos nítidos, a diferença de teor e de qualidade entre os clubes naquilo que Francisco Horta definiu como o “cheiro próprio”, atinente a cada clube:

A vida está lá toda representada. Um clube espelha, reflete a vida social, de modo que você lá tem uma gama enorme de aprendizado. *E cada clube tem um cheiro próprio, é curioso.* Fluminense tem um cheiro, Flamengo tem um cheiro diferente, Vasco tem um cheiro diferente, e assim o Botafogo. E assim os chamados pequenos clubes. Este conjunto de clubes representa a meu ver o segmento do país mais bem-sucedido, que é a área esportiva, basicamente o futebol.

Observamos anteriormente que a essa conexão semântica – este “cheiro” – se retraduz do ponto do recrutamento em uma divisão de classes profissionais (que remete a uma divergência entre frações no interior da classe dominante) na diversidade ocupacional dos dirigentes relacionada ao sistema classificatório do clubismo: enquanto os presidentes do Vasco tem uma maioria absoluta de portugueses (ou filhos *de*, como é o caso do Eurico Miranda) e, na maior parte das vezes, comerciantes; os do Fluminense extraem seus sócios de uma nobreza togada, próxima ao que designamos as “profissões imperiais” (Coelho, 1999); os do Flamengo, por sua vez, variam, tendo tanto advogados

única possibilidade de livrar o clube de um apequenamento irreversível, é preciso que a História seja contada por inteiro. A história do Vasco. A história do Eurico. O que levou uma a se misturar com a outra, na simbiose que salvou a Colina?” (Nóbrega Apud Frias, 12: 2013)

⁸¹“Este sistema de oposições e de afinidades, que atravessa as três metrópoles industriais do Norte da Itália não é apenas um sistema de reconstrução intelectual. Os torcedores tem uma consciência clara, reivindicando essa solidariedade no seio de uma rede de alianças”.(Brombergeretalli, 1992 : 81).

e médicos, mas com uma ligeira predominância de comerciantes. Num sentido parecido com que aqui é defendido, o antropólogo Matias Godio afirmou que embora não se possa afirmar estatisticamente que a maioria dos presidentes dos Estudantes de La Plata seja composta por profissionais liberais, e a do Gimnásia y Esgrima seja de empresários (ou que pelo menos a estatística não seja tão forte quanto o imaginário), o imaginário torcedor torna essa representação “verossímil”, justamente porque “são os valores veiculados pelas profissões aqueles que determinam a eficácia simbólica para os integrantes de um grupo”. (2010: 240)

Este sistema não é uma mera reconstituição intelectual, mas se faz presente na própria consciência dos entrevistados acerca de tais fenômenos é notória, fazendo até mesmo que a cada conjunto de dirigentes seja atribuído certo número de qualidades pelos demais: é como se, uma vez ainda, a classificação dos clubes automaticamente produzisse a classificação dos homens. O que é marcante, a meu ver, é o sistema de classificações faz com que certo traço (positivo e negativo) atribuído aos clubes seja imediatamente migrado ao dirigente daquele. Sendo assim, essas representações imaginadas dos dirigentes em nada condizem com a realidade das práticas, mas são elas que orientam, como uma espécie de lupa, o modo de ler e de ver o outro e, neste processo, enxergar a si próprio. Num trecho revelador de uma entrevista, a maneira com que o presidente qualifica seus adversários é um indicativo da manifestação dessa cosmologia do clubismo:

L: Do Flamengo era o Veloso.

E: Não, no Flamengo era o [...]. Eu inclusive... Tinha um negócio lá na federação, você sabe, quando uma tabela é aprovada, é aprovada por unanimidade, sem nem votar. Não tem como fazer a tabela se “não, esse jogo não quero aqui”. Tem que ser aprovada por unanimidade. Então, aprovou-se uma tabela por unanimidade. Aí numa reunião, o Dunshee de Abranches, que era do Flamengo, foi lá nessa reunião, pra pedir pra que um jogo do Flamengo que ia ter no dia 06... Ele queria que se transferisse aquela data, transferência de data também tem que ser por unanimidade, porque o Flamengo tinha um jogo, não sei aonde, ia ganhar não sei quanto, ele não disse quanto era, mas era um jogo que era bom pro Flamengo em dinheiro. Aí não houve unanimidade. Quem é que não deu unanimidade?

L: O Fluminense?

E: O Vasco. O Eurico, pô! (risos) “Não, a tabela já foi aprovada e não tem mais esse troço não”. E o Dunshee de Abranches quase chorando.

Aí eu entrei, falei “Pô, Eurico, faz isso não! Faz isso não Eurico”. Ele falou, “Ah, esse pessoal quer bagunçar a tabela, a gente se reuniu, tá combinado, agora vem depois de tudo aprovado, tudo feito, vem querer adiar jogo? Não, tá errado”. “Eurico, amanhã é você, rapaz, você vai precisar de um troço desses”. Se o Eurico precisasse no dia seguinte, o Flamengo também não ia dar. Falei, “Não faz isso não, pô”. Aí o Eurico falou assim, “Eu tou entendendo o que o senhor tá falando, eu vou liberar a unanimidade”. O filhada puta do Flamengo não me deu uma palavra. “Muito obrigado, doutor”. Falou nada porra. Foi embora. O Flamengo tem muito disso, o dirigente do Flamengo acha que o Flamengo é uma nação, eles acreditam nessas merdas que a torcidainventa, que o Flamengo é uma nação. O hino do Flamengo é um mantra. Eles não sabem nem o que é um mantra, e eles falam. O Márcio Braga conseguiu falir um cartório⁸². (...) Puta que o pariu. [...] até hoje tem um salário do Flamengo, faliu. Aquele outro, esqueci o nome dele, o turco também de bigode, aquele de bigode, faliu.[Fadel Fadel] Aquele que levou o Evaristo.

Na análise do *outro*, do contrário, os presidentes de Flamengo e de Fluminense lançam mão das classificações atribuídas a cada clube para inserir os indivíduos no modelo/ sistema: daí que, apesar da fineza e requinte do cartola tricolor, o presidente do Flamengo se mantém impassível em sua arrogância e soberba: “incapaz de dar uma palavra”, “nem sabe o que é mantra” Aqui, o imaginário do rubro negrismo, que se vale do excesso, da anarquia e do caos, é contraposto ao ordenamento, a disciplina e a fidalguia tricolores, na própria ação cotidiana dos dirigentes de clubes, que tomam esta ou aquela atitude.

Sendo assim, este capítulo está dividido em duas partes mais genéricas. Na primeira parte delas, iremos pensar as duas estátuas de presidentes símbolos que se encontram nas sedes sociais dos clubes. Por qual razão elas se encontram ali? O que elas nos dizem sobre cada clube? Sendo assim, o busto de Arnaldo Guinle – o *patrono* tricolor, e a estátua de Gilberto Cardoso são pensados em termos binários, como díades antropológicas, que colorem de adjetivos os clubes dos quais são egressos. Na terminação do historiador francês Pierre Nora ([1984]), podemos dizer que estas estátuas operam à semelhança dos “lugares de memória” (“lieuxdumemóire”), cuja finalidade é a de afirmar uma *identidade do presente*, uma marca da instituição, reafirmando a memória e os valores do grupo marcando a estabilidade de laços em uma sociedade marcada pela aceleração do tempo. Contada e recontada, a história de Arnaldo Guinle busca valorizar os elementos do *fair play*, da sobriedade e organização

⁸² O cartório de Márcio Braga está firme-e-forte na rua Nilo Peçanha, centro do Rio de Janeiro.

tricolores; enquanto o *evento Gilberto Cardoso* rememora, sobretudo, o ideal da paixão rubro-negra, diferenciando clube-a-clube a partir das qualidades de seus presidentes.

Depois, em uma tentativa provisória (mas necessária) de fundir antropologia e história, pretende-se apreender a sincronia na diacronia – isto é, de que forma estas categorias do clubismo adquire poder *performático* num determinado contexto de transformação do futebol-espetáculo. Neste sentido, iremos pensar o engajamento de dois dirigentes que ficaram verdadeiramente marcados por sua atuação em seus clubes: Francisco Horta e Márcio Braga na segunda metade do decênio dos setenta. À maneira da descrição densa, mergulharemos com minúcias no período sucessivo em que eles estiveram à frente dos seus respectivos clubes: de 1975 a 1980, reconstruindo os primeiros anos de administração dos presidentes em questão.

Dos documentos aos monumentos do clubismo:

Não pode haver díade perfeita capaz de sintetizar melhor a oposição entre o Flamengo e o Fluminense do que aquela que remete *ao local* em que as estátuas dos principais presidentes da história do clube, a de Gilberto Cardoso e a de Arnaldo Guinle, estão colocadas. A própria maneira de construí-las constitui uma oposição: se a estátua de Gilberto Cardoso foi mesmo elaborada com o dinheiro recolhido de torcedores que se organizaram e lançaram os *Selos Gilberto Cardoso* após a conquista do tricampeonato de 1955; por sua vez, o busto de Arnaldo Guinle, construída em 1920, foi uma dádiva dos sócios ilustres ao eterno “patrono tricolor” pela realização das obras do estádio de Laranjeiras. Enquanto o busto da cabeça-Guinle reside solitário e mal humorado, sem corpo sendo visto exclusivamente aos que entram no *interior* do clube; Gilberto Cardoso está representado de corpo inteiro do lado *de fora, o exterior* do clube,

saudando e brindando com o sorriso a qualquer um que atravessar a rua homônima.



A estátua de Gilberto Cardoso, voltada para a rua; o busto de Arnaldo Guinle, no interior do Fluminense Futebol Clube. Foto: Luiz Guilherme Burlamaqui Soares.

Esta oposição primeira entre o exterior e o interior sobrepõe-se, evidentemente, àquela consagrada na ciência social brasileira entre a morada (a casa) e a rua.⁸³ Não à toa, a forma de contar e recontar a história do Flamengo, sem dúvida idílica e imaginária, mas não por isso menos importante e menos representativa, supõe, desde a fundação, houvesse uma interação constante entre os jogadores e o público. Neste sentido, o jornalista Mário Filho escreveria que, na sua fundação como time de futebol, o Flamengo, por não ter campo próprio acabava jogando no campo de pelada, o que fazia com que os meninos e as crianças do local vissem de perto os jogadores que admiravam. Na pena do cronista Mário Filho, a contínua interação entre o público das ruas e os jogadores era uma das causas da popularidade precoce do clube:

“O Flamengo, sem campo, não querendo pedir campo emprestado ao Fluminense, tendo de ir treinar no Russell. Havia um gramado no Russell, o mesmo de hoje, onde os garotos formavam times, jogavam futebol. Arranjado pela Prefeitura para isso mesmo, para ver se os garotos deixavam de jogar no meio da rua. Garotos e marmanjos. O Flamengo treinava lá. Era pertinho. Os jogadores saíam uniformizados: Praia do Flamengo abaixo, para a Glória, para o Russell. As travas das chuteiras rangendo na calçada, o barulho da bola batendo no chão, o time do Flamengo ia treinar, garotos de

⁸³ Na entrevista que eu fiz com Márcio Braga, ele assim declarou: “Eu sou Flammego pelo movimento de rua, não tenho a menor dúvida disso.” (Entrevista com Márcio Braga)

família, passavam a notícia de boca em boca. Quando os jogadores do Flamengo chegavam no Russell já encontravam gente esperando por eles. Com um pouco, o campo estava cheio. De gandulas. A bola ia fora. Era uma correria. Dez, vinte garotos querendo pegar a bola primeiro”. (Filho, 2003: 57)

Na construção do imaginário rubro-negro por Mário Filho, a rua prefigura um sentido de liberdade, no lugar em que classes sociais e grupos étnicos convivem como relativa harmonia – os meninos da Rua do Russel e os “rapazes de medicina”. Como observou Roberto Da Matta, pensando, sobretudo, em Gilberto Freyre, “a *rua* e também a *casa* são categorias sociológicas para os brasileiros (...) não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade (2000: 15).” Em antítese, o Fluminense Futebol Clube, embora fosse vitorioso dentro de campo, como clube social, fechava-se cada vez mais para si em meio do processo de espetacularização do futebol, tornando-se seletivo e reservado. Na mesma época, as vedetes que ascendiam ao estrelato precoce, como Marcos Carneiro de Mendonça e Fortes, tornavam-se cada vez de difícil acesso, voltando-se para o interior do clube. Neste quesito, o Leonardo Pereira (1999) chegou mesmo a construir hipótese de que ele havia abandonado o futebol pela incompatibilidade de conviver com os novos agentes e o novo público que formava o esporte.

Essa oposição inicial entre a casa e a rua, entre a seletividade e a abertura são apenas as duas primeiras de um sistema oposições de ordem de grandeza infinita. Nesse sentido, é possível perceber como a oposição entre o Flamengo e o Fluminense vai se desenhando na dualidade das trajetórias entre Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle: o do contraste entre a embriaguez rubro-negra e a sobriedade tricolor, entre aquele que é incapaz de se distinguir do jogo *absorvido* pela paixão desmesurada, a tal ponto que a sua própria vida é drenada; e aquele que mantém o olhar sempre “distanciado”, sem nunca esquecer de que o jogo é só um jogo, mantendo-se fiel à ideologia do *fair play*. Aqui, este sistema binário começaria a se desenhado no próprio *tempo* em que cada um ficou à frente do cargo: é que Gilberto foi presidente durante dois mandatos fugidios, não chegando mesmo a concluir o segundo; Arnaldo Guinle permaneceu mais de quinze anos (em períodos intermitentes dos anos dez aos quarenta) à frente da agremiação das Laranjeiras. No limite, se as estátuas pudessem falar, o que elas nos diriam mesmo é que Gilberto Cardoso é obrigado a aparecer de corpo inteiro porque o que importa na

simbologia do vermelho-e-preto é o *coração*; enquanto na cosmologia de três cores basta que Arnaldo Guinle tenha a *cabeça* representada.

Estes “estilos de direção” díspares se retraduzem nas *diferenças de doação* já que cada um, à sua própria maneira, oferece ao clube coisas distintas. O mecenato de Arnaldo Guinle faz-se avolumar sob a forma da riqueza bruta, da sede palaciana, da piscina e do Estádio moderno; Gilberto Cardoso, que nada disso tem, dá, como interpretariam os cronistas, a própria vida ao clube, o seu corpo, em uma espécie de *suicídio de amor*, como chegou mesmo a ser poetizado por Mário Filho⁸⁴.

Quando se elege cada um para ser o ícone do clube-nação o fazem no bojo de uma “política da memória” envolvendo duas modalidades antagônicas da construção da história de cada instituição, construindo, simultaneamente, identidades e alteridades. No sentido aplicado pelo antropólogo Clifford Geertz, Arnaldo Guinle e Gilberto Cardoso constituem *modelos de* e *modelos para* do que se espera para um dirigente tricolor e de um cartola rubro-negro.

Que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo (...) Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro. (...) Os símbolos concretos envolvidos – qualquer figura mitológica que se materializa na selva, o crânio do falecido chefe da casa severamente pendurado nos caibros ou uma voz do silêncio imaterial, entoando silenciosamente uma poesia clássica enigmática – apontam em qualquer uma das direções. *Ambos expressam o clima do mundo e o modelam*” (Geertz, 1978b: 105-109).

De antemão, é preciso advertir ao leitor que, se abundam informações sobre a trajetória de Gilberto Cardoso, principalmente pelo fato de que o que importa aqui é mais o ciclo de dádivas engendrado por ocasião de sua morte trágica; escasseiam os dados sobre a vida de Arnaldo Guinle e de sua atuação junto ao Fluminense Futebol Clube. Se, por conseguinte, obtive muitas informações de Gilberto Cardoso em pesquisa “direta” com o *Jornal dos Sports* à época de sua morte; as de Arnaldo Guinle sobre a sua família, foram obtidas via fontes secundárias através de um conjunto (não muito significativo) de teses e de dissertações (Lanna, 2010; Malaia, 2010; Sanglard, 2007;

⁸⁴ Num dos mais belos livros escritos sobre a História do Flamengo, apesar do plágio quase descarado de uma dúzia de textos de Mário Filho, o jornalista Ruy Castro (2002) afirmou que a família do presidente não teve dinheiro sequer para pagar o funeral do falecido cartola, sendo tudo bancado pelo próprio clube.

Needell, 1993), e também livros, que, na falta de um termo apropriado, designaremos simplesmente como “memorialísticos”. (Correa, 1936; Rodrigues, 2003). De qualquer forma, julguei necessário fracionar esta parte de capítulo em duas subseções, tentando analisar as trajetórias em separado para, apenas então, apreendê-las na sua oposição.

Gilberto Cardoso, o suicídio de amor:

Além do cântico em homenagem ao América Futebol Clube, o único hino do clube-nação que, ao tematizar a *natureza inquebrantável* dos vínculos construído entre os torcedores e os seus clubes, rememora a ideia de morte é o hino do Clube de Regatas Flamengo⁸⁵. Destarte, escrevendo sobre a relação entre o conceito de pertencimento clubístico e o romantismo, Arlei Damo (2005: 85) chegou a dizer que “o que aproxima um e outro é o prazer da entrega, de dar-se por inteiro, sem restrições, de dar-se à morte, de morrer de amor, ou de tuberculose, como diria Álvares de Azevedo”. Nessa estética torcedora, nada é tão emocionante, escreveu ainda o antropólogo catarinense, quanto “o suor [a] escorrer pelo sangue do rosto dos atletas, pois isso é tão tocante quanto ver o soldado derramar o sangue por uma causa coletiva” (Damo, 2007: 83).

Este “prazer da entrega” é manifestado, de forma hiperbólica, nos acontecimentos que se seguiram à morte de Gilberto Cardoso. Segundo a interpretação da crônica, Gilberto Cardoso foi o mártir rubro-negro, aquele que, em um sentido literal e nada metafórico, cumpriria o que estava escrito no hino do clube. Eternamente lembrado como síntese do rubro negrismo, a figura de Gilberto Cardoso adquiriu o estatuto do tipo-ideal de presidente e rubro-negro. Encenado no teatro do clubismo, o drama do *evento* da morte física de Gilberto Cardoso é convertido numa espécie de mito a-histórico que irá compor o panteão rubro-negro. Para compreender por qual razão Gilberto Cardoso é alçado à condição divina, é preciso antes de tudo proceder a um esforço de reconstituição do curso dos acontecimentos que antecederam a sua morte e os que se seguiram a ela, fundamentais para compreensão do processo de conversão do indivíduo em ser mítico.

Em 1952, quando Gilberto Cardoso assumiu a presidência o Flamengo se encontrava numa crise política turbulenta. A crise de resultados se transformava num

⁸⁵ (Hino do América: Hei de torcer, torcer, torcer/ Hei de torcer até morrer/ Morrer, morrer/ Pois a torcida americana/ É toda assim/ A começar por mim/ A cor do pavilhão/ É a cor do nosso coração/ Os nossos dias de emoção/ Toda torcida cantará esta canção/ Trá - lá - lá - lá - lá - lá - lá/ Campeões de 13, 16 e 22/ Trá - lá - lá - lá - lá/ Temos muitas glórias/ E surgirão outras depois/ Trá-lá-lá-lá/ Campeões com a pelota nos pés/ Fabricamos aos montes, aos dez/ Nós ainda queremos muito mais/ América, unido vencerás). Sobre o hino do Flamengo, ver o capítulo I.

longo jejum de títulos no futebol profissional, que se estendia desde o tricampeonato de 1944, com o cotidiano do clube assolado por episódios de conflito: os principais deles foram a “queima” da camisa de Jair Rosa Pinto após uma derrota acachapante contra o Vasco da Gama por 5 a 2 (depois de estar vencendo por 2 a 0), além da conturbada saída do Mestre Zizinho para o Bangu. Penando contra o drama de resultados, um conjunto de rubro-negros ilustres se decidiu reunir para lançar um candidato à presidência do clube, tentando promover uma guinada no clube da Gávea. Autobatzado “Dragão Negro” faziam parte deste grupo nomes de peso como Ary Barroso, Moreira Leite, José Lins do Rego, etc., que se reuniam semanalmente na famosa Confeitaria Colombo do Rio de Janeiro. Em algum momento, perto do final de 1951, a confraria decidira que o médico de Campos dos Goytacazes, Gilberto Cardoso, seria escolhido o candidato do grupo.

Sendo sustentado pelo círculo de notáveis, a vitória de Gilberto Cardoso pretendia ser o começo de uma nova era na agremiação rubro-negra. Arquitetada por Cardoso, a escolha do técnico Fleitas Solich, “o Feiticeiro Paraguaio”, para o comando da direção técnica do futebol, era a pedra-de-toque das transformações que o *cartola* pretendia impor ao clube. No seu segundo ano, em 1953, o Flamengo conquistaria o seu primeiro título da era Maracanã, quebrando a sequência de nove anos sem títulos – a segunda maior da sua história – que começava a incomodar a fanática torcida. Todavia, o talento em campo não pode deixar de contar com o auxílio da dádiva divina: o Padre Gois, da Igreja de São Judas Tadeu, prometeu, ainda em 1953, o título estadual ao Flamengo. A aliança sagrada entre o presidente e o padre não poderia ter tido uma eficácia simbólica maior e, já em 1954, com novas promessas, o Flamengo assegurara o bicampeonato, enquanto as expectativas sobre o tri só faziam é se ampliar. Como diria Dário de Mello Pinto, único presidente tricampeão até então, a utopia de Gilberto Cardoso era sagrar-se tricampeão, igualando-se a ele, sendo àquela altura um dos máximos prêmios que ele podia aspirar. Às vésperas da partida decisiva que colocaria frente-a-frente Flamengo e América, a crônica da cidade saudava o “natalício do presidente”, fazendo luz à fortuna do presidente. “Não se pode”, escrevia o periodista, “separar o nome de Gilberto Cardoso do grande momento que o Flamengo atravessa da grandiosidade da sua obra que o aniversariante de hoje executa à frente de uma equipe que parece contaminar-se com o entusiasmo do seu presidente” (Jornal dos Sports 11/10/1955).

As expectativas simbólicas e afetivas do presidente Gilberto Cardoso ante ao cargo, são, é bem verdade, relativamente difíceis de penetrar, pois rareava, até meados dos setenta, as entrevistas e os perfis biográficos dos dirigentes na crônica. Porém, proferido numa ocasião cerimonial e reproduzido no *Jornal dos Sports*, o discurso de Gilberto Cardoso no aniversário de sessenta anos do Flamengo constitui raro fragmento de visão de mundo. Nele, o caráter místico do cargo é realçado, quando Gilberto afirma que o poder recebido é uma espécie de dádiva, uma “mercê” legada pela “providência divina”. Neste sentido, acredito valer a pena reproduzir um trecho do discurso de Gilberto:

“Flamengos: No dia de hoje que assinala o nosso sexagésimo aniversário de fundação de uma trajetória que se iniciou iluminada pela fé de alguns poucos e que se consolidou pelo trabalho de muitos. (...) *Valendo-me das circunstancias em que a providencia divina me fez tão grande mercê exercer a presidência do nosso clube*, quero por meio desta dirigir-me a todos vós, de todas as condições, e de todos os pedaços da terra brasileira. Que as carinhosas evocações desta data sirvam, pois, para reforçar os elevados compromissos que nos ligam e nos relatam para os compromissos e os deveres que nos ligam e nos relatam para os compromissos e deveres que o futuro nos reserva a fim de mantermos a fidelidade ao passado que nos orgulha” (15-11-1955).

A dádiva de palavras que se manifesta através dos discursos é uma espécie de “dever ontológico” da chefia (Clastres, 2012: 61) que deve retribuir ao grupo, sob a forma de discursos os privilégios recebidos com o clã. Essa “mercê” recebida e evocada por Gilberto Cardoso fez com que ele, de forma incessante, tivesse a obrigatoriedade de retribuir aos flamengos, que lhe concederam este direito. É preciso também retribuir esta mercê, que é a fonte de autoridade e de prestígio, com vitórias, conquistas e títulos obtidos pelo time que representa o clube-nação. É preciso ressaltar que arquitetar uma equipe vencedora é, portanto, condição *sinequa non* para galvanizar o prestígio de qualquer presidente, de tal forma que ele consiga fazer mover o circuito das dádivas, retribuindo os privilégios com vitórias. No moinho de prestígio de Gilberto Cardoso, as vitórias vieram às dezenas – no vôlei, basquete e no futebol, etc. -, o Flamengo viveu um dos períodos áureos de sua história, o que só fazia aumentar a idolatria da torcedora com o presidente. No basquete, sobretudo, a presença do técnico Togo Soares, o popular Kanela, e do lendário pivô Algodão, abriram o espaço para a construção de uma longa hegemonia na cidade do Rio de Janeiro que culminaria com o famoso deca-campeonato. A ordem de investimentos simbólicos, afetivos e econômicos naquele time de basquete

era de tal grandeza que foi exatamente numa partida deste esporte que Gilberto Cardoso viria a sofrer um ataque fulminante, falecendo súbita e inesperadamente aos 49 anos de idade. No final de uma partida disputada no Ginásio do Maracanãzinho, o Flamengo venceu o Sírio Libanês de São Paulo, com uma cesta no derradeiro minuto, decidindo a partida por um ponto a favor dos rubro-negros. A emoção da vitória foi tanta que o presidente Gilberto Cardoso sofreu um ataque cardíaco quase fulminante, falecendo pouco tempo depois de se automedicar, no Estacionamento do Hospital Miguel Couto.

Ora, a morte de Gilberto Cardoso que teria tido um sentido banal não fosse a estrutura do clubismo adquiriu na pena da crônica e na imagem dos torcedores sentido simbólico de sacrifício: excluído dali, o enfarto de um homem de meia-idade, muito estressado com a vida de médico e a de presidente do Flamengo, ligeiramente acima do peso, teria sido um acontecimento banal, dir-se-ia irrelevante. No teatro estrutural do clubismo, os episódios fizeram com que, de forma muito rápida, a morte de Gilberto Cardoso fosse convertida em um *evento* dotado de “significância histórica” (Sahlins, 2003: 15). Desta feita, o fato de que o desenrolar da morte tenha ocorrido no Ginásio do Maracanãzinho às vésperas do apito final do jogo: “nem todos os momentos do dia ou do ano são igualmente propícios ao sacrifício e há mesmo alguns que os excluem (...) o próprio local de cena deve ser sagrado.” (Mauss e Hubert, 2003: 31-32). Essa morte sacrificial fez com que Gilberto sofra o que os etnólogos designaram como “sacrifício de sacralização”, de forma que ela tenha simbolizado uma passagem da esfera do profano ao plano de sacralidade. A partir daquele momento não se poderia evocar o nome do presidente em vão, sem que isso não implicasse roubo ou o empréstimo da sua aura.

Neste “sacrifício de sacralização”, nem mesmo o aparente casuísmo de uma morte de um ataque de coração me parece completamente destituída de simbolismo. Discutindo com o poeta Ribeiro Couto, o sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda problematizaria a ideia de “homem cordial” como traço diacrítico da cultura brasileira, em que os sentimentos e as paixões saem com certa facilidade da esfera do privado, invadindo a arena pública, em que o moínho das ações individuais está muito mais no *coração* do que ao cérebro⁸⁶. De forma ainda mais significativa, a historiadora Ângela de Castro Gomes (1998), a simbólica do “coração do presidente” através do qual se

⁸⁶ Vale lembrar ao leitor desavisado que a origem etimológica da palavra cordial remete “àquilo que vem do coração”. Por outra, será gratuito que se diga do clube amado, que é o clube do coração?

construía o enlace social entre o líder e os seus súditos⁸⁷. No coração do presidente, havia espaço para todos os brasileiros. Significativo é o fato de que Getúlio Vargas (talvez temendo ter a face desfigurada) suicida-se com um tiro no coração, e não no crânio.

Numa perspectiva estritamente antropológica, agrega-se a tudo isso o fato de que, em diversas sociedades, a morte do chefe suscita o caos. Com isso, basta pensarmos nos atos de comoção, dor e angústia que se seguiram às mortes dramáticas dos líderes em exercício Tancredo Neves e de Getúlio Vargas, “pois [é no líder que] reside toda a *personalidade do social* (...) a morte do rei anuncia a iminência do caos” (Rodrigues, 2006: 59). Não deve ser surpresa, portanto, que o funeral que se seguiu à morte do Gilberto Cardoso tenha marcado, por um bom tempo, a memória e o imaginário da cidade do Rio de Janeiro. Dezenas de fiéis rubro-negros compareceriam para se despedir do presidente. Já no funeral, portanto, é que começariam as retribuições do clube que se imaginou para sempre em dívida com seu presidente. Diante da presença física de Gilberto Cardoso, que rumou para o Morro da Viúva antes de ir para o São João Batista, a presença maciça de dirigentes fez com, num ato de consagração simbólica, o conselho deliberativo tenha-o escolhido, em homenagem *post-mortem*, sócio benemérito do clube:

“Aplaudida com eloquência no silêncio apertado de todo o Conselho Deliberativo, em plena câmara ardente, quando aquele desportista fez a sugestão de que Gilberto Cardoso fosse eleito como sócio benemérito. A soma considerável de serviços prestados – inclusive o perecimento com plena vibração da vitória – por si só atestavam os merecimentos do pranteado desportista. Foi, pois uma grande feliz e excepcional irreverência do Conselho Deliberativo.”

As homenagens à Gilberto Cardoso seguiram à morte não eram apenas do alto escalonamento rubro-negro: milhares de torcedores confeccionariam “coroas de flores”

⁸⁷ “Entre a frieza e o impessoalismo radicais dos procedimentos legais burocráticos – ‘o absolutismo da razão’ – e os excessos personalistas de ambição e do desejo – ‘o despotismo da emoção’ – situava-se a política brasileira e o coração do presidente. O coração bem traduzia as qualidades de clarividência e generosidade de Vargas. Estes permitiam que ele se antecipasse às demandas de seu povo e fizesse de sua obra legislativa uma autêntica obra de doação, cuja força residia exatamente em dar, pedindo em troca apenas a retribuição garantidora do vínculo da reciprocidade. (...) O coração, como um canal orgânico, era o centro da própria vida e do contrato político, que, se desfeito, podia ocasionar a morte. O coração era poderoso e generoso a um só tempo e o laço que produzia estava muito além de regras orientadas exclusivamente por critérios utilitários e maximizadores de ganhos materiais. A relação política, própria ao pacto que ele estabelecia funcionava como um ‘sistema de prestação total’, como um tipo de ‘troca generalizada’ que não distinguia entre o interesse e a obrigação moral. (...) No Brasil, a política era outra, e seu laço pressupunha e/ ou desenvolvia vínculos abrangentes, personalizados, duradouras, que incluíam as ideias de retribuição e sacrifício, impensáveis em pactos sociais instrumentais como o modelo liberal”. (Gomes, 1998: 235).

depositando-as em seu túmulo. Entre lágrimas e rezas, o padre Góis mal conseguiu terminar de rezar a missa daquele que, por tanto tempo, fora seu companheiro de promessas e de triunfos. Na verdade, esse era o ciclo de retribuição engendrado pela doação da vida: “àquele que deu a vida ao Flamengo em sacrifício”, ampliado através do discurso da imprensa esportiva, isso porque ninguém menos do que o jornalista Mário Filho, tempos depois, chegou, num exercício de poesia, a negar o caráter voluntário da morte de Gilberto Cardoso, ressaltando aspectos deliberados, intencionais, sacrificiais e mesmo suicidas do ato.

Dessa forma, não custa lembrar que Marcel Mauss observou um caso muito particular na instituição do *potlatch* nas sociedades célticas, em que o “suicídio” adquire uma dimensão ritualizada, figurando como a “suprema de contraprestação”, ato exercido, exclusivamente, por “nobres e soldados”, em que o herói, a futura vítima, depois de receber um conjunto de presentes e de redistribuí-los aos amigos e aos familiares próximos, “a quem ama tanto que se sacrifica por eles”, suicida-se em frente a uma plateia de nobres e de guerreiros. Sem ter como retribuir com usura as dádivas aceitas, o herói “morre da morte do bravo”, entregando a própria vida aos que entregaram presentes, subtraindo através da morte, à desonra e à contraprestação que deveria impingir não fosse o ato sacrificial; assim, “sacrifica-se com glória para si e proveito para os seus”. (Mauss: 2003: 269). No livro *Histórias do Flamengo*, Mário Filho compararia a morte de Gilberto Cardoso a um *suicídio de amor*, assumindo tonalidades de um ritual:

Imagina-se, noutra clube, Gilberto Cardoso? Estaria vivo até hoje, mas não teria vivido mais intensamente do que qualquer amante aquela lua de mel furiosa de dia e de noite com o Flamengo. Entregaram-lhe o Flamengo para que o amasse à vontade. E Gilberto Cardoso amou o Flamengo, minuto-a-minuto, sabendo que o sabia que aquele amor o ia consumir, como uma chama, sem parar. (...) Não faltava a um só match a uma só prova do Flamengo. E vibrava tanto num gol como numa cortada ou numa cesta. Ou numa chegada de remo ou de atletismo, a quilha de um out-rigger cruzando a meta, o peito de um atleta cortando o cordão de lã. Era grato, de uma gratidão enternecida, por todos que lutaram pelo Flamengo, alegria ou de prazer, pois era prazer mesmo que recebera, como uma dádiva. (...) Daí a Guanabara, aos institutos em busca de um emprego público para um atleta. Era como umromeiro visitando Igrejas. Ou subindo as escadas da Penha. Tornara-se médico da família, o velho médico desaparecido de quem vestia a causa rubro-negra. Não cobrava nada, poderiam chama-lo a qualquer hora, ia mesmo sem ser chamado para ver como estava passando o doente e levar-lhe remédios. Por isso, teve que abandonar o consultório, onde não era encontrado nunca a

não ser quando alguém do Flamengo lhe pedia a consulta. Só atendia a atletas ou parentes de atletas. Era preciso um caso especialíssimo de amigo ou de cliente antigo para abrir exceção. Vivia exclusivamente para o Flamengo. Ou de Flamengo para ser mais exato. (...) Sabia que o coração não ia aguentar. De certo modo, suicidava-se conscientemente de olhos abertos pelo Flamengo. Quem poderia impedir este suicídio de amor? (1967: 64-65).

A homologia, talvez óbvia e podemos imaginar que ela tenha sido ela mesma forçada pelo cronista, com o caso do presidente Getúlio Vargas que, acuado com a oposição udenista, declarou entregar a vida em sacrifício à nação própria vida. O fato é que a morte de Gilberto Cardoso se deu pouco menos de um ano após a morte do presidente do Brasil, fazendo com que, ainda que num nível inconsciente se sobrepusessem a imagem do clube rubro-negro à da nação brasileira. (Hollanda, 2002).

Por outro lado, acredito que o acontecimento só se converte em evento dotado de sentido mítico (Sahlins, 2003: 15) quando, alguns meses depois, o time rubro-negro assegura o tricampeonato estadual (1953-1954-1955). É apenas com as vitórias em campo o elemento de catalisação final para alçar o presidente à sagração. Dessa forma, quando o Flamengo triunfar sobre a equipe do América por empolgantes quatro a um, o nome de Gilberto será recordado em toda a cidade do Rio de Janeiro uma vez mais pelos torcedores, jogadores, e crônica. Só aí então o Flamengo se virá livre de uma “dívida de gratidão” com o seu presidente devoto. É justamente a vitória no tricampeonato é o que faz com que a morte de Gilberto Cardoso adquira a feição de um *evento*, interpretado e lido pelos agentes, segundo estruturas pré-concebidas. No sentido de Claude Lévi-Strauss (2005), a história se converte em um mito, isto é, em um “esquema simbólico dotado de eficácia permanente” utilizado para interpretar o passado e ler o mundo, – um evento, que é capaz de dramatizar e resolver uma contradição⁸⁸ –, com o êxito no tricampeonato, o que dá um desfecho à história, dando a ela contornos de início, meio e fim.

⁸⁸ “Nada se parece mais com o pensamento mítico do que a ideologia política. Em nossas sociedades contemporâneas, talvez ela apenas o tenha substituído. Pois o que faz o historiador quando evoca a Revolução Francesa? Refere-se a uma sequência de eventos passados, cujas longínquas consequências certamente ainda se fazem sentir, através de toda uma série não reversível de eventos intermediários. Mas para o político e para aqueles que o escutam, a Revolução Francesa é uma realidade de outra ordem, uma sequência de eventos passados, mas também um esquema dotado de eficácia permanente, que permite interpretar a estrutura social da França contemporânea e os antagonismos que aí se manifestam e entrever as grandes linhas da evolução futura (...)“Se o objetivo do mito é, de fato, fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável quando a contradição é real), um número teoricamente infinito de camadas será gerado, cada uma delas ligeiramente diferente da que a precede. O mito irá desenvolver-se como uma espiral, até que o impulso intelectual que lhe deu origem se esgote” (2005: 225-234)



Foto do *Álbum rubro-negro* celebrando o tetracampeonato. Seguida pelo time de basquete com Gilberto Cardoso ao centro.

Na cidade, os burburinhos se iniciaram logo após a celebração do título. Depois da vitória, espalhava-se que diversos torcedores rubro-negros haviam pulado o muro do cemitério São João Batista para comemorar e acender velas ao chefe falecido e celebrar com ele o tricampeonato. No *Jornal dos Sports*, a manchete do dia seguinte estampava em letras garrafais chamava a atenção para a declaração do ponta-esquerda Mário Jorge

Zagalo, “Saldamos uma dívida com Gilberto Cardoso”⁸⁹. Responsável por ter sido o presidente do primeiro tricampeonato, num comentário que mostra a imbricação entre a lógica da aliança e as disputas agonísticas, próprios às relações de tipo dadivoso, Dário de Melo Pinto, era outro que mal podia segurar a emoção: “Eu dizia ao Gilberto Cardoso, um dia você vai empatar comigo. E aí está o tricampeonato”. Então, presidente rubro-negro, o sucessor de Gilberto Cardoso, José Alves de Moraes mal conseguia esconder a emoção após o término da partida: “Era o grande sonho de Gilberto Cardoso. Graças a deus consegui cumprir aquilo que jurei sobre o seu corpo ainda quente”.

Sempre acompanhado do padre Góis, a promessa de José Alves de Moraes seria definitivamente paga quando no dia seguinte ao título, depois de ter visitado a Igreja de São Judas Tadeu com outros dirigentes e torcedores rubro-negros ao túmulo do “presidente morto”. Nele, Alves de Moraes que a reportagem chama de “o presidente vivo”, depositaria o troféu do tricampeonato cidadão junto a lápide daquele que foi “o artífice supremo” da conquista. No fim, “com humildade tocante”, Alves de Moraes, agradeceu “a Deus por lhe ter permitido a ventura de materializar o sonho de Gilberto Cardoso”. As homenagens pareceram demasiado insuficientes para retribuir todo o sacrifício, a dádiva do corpo que o dirigente rubro-negro havia concedido ao Flamengo: a solução foi fazer uma vaquinha sob a forma de uma estátua à frente da sede social rubro-negra. Pouco tempo depois, também nome da rua que dá acesso ao estádio da Gávea e a sede social do clube seria batizada de “Gilberto Cardoso”; esta, por sua faz, inclusive, esquina com a Rua Fadel Fadel, outro importante dirigente do Flamengo e braço direito de Gilberto Cardoso. Também o leito de morte de Gilberto ficaria eternizado com o seu nome – o estádio do Maracanãzinho viria a ganhar o nome de “Estádio Gilberto Cardoso”. É neste contexto de espiral de retribuições é que um grupo de torcedores organizaria uma rifa para começar a vender os “Selos Gilberto Cardoso”, cujo intuito seria tão somente o de arrecadar dinheiro para consecução “de um

⁸⁹ A dívida do Flamengo com Gilberto Cardoso era imensa, mas não era menos constritiva a dos jogadores do América com Giulite Coutinho, o presidente do América. Na véspera do jogo, um dos jogadores havia declarado à imprensa: “Temos uma dívida de gratidão com o nosso presidente Giulite Coutinho, e precisamos vencer o jogo”.

monumento àquele que morreu de amor pelo Flamengo”.



Na praia de Botafogo, multidão acompanha o velório de Gilberto Cardoso. Remadores rubro-negros carregam o caixão. Arquivo Nacional. Correio da Manhã.

No correr do século XX, a figura de Gilberto Cardoso se converteu em *símbolo* do que seja o rubro-negro, tanto por torcidas quanto⁹⁰, e, muito especialmente, por dirigentes. Ele representava o ideal da paixão desbragada marcado como um sentimento intenso, excessivo e que toma o corpo quase como uma febre *embriagante* é o que marca a especificidade do caso rubro-negro. Se voltarmos ao trecho citado do cronista

⁹⁰ Se não vejamos essa carta enviada à Seção Bate-Bola de Lúcio Cruz, torcedor da Raça Rubro-Negra: Carta da Raça Rubro-Negra 16\12\1976Gilberto Cardoso Dezesesseis de novembro de 1955. Ao retirar-se do Maracanãzinho, Estádio que hoje tem o seu nome, morria Gilberto Ferreira Cardosos, o maior presidente do Flamengo, de todos os tempos. Numa demonstração de amor, fibra, mas ainda que isso, de Raça Rubro-Negra, RRN, - que nele se encarnava tão bem – trocou sua vida pela alegria de ver mais uma vitória de seu tão descaradamente amado e idolatrado Flamengo. Flamengo, que passou a ser junto com seu filho, Gilberto Cardoso Filho, o seu grande amor aqui na Terra, pois no céu era a sua já falecida esposa. Sendo sócio do Flamengo desde os 14 anos, mostrando uma profunda dedicação ao Clube não demorou muito para que ocupasse o cargo de vice-presidente. Terminada a segunda gestão de Dário Melo Pinto, e considerando sua incrível dedicação ao clube, Marcos Vinicius – um dos assessores da presidência na gestão Orlando Coroliano – e um grupo de rubro-negros decidiram lançar sua candidatura à presidência do clube. Faziam parte deste grupo nomes como Fadel Fadel, Hélio Mauricio, Ari Barroso, Moreira Leite, Gustavo de Carvalho, José Lins do Rego, entre outros. A candidatura não só foi lançada como também aceita. Dava-se início à gestão do maior presidente do Flamengo. Para nós torcedores, é realmente importante sabermos da vida de homens que ajudaram a construir esse império, esse patrimônio, essa nação preta e vermelha. Por isso, a Raça Rubro-Negra está tão empenhada em revitalizar este amor que a torcida flamenguista sempre extravazou e que hoje está tão retraído. A raça rubro negra (o maior movimento de torcidas do Brasil) vai lutar realmente por isso e junto de você. Raça e Flamengo e reencontrar a trilha das grandes vitórias, dos grandes tempos, tempos em que a torcida ganhava jogo. Vem aí, a Raça Rubro-Negra, o maior movimento de torcida do Brasil. Lúcio da Cruz – RJ. 16\12\1976.”

Mário Filho (1967), veremos que “noutro clube, Gilberto estaria vivo até hoje, mas não teria vivido tão intensamente”. Não à toa, o próprio cronista intitularia a crônica do dia seguinte à morte de Gilberto de forma a não deixar dúvida: “ele era o Flamengo”. Se o modelo de presidente rubro-negro é aquele que se dá excessivamente ao clube; os presidentes tricolores são notabilizados é pela *sobriedade*⁹¹ e pela capacidade dos dirigentes de se manterem impassíveis à dinâmica do jogo, sem que eles nunca se esqueçam de que um jogo é só um jogo.

Arnaldo Guinle, o patrono tricolor:

Nas últimas décadas do século XIX, os imigrantes franceses e amigos, Cândido Gafreé e Eduardo Guinle, venceriam as rodadas de disputas pela concessão estatal para gerenciamento do porto da cidade de Santos, criando a famosa companhia *Docas de Santos*. Com a expansão do café para o Oeste Paulista, aliada ao crescimento vertiginoso da cidade de São Paulo, o porto de Santos passa então a despontar como principal local de importação e de exportação de produtos do país. (Lamarão, Honorato, etc.) Não muito tempo depois, o empresário francês Cândido Gafreé faleceria prematuramente, e, sem filhos ou herdeiros imediatos, a sua fortuna fora entregue em testamento ao amigo Eduardo Guinle e à sua esposa, Dona Guilhermina Guinle. Com essa doação do amigo, a família Guinle se converteria rapidamente em sinônimo de riqueza, prestígio e poder. Segundo o brasilianista Jeffrey Needell, a família Guinle fazia parte de grupos ascendentes em prestígio e poder, “homens novos” que enriqueceram no alvorecer do século XX:

Estes homens novos não dispunham de riqueza e de famílias tradicionais, nem contatos, posições políticas, ou atividades urbanas. Eles entraram, no entanto, por motivos bastante tradicionais: dinheiro novo, ganho no final do Império e no início da república. Talvez, os mais famosos entre estes “novos ricos” fossem os Guinle, famosos pelo charme pessoal e pelo estilo de vida cultivado à custa de uma fabulosa fortuna, produto da circunstância específicas da época. O fundador da fortuna, Eduardo Palassin Guinle (f.1912) não passava de mais um empresário francês no Rio de Janeiro. Dedicava-se à importação de maquinário elétrico, ao lado de um sócio competente, Candido Gaffrée (f.1919). Nos últimos anos do Império, Guinle e Gaffrée conseguiram dar um golpe de proporções inacreditáveis. Eles ganharam uma concessão de noventa anos para operar as docas de Santos, o porto de São Paulo, bem no momento em que a província

⁹¹ Já vimos no capítulo I como o “estilo sóbrio” foi o preferido de ser adotado pelo Paulo Coelho Netto quando escreveu “a História do Fluminense”.

assumia a liderança na produção do café numa época em que o país já havia se consolidado como o maior exportador de café. Gaffrée, padrinho de pelo menos um dos filhos de Guinle, morreu sem deixar filhos. Dessa forma, a concessão, bem como outros interesses da firme, tornaram-se a galinha dos ovos de ouro dos Guinle, colocando-os, desde então, em uma invejável posição econômica e social.(Needell, 1993: 124-125).

Na capital federal, o início do século XX, a segunda geração dos Guinle seria conhecida por ter a capacidade quase única de desfrutar das riquezas paternas. Assim, os descendentes diretos de Eduardo e Guilhermina, passariam a ser sinônimo do que seja um *estilo de vida* refinado e moderno, condizente às modas europeias parecendo sintetizar o espírito daquele tempo que o brasilianista definira com rara maestria: a *Belle Époque Tropical*. A começar pela vestimenta, sempre importada das melhores casas de Paris, a sobrecasaca e a cartola que nunca saía do corpo em plena canícula tropical, os Guinle chamavam atenção pela capacidade de mimética de copiar o que de melhor, sempre seguindo os padrões europeus. No âmbito arquitetônico, os irmãos Guinle estiveram envolvidos na construção de uma série de palacetes na cidade do Rio de Janeiro, que rapidamente se converteram em “paradigmas do luxo na República Velha” (Marins Apud Sanglard, 2008)⁹². Alguns contemporâneos acreditavam que nem mesmo os palacetes de Buenos Aires, considerada à época uma espécie de Paris Tropical modelo de civilidade e civilização que deveria inspirar o Rio de Janeiro, podiam rivalizar com os do Guinle. Preocupados não apenas com a aparência externa, mas, sobretudo, com o interior da morada, os irmãos Guinle levariam ao extremo uma moda muito comum entre as camadas abastadas do Rio de Janeiro daquele tempo: o gosto pelo *coleccionismo*. A riqueza e a variedade das obras de arte da coleção Guinle impressionava a todos os que podiam entrar nas suntuosas moradas, tanto assim que boa parte dessa coleção compõe hoje o que é o acervo *Museu da Chácara do Céu*, em Santa Teresa.

Tendo como pano de fundo a ideologia do civismo e o desejo de servir à nação-moderna, é na atuação de mecenato, contudo, que a família Guinle começava a despontar como a principal financiadora da “cultura nacional”. Sob a rubrica da generosidade e do desinteresse, os Guinle através do financiamento de diversos projetos capaz de coligar classes sociais completamente antagônicas. Num estudo muito

⁹² A sede do Fluminense Futebol Clube, o Palácio Laranjeiras e o Copacabana Palace são alguns exemplos, entre outros, de palacetes construídos e financiados pela família.

detalhado, Gisele Sanglard (2008) mostrou o papel do irmão mais velho Guilherme na consolidação e a criação da *Fundação Oswaldo Cruz* e da ajuda à diversos cientistas da área médica e da saúde, financiados as pesquisas de Carlos Chagas, por exemplo.

Por sua vez, Arnaldo Guinle foi capaz de estender o mecenato também ao financiamento de formas artísticas situadas para além do domínio exclusivamente erudito: é sabido que a famosa excursão dos Oito Batutas à Paris contaria com o financiamento econômico do mecenas, a tal ponto que o sambista Donga declarou numa entrevista ao Museu da Imagem e do Som que: “Não fosse o Dr. Arnaldo Guinle não haveria os Oito Batutas”. Arnaldo Guinle também esteve engajado na *fundação* das chamadas associações e/ ou sociedades recreativas à inglesa. Além do Fluminense Futebol Clube, ele viria a presidir o Iate Clube do Rio de Janeiro e seria um dos membros mais assíduos do Automóvel Clube do Rio de Janeiro. Acumulando a função de presidente do Fluminense e do Iate Clube, não foram mesmo poucas vezes em que Arnaldo Guinle tentaria fundir as agremiações de terra e de mar numa só. Ele não seria o único dos Guinle a presidir o Fluminense Futebol Clube: seus irmãos, Eduardo e Guilherme, foram presidentes no início dos anos 1910, por um curto período, sem ter o mesmo destaque do “patrono tricolor”.



Abaixo do busto de Arnaldo Guinle, a legenda: “Patrono do Fluminense F.C.”.

No Fluminense Futebol Clube, Arnaldo Guinle, sócio de número quarenta-e-oito, presidiu o clube por quase quinze anos consecutivos. Para João Henrique Malaia, ele teria sido ‘primeiro empresário’ (2010: 128)⁹³ da indústria esportiva, justamente porque se pôs a investir na construção de um estádio, aumentando, substantivamente, as formas de receita do Fluminense Futebol Clube; já que, ocupando postos estratégicos, confundia, muitas vezes, os interesses de seu clube e os da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), já que acumulava a presidência das duas entidades, logrando trazer importantes competições sul-americanas para o seu próprio clube. Misturando o público e o privado, Arnaldo Guinle conseguiu trazer importantes recursos estatais para financiamento de obras que levaram à melhoria de um clube privado. Sob a sua batuta, o Fluminense, além do referido estádio das Laranjeiras, construiria a primeira piscina em um clube de futebol, um ginásio, um stand de tiro, um estádio de tênis com seis quadras, uma nova sede com instalações elétricas. Já em 1920, quando era prematuramente celebrado o “patrono do clube” graças aos esforços na construção da sede e do Estádio, a Revista *O Tricolor* o saudava como:

O melhor elemento na vida do *sport* brasileiro [...] realiza o seu brilhante programa com segurança, com equilíbrio moral e democrático – é a alma do Fluminense Foot-ball Club e conseqüentemente o mentor de sua marcha crescente(*O Tricolor apud*Lanna, 2011: 123)

Além disso, Arnaldo Guinle tomava para si duas atividades sociais muito importantes do clube: a seção de escotismo, o primeiro conselho deliberativo de um clube no Brasil, e o Natal da criança pobre, do qual sua mãe, Dona Guilherme, era ela própria a patrona. Em rituais festivos como o Natal, em que as crianças e as mulheres adquirem sentido proeminente, o ideal caritativo e a ideologia da harmonia são reproduzidos, passando de geração em geração.

No que nem sempre é observado, Arnaldo Guinle era ele mesmo um grande incentivador da *filosofia do escotismo*, tendo mesmo escrito dois livros sobre a temática. Como já observamos no primeiro capítulo, além de uma comunidade imaginada, as

⁹³ “O primeiro grande empresário da ‘indústria esportiva’ carioca foi exatamente o presidente do Fluminense, Arnaldo Guinle, que dirigiu o clube de 1916 até 1931 e que também foi presidente da CBD, entre 1916 e 1920. Guinle percebeu a necessidade de colocar o Fluminense como um dos grandes clubes esportivos do mundo e confundiu a vida do Fluminense com a vida da CBD. Seu ponto principal para alavancar o Fluminense era o estádio, reformado e com maior capacidade de público, para poder abrigar competições internacionais de todos os esportes em que o clube estivesse envolvido” (Malaia: 2010: 128) Apesar de concordar com a tese de Malaia que mostra a expansão e a ampliação do campo esportivo carioca, acredito que a palavra “empresário” talvez seja forte e mesmo incorreta se aplicada a este tipo de dirigente, já que o sentido atribuído a prática difere muito do mercantil, do empresarial, como venho tentando mostrar.

agregações associativas e sociais operam à maneira de uma *comunidade moral*, em que certos valores e determinadas regras são transmitidos por meio de um intenso trabalho de aprendizagem corporal. Como escreveu Arlei Damo (2007), a dominação masculina é uma “arte ensinada” e o escotismo, por conseguinte, é um poderoso transmissor dos valores e do regramento que é destinado, sobretudo, aos homens. Já vimos que Havelange, um dos meninos de Arnaldo Guinle, costumava dizer que as lições mais preciosas que lhe serviriam para ascender no interior da FIFA, foram aprendidas “no escotismo, na escola, no clube e na família”.

Ainda assim, o fato é que julgamos ter encontrado nos textos de dois memorialistas, os elementos necessários e imprescindíveis para compreensão do “estilo” de Arnaldo Guinle à frente do tricolor. Às vésperas da final do campeonato de 1919, no estilo idílico, que lhe é habitual, o jornalista Mario Filho narra que Arnaldo Guinle, “o príncipe de Gales do Esporte Brasileiro” (Filho, 2003), ia frequentemente treinar com os jogadores:

De manhã cedinho, no dormitório do Fluminense, na casa da Rua Guanabara, jogadores acordavam, iam para o campo, para fazer uma coisa que os jogadores dos outros clubes nunca tinha feito: individual. O Fluminense contratara Mr. Taylor para isso, para preparar fisicamente os jogadores. Arnaldo Guinle, presidente do clube, rico, milionário, muitas vezes, dava o exemplo. Acordava à mesma hora dos jogadores, tomava o seu Cunningham, todo branco, de molas macias, o assento de trás amplo, como um sofá acolchoado, chegando no Fluminense esperava que o *chauffeur*, de libré, enluvado, abrisse a porta do carro. Saltava, metia-se no meio dos jogadores. Fazendo o que eles faziam. Ginástica sueca, corridas a pé, passeios até lá em cima do morro cada um, Arnaldo Guinle, inclusive, carregando o seu saco de areia. (...) Só Marcos de Mendonça não aparecia, de manhã, no campo do Fluminense, para o individual. Fazia a sua ginástica em casa, tinha o seu massagista particular. (Filho, 2003: 163)

Não havia uma distinção rigorosa de *estilo de vida* dos jogadores e aquele do presidente; eles podiam misturar-se nos treinamentos, jogos, nas festas, porque, afinal, “eram os sujeitos privilegiados do novo jogo, compondo a distinta classe dos *sportmen*” (Pereira, 1999: 41). Segundo José Sérgio Leite Lopes observou “os jogadores frequentavam os bailes do clube: o fato de se praticar regularmente o futebol era uma entre várias características de um modo de vida da elite”. (Leite Lopes, 127: 2004) O antropólogo observa, ainda que, se, de início, o Fluminense era composto de jovens empresários, empregados de chefia das indústrias ou das grandes casas comerciais,

filhos de pais ricos, educados na Europa ou descendente de europeus, (como é o caso do próprio Guinle); a partir do início da década de 1910, os clubes tiveram que recrutar, considerando a proliferação do futebol e o acréscimo de competitividade, a juventude e o tempo dos estudantes universitários, que compunha as agremiações de sucesso; o Botafogo do Futebol e Regatas e a equipe do América Futebol Clube eram compostos quase todas por estudantes universitários; enquanto a equipe do Flamengo recrutada na faculdade de medicina. (Leite Lopes, 127: 2004). Por isso, Arnaldo Guinle já não pode mais praticar o jogo, embora pudesse dar pontapés eventuais, já que as diferenças de classe não eram tão significativas assim. Também não o era as diferenças ideológicas: não havia uma linha demarcando os dirigentes, os jogadores e os associados: eles faziam parte de um modelo de ser e de estar que forjava uma identidade de grupo defensores da mesma ideologia do *fair play* e a defesa dos valores e do amadorismo.

Como já observamos, essa situação de identidade entre dirigentes e jogadores começa a ser esgarçada a partir da formação do mercado de bens simbólicos futebolísticos e da constituição do profissionalismo em meados dos anos vinte. A partir do ingresso das classes populares no terreno esportivo constituem-se, de fato, interesses antagônicos entre os jogadores e os dirigentes, e não mais a identidade harmônica entre membros de uma mesma irmandade. Neste sentido, já em 1925, a figura Arnaldo Guinle irá reaparecer de uma maneira completamente dispar noutro clássico do memorialismo futebolístico. No “livro-bomba” e clássico da historiografia do futebol brasileiro – *Grandezas e Misérias do nosso futebol* – ele será evocado como o dirigente do “falso amadorismo”, pagando do próprio bolso uma promissória ao jogador. Dizendo ser tratado como um “cavalo de raça”, Floriano é o primeiro a se dar conta de forma mais ou menos explícita da construção de interesses antitéticos entre jogadores e dirigentes, já que a própria imagem capa do livro opõe um “cartola” com um saco de dinheiro e um jogador “mirrado”:

Nesse ano, 1925, as atividades do Fluminense na tabela da AMEA foram as mais brilhantes e o clube perdeu o campeonato por diferença de um ponto. Minhas necessidades financeiras cada vez mais se acentuava. Um dia, precisando de certa quantia com urgência, tomei-a iniciativa de, pessoalmente, procurar um amigo, prestigiosíssimo sócio do clube. Tratava-se do Sr. Arnaldo Guinle. Era impelido a fazer um pedido que evitei sempre, preferindo que me desse um emprego, mas na falta deste e apertado por motivos superiores, não vacilei em incomodar aquele amigo, que, aliás, me atendeu prontamente em seu

escritório na Avenida Rio Branco, 109, 3ª andar. A cena foi rápida e cerimoniosa. Francamente expus ao Sr. Arnaldo Guinle a situação. Precisava de um empréstimo e o capitalista, compreendendo minha aflição, prontificou-se a adiantar-me... 1: 000 \$ 000 mediante a assinatura de uma letra, que lhe oferecia para penhor do meu empréstimo. Foi a primeira vez que, como amador de futebol precisei recorrer às relações do meio futebolístico, a fim de saldar compromissos que não pudera solver por tempo perdido em futebol. Fui levado a isto pela necessidade e a despeito de não poder liquidar meu débito, o Sr. Arnaldo Guinle não fez questão de resgate. Tinha aberto meu título no livro contas-correntes do “amadorismo” e meu crédito era ainda bem maior. Contentara-me apenas em fazer uma retirada de 1: 000 \$ 000. (Correa, 1933: 67-68)

A oposição das histórias é mais do que evidente: se, na primeira, o presidente é verdadeiro exemplo de treinamento para os jogadores, que são vistos como seus iguais; já na segunda, o jogador, que é visto como um ‘cavalo’, tem de se submeter a humilhação de “pedir” dinheiro para o cartola, que o trata com um desdém típico de aristocrata. Dessa vez, não é Arnaldo Guinle quem se locomove para se misturar com os jogadores, mas sim o jogador é que se locomove para o escritório do “amigo”, que é mesmo envolto numa aura de mistério e de sacralidade. Na sua torre de marfim, cartola, no entanto, não se move para ajudar o jogador em necessidade, ele começa a construir sua distância em relação aos jogadores e às coisas mundanas que envolvem o cotidiano do clube.

Monumento tricolor, as representações sobre Arnaldo Guinle nos permitem confabular que ele representasse o tipo quase ideal dos dirigentes tricolores: sóbrio, elegante, refinado. À antítese de Gilberto Cardoso cujo ato simultaneamente trágico e triunfal de doação se faz por um evento quase instantâneo e mesmo fugidio de imersão na lógica do jogo; as doações de Guinle, de caráter patrimonial, são feitas ao longo de muitos anos, implicando não paixão ou entrega, mas temperança, estabilidade: em síntese, o “equilíbrio moral e democrático” necessário para dar seguimento à “alma tricolor”. No interior dos clubes o que as estátuas de Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle dramatizam é a própria diferença simbólica entre o Flamengo e o Flamengo que é encenada, tematizando certos valores diretivos que, apesar da universalidade do dom, da dádiva e da honra, não são unívocos, mas cambiantes de um clube a outro, de um contexto ao outro.

No palco do clubismo, essa oposição entre a sobriedade e o excesso será uma vez mais dramatizada na segunda metade do decênio dos setenta, quando dois dirigentes ganhariam as manchetes dos principais jornais fluminenses: Francisco Horta e Márcio Braga. Se Arnaldo Guinle representava o modelo do “patrão-mecenas”, discreto, alheio aos dilemas da imprensa e dos jogadores, a *juventude* de Francisco Horta marca a passagem dos tempos. Ávido a opinar sobre todas as querelas e bagatelas do futebol-espetáculo, Horta será uma espécie de *presidente-sorriso*, ele próprio um personagem nos folhetins e na televisão cariocas. A partir do final dos setenta, como apontou o antropólogo Christian Bromberger (1995), as transformações do futebol espetáculo fizeram com que os dirigentes migrassem da “sombra à luz” (“de l’ombre à lumière”), que traduz fundamentalmente uma mudança da sociedade contemporânea em que parecer é ser. No novo estilo, pouco-a-pouco sai de cena a discrição, os presidentes que não se “misturam” com os jogadores, mantendo-se presos às torres de marfim que são as salas da presidência. Agora, eles organizam festas e recepções, discutem valores das melhores vedetes, frequentam os vestiários, telefonam para os jogadores, opinam sobre esquemas táticos, etc.:

É uma profunda evolução estilística. Os dirigentes ‘clássicos’, recrutados entre a grande indústria, se escondiam à sombra, como ainda hoje o faz G. Agnelli, que dá apenas uma conferência de imprensa por ano. E eles exigem de seus subordinados, como dos seus jogadores, discrição e recolhimento. Ao inverso da geração midiática [bossgeneration], em que Bernard Tapie e Silvio Berlusconi são os exemplos mais caricaturais, sempre à procura da visibilidade, do reconhecimento pessoal, da mediatização e da consagração contemporânea do sucesso e da promoção: ‘Eu apareço logo existo’. (...) Ao ar grave, ao apresentar austero, a fala reservada do industrial dirigente se opõe o olhar jovem e descontraído, o sorriso fotogênico, a profusão de comentários e de entrevistas que o patrão-vedete, que, como uma estrela, adora ter os olhos sobre si e não se ressentir de exibir sua vida privada, seu hotel particular, seu iate, etc. (Bromberger, 1995: 188).

Presidente “Bossa-Nova”, Márcio Braga, cuja ascensão esteve ligada a um grupo, plenamente alinhado pelos vínculos de amizade e de parentesco, com a televisão e a própria Rede Globo, também é um expoente da geração dirigente que se orienta pelo “sorriso televisivo”. No Brasil, as diretrizes iniciada pela *Frente Ampla pelo Flamengo*, (1977) cuja campanha espetacular, com *jingles*, *outdoors*, comerciais na televisão fora, em termos publicitários, arquitetada por ninguém menos do que Walter

Clark em pessoa, o *Diretor Geral da Rede Globo*, e por João Carlos Magaldi, um dos mais importantes publicitários do período. “Eu me lembro”, diria, tempos depois, Márcio Baroukel de Souza Braga, o candidato do grupo, “que até o Dr. Roberto [Marinho] apareceu para votar na eleição”. Numa passagem relâmpago, após ser demitido da Rede Globo, Walter Clark se tornaria vice-de-futebol do Clube de Regatas Flamengo, de que se desligaria após inúmeras desilusões com os “bastidores do futebol”. (Ribeiro, 2010) A juventude e o sorriso fotogênico de Francisco Horta e Márcio Braga simbolizava, em muitos sentidos, a faceta espetacular do futebol em que tudo precisava se converter em notícia; a criação de bordões, os holofotes constantes, as incessantes trocas de jogador, as contratações bombásticas era combustível para fazer mover o futebol espetáculo, que vive da informação incessante.

Nos projetos de governança, Horta e Braga foram muito provavelmente os primeiros a defender a fórmula mágica do futebol-empresa, defendendo, no limite, que o departamento de futebol devesse ser separado do clube-social. Nas páginas da imprensa, o impacto das primeiras discussões se deviam mudar as regras do jogo para melhor atender as regras e o interesse dos espectadores. Aqui, porém, a hipótese é de que o enlace entre o contexto de transformação do futebol-espetáculo (diacronia) e os sentidos atinentes ao clubismo (sincronia) dará sentido muito diferente ao desfecho das trajetórias de cada um. Se, pelo menos naquele período, não houve grandes querelas em adequar o estilo de direção “novo” ao modelo sincrônico rubro-negro; no Fluminense, o que se viu foi uma espécie de choque de gerações entre a *tradição* da discipulação branca-verde-grená e os ditames do *moderno* futebol-espetáculo. Nesta encruzilhada, a despeito do amor de boa parte da torcida por Francisco Horta, este “messias tricolor”, no interior do clube, o choque entre o cartola e os grupos estabelecidos levaria o dirigente a cair no ostracismo, sem nunca vir a ser um “grande-benemérito”.

Fluminense como vocação: Francisco Horta entre a tradição e a modernidade:

Marcamos entrevista na *Associação Comercial do Estado do Rio de Janeiro*. Cheguei um pouco mais cedo que o habitual e esperei no imponente saguão do prédio, até que avistei o presidente de longe, quando ele me cumprimentou da forma que lhe é característica: *Saudações Tricolores*. Desde os primórdios, ele me pareceu ser tricolor na acepção plena do termo, fidalgo da ponta dos pés à cabeça: sem que eu soubesse, como se me tomasse pela mão ou pelo braço, o presidente me convidou para um *tour* no

prédio. “Este associação”, dizia o magistrado, “é o mais antigo grupo de sociedade civil do Brasil, e eu, com muita honra, trabalho aqui há vinte-e-cinco anos”. Recordo-me sua memória admirável, cumprimentando a todos pelo nome, do ascensorista ao presidente. Recordo-me também da gentileza e da fineza do trato com o outro: por um lapso de segundo pensei que se a expressão *gentleman* pudesse ser definida em gestos, ela encontraria ali a sua síntese perfeita. Procuramos em vão uma sala em que teríamos tranquilidade para “conversar um pouquinho”: abarrotadas e ocupadas, tentamos duas ou três vezes inutilmente. Entramos, enfim, numa, que, a despeito de parecer ter sido encontrada ao acaso, parece ter sido minuciosamente escolhida. Apontando, entre tantos, um quadro na parede, proferiu a sentença. “Foi este homem [...], foi ele quem me entregou a minha *toga de juiz*”.

Ao longo de toda a entrevista, o juiz valorizara os diversos cargos que havia ocupado de forma gratuita e espontânea, ressaltando a ideologia do amadorismo.⁹⁴ Filho de pais médicos e neto de professores, Horta foi casado com a sua prima de quinto grau, que “era um desejo de nossas mães e até me recordo daquelas fotos eu com roupa de marinheiro e ela com aquela “fita””, Tereza Maria. Apesardas glórias na vida privada e profissional, que o “sonho” e “a parte mais feliz da minha vida” do magistrado viveu no seu tempo à frente Fluminense, clube que ele havia ingressado aos quatro anos com um destinado pré-fabricado: “Vencer ou Vencer”:

Não. Evidentemente que não. Eu pensava em ajudar o meu clube, como ajudei, me formei em Direito, fui ser advogado gratuito do Fluminense. Depois fui vice-presidente jurídico, de um notável presidente chamado Francisco Laport, num período 69-71, e eu fui vice jurídico só no ano de 71, substituindo o vice-presidente jurídico que havia falecido, de maneira que quando me elegi em 74, em fins de 74, para a presidência do Fluminense, foi um sonho. E eu lhe digo que foi o melhor momento da minha vida. Apesar de eu ter sido juiz de direito, professor de Universidades, a parte... Deputado, a parte melhor da minha vida foi exatamente da minha passagem pelo Fluminense.

Em 1975, quando Francisco Luiz de Cavalcanti Horta aportou à presidência do Fluminense Futebol Clube, porém, poucos seriam capazes de especular que, em menos

⁹⁴ “Eu até sou grande-benemérito da Federação, depois fui ser ouvidor, do tribunal de Justiça Desportiva, onze anos representando os jogadores, fui o primeiro ouvidor eleito, mudou a lei. O Zico que era presidente do sindicato, me convidou, e fui eleito ouvidor, que é juiz, sinônimo de juiz E lá trabalhei onze anos, também gratuitamente. Estes cargos todos eu sempre ocupei gratuitamente, por amor ao futebol, à obra. De maneira que nosso convívio na Federação volto a dizer, muito bem dirigido, foi sempre muito bom, e os representantes dos clubes também muito diligenciosos.”

de dois meses, sua figura seria uma das mais debatidos nos quatro cantos da cidade do Rio de Janeiro e que o cartola intentaria promover uma verdadeira “revolução” para o futebol daquele tempo. Com o apoio político eleitoral de João Coelho Netto, o “Preguinho”, Francisco Horta venceria, com uma ampla margem de votos, o candidato da oposição, Gil Carneiro de Mendonça. Por um período trienal, Francisco Horta ficaria à frente do Fluminense, mas sua passagem seria mais do que marcante: depois de contratar Rivelino e outras vedetes da época, montando a “Máquina Tricolor”, ele se converteria num fenômeno de popularidade.⁹⁵ Nos gramados sagrados, a equipe de Horta conquistaria o bicampeonato estadual do Rio de Janeiro – 1975 e 1976 – além de chegar por duas vezes às semifinais do Campeonato Brasileiro e de vencer torneios amistosos internacionais, como o *Torneio de Paris* e o *Troféu Tereza Herrera*.

Talvez não cause fadiga ao leitor repetir que o termo “Máquina” tenha sido utilizado noutros contextos para definir times espetaculares de clubes-nação marcados pelo verniz elítico – o *River Plate*, da Argentina, do decênio dos quarenta, com o inesquecível time dos craques Angel Labruña e Raul Pederneras, e a *Juventus*, de Turim. Mimética da ideologia das classes dominantes, a ideia de maquinaria rememora o ideário da ordem, da hierarquia e da disciplina, numa palavra, da *racionalização*, em que todos devem cumprir de forma precisa e preciosa seu papel numa engrenagem para que a totalidade funcione coesa e harmônica. Noutro sentido, era a *conexão semântica* (Bromberger, 1998) entre o estilo de jogar e as maneiras de ser do clube-nação, ou como diria Luiz Henrique de Toledo (2002), o entrecruzamento entre uma *forma-tática* e uma *representação-imaginada*.

Rapidamente, Francisco Horta se converteria no dirigente favorito da imprensa. Nela, o presidente fazia de tudo um pouco: forjava frases (“vencer ou vencer”), atacava de comentarista esportivo no rádio, escalava a equipe, viajava com o time aonde fosse, previa resultados, anunciava contratações bombásticas, instaurara o troca-troca na cidade e até (pela imprensa) zombava da baixa inteligência dirigentes rivais⁹⁶. Numa agremiação de verniz aristocrático, como o Fluminense Futebol Clube, até aquele momento a palavra-chave e de comando sobre como os cartolas deveriam agir era uma só: a *discrissão*. Embora a imprensa tratasse o caso de forma pejorativa, a alcunha de

⁹⁵ Não à toa dois perfis biográficos foram escritos sobre ele: um de Nelson Motta, o outro de Marcos Eduardo Neves.

⁹⁶ Numa querela com Agathryno Gomes, presidente do Vasco que envolveu a escolha do juiz para a final do campeonato de 1977, Horta lhe disse que “mesmo se o Vasco vencesse, não passaria de uma vitória de Pirro. Mas, como o dirigente do Vasco, não sabe quem é Pirro, é muito capaz de, no dia seguinte, colcoar em São Januário a faixa: ‘Pirro, o campeão’”.

“presidente mudo” utilizada para designar um presidente do clube das Laranjeiras já nos anos noventa, indicava, por mais paradoxal que isso possa parecer, o ideal (ou o dever ser) dos presidentes tricolores. Nada mais distante dessa *imagem* ideal do que a atuação de Francisco Horta.

Não há dúvida de que a raiz da popularidade de Francisco Horta se encontra na sua relação imediata travada com os diários e os semanários que circulavam na cidade do Rio de Janeiro. Sintoma das transformações do esporte, o dirigente tricolor Francisco Horta possuía uma consciência aguda e aguçada do papel que a imprensa detinha como elemento de catálise do futebol-espetáculo. Tal percepção se deveu, num primeiro momento, aos vínculos de parentela do cartola, já que o eterno presidente tricolor era sobrinho de um dos principais comunicadores da televisão brasileira àquele período, ninguém menos do que Flávio Cavalcanti. Pelo tempo em que Francisco Horta presidiu o Fluminense, o *Rei da Televisão* esteve envolvido de forma mais ou menos direta em uma dúzia de eventos oficiais e não oficiais da agremiação das Laranjeiras. Segundo o jornalista Nelson Motta (2004) na eleição de 1975, num ato de artimanha política do magistrado, Flávio Cavalcanti fora convidado para animar a cerimônia da votação, sendo responsável por fazer a contagem dos votos dos associados pelo microfone. Além disso, a casa do apresentador em Petrópolis seria convertida no espaço das celebrações das conquistas da “máquina tricolor” montada pelo ambicioso presidente, com a participação direta de quase todo o time nestes eventos. Tudo isso era muito incomum em um clube que era marcado pela distinção rígida entre jogadores e sócios, entre os jogadores e os dirigentes, sendo certos espaços simbólicos – como a piscina, por exemplo – interditos à entrada dos jogadores.

Talvez um tanto quanto involuntariamente, outro quem esteve a serviço da mitificação do presidente foi o cronista Nelson Rodrigues: ele trataria de converter o presidente num personagem (ou tipo) nelson-rodriguiano, o *profeta tricolor*, responsável direto pela salvação do “timinho” da crise de resultados. Logo na primeira crônica que dedicaria ao presidente tricolor, Nelson Rodrigues já dizia que a comoção em torno do cartola se iniciara mesmo no *ritual de passagem* que é a cerimônia de posse do presidente. Se os “idiotas da objetividade” supunham que as “loucuras” de Francisco Horta levariam inevitavelmente o clube à falência, o cronista tecia loas às atitudes corajosas do cartola, argumentando que “nunca se viu um grande time levar um clube à falência”:

No episódio do Rivelino, que abalou toda a cidade e todas as manchetes, o tricolor vai usar um dinheiro barato. Digo barato porque tem retorno. O dinheiro volta multiplicado. (...) Imaginem vocês o que não farão o tricolor, em matéria de bilheteria, quando se apresentar renovado, potencializado. Até os mortos, depois do almoço, de ambos os clubes, vão se levantar das tumbas para assistir ao monumental clássico. (...) Amigos, nós sabemos que numa posse único comovido é o empossado. Um caso inédito foi o de anteontem – a plateia também se emocionou. A ovação que a Francisco Horta recebeu quando falou sobre VENCER ou VENCER, a ovação repito, deu-lhe a certeza da nossa solidariedade. Queremos um grande time, com a bomba sagrada de Rivellino.

O argumento de Nelson Rodrigues, que acompanhava o raciocínio de Horta era evidente: um time melhor traria mais média de público aos estádios e, por conseguinte, aumentaria a renda. Aqui, o rebuliço causado por Francisco Horta despertava não só o ânimo da imprensa, mas a paixão dos torcedores, que enviavam uma enxurrada de missivas enviadas à seção *Bate-Bola*, do *Jornal dos Sports*, agradecendo à atuação do presidente frente ao clube do coração.⁹⁷ Nem mesmo os rivais se furtavam ao exercício da arte das epístolas quando se tratava de bajular o cartola tricolor: numa delas, um torcedor-missivista dizia mesmo que a solução para os problemas de seu clube, o Botafogo de Futebol e Regatas, era, afinal de contas, trocar Francisco Horta por Marinho Chagas, o Bruxa. Na sua figura, a tradicional *sobriedade* tricolor e a distância da alta cúpula fluminense em relação às coisas mundanas, foram substituídas pela irreverência, pelo afeto, pela popularidade, pela personalidade carismática, e, acima de tudo, midiática capaz de criador dos fatos e dos acontecimentos.

Num texto gestado clássico da historiografia contemporânea, o historiador Pierre Nora observa que a sociedade transnacional pós-1968 é uma *sociedade do evento*, justamente porque, mediada pela imprensa, os acontecimentos aparentemente triviais são percebidos na sua dimensão teatralizada, espetacularizada (Nora, 1995: 429-430). Não foram poucas as vezes que o *Jornal dos Sports* noticiou o nome do magistrado em letras garrafais: “Horta promete Olé”, “Embalou: Horta e Didi esta tabela é boa”,

⁹⁷ “Fica aí nosso pedido ao presidente, a quem também enviamos o nosso mais sincero agradecimento porque naquela mesma noite quando indagado sobre quem fora o melhor jogador, Horta respondeu ‘o melhor foi a torcida’, a galera vibrou de alegria e eu, através desta calma, digo muito obrigado presidente, isto é muito bom, isto é demais” (24/05/1975) (...) “Gratidão: com a grande conquista pelo Fluminense a Taça Guanabara, tomo a liberdade de expressar a gratidão e os agradecimentos da grande torcida tricolor com o nosso vibrante e componente presidente Francisco Horta. A torcida do Fluminense jamais poderá esquecer do jovem e dinâmica presidente que em tão pouco tempo esse importante cargo deve uma verdadeira manifestação de como bem administra um clube de futebol. O que mais nos impressiona nesta figura dinâmica é a maneira pela qual ele resolve os problemas importantes diretos do clube das Laranjeiras destacando sua eficiência e dedicação na luta pelos interesses tricolores.” (28/05/1975)

“Drummond almoçou com Horta: é aquela transa”, “Horta profetiza: Fluminense campeão”, “Horta e o Flu na escalada mundial: dissei-me existe time melhor que o meu”, “Horta e a política do supertime: ‘a máquina precisa de reforços’”, “Horta solta a bomba: Paulo César é do Flu”, são apenas alguns dentre os inúmeros exemplos do período em que o dirigente tricolor foi presidente. Reconhecida pelos próprios adversários, a capacidade única de Horta residia na sua capacidade de produzir eventos, dando a eles uma conotação teatral e simbólica. Uma vez mais, Nelson Rodrigues, é quem nos auxilia:

Falei em assunto e penso em Francisco Horta. Não sei se repararam que desde que assumiu a presidência falta-nos tudo, menos assunto. Seu nome não sai das páginas do esporte. Por quê? Porque ele não para. E não pode fazer coisas em sigilos porque nós não o deixamos em paz e mesmo contra ele, num implacável cerco telefônico. Por exemplo, o Marcelo Wassuller telefone telefona automaticamente para o presidente tricolor. Outro, ele entrou, esbaforido, na redação. Dizia arquejante – ‘ainda não telefonei para o Horta!’. E ligou imediatamente. No momento, Horta está em Paris, é comovente ver o Marcelinho no telefone internacional. (03/10/1975).

Em 1976, por ocasião da vinda do holandês ao Rio, arquitetada pelo cartola Horta, o cronista comentava:

Amigos está aí: Francisco Horta trouxe Cruyff para o Brasil. Ainda bem que, no futebol brasileiro, há quem tenha a imaginação e nos surpreenda com ideias. Aí está o mistério da irritação que o presidente tricolor provoca. Todos gostariam que ele não fizesse nada. E passasse o seu período de presidente a jogar conversa fiada. (19/5/1976).

Graças a essa habilidade, pouco a pouco, o presidente tricolor se convertia numa estrela da época, espécie de sábio ou de mágico, consultado quase cotidianamente sobre as bagatelas da vida moderna. No ano seguinte, em 1976, quando Horta atingira os píncaros da popularidade, o *Jornal dos Sports* lançou uma série de reportagens intitulada, “Eu, Francisco Horta”⁹⁸, publicada ao longo de quinze dias no periódico de Mário Filho, era traçado o perfil completo do dirigente tricolor, desde a sua infância feliz e pitoresca em Copacabana, no colégio Mello e Souza, até as peripécias feitas para a contratação de Rivelino. De toda a forma, o sucesso da reportagem foi tremendo e tamanho entre os leitores-torcedores enviariam uma enxurrada de cartas à redação do

⁹⁸ Para que o leitor possa ter uma ideia do tamanho desse “perfil” biográfico sobre Horta, a transcrição em *word* totalizou não menos que sessenta páginas corridas em letra times new roman tamanho dez.

Jornal dos Sports. Ademais, os próprios cronistas, como Ruy Porto, comentariam nas suas colunas os desdobramentos da reportagem, repercutindo a série com o presidente.

Na longa entrevista, feita em partes, entre outros temas, o cartola tecia observações precisas sobre assuntos que, em sua maior parte, não versavam sobre o futebol. Assim, narrava o surgimento da bossa nova (e seu papel de protagonista neste processo), a ascensão do feminismo (“a mulher deve ser feminina, mas não feminista”) e o declínio dos valores “da família” (“me senti um índio em Nice: fui à praia para ver se via o tal do *top less*”), a atuação como magistrado na incorporação dos “egressos” do sistema penitenciário à sociedade, a diferença de fundo entre as obras de Jean-Jacques Rousseau, Thomas Hobbes e Karl Marx, bem como a sua predileção pelas opiniões do filósofo iluminista ante os outros dois (“o homem é naturalmente bom”), citava os livros que lia (“gosto muito de Machado de Assis e Agatha Christie”), discorria sobre as diversas formas de moeda (“até cabrito pode ser moeda, sabia?”), falava sobre o trabalho junto aos egressos do sistema penal e da *Carteira Horta* ou simplesmente *CH*, (“mais confiável que Carteira de Trabalho”), enfim, mostrava a sua vida “a nu”.⁹⁹

Realmente, eu lhe digo com toda a sinceridade que acho que nada mais há para ser dito. Acredito que ficou esgotado o assunto. Não ficou nada. Está tudo aí. O que é popular. É claro que a vida do clube não está aí. (...) É o título. ‘Eu, Francisco Horta’. A descoberto. Nu. Compreende? Para que cada um tenha lido, coloque o fraque ou o calção de banho. Cada um que vista como quiser o Horta. Ele é assim. Como é que você o vê? Vista-o. Eu não fiquei fazendo tipo, porque, como falei, eu não tenho pretensão a coisa alguma. (...) Quando eu digo renovação eu dou o exemplo. Quando eu digo honestidade, eu sou vinte-e-quatro horas. Um homem íntegro. (...) De maneira que as pessoas já passaram a acreditar em mim. As manifestações que eu tenho recebido em de todo o Brasil. Não é para dizer: ‘Silvio Santos vem aí, pi-ri, pi-ri, pimpim’. Não é isso aí não. É um negócio maravilhoso. É gente pobre que está me escrevendo, desde que o *Jornal dos Sports* começou esta série comigo. Vem gente aqui, pedir emprego, casa. Por que? Poxa, este cara é bom. Vamos lá que ele vai ajudar. Isso é essencial. Você, perante a sua comunidade, poder ser estimado, respeitado, sem ser temido, é uma beleza. A liderança não pode ser imposta. Eu não posso chegar aqui e dar um grito: eu sou um líder. Não. Esse não vai durar. Ele é durante algum tempo no máximo. Liderança se conquista não é na base da bomba, é na base do bombom. Aquele que conquista a liderança é amado. (...) Faça essa verificação. Os empregados do Fluminense me adoram. Todos eles. Sem exceção. Lá em cima até aqui embaixo. Porque eu os

⁹⁹Ainda assim, o fato é que esta entrevista se deve, em grande parte, ao estilo do jornal. Após a morte de seu fundador, Mário Filho, em 1966 e com a criação do suplemento *O Sol*, como já argumentou Bernardo Buarque de Hollanda (2010), o *Jornal dos Sports* se direciona em particular ao público jovem, sendo um periódico marcado por uma espécie de caldeirão cultural em que temas variados, aparentemente eruditos, misturam-se, sem grandes delongas, à linguagem folhetinesca.

cumprimento. Eu sei o nome deles todos. Isso é fundamental. O que custa uma palavrinha? Como vai? Mas poucos me entendem. Então, este mutismo, essa indiferença que a gente vê, eu não concordo.

De qualquer forma, o fato é que esta percepção nítida e cristalina de Francisco Horta sobre o papel da imprensa na matriz espetacularizada do futebol se devia, sobretudo, à percepção relativamente crescente entre os agentes do campo esportivo de que o futebol convertera-se numa espécie de negócio. No programa de campanha de Francisco Horta, era nítido que a palavra-chave, que a partir de então, se converteria numa espécie de lugar-comum um jargão do futebol “moderno”, de que o Fluminense deveria adotar o “modelo futebol-empresa”. Àquela altura, a expressão certo estranhamento do público, Horta a utilizaria num sentido muito distinto do que seria nos próximos anos: ‘Futebol empresa e o time no ataque: as bases de Francisco Horta’, era a manchete do *Jornal dos Sports* que resumia as principais propostas do presidenciável em quatro pontos:

- 1- O clube precisa ser gerido e organizado na base do futebol-empresa;**
- 2- A saída do futebol das Laranjeiras;
- 3- Fortalecimento das divisões de base;
- 4- Total incentivo à prata da casa.

Fiz um levantamento cuidadosos dos últimos vinte-e-cinco anos do futebol do Fluminense e chegamos à conclusão que o melhor rendimento sempre foi daquele que foi egresso dos juvenis. Portanto, aqui dentro do clube, sempre rendeu melhor do que aquele que veio de fora (...) *A realidade é a de que o clube precisa partir para o futebol empresa porque nós estamos diante de uma grave realidade: a falência dos clubes.* Essa situação financeira e catastrófica felizmente ainda não nos atingiu porque no Fluminense há uma organização, uma infraestrutura que impede que exatamente este grave problema. Aqui, ninguém faz loucuras. Posso citar em exemplo: o Jorge Frias de Paula, após três anos, termina sua gestão com equilíbrio orçamentário. Isso é feito com abnegação, dificuldade e grande esforço.

No nível retórico este jargão empresarial reforçava o que definimos como a tal “síndrome do Cosmos” de que falávamos anteriormente, a fase de mudanças do futebol-espetáculo, marcada pelo embrião das transformações que o campo esportivo atravessaria nos próximos três decênios. Tal fase pode ser condensada em três eventos: a ascensão de João Havelange à presidência da *Federação Internacional de Futebol*, o

papel crescente da televisão na transmissão de partidas e a ida de Pelé ao Cosmos de Novo Iorque, que deu um novo sentido ao futebol como indústria do entretenimento. Essa fase marcaria, por conseguinte, o preâmbulo da emergência de novos atores no cenário futebolístico com que os cartolas e os setores tradicionais dos clubes passariam necessariamente a ter que dialogar.

Embebido deste *espírito do tempo*, Horta foi pioneiro em compreender do futebol como um fenômeno midiático, em que tão (ou mais) importante quanto o êxito do Fluminense, é a *divulgação* do espetáculo. Não à toa, ele seria protagonista em um dos episódios mais marcantes da história do futebol brasileiro: a *invasão corintiana*, de 1976. Na promoção do espetáculo, não temendo a torcida de São Paulo, enviou uma enxurrada de ingressos para a venda em São Paulo como forma de marketing do jogo e de zombaria da fanática torcida corintiana. No final do seu mandato, ele esteve à frente da fundação da *Associação Nacional dos Presidentes de Clube de Futebol*, espécie de embrião do *Clube dos 13*. Por aclamação, Horta seria eleito o primeiro presidente daquele grupo, sendo carinhosamente Era a ideia de que os clubes deveriam superar as artimanhas e os embates do clubismo para gerir o futebol de uma forma “moderna”, “empresarial”, e, sobretudo, coletivamente. Ademais, Francisco Horta também esteve envolvido diretamente na liberação de *novas fontes de receita*: ele defendia a liberação dos chamados “patrocínios de camisa”, que, a despeito de liberados pela Federação Internacional de Futebol, e a transmissão dos jogos pela televisão em que se instaurava com a obrigatoriedade do pagamento de direitos de imagem aos clubes.

Ainda assim, o fundamental na argumentação de Horta reside na assertiva de que o futebol demandava o *fato novo*¹⁰⁰, exigindo oxigenando constantemente para atrair o interesse do público e dos torcidas. Dessa forma, no ano seguinte, quando ele iniciaria um esquema de *troca-e-troca*, desmanchando a cultuada “máquina” tricolor, os torcedores não compreenderiam a dimensão daquele gesto. Por que uma equipe que conquistaria quase tudo deveria ser mudada? Sem embargo, Horta argumentava de

¹⁰⁰ “Subi em janeiro e promovi uma Revolução imediata porque eu percebi que o futebol, que é a nossa grande riqueza nacional, capengava no Rio de Janeiro, e o futebol precisava, exatamente, de um boom, de uma explosão, sair da mesmice, sair do rami-rami. E eu comecei a sair da mesmice contratando o maior jogador do país, à época, Roberto Rivellino, craque mundial, jogador do Corinthians, e depois contratei o Paulo César Caju, do OM, craque nacional, tricampeão mundial. De modo que eu quis criar uma mentalidade de grande time e não de “timinho”, que era a mentalidade que prevalecia no Fluminense, não que os times fossem “timinhos”, “timinho” não ganha campeonato, se o Fluminense ganhou sempre, ganhou, evidentemente, com grandes times, mas ficou este pejorativo de “timinho”, desde 1951, quando nos fomos campeões com Zezé Moreira no comando, com Telê, na ponta-direita, sendo um dos jogadores mais expressivos do time àquela época”. (Entrevista de Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha)

forma simples, de maneira perfeitamente adequada, ressaltando uma vez ainda que o que movimenta o espetáculo é o seu dinamismo:

Por que desmantelei a máquina de 1975? Porque, no meu entender, *o espetáculo tem que mudar*. Mesmo os grandes espetáculos como foi realmente aquele time, que chegou a ser interpretado – e aí entra outro dos meus *salários morais* – pelo seu jornal, o Jornal dos Sports, que foi o criador da expressão máquina, título dado à equipe do Fluminense de 1975.

O que estou tentando mostrar é que quando Horta assume o Fluminense, por conseguinte, traz consigo um “bando de ideias novas”, muitas das quais, apesar de lhe proporcionarem uma popularidade entre os torcedores, acabariam por colocar em desagradado a alta cúpula tricolor. Já vimos que, nas eleições de 1975, Horta derrotara um representante da tradicional família tricolor, Gil Carneiro de Mendonça. Com isso, apesar de ter se aliado aos Coelho Netto, Horta quebrava uma tradição longeva de domínio dos grupos estabelecidos no Fluminense. Só este fato já o colocava quase de início numa posição de equilíbrio tênue no interior de um clube historicamente hegemônico pelas famílias históricas. Agrega-se a tudo isso que seu “estilo” excessivamente chamativo, midiático, contrastava com o padrão ideal da sobriedade tricolor, do presidente que nada diz, e, do exílio de que padece na torre de marfim da sala da presidência, só sai nos momentos solenes e excepcionais. Não à toa, entre os meus informantes, chegou a acusar Horta de ser homossexual, de ser, nos termos nativos, “gilete” e de “estar obcecado com o Marinho”¹⁰¹. Este mesmo dirigente acusaria Horta ainda de “tomar uma Coca-Cola” à custa do clube, o que constituiria quase a pena-máxima implicando a ruptura do amadorismo dirigente. Outro crime imperdoável de Horta foi o de ter defendido atuado brevemente como um dirigente profissional do Flamengo, atitude imperdoável a alguém que é benemérito e que tem “obrigações com o clube”: entre elas, a fidelidade.

O que estava em jogo no conflito entre os setores tradicionais do clube e as atitudes de Horta era a disputa entre dois modelos de gestão em voga: o primeiro, que privilegiava o disciplinamento e a discricção; o segundo, que valorizava o futebol espetáculo. Dessa forma, “o pessoal tradicional ficou louco com ele”:

¹⁰¹ “Todo mundo sabe, o Horta, ele é, ele é gilete. Tanto que foi cassado como juiz, cassado não aposentado, porque andou distribuindo uns beijinhos na rua, uns beijinhos por aí. E ele cismou com o Marinho, se apaixonou por ele, cismou. E deu quatro jogadores de seleção brasileira por ele. Enfim, ele queria porque queria o Marinho”.

E: Não, eu... Muita coisa eu fui contra. Entendeu? E ele era um cara que não ouvia ninguém. Até hoje... Queria que os diretores quieram que colocasse dinheiro, fui contra esse troço, não tinha condição. Naquela época, no Fluminense ninguém botava dinheiro. E ele extrapolou. Fez coisa que a parte tradicional do clube não... Foi durante muitos anos e até hoje o pessoal mais antigo de lá. Eu não tenho nada, porque me trata muito bem, entendeu. Mas não houve briga nada. Eu sai e pronto. Sai por causa do Paulo César, quando entrou o Paulo César. Paulo César do Olympique de Marseille, e ele veio pro Fluminense e eu peguei o jornal. Fluminense ia jogar com um clube quarta-feira de noite, um clube alemão parece.

L: Bayern.

E: E eu li no jornal, “Paulo César estreia na quarta-feira”, eu, evidentemente, era o médico... Fui falar com o Horta. “Pô, Horta, ele não fez exame médico nenhum”. Corria naquela época um boato sobre o Paulo César, de que a mulher dele traiu ele, um troço assim, ele saiu de casa, essas complicações. E eu vi que ele tinha uma úlcera sangrante, emocional. “Você vai ver esse rapaz tem uma úlcera sangrante. Depois, ele vai pegar uma contusão... Você vai pegar um cara desse aí, alega a contusão e acaba preso.” Daí, ele me falou: “olha, exame médico não ganha jogo, nem dá renda”. Aí, eu pedi demissão. O Horta era fascistão, entendeu?

Fazia parte deste “estilo midiático”, uma aproximação e uma interação incomum entre os jogadores e os presidentes. Não raro, o dirigente rubro-negro, Márcio Braga, que praticara o atletismo, tomasse parte do treino com bola dos jogadores de futebol profissionais. Horta, por sua vez, fazia-se notabilizar por tomar parte diretamente das contratações da “Máquina”, além de convidar para inúmeras festas privadas e do clube, como já comentamos. Imiscuído aos jogadores, trajando cartola e adereços tipicamente tricolores, Horta comemorava títulos nos gramados com o time, o que era, sem dúvida, uma novidade. Este estilo incomodava a tradicional hierarquia tricolor. Silenciosamente, construía-se uma oposição dos dirigentes tradicionais ao presidente do clube, mas eles pouco podiam fazer diante da popularidade e do time de futebol, que ia de vento a popa. Apenas quando, no seu último ano, em 1977, as transferências e o troca-troca de Francisco Horta fracassam e o time vem a passar por uma *crise de resultados*, estes conflitos viriam à tona, com o cartola tendo sido, a despeito dos inúmeros esforços, incapaz de fazer seu sucessor e mesmo de aprovar as suas contas no clube. No *Jornal dos Sports*, embora sejam raros e rarefeitos os momentos em que vem à lume a vida social do clube, para desespero do cronista Ruy Porto, que creditava ao clube das

Laranjeiras uma situação de “alarde”, em que caíam as “limitações naturais” entre sócios e jogadores.¹⁰²

Na memória de um dos seus adversários, que representava ele mesmo a família tradicional do clube, essa permissividade de Horta era vista como a heresia suprema, como o momento em que o *crioulo* ocupava o *salão*. Estes espaços simbólicos que foram tradicionalmente dominados pela elite tricolor começam a ser profanados pela presença maciça dos jogadores no clube (e já não mais no time):

Eu cheguei à sala da presidência, e vi, na sala da presidência, porra, na sala onde ficava meu pai, encontrei o Paulo César sentado na cadeira da presidência: de pernas abertas e estendida em cima da mesa. Explodi e gritei: “Tira este crioulo daí”. Depois, eu me arrependi, e é uma das coisas que eu mais me arrependo até hoje de ter feito, tanto que encontrei o Paulo César na praia e fui pedir desculpas, mas confesso que eu falei. Confesso que disse...

Esta “abertura” dos espaços de sacralidade, em particular, incomodava sobremaneira os setores tradicionais, que acusavam, para dizer o mínimo, o cartola de “fascismo” ou “personalismo”. Dessa forma, estas hierarquias são postas em cena pela própria dinâmica do futebol de espetáculo, pois o esporte já não é mais um espaço distintivo de poucos, mas é franqueado às classes populares, que pouco-a-pouco vão ocupando os espaços tradicionalmente restritivos e restritos aos grupos dominantes. Aqui, a lógica do futebol-mercantilizado, mais individualista que hierárquica, ao transformar o jogador em vedete e *popstar*, termina por fazer com que ele seja capaz de transpor barreiras, na medida em que a sua importância e centralidade no clube não podem ser minoradas. Se nos anos vinte e trinta, as elites começam a ter ciência de que haviam perdido o lugar dentro de campo do futebol-espetáculo; a virada dos anos setenta marca o decadentismo das famílias tradicionais dos clubes, que já não parece ter mais lugar algum para ocupar no campo esportivo nacional. Num processo, que não é desprovido de conflitos, tampouco linear, quando o futebol se converte num negócio, a atuação dirigente não pode (pelo menos em tese) mais ser posta na mão de grupos que tradicionalmente dominaram o clube. Estes grupos se sentiram totalmente fora-do-lugar

¹⁰² “**Fluminense a perigo**” “É possível que tenha ocorrido ontem à noite uma reunião secreta de homens que estão ligados ao alto escalão do Fluminense. Pois há uma crise se desenrolando “lá no fundo” e contra o inteligente presidente Francisco Horta. Em outras palavras, Horta outro dia abriu o quase impenetrável Salão Nobre e lá reuniu os jogadores para a comemoração, muita gente torceu o nariz, mas, em nome do espírito de Natal, engoliu a seco. Horta está fazendo ultrapassar os limites lógicos da tolerância e fazendo cair as limitações naturais entre sócios e funcionários. Agora vem o baile da Aleluia e a ideia é levar os jogadores de futebol e suas famílias para um evento privativo dos sócios e convidados. Deu-se o pior.” (10/01/1976)

Na agremiação *vert-blanc-rouge*, o cenário que separava os dirigentes dos jogadores era simbolizado pelo *portão*: se os sócios adentravam pela entrada principal, os jogadores e os funcionários o faziam pelos fundos. O portão que separava é um lugar simbólico muito presente no imaginário tricolor: segundo dizem, a Francisco Laport, presidente do clube nos anos 1960, considerado “um dos maiores presidentes da história do clube”, é atribuída a sua criação. Este portão representa a separação, o sentimento de pureza, evoca a ordem e a disciplina, colocando as coisas nos seus devidos lugares: Horta, que fechou o portão, instaurou a anarquia, o perigo, a desordem:

Preto não entrava, nem para sócio, nem para salão nobre. Jogador não entrava no gabinete do presidente. Jogador assinava ponto. Jogador tinha uma entrada diferente da do sócio. Isso eu consegui mudar, porque percebi que era hora de mudança. Não é possível que em 1975 nós tivéssemos este procedimento. De maneira que eu fechei a entrada, que não era a entrada principal, e os jogadores passaram a entrar pela entrada principal, a jogar tênis, a mergulhar na piscina, a levar a família para o Fluminense, filhos, as mulheres. Eu os recepcionava todo sábado, com um almoço, um churrasco, uma feijoada, a diversão para todos no sentido de atraí-los. Porque, na realidade, eles são muito mais importantes do que nós. Ninguém me conhecia em Paris. Mas quando o time entrava para jogar no Parque dos Príncipes: todos conheciam: ele é o Rivellino, aquele é o Paulo César, este é o Gil, aquele é o Doval, aquele é o Marco Antônio, e por aí vai. Portanto, quem vende a imagem do clube, essencialmente, é o craque; não é o dirigente. Então o craque tem que ser tratado a vela de libra, mas não no sentido como se ele fosse máquina. E sim ser humano. De maneira que isso tudo eu consegui quebrar, com muito esforço, com discussão, porque isso também é bom, volto a dizer, que não quer dizer que eu estivesse certo ao fazê-lo. Talvez, estivessem certos aqueles que proibiram, que fizeram aquilo, eu apenas modifiquei porque achei que a minha opinião era melhor do que a deles. E aí, consegui um pouco mais de harmonia, jogadores se sentiram melhor...e aliás, a história conta isso, os resultados, a máquina, tudo isso... (Entrevista de Francisco Horta a Luiz Guilherme Burlamaqui)

À primeira vista, pode paradoxal dizer, ainda que com ressalvas e em linhas gerais, que Horta comungue da *ideologia da harmonia e da hierarquia* que descrevemos tão densamente no caso de Gil Carneiro de Mendonça em que o que está no centro de uma visão de mundo é a divisão dos papéis é relativamente clara e absoluta. Já vimos numa dualidade que exemplifica de forma incomum o que se convencionou chamar de *racismo à brasileira*, o próprio Gil que confessou

(arrependido) não tolerar os “crioulos” na sala do seu pai, disse com orgulho ímpar que foi a sua roupeira quem lhe entregou o seu prêmio de benemerência; além de ressaltar que, em sua infância, costumava se “misturar” com os filhos dos padeiros, dos açougueiros e dos porteiros. Noutra ocasião, quando lhe perguntei se podíamos considerar seu amigo Arnaldo Santiago “negro”, ele retorceu o nariz arrebitado e simplesmente disse: “Não, o Arnaldo era mulato, não é verdade?”. Apesar de amaciar este discurso, destruindo o referido *portão*; ele o faz em nome da “harmonia”, da disciplina e da ordem. Seria, por conseguinte, ilusório acreditar que ele fugisse à regra dos cartolas tradicionais tricolores quando se trata de defender o ideal amadorismo e a lógica do *fair play*, sem nunca abandonar essa visão hierárquica de mundo.¹⁰³

Em paralelo a essa abertura econômica do futebol que descrevemos até aqui, o indicando a emergência de um novo “estilo de gestão” do qual Francisco Horta faz parte e que não se adequava aos padrões tricolores, àquela altura, o Brasil adentrava num processo de *abertura política*, em que certos setores da sociedade civil começariam a dar ressonância, de forma mais ou menos explícita, as agruras e a violência do regime militar. Neste sentido, cada vez mais isolado entre os setores tradicionais do clube, passa a adotar deliberadamente uma estratégia retórica no sentido de que assumir uma posição refratária e de oposição a estes grupos antiquados teria um sentido eminentemente liberalizante, em que se sobreporiam a abertura do clube aos mais pobres à abertura da nação. Numa entrevista concedida ao jornalista Márcio Guedes, do *Jornal do Brasil*, Horta se colocaria a favor da “abertura”, fazendo uma revisão crítica de seu passado “como revolucionário de 1964, de usar até lenço de pescoço”. Defendia que aqueles “eram tempo de abertura também no futebol”, que exigia a criação da

¹⁰³ “O clube faz tudo pelo jogador e pela família do jogador, tudo, não sei se você está a par. Eu vejo no meu Fluminense. Parte de saúde, parte de educação, parte de ser humano. O clube... Não é dinheiro Porque o clube tem pessoas que não cobram nada para ajudar um jogador. Se a família precisar de um advogado, este advogado vai ser gratuito, o clube não vai pagar o advogado, mas o advogado só vai ajudar aquela família porque o clube pediu. Então é preciso amor com amor se paga.” (Entrevista de Francisco Horta com Luiz Guilherme Burlamaqui). Ou ainda no *Jornal dos Sports* antes da eleição: Nesses setenta e dois anos de história do Fluminense ficou provado que são esses homens tradicionais que representam o grande apoio eleitoral para qualquer candidato. (...) “A minha opinião sobre o candidato Gil Carneiro de Mendonça? Extremamente favorável. Trata-se de um grande benemérito do clube, cujo pai foi presidente do clube, cujo tio também foi presidente. Gil é tricolor nato e hereditário. E o Gil é uma figura admirável dentro do clube, atleta extraordinário. Aliás, assisti varias vezes o Gil disputar partidas de Volibol. E a campanha eleitoral foi feito, isso posso garantir, em alto nível, sem nenhuma retaliação eleitoral. Nós somos amigos e não somos propriamente adversários. Apenas temos ideias distintas para a condução do nosso querido Fluminense Futebol Clube. Somos apoiados por grupos diferentes, mas somos essencialmente tricolores natos e hereditários”.

Confederação Brasileira de Futebol e a maior autonomia de clubes e de Federações. Na sua leitura, o seu clube de coração essa mudança já podia ser sentida:

O Fluminense queiram ou não meus adversários já está com a sua história dividida em antes e depois de Francisco Horta. Mesmo que Vilela seja derrotado nas eleições, as transformações feitas por mim são definitivas. A curto ou a médio prazo. O Fluminense hoje é um clube aberto democrático. Outro dia fiquei orgulhoso ao ver que o *contínuo* de um amigo me exibiu, com orgulho, sua carteira de sócio do clube. Por que, pergunto, um contínuo não pode ser sócio do clube? Não há razão para impedi-lo de exercer este direito. Quando deixar o Fluminense só não serei um homem realizado se não tiver conquistado o tri. Não sou homem de glórias pela metade: ou tudo ou nada. (Entrevista para o JB – 20/08/1977)

Como a documentação do clube é fechada, é muito difícil, diria impossível, avaliar o quanto este discurso retórico da “abertura” tem um fundamento prático-concreto no sentido de um barateamento das apólices associativas. Sabemos é que a “comissão de sindicância”, de que falamos anteriormente, responsável por julgar os aptos e os inaptos a ingressar no clube só se diluiu em 1995, em um contexto completamente diferente. De qualquer forma, esta memória de Horta como o responsável pela “abertura do clube” vai se consolidando pouco a pouco no imaginário dos times.

O problema residiu que o fracasso na final do campeonato de 1977 contra o Vasco da Gama fez com que Horta começasse a ser também criticado pela própria torcida fluminense, que, agora, já não enviavam missivas de gratidão, mas questionavam a insensatez do ato presidencial de trocar três jogadores de Seleção Brasileira pelo Marinho, que, no tricolor, foi um fracasso retumbante. Sem o apoio dos torcedores, Horta se viu completamente isolado no interior do clube, incapaz de fazer seu sucessor, José Carlos Vilella. Mesmo, depois de uma longa briga na justiça contra os órgãos da *Confederação Brasileira de Desportos* para que as eleições fossem diretas que não levou a lugar nenhum¹⁰⁴:

¹⁰⁴ Em 1977, a Confederação Brasileira de Desportos baixou um decreto que obrigava todos os clubes sociais a ela filiados a fazer eleições indiretas para presidente, independente do seu estatuto. Os presidentes, segundo o decreto, seriam escolhidos através da votação de um Conselho de, no máximo, 300 membros: 150 eleitos e outros 150, natos e hereditários. Este decreto afastava, além de Horta, praticamente qualquer grupo que se apresentasse com ideias novas para os clubes. O argumento da CBD era de que isso garantiria a “função cultural” dos clubes, impedindo que novos grupos entrassem no clube a qualquer tempo. Como veremos, Márcio Braga foi outro quem penou para se reeleger por conta do decreto. Com essa determinação da Confederação Brasileira de Desportos, ele seria facilmente derrotado por George Helal nas eleições de 1978, mas o comerciante libanês acabaria renunciando à candidatura para se aliar a

É um fenômeno que não sei explicar direito. *Talvez haja inveja no clube ou eu não seja exatamente o que os septuagenários tricolores gostariam que fosse.* Mas ainda não me sinto derrotado. A candidatura de Silvio Vasconcelos é forte e apoiado por João Havelange. Meus trunfos, entretanto, podem surgir de uma hora para outra. A conquista definitiva do terreno na Barra da Tijuca é um deles. O tricampeonato é outro. Particularmente, confio ainda nos palpites errados de João Havelange: quando ele garante que ganha um, ganha outro. Quem sabe ele não vai errar mais uma vez e o Vilela será presidente? (Entrevista para o JB)

Nas eleições em que Sylvio Vasconcellos, pela chapa *Tradição e Evolução*, disputou com José Carlos Vilella, da *Vencer ou Vencer*, os ânimos estavam animados. Segundo o cronista do Jornal dos Sports houve excessos de parte-a-parte: um Carneiro de Mendonça exaltado pedia a anulação do pleito, afirmando que as eleições diretas eram uma farsa. Quase chegaram a brigar de fato. No final, Vilella foi derrotado nos dois pleitos: seja na eleição do Conselho, seja na eleição geral. Com o naufrágio do time e da máquina fez com que o prestígio de Horta afundava junto.

No ano seguinte, os conflitos entre o cartola e os grupos tradicionais seriam outra vez acirrados. Depois que saiu da presidência do Fluminense, Francisco Horta envolveu se em algumas querelas, penou com aprovação de contas no Conselho, que, segundo os dirigentes do clube, “nunca foram aprovadas no Fluminense, mas na justiça”. Este episódio fez com que o presidente quase fosse expulso da agremiação por conta de uma entrevista do *Jornal do Brasil* em que acusou os dirigentes do clube de “molecagem” por não (10-10-1979). No clube, os notáveis tricolores se reuniram para exigir que Horta se retratasse caso quisesse permanecer membro do quadro social.¹⁰⁵

Fracasso retumbante no Fluminense diante da pressão dos grupos tradicionais que se apossaram uma vez mais da presidência; a emergência deste novo estilo de direção encontrará no Flamengo outros desdobramentos. Todas estas questões que

ele num acordo celebrado entre estes dois grupos. Ao contrário do Fluminense, o Flamengo optou pela conciliação dos grupos que se digladiavam.

¹⁰⁵ “O Flu encosta Horta na parede: amanhã o ex-presidente recebe a carta do conselho e, de acordo com a resposta, pode ser desligado do clube. Esta história coce encontra, no confidencial. E sabe porque o sr. Horta não foi eliminado na reunião de segunda-feira” “Uma alta fonte do Fluminense revelou, ontem, que, amanha, segunda-feira, o ex-presidente Francisco Horta recebe uma carta do Conselho Deliberativo, convidando-a confirmar ou desmentir entrevista publicada no JB, na qual teria qualificado como molecagem a impugnação de suas contas. O comportamento do Conselho Deliberativos está delineado e é condicional: se o ex-presidente Francisco Horta negar, o CD escreve ao jornal e pede que o desmentido seja editado no mesmo local e com o mesmo destaque na forma da lei. Se o sr. Francisco Horta confirmar será desligado do Fluminense, que é uma maneira tricolor, um eufemismo, para anunciar que um ex-presidente será eliminado do clube” (1-4-1979)

aparecem *en passant* no caso de Francisco Horta – a modernização do futebol, o ideário do marketing, etc. – ganha vulto e cor na ação cotidiana de Márcio Braga. Adotando o bordão de que “A democracia começa pelo Flamengo”, o cartola faz todo o possível para galvanizar seu prestígio no futebol na sua atuação política, tanto que, no final da década de 1980, na sua mais ambiciosa tentativa seria candidato à prefeito do Rio de Janeiro. À diferença do Fluminense, em que o conflito entre os setores modernos e os setores tradicionais terminou em ruptura; no Flamengo, tais grupos se aliaram encontraram uma solução harmônica e de conciliação bem ao estilo da democracia à brasileira. Antes mesmo da “era Berlusconi” (Dietschy, 2010) do futebol-espetáculo, a ascensão da *Frente Ampla pelo Flamengo* também nos diz sobre a emergência de novos grupos com uma aliança velada entre os dirigentes do clube e a televisão.

Cinzas no Senado: Márcio Braga, a Formação da *Frente Ampla pelo Flamengo* e a ascensão de novos agentes no campo esportivo:

Não há dúvida que Márcio Baroukel de Souza Braga seja o presidente mais conhecido da história recente do Clube de Regatas do Flamengo. Tendo casado com uma sobrinha do presidente Juscelino Kubistchek, Márcio recebeu um cartório no centro do Rio de Janeiro das mãos do próprio. Márcio Braga também causou impacto como uma figura de relevo na cidade do Rio de Janeiro, chegando mesmo a se candidatar à prefeitura pelo *Partido do Movimento Democrático Brasileiro*. (PMDB). Tendo percebido ao extinto MDB nos anos de chumbo, Márcio passaria a integrar a seção dissidente deste partido que veio, no alvorecer dos noventa, a fundar ou a se juntar no *Partido da Social Democracia Brasileira* (PSDB). No Flamengo, ele também esteve à frente de iniciativas importantes do futebol brasileiro, como a criação do Clube dos 13 e a Copa União, engajando-se no debate nacional sobre os rumos que deveria No total, foram de seis mandatos à frente da equipe da Gávea, em que conquistou quatro campeonatos brasileiros, além de incontáveis títulos regionais.

Na memória coletiva dos torcedores, o imaginário mítico em torno do presidente muitas vezes extrapola seus feitos reais e concretos. Quando fui entrevistá-lo, solicitei a ajuda e a presença de meu orientador, Marcos Alvito, temendo que aquela figura de relevo não quisesse falar a um jovem estudante. Rubro-negro fanático, Alvito se animou com a possibilidade de entrevista-lo, dizendo algo do tipo (cito de memória): “Vamos perguntar a ele sobre o Japão. Sobre como foi ser Campeão Mundial”. Incrédulo, com a falta de informação de meu orientador, retruquei, corrigindo: “Márcio

Braga não foi Campeão Mundial; foi o Dunshee”. Aquele ato falho me chamou a atenção e, de forma assistemática, passei a indagar meus amigos torcedores fiéis do clube da Gávea para saber quem eles achavam ter sido o presidente rubro negro por ocasião do título mundial e da Taça Libertadores da América. Numa pequena amostragem, indaguei a sete colegas conhecedores de tudo que cerca o Flamengo, mas com idades variadas, e apenas de um deles obtive a resposta correta. É bem possível que a memória coletiva em torno de Antônio Augusto Dunshee de Abranches tenha ficado turva e embaçada face aos episódios conturbados de sua gestão que culminaram com a venda de Zico; mas ainda assim era espantosa a associação direta e imediata que os torcedores faziam entre os feitos inesquecíveis do time rubro-negro e o seu presidente mais famoso.

A afirmação dessa impressão etérea veio a partir da leitura do verbete “Márcio Braga” no renomado *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, do Centro de Pesquisas e Documentação Contemporânea, da Fundação Getúlio Vargas. Por ter sido Deputado Federal por duas vezes, além de Constituinte e candidato à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, o verbete “Márcio Braga” é relativamente longo, além de trazer informações detalhadas sobre as suas origens familiares. Aqui, porém, o autor do verbete se confunde ao comentar a atuação de Márcio Braga à frente do clube, misturando algumas informações:

Tornou-se conhecido do grande público em 1977, quando foi eleito presidente do Clube de Regatas do Flamengo para um mandato de quatro anos. [foram dois mandatos de dois anos] Sob seu comando, o time carioca conquistou títulos inéditos em sua história: campeão brasileiro, campeão da Taça Libertadores da América e campeão mundial de clubes. (“Verbetes Márcio Braga”).

Ora, estamos diante de um problema de fundo eminentemente historiográfico: por que certos indivíduos adquirem relevo na memória coletiva? Quais são os mecanismos de consagração de certas biografias que fazem com que determinados homens sejam lembrados por feitos que eles nem mesmo realizaram? Há uma analogia, que serve apenas como um exemplo para ilustrar o que estou dizendo sobre determinados mecanismos de consagração, com o caso do presidente Getúlio Vargas a quem se atribui feitos mágicos e místicos. No livro *Memórias do Cativo*, as historiadoras Ana L. Rios e Hebe Mattos (2005) analisam memórias de camponeses descendentes de escravos que afirmavam ter sido o presidente Vargas o responsável pelo “fim do cativo”. Ancorando se nas hipóteses de pesquisa de Marcos Dezemone,

elas observam que essa melhoria fora possibilitada pela regulação estatal das relações entre patrões e empregados no campo face ao avanço de novos mecanismos legais criados então. No campo, a força simbólica de Getúlio Vargas também tinha uma raiz material porque teria sido a melhora significativa das condições de vida material e de trabalho no campo durante seu governo que o fizeram ser lembrado como o responsável pela abolição.

Aqui, como explicar a fixação da memória coletiva rubro-negra sobre Márcio Baroukel de Souza Braga como o grande “presidente” vencedor? Podemos destacar de que o tempo longo e relativamente vitorioso que ficou à frente do clube rubro-negro – quase uma década – sirva para reforçar esta imagem. Ademais, seus principais rivais e aliados políticos sairiam do clube manchados por episódios bastante negativos, como já dissemos no caso do vitorioso Antônio Dunshee de Abranches, a conturbada venda do “Galinho de Quintino”. Ainda assim, costurei a hipótese de que a chave dessa questão deveria ser encontrada no seu primeiro mandato, e que o estudo desse mandato nos permitira iluminar temáticas que vamos levantando até aqui sobre os diferentes *estilos de direção* e a maneira através da qual ele é recebido e apropriado ao longo dos diferentes clubes e tempos. Para entender o fenômeno Márcio Braga, julgamos necessário mergulhar fundo e descrever com detalhes o contexto social que permitiu sua ascensão ao poder num contexto particular de transformação do futebol. Neste momento, há uma simbiose ótima entre o momento político do país, as transformações do campo esportivo, o sucesso do clube em campo e o estilo de Márcio Braga.

Antes de entrarmos no caso Márcio Braga propriamente dito, é preciso recuar até 1968 para entender como se formou o grupo que lhe daria suporte. Àquela altura, como de hábito, o Clube de Regatas do Flamengo vivia um período turbulento de sua história. Os sucessivos reveses da administração do engenheiro Veiga Brito culminaram com uma série de protestos torcedores em 1968 e no enterro simbólico do dirigente que já foram tão detalhadamente descritos por Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2010). No lado dos dirigentes, a oposição crescia, e o futuro presidente André Gustavo Richer tecia suas alianças preparando o terreno para lançar sua candidatura ao clube da Gávea.

Desta forma, o “vereador de Barbacena”, como André Gustavo Richer é maldosamente apelidado, “porque ninguém nunca sabe o que ele está pensando ou em quem ele vai votar”, procuraria o apoio e o auxílio de um grupo de rubro-negros se

reuniria semanalmente à casa de Walter Clark, então Diretor Geral da Rede Globo, “para falar de futebol”. As habilidades políticas de André Gustavo Richer fizeram com que ele conseguisse montar uma rede sólida de alianças trazendo para o clube diversos membros que participariam dos rumos da política rubro-negra pelos dez ou quinze anos. O próprio George Helal, como já vimos, iniciara sua carreira como dirigente de futebol no período em questão. Naquela eleição, Richer venceria o empresário Antônio Moreira Leite, com certa margem de votos. Pouco tempo antes, numa das reuniões na casa de Walter Clark, André Gustavo Richer apareceu para solicitar o apoio daquele grupo estruturado em trono do Diretor da Rede Globo:

‘Olha, eu queria apoio de vocês e taus, queria o apoio de vocês para saber se vocês querem uma posição do clube.’ (...) Não, naquela época, todo mundo tinha muita coisa para fazer. O WalterClark estava iniciando na Globo. Nilton Ricci estava montando o Shopping Iguatemi. Eu estava montando uma filial daquela empresa [de eletrodomésticos] aqui no Rio de Janeiro. Magaldi ele era dono dos direitos do Roberto Carlos, tinha a conta da Shell. No final, ele acabou vendendo os direitos do Roberto para a Standard. [empresa de publicidade]. (...) Nós vamos votar em você, mas temos alguns caras que gostam da gente, vamos indicar. Mas, se você ganhar, gostaríamos muito que você solicitasse o que você precisa e viesse sempre conversar conosco. (Entrevista com Joel Teppet por Luiz Guilherme Burlamaqui Soares)

Dando suporte à gestão, era a gênese do que ficaria conhecido como *Grupo Forte* que seria responsável em fornecer o suporte simbólico e financeiro à presidência do Clube de Regatas do Flamengo. A ideia era que o *Grupo Forte* prestasse somente uma consultoria técnica e de auxílio para os presidentes rubro-negros sem cargos, mas também sem encargos, diretos na administração.

A gente não era nada. Era só: ‘Porra, Walter, vou lançar um título de sócio proprietário queria que você fosse o garoto propaganda. O Walter estava no auge na época, o cara da Globo, o rei de não sei quê, aparecia entrevista em tudo que é lugar dele. ‘Mandar vir em casa que eu faço, não tem problema’. (...) Essas coisas. (Entrevista com Joel Teppet por Luiz Guilherme Burlamaqui Soares).

Logo de saída, usando de suas ligações, o *Grupo Forte* conseguiria viabilizar uma boa quantia em dinheiro para reformular o time e a comissão técnica rubro-negras: o atacante “Dadá Maravilha”, o goleiro Renato e o meio de campo Paulo César Caju e o técnico Zagallo foram contratados a essa época. Na interpretação de Joel Teppet, um

narrador quase solitário desses acontecimentos, as relações começaram a sair dos trilhos quando Richer cometera um ato de “traição” considerado imperdoável aos olhos do grupo. No final de seu mandato, o presidente apresentara um candidato à sucessão desconhecido do grupo:

Chegou ao final do mandato dele. Seis meses antes de acabar o mandato. Uma das “combinações” que a gente tinha era que a de que o candidato que fosse substituí-lo nós tínhamos que participar para aprovar o nome. Ele trouxesse o nome para gente saber quem era. (...) Mas aí ele apareceu na casa do Walter, da reunião do grupo “Forte”. O grupo chamava “Grupo Forte”. Apareceu lá na Casa no Walter e disse: ‘Olha, eu estou trazendo aqui para vocês o Dr. Hélio Maurício, que é o meu candidato à presidência do Flamengo’. Puta que o pariu! Todo mundo ficou louco. ‘Não pode! Isso é traição!’ Uma brigalhada. *Coisa de Flamengo mesmo*. Inclusive, a mulher dele havia acabado de chegar da maternidade, tinha dado à luz a uma menina, e ele dizia: ‘Fala baixo...’ (risos). Pápápá. E era uma brigalhada. Tinha um cara lá que era fanático queria pegar o Richer e jogar o Richer lá da cobertura. Uma loucura.

As disputas de poder e de prestígio eram *políticas* no sentido estrito do termo: não era uma querela ideológica, o que estava em jogo era algo muito mais sério a dinâmica das relações. Não obstante as divergências o *Grupo Forte* acabaria optando pela saída da conciliação desde que o Hélio Maurício Rodrigues continuasse “pedindo a benção para gente para poder administrar o clube”. Todavia, o “mal-estar na relação” estava formado acentuando o conflito entre os dirigentes estabelecidos e os *outsiders*, que se estabelecia na formação de rixas e rivalidades no interior do clube. De dentro, os dirigentes acusavam: “estes caras nunca vieram aqui? O que é que eles querem? Dar palpite? Assim até eu?”. De fora, o *Grupo Forte* sentia-se preterido e alijado das decisões de mando. No período em que Hélio Maurício esteve à frente do clube, dois momentos cruciais – a contratação de Júnior Brasília e o lançamento do *Carnê Mengão* – feitos à revelia da opinião do *Grupo Forte* erodiram quase completamente a relação entre a cúpula da presidência e o grupo de suporte.

O canto do cisne da relação entre as duas partes seria a tentativa de Hélio Maurício em se lançar à reeleição por uma segunda vez. Márcio Braga, que afirmou estar presente na reunião em que Hélio Maurício fora apresentado como sucessor de André Gustavo Richer, reconstitui o episódio à sua maneira:

Neste momento, em 1971, eu me separei da minha primeira mulher, 1972, fiquei um pouco afastado do grupo. Mas o grupo se ampliou e o grupo continuou Carlinhos Niemayer, o Walter Clark, o Armando Carneiro, entrou o Hélio Barroso. Afinal, aí me chamaram para uma reunião na casa do Walter Clark, que era muito importante, que eu não podia faltar, eu não podia deixar de ir. E fui. E o que era essa reunião, o que estava acontecendo: nós, o nosso grupo, tinha resolvido participar da política interna do Flamengo. Nós nunca tínhamos participado, nunca tínhamos ido à reunião do Conselho. Mas lançando um candidato à presidência que seria o Armando Carneiro esse banqueiro aí da esquina, que era uma figuraça. E que o Richer ia a essa reunião na casa do Walter Clark, numa cobertura ali na Lagoa, para ter uma conversa. E o Richer chega lá, com o Hélio Maurício debaixo do braço para dizer que o Hélio ia ser o candidato dele à presidência do clube. Meu amigo quase que jogam o Richer e o Hélio Maurício pela janela! Porque foi uma decepção, uma água fria... Olha! Foi uma reunião tensa, uma coisa... E aí o Hélio Maurício elegeu. Elegeu por dois anos, depois mais dois, depois quis mais três. (...) Demos um basta: *vamos entrar*. (Entrevista com Márcio Braga por Luiz Guilherme Burlamaqui Soares e Marcos Alvito).

A gota d'água faria com que aquele grupo decidisse, enfim, participar ativamente da vida político-administrativa, com cargos e encargos diretos. Estava claro que, se eles aspirassem a alguma mudança no clube,

Aí nós nos reunimos e chegamos à conclusão de que estávamos fazendo besteira. Que nós estávamos sendo *babacas*. Que a gente quisesse ter algum poder no Flamengo, nós teríamos que eleger um candidato. Iriamos fazer parte da administração e tudo. E esse candidato faria tudo sob nossa supervisão. (...) Mas a gente não conhece cara importante, cara que tem nome no Flamengo, cara que a gente pode trazer para esta campanha. Aí o Magaldi falou: 'Então, nós vamos abrir a *Frente Ampla pelo Flamengo*. E quem não estiver satisfeito com a administração do clube, com o que se anda fazendo, vem para Frente. E através da Frente, nós vamos lançar o candidato. E ele vem para Frente Ampla. (...) Nós seis ou oito pessoas que frequentaram lá a "Sala do Walter", fizemos um formulário. E alugamos três salas. Alugamos não. Conseguimos três salas à época o cara era a maior empresa imobiliária do Rio de Janeiro, Sérgio Dourado. Ele tinha três salas no Shopping da Gávea. E nos cedeu para gente montar um Comitê.' (Entrevista de Joel Teppet com Luiz Guilherme Burlamaqui Soares)

A gênese da *Frente Ampla pelo Flamengo*, que daria o suporte à primeira eleição de Márcio Braga, estava completa. A escolha de seu nome como o primeiro candidato não foi óbvia, nem imediata. Decerto, era sabido que o escolhido precisaria

ser alguém carismático, com tempo livre para gerir o clube, capaz exalar prestígio para galvanizar votos. Essa proposta estava clara na proposta de campanha. João Carlos Magaldi, renomado publicitário e um dos principais líderes daquele grupo, estabeleceu o *conceito* da eleição: ela seria feita à maneira das eleições “americanas” presidenciais, com uso intenso dos meios de comunicação e das estratégias de *marketing* consideradas “modernas”. Com o perdão de querer buscar um ídolo das origens, é bem possível que a campanha que levou Márcio Braga à presidência do Flamengo tenha sido, na história recente do Brasil, a primeira pensada e arquitetada de ponta-a-ponta por um marqueteiro.

Neste *modus operandi* de política espetacularizada era imprescindível ao candidato escolhido ser dotado de certas prerrogativas ou qualidades: carisma, capacidade de articulação verbal, e, se possível, que ele fosse capaz de seduzir pelo seu charme e pela sua beleza. Aqui, existem indícios de uma mudança ou de uma ruptura com o padrão de escolha verificado anteriormente: em que um dos elementos que mais importava era o tempo dedicado ao clube, a antiguidade como associado, a idade avançada, etc. Neste caso, o que ocorria era necessariamente o inverso: era preciso ser jovem e midiático porque a imagem que se intentava vender era de outro tipo – o ideal do futebol moderno, da renovação, do fato novo.

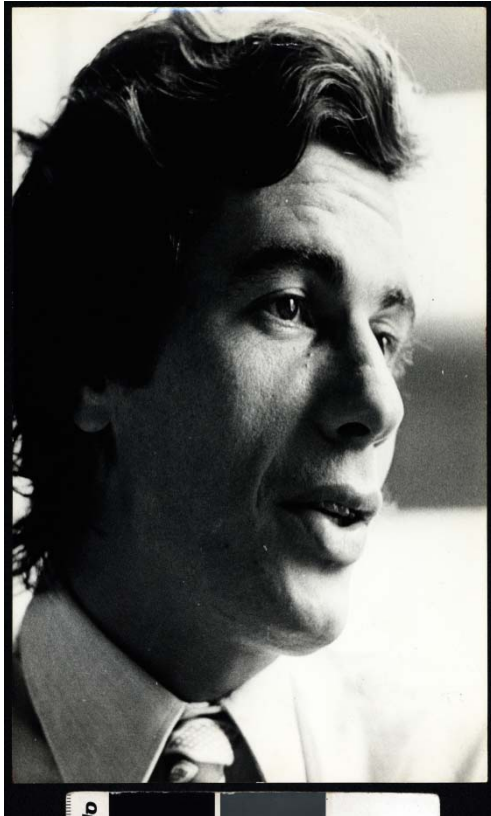
Neste particular, o próprio Márcio Braga relata que, apesar de incursões anteriores de ajuda ao clube, não possuía nenhuma vivência direta no cotidiano da política clubística rubro negra: “Eu cheguei ao Flamengo para ser presidente do Flamengo. Nunca frequentei o clube”. Em 1976, isso não poderia ser assumido de uma forma explícita e na imprensa Márcio insistia no fato de que “era sócio há mais de dez anos do clube”. (JS 11/10/ 1976). Hélio Maurício, o antagonista de Márcio naquela eleição, não poupava palavras para acusá-lo: na imprensa, ele dizia que seu adversário era “aventureiro e oportunista”, ao levantar a tese de que o tabelião havia chegado “de táxi à Gávea”.

Ainda assim, parece difícil estabelecer por qual razão se chegou ao nome de Márcio Braga, pois ele não fazia parte do *Grupo Forte* original. Dos integrantes vivos da *Frente Ampla pelo Flamengo*, existem diversas memórias e múltiplas versões de como se chegou até o candidato. “Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra ideológica e culturalmente mediada”. (Portelli, 1996: 106). Não há mesmo uma memória igual à outra: como já insistentemente observei no segundo capítulo, o que é

central nesta cosmologia dirigente é a *relação* que eles estabelecem entre si e a própria memória (em maior ou menor grau) será mediada pelo contrato estabelecida entre amigos. Nesta pluralidade de memórias, um raro elemento invariante é o de que se fez a escolha tomando como base uma ampla *listagem* de sócios. Creio poder considerar essa evocação da lista como um *símbolo* que representa a margem aberta para o *aleatório*, numa escolha que, embora seguindo certos padrões tipológicos, sempre é feita na base da fortuna e do azar. Outro invariante é o de que a mediação entre o grupo e o candidato teria sido feita pela jornalista *d'Última Hora*, Marilene Dabus¹⁰⁶, que era amiga da família de Braga, e fora uma das raras mulheres naquele espaço eminentemente masculino.

“Nós pegamos uma lista com o nome de vários associados”, disse Antônio Augusto de Abranches, “passamos o olho, até que alguém apontou o nome de Márcio Braga. E alguém falou: bom nome. Porque ninguém queria ser presidente. Todo mundo era muito ocupado. Então, falaram do Márcio Braga: ele é *rico, bonito e vagabundo*. E foi a tríade que agradou a todo mundo” (risos). Numa versão alternativa, Joel Teppet nos dá uma versão detalhada: depois de tentar alguns nomes como Roberto Abranches, “não gostou da gente, não gostamos dele: ele achava que a gente era muito carnavalesco”, George Helal, “que era amigo irmão do Hélio e não podia aceitar”, o grupo finalmente, depois de ver a tal lista, terminou seguindo a sugestão de Hélio Barroso: “Foi então que o Hélio Barroso falou: o Márcio Braga é um cara valente, brigador, macho para cacete, vocês não sabem, mas vai resolver problema do clube em banco, dá dinheiro do próprio bolso ao Flamengo”. Joel Teppet, com seu estilo retórico inconfundível, dramatiza uma vez ainda a história: é que Márcio Braga se encontrava num encruzilhada. Ou ele optava por uma “imensidão de terras” que a sua família havia lhe deixado de herança no Amazonas, ou escolhia ser presidente do Flamengo. Depois de uma rápida ida à Manaus, Márcio teria resolvido o problema com certa facilidade, aceitando, enfim, a candidatura proposta (ou imposta) pelo grupo.

¹⁰⁶ Sem sucesso, tentei entrevistar Marilene Dabus, que me disse estar muito doente e sem condição de conversar comigo. Ela tentou fazer a entrevista via email ou *Facebook*, mas recusei julgando que poderíamos conversar noutro momento pessoalmente ou por telefone. Ela fez jogo duro e desconsolado, fiz quatro perguntas e obtive o seguinte (e breve relato) por email: “A FAF surgiu pela necessidade de ampliar o grupo que era pequeno e restrito. Logo após as eleições fundamos um partido político para ajudar a gerir o Flamengo. tudo na vida é política, você sabe... Eu fui das primeiras, convidada pelo Walter Clark e pelo João Carlos Magaldi, ambos da TV Globo, onde nos reuníamos, e mais o Carlinhos Niemeyer, o Luiz Carlos Barreto, o Carlos Eduardo Dolabela, o Newton Rique, o Drault Ernani, o Joel Teppet e uns poucos mais...2. Fui responsável pela organização do cadastro de sócios para a eleição. Não havia registro de todos os sócios no clube e nem os endereços corretos. 3. Ninguém queria ser o presidente, não tinham tempo e outros a gente também não queria. O Marcio além de ter tempo de clube era dono de cartório, com mais tempo disponível. Como nossas famílias eram amigas eu fui incumbida de convidá-lo e ele acabou aceitando e sendo eleito numa das mais significativas eleições do Brasil, quando vigorava a ditadura. 4. Fui tão importante como todos os demais, cada um com suas atribuições. E deu certo.”



Escolhido pela beleza e pelo ócio, toda a juventude de Márcio Braga. Foto Correio da Manhã. (1967-1970) Arquivo Nacional.

Na outra ponta do novelo, o personagem em questão parece ignorar as razões da sua escolha, também negando qualquer relação previa com o grupo. Quando lhe indaguei sobre os “motivos” que o fizeram ser escolhido candidato pelo grupo, Márcio Braga proferiu a seguinte resposta:

Eu não faço a menor ideia. Não sei por que me escolheram. Esta pergunta tem que ser feita a Marilene Dabus. A Marilene Dabus, que é nossa assessora até hoje, é minha amiga de mocidade aqui do Rio de Janeiro. Aliás, ela foi a primeira jornalista mulher a fazer esporte. (...) Foi a Marilene que me transmitiu o convite para eu ser o candidato à presidência do Flamengo, no meu cartório, aqui mesmo na Presidente Antônio Carlos Então ela deve saber por que me escolheram, né? Uma vez ela me contou que estavam vendo... Eu já não estava frequentando aquele grupo, não estava indo Às reuniões já há algum tempo... Diz a Marilene que estavam buscando lá na lista alguns candidatos: pensaram-no Flávio Soares de Moura, pensaram no Roberto Abranches, mas nenhum daqueles candidatos tinha as qualidades que aquele grupo achava que devia para ser presidente do Flamengo. E aí alguém lá falou: - Olha, tem este nome aqui, que parece muito bom, é esse aqui, o Márcio Baroukel de Souza Braga”. (Entrevista com Márcio Braga por Luiz Guilherme Burlamaqui Soares e Marcos Alvito).

Mas, apesar de aparentemente aleatório, o resultado da escolha não poderia ter sido melhor. “Era um negócio impressionante”, disse Joel Teppet, “parecia que o Márcio levava jeito para coisa. A gente tinha até que segurar porque ele pegava uma ideia e ia...”. À similitude de Francisco Horta, Márcio Braga possuía a rara habilidade de mobilizar a mídia de forma incomum: ao contrário do clube tricolor em que a participação excessiva do presidente na mídia incomodava os “septuagenários” e as tradições da “discrição”; no Flamengo, ela era pensada como uma estratégia de afirmação de um status e de uma posição política.

A estratégia de aliar a mídia e a política começaria na própria feitura da campanha. “Foi uma campanha de presidente da República” (Teppet). Com o apoio maciço das *Organizações Globo*, que se faziam representar na pessoa de Walter Clark, Márcio Braga lançou uma série de chamadas na televisão em que dizia estar pronto para revolucionar o Flamengo. Se hoje tais comerciais são relativamente frequentes, àquela época nunca havia se feito nada parecido, considerando que as eleições eram decididas no interior dos Conselhos e por um punhado de sócios. Através da mídia, os torcedores comuns eram incorporados ao jogo de prestígio e de poder da política clubística, que, agora além dos salões fechados das disputas do Conselho passava a habitar também a tela da televisão. Sem dúvida, trata-se de uma participação midiaticizada, sem poder decisório ou de escolha, mas é uma mudança profunda que as escolhas dos presidentes dos clubes tenham passado a fazer parte do boca a boca e das trocas jocosas entre torcedores comuns. Produto e produtora da sociedade do espetáculo, a teatralização da política no interior dos clubes de futebol era também o sintoma de uma transformação da política: saindo do espaço exclusivo dos grupos dirigentes para dar-se a ver para toda a *arena pública*. Intermediada pelos meios de comunicação era uma política que saía da *casa* dos dirigentes ganhando a *rua* do público e dos aficionados, mesmo que ao público só coubesse o papel de espectador. Mesmo que a massa torcedora não participasse diretamente do jogo político e dos bastidores da política, ela agora fazia definitivamente parte das disputas de prestígio arquitetadas e tramadas no interior do clube.

Com o bordão “Um craque na administração: onze craques em campo” eram espalhados *outdoors* por toda a cidade Rio de Janeiro que traziam também a foto de Márcio Braga. De forma original, o arquiteto da campanha João Carlos Magaldi pensava nos mínimos detalhes. Às vésperas das eleições, os mínimos detalhes, ilustra um trecho de uma entrevista de Márcio Braga, publicado em *O Globo*:

Minha campanha atinge o auge: os antigos sócios que apoiam Márcio Braga recebem listas de cem nomes para tentar, por telefone, mais um voto. Enquanto isso, Márcio Braga grava na televisão duas chamadas sobre as eleições do dia 27. Estas chamadas começam amanhã. Cada uma terá trinta segundos. Quero ver todo mundo votando e mostrando nas urnas a necessidade de tirar o Flamengo dessa péssima situação financeira. Por que duas chamadas? Justamente para não cansar quem as vê e as escuta: serão alternadas, no melhor molde das comunicações modernas. Márcio Braga não para. Ele agora quer debates com Hélio Maurício para mostrar seus pontos fracos.

Reflexo das transformações do futebol em um negócio multimilionário, Márcio afinava o discurso do futebol como um lugar que precisava, enfim, ser modernizado: “o Flamengo, na minha gestão, vai entrar na era do computador eletrônico.” Em linhas gerais, ele defendia a *racionalização* das funções no interior do clube (“cada macaco no seu galho”), o enxugamento da folha de funcionários do clube do Flamengo e a separação estrita do futebol dos demais esportes. Noutros termos, o campo esportivo espalhava (e talvez antecipava a fase que o capitalismo começava a adentrar: midiático, flexível, dinâmico. Era o modelo do “eu apareço, logo existo”, em que a imprensa, mas, sobretudo, a televisão adquirem papel nevrálgico também no caso dos presidentes de futebol:

Uma prova de que pode cumprir sua palavra foi dada na propaganda eleitoral organizada pelo candidato e seus assessores. Jamais os meios de comunicação foram usados com tanta eficácia para promover uma candidatura em um clube. Nas ruas, os cartazes anunciam Márcio Braga com uma frase de impacto: “Um craque na Administração, onze craques em campo”; na televisão, ele aparece falando de sua plataforma. Uma campanha revolucionária com o próprio candidato afirma. ‘Uma prova evidente de que estamos trabalhando dentro de concepções modernas. O clube tem que acompanhar a dinâmica do progresso se organizar com verdadeiros empresários, pessoal altamente qualificada e profissional em cada setor. Escolhemos o que há de melhor para reestruturar um clube que realmente precisa mudar’ (*O Globo* – 18-12-1976)

Mas não era só a ligação entre o campo esportivo e a imprensa que a campanha de Braga evidenciava: era a quantidade de capital econômico no sentido estrito que os clubes começavam a movimentar. O nível econômico financeiro dos envolvidos na *Frente Ampla pelo Flamengo* que aviões foram mesmo fretados para que os aliados de Márcio Braga pudessem votar. “O nosso objetivo”, disse Joel, “era trazer gente que nunca tinha votado, que nunca tinha feito nada pelo Flamengo, os admiradores do Márcio”. No dia da eleição, afora a campanha espetacular da *Frente Ampla*, a presença

maciça de sócios que compareceram para votar na eleição. Também destacava a participação do Dr. Roberto Marinho que chamava atenção dos circuitos da imprensa, estampada na capa tanto do *Globo* quanto do *Jornal dos Sports*.

No *Jornal do Brasil*, o chargista argentino naturalizado carioca, Lan, publicava uma charge que teve um significado e um impacto ímpar: mimetizando uma corrida de cavalos, nela Márcio era representado num poderoso puro-sangue, um garanhão, enquanto Hélio cavalgava um velho pangaré, que trajava cartola, simbolizando o “atraso”. Radamés Lattari, um candidato sem chances de vitória, montava um cavalo de pau, como se estivesse ali por brincadeira. Eram novos atores em cena no campo esportivo que simbolizavam as mudanças pelas quais o futebol viria a passar nos próximos anos, mas também a própria sociedade brasileira. Não é ocioso dizer que a vitória provisória de Márcio Braga também significou o ocaso de um grupo político rubro-negro relativamente identificado com os mandachuvas do regime militar.

No dia três de janeiro de 1977, a *Frente Ampla pelo Flamengo* se apossara, enfim, do clube, dando um rumo que muitos acreditam ser decisivos para a vitoriosa década rubro-negra nos anos oitenta. No discurso de posse, salientava-se a todo o momento que o Flamengo precisaria entrar na “era do futebol moderno”, mudando radicalmente a forma de gerir do clube em todos os seus níveis. Da ponta à cabeça, Márcio Braga adotava o “estilo midiático” que se afigurava como o *novo modelo de administração* se configurava com a primeira eleição de Márcio Braga. Fazendo o tipo jovem, moderno, *bonvivant*, vigoroso, ele chegava até mesmo a se aventurar num *bate-bola* com os craques da Gávea. Depois de prometer uma “Bomba no Mengo”, “um presente do Márcio à galera”, o presidente entrou em campo para se aquecer com os jogadores depois de se exercitar na sala de musculação:

O presidente Márcio Braga chegou bem cedo à Gávea. Mudou de roupa, foi à sala de musculação onde fez uma série de exercício e depois entrou na pelada de dois toques com os jogadores. E marcou um belo gol, tocando de cobertura sobre o goleiro, com execução de jogada ao nível os melhores atacantes do futebol brasileiro. Ao final da pelada, o presidente deu um pique para os vestiários, mas foi contido na pista.- Como e presidente, e a surpresa? Vai dar uma pista?- Nada disso. Marquei um dia para dar a notícia e vou fazer tudo como foi estabelecido com vocês. (*Jornal dos Sports* 2/11/ 1977).

No caso de Márcio Braga, este estilo de gestão midiático também se traduzia na busca incessante de novas receitas para o clube. Depois de tentar sanear as finanças da

Gávea, concentrando-as num só banco, o clube começava a exigir o chamado “Direito de Arena”, apenas autorizando que a televisão transmitisse os jogos e os gols do clube rubro-negro se pagasse uma verba por este direito. Noutra ponta, o Flamengo assinaria seu primeiro contrato de patrocínio: com a empresa de material esportivo “Adidas”. Embora nada recebesse em termos financeiros também nada precisaria pagar pelo recebimento do material de treino e de jogo, o que era uma enorme economia.

Apesar de toda a pompa midiática, o Flamengo não obtivera êxito algum no Estadual de 1977, tampouco no Campeonato Brasileiro, e a oposição interna e externa no clube só fazia crescer. A seção *Bate-Bola* do Jornal dos Sports parece ser um bom termômetro para medir a temperatura dos torcedores. Àquela altura, eles enviavam um sem número de missivas questionando o presidente “que tudo promete e nada cumpre”. A exposição excessiva de Márcio vinha cobrar seu preço: quanto mais exposto ele ficava, mais ele se arriscava no moinho de prestígio da presidência rubro-negra. Os lucros poderiam ser altos se ele obtivesse bons resultados; mas o prejuízo seria incalculável caso o time em campo não caminhasse tão bem. No interior, alijados do poder depois de decênios de mando, os grupos tradicionais pretendiam lançar a candidatura de George Helal como representante do setor derrotado nas eleições de 1976. Conquanto derrotados, eles ocupavam ainda os setores tradicionais do clube como o Conselho Deliberativo, que era composto de forma paritária entre membros natos e membros eleitos (proporcionalmente), o que fazia com que os grupos mais antigos ocupassem lugares importantes no interior do clube.

Se o nome de George Helal era forte por si só, o *Conselho Nacional de Desportos* baixaria um decreto que transformava num candidato, de fato, imbatível. Parece haver pouca dúvida de que o decreto parece ter sido feito na medida para a política no Flamengo que começava a desagradar os órgãos governamentais. Promulgado em 1977, o que o decreto instituía era que a eleição fosse feita pelo Conselho composto por 300 membros – 150 hereditários e 150 eleitos (proporcionalmente) – e não de forma direta; o que ele decretava era a derrota de Márcio Braga.

Àquela altura, então, os membros da Frente Ampla pelo Flamengo pareciam desnorteados, com apenas três alternativas pela frente: a primeira era apelar que a justiça comum interviesse no clube fazendo com que as eleições fossem diretas; a segunda era tentar fazer uma chapa de composição; a terceira era aceitar a derrota e abrir mão do projeto em longo prazo. Márcio Braga tentou a primeira alternativa.

Lançando mão de todos os recursos possíveis, o advogado Dunshee de Abranches tentou sem sucesso alterar o estatuto. Valendo-se das posições auferidas no clube e de liminares na justiça, as eleições, que deveriam ter ocorrido em dezembro de 1978, foram adiadas inúmeras vezes, e só vieram a ocorrer em abril de 1979. Parte a parte, Márcio viajaria para Brasília para falar com o alto escalão no Governo Militar para que o estatuto da CND fosse modificado, permitindo que se realizassem no clube eleições diretas. Estes esforços foram inúteis, servindo para acirrar os nervos e as disputas no interior do clube.

Se os esforços na ida à justiça foram em vão, a saída pareceu repetir a estratégia utilizada nas eleições anteriores da era lançar um bordão e de trazer pressão e a opinião pública como aliada. No meio do caminho, o gol de Rondinelli na final do Estadual de 1978, e o título sobre o Vasco da Gama facilitariam as investidas de Márcio Braga. As cartas enviadas à seção *Bate-Bola* diminuíram, e a popularidade de Márcio começou a crescer de forma incrível. Celebrando o título Estadual de 1978, Márcio organizou uma imensa passeata na orla de Copacabana para celebrar o título, mas o fato era que ali se desenrolou um verdadeiro comício político. No seu estilo peculiar, Márcio chegou à passeata de moto o que não deixa de ser um símbolo do ideal de juventude que ele tentava vender. Prometia-se a exibição do jogo do Flamengo, mas Márcio “acabou esquecendo o vídeo tape em casa”. Nesta mesma passeata, Márcio lançaria um bordão que ficaria famoso na cidade: “A democracia começa pelo Flamengo”, insistindo que era preciso alterar os rumos do país a partir do interior do clube. Depois dessa primeira passeata, os comícios foram multiplicados: na praia, no Ginásio da Gávea, em teatros, uma enxurrada rubro-negra em defesa da democracia parecia se iniciar com os protestos contra a atitude entendida como arbitrária do Conselho Nacional dos Desportos.

P – Márcio, por que você insiste tanto em falar de democracia na sua campanha? Porque o Flamengo como todo o esporte brasileiro, vive ainda os resquícios da Lei na 3199, do tempo da Ditadura fascista e que eternizou nos cargos dum mesmo grupo de dirigentes do esporte brasileiro. Por uma distração dos caciques do Flamengo, consegui me eleger e tomar conta do clube depois de uma serie de administrações incompetentes. Falo em democracia porque quero que acabe a oligarquia do Flamengo e que todos os sócios possam, periodicamente, eleger o presidente do clube. Sofremos um golpe este mês com a aprovação do critério de proporcionalidade que fere frontalmente o espírito da nova lei, mas vamos vencer porque a

oposição que aí está não tem condições nem de popularidade nem de elegibilidade.

Ainda assim, o *Conselho Nacional do Desportos* insistiu na manutenção da lei, o que garantiria a vitória para George Helal. A única alternativa era partir para a conciliação, ignorando os conflitos deflagrados via imprensa e que se avolumavam e se acumulavam nos últimos dois anos. Neste particular, a mediação de Joel Teppet, como atestam as fontes escritas e as entrevistas, fora decisiva. Depois de uma conversa com George Helal, eles costuraram um acordo definitivo entre as duas partes. Foi uma “renúncia em prol da união”, em que “Márcio e Helal selam a paz no Flamengo” como atestava a manchete em letras garrafais do *Jornal dos Sports*. Na eleição de 1978, Márcio seria reeleito com ampla margem de votos sobre o candidato da oposição Roberto Abranches.

Na próxima década, o Clube de Regatas do Flamengo viveria a fase mais vitoriosa de toda a sua existência. Os grupos que haviam composto esta chapa de coalizão seriam os principais nomes do alto escalão da política rubro-negra: na ordem cronológica, o primeiro Dunshee de Abranches seria consagrado presidente; depois George Helal, seguido por Márcio Braga uma vez ainda, até a ascensão de Gilberto Cardoso Filho. O clube viveria uma década vitoriosa e prodigiosa, conquistando uma série de títulos e de campeonatos em sequencia. Não há dúvida que Márcio Braga fora o grande beneficiário deste acordo. Na sequencia destes acontecimentos, o clube embalaria para o terceiro tricampeonato estadual (1978-1979-1979), além do primeiro Brasileiro. Quando saiu em 1980, os caminhos estavam abertos para a conquista do Mundial e da Taça Libertadores, e para consagração da sua memória.

APITO FINAL:

Como forma de justificar seu lugar de direito e de destaque no panteão dos temas nobres das ciências sociais, há muito a produção futebolística costuma trabalhar com a metáfora do *drama* social. Desde a publicação do *Universo do futebol* (1982), coletânea de artigos organizada por Roberto Da Matta, esta noção se converteu numa espécie de lugar-comum, dando a tônica da maior parte dos bons trabalhos monográficos e teóricos que versaram sobre a temática. Além disso, havia um pano de fundo que unificava tais estudos; é que eles se opunham a certo senso comum acadêmico então vigente, que defendia, por sua vez, que o jogo tivesse o caráter e o sentido pré-determinado: sua função seria a de “acalmar as massas”, à maneira opíaca para o gosto popular.¹⁰⁷

Neste contexto, a noção de drama fora evocada e largamente utilizada para mostrar a multiplicidade de sentidos que poderiam ser atribuídos ao jogo (Bromberger, 1995), como o contraponto aos que acreditavam que o futebol e os esportes modernos pudessem ser o monólito de significação. Numa etnografia extremamente densa e de fôlego, foi o antropólogo francês Christian Bromberger (1995) quem melhor refinou este conceito de *drama* do ponto de vista empírico, dando forma e cor a estas ideias. Trazendo à baila uma citação clássica do antropólogo Clifford Geertz (1978b) para quem a rinha de galos na sociedade balinesa poderia ser compreendida como à luz do conceito de “drama filosófico”; nesta senda, Bromberger afirmava que o futebol por ser um espaço aberto à discutibilidade [discutabilité], permite que uma miríade de valores seja a ele atribuída, verdadeira fábrica de alteridades e de identidades.

Apesar disso, enquanto linguagem, o futebol é um jogo relativamente universal, que diz algo sobre as nossas sociedades modernas. Ao contrastar, o futebol aos jogos e aos ritos das sociedades primitivas ou primeiras, em que o interdito à *individualização* e à *competição* aparecia como a força simbólica mestra do ritual em que não há vencedores e vencidos e que tudo o que se encena são os valores “coletivos” do clã, Bromberger os contrasta aos esportes modernos quando o que se celebra é a sua antítese: a vedete, é o indivíduo, é o vencedor num jogo. Tal e qual as nossas

¹⁰⁷ Nestes trabalhos, mais teóricos e abstratos que empíricos e concretos, o argumento genérico era de que o futebol servia à ideologia dominante por meio da apropriação indébita do esporte pelo patronato e pelo Estado que se utilizaria, sobretudo, nos regimes autoritários, do jogo largamente como um artifício para moldar e amansar a consciência das “massas”. São muitos os representantes desta corrente que, de forma geral, se convencionou chamar de “teoria crítica do esporte”. Para citar um latino e um europeu, poderíamos fazer menção ao trabalho de Juan José Sebrelli (2005) e de Jean-Marie Brohm. (2006)

sociedades, a linha mestra do futebol é que ele tem a desigualdade como meta e a igualdade como princípio. Este parece ser, aliás, os valores dramatizados e mimetizam pelos esportes: é o reforço do ideal democráticos e meritocráticos que é ali encenado. No caso do futebol, porém, a fascinação não se restringe a isso, pois ao mesmo tempo em que ele celebra o mérito e a igualdade, ele abre espaço à sorte e ao azar já que o resultado de uma partida nunca é dado, e, nele, o melhor, ao contrário de boa parte dos esportes, nem sempre é o vencedor:

Jogo profundo, o futebol fascina porque ele coloca a nu [evidencia], à maneira de um drama caricatural, o horizonte simbólico maior de nossas sociedades: a trama de uma partida ou de uma competição prefigura o destino incerto dos homens no mundo contemporâneo. Combinado às leis que ordenam esta forma de jogo dão um sentido aceitável a toda esta incerteza. (...) [Esta é] uma das forças metafóricas do futebol: uma partida, um campeonato oferece uma coletânea de histórias alegres, dramáticas, enfim, todas as etapas da própria vida social (...) Tal e qual o mito, a partida de futebol registra as contradições fundamentais da vida humana, e abre uma multiplicidade de vozes para interpretá-las e para torna-las aceitáveis. (Bromberger, 1995: 197-200).

No limite, *Le Match de Football* é apenas uma descrição densa sobre as múltiplas apropriações que uma “partida de futebol” pode vir a ter em diversos contextos sociais. Numa interação constante, todas as chaves do quebra-cabeça do espetáculo futebolístico entram em cena: os jogadores, o público de torcedores, os dirigentes, a imprensa. Absorvidos pela densidade do material e pela variedade dos atores ali em jogo somos levados à conclusão de que nas sociedades modernas, o futebol se configura sim como um *fenômeno social total* que são “postas [põem] em ação, a totalidade da sociedade e de suas instituições” (Mauss, 2003: 109). Nele, parafraseando livremente Clifford Geertz, é apenas na aparência que onze homens correm atrás de um objeto esférico; na realidade, é a própria vida social que é posta no epicentro do espetáculo futebolístico. Como um fio de Ariadne a ligar partes desconexas entre si, essa hipótese, aparentemente simples e banal, foi a que orientou e a que guiou este trabalho.

Se a noção de “ópio do povo” caiu, felizmente, em desuso nas ciências sociais, não há dúvida de que, pelo menos no senso comum, elas parecem ser as preferidas para explicar e resolver os mistérios que colorem o engajamento dos dirigentes de futebol. A explicação geral e corrente é a de que se pode reduzir o engajamento dos presidentes como uma forma de obter dividendos políticos e lucros econômicos no futebol. Em

primeiro lugar, poderíamos começar refutando este argumento dizendo que o futebol é quase sempre uma “instituição bumerangue”, pois sempre guarda uma margem para o azar e para o imponderável, não raro se voltando contra os que dela tentaram se apropriar. Este é o caso, por exemplo, da presidente rubro-negra Patrícia Amorim, que, após uma gestão caótica no clube, não se conseguiu sequer se reeleger vereadora da cidade, o que sempre havia feito com facilidade antes de se reconverter em presidente do Flamengo.

Em segundo lugar, as explicações excessivamente utilitárias nunca me pareceram suficientemente totais para explicar o engajamento dos dirigentes e dos presidentes de futebol no interior do clube simplesmente porque elas não davam conta do aspecto simbólico que, no meu entender, deveria sim ser pensado como o *leitmotiv* primeiro da atuação dos dirigentes. Desde o princípio acreditei que, se quisesse compreender de fato a *economia política do futebol espetáculo*, que cada vez assume um papel-central no mundo contemporâneo, era preciso dar um passo anterior. Seria necessário investigar a fundo o que o antropólogo catarinense Arlei Damo (2012) e o próprio Christian Bromberger (1995) definiram como a *economia política das emoções*, desafiando o emaranhado simbólico que envolve o futebol contemporâneo. Se nada fizermos para desatar este novelo de representações, o primeiro paradoxo futebolístico – “a disparidade entre a futilidade e a estupidez do jogo e a paixão de milhares de fiéis” (Bromberger, 1995: 01) – ficará eternamente como um enigma sem solução.

Neste esforço de compreensão, o primeiro passo foi historiar o *lugar de origem* dos dirigentes de futebol – o clube – em uma perspectiva diacrônica até chegar ao contexto do recolhimento das entrevistas, que constituíram meu material primordial (mas não exclusivo) de investigação. No processo que Arlei Damo (2005) definiu como “a democratização funcional do futebol”, mostrava como boa parte dos dirigentes eram recrutadas entre as camadas médias e as altas, mas que boa parte deles nutria vínculos de amizade ou de parentela. Grosso modo, eles constituíam a segunda e a terceira geração dos dirigentes da era amadora; panorama que se manteve inalterado até os anos 1970-1980, quando uma camada de dirigentes especializados normatizados pelo ideal da técnica e da racionalização começava a ingressar nos clubes. Meditava, ainda, sobre o clube em sua dimensão ternária: como comunidade imaginada, como comunidade moral e como comunidade política, salientando suas transformações ao longo do século XX.

Neste sentido, a hipótese era de que os espaços sociais em que gravitam os dirigentes e os presidentes de futebol devem ser pensados à maneira de uma *figuração social*,¹⁰⁸ que é movida por regras e por disputas peculiares que só fazem sentido aos que estão envolvidos naquelas querelas de prestígio¹⁰⁹. Nela, também indivíduo e coletivo se articulavam de forma muito particular em redes tecidas pela lógica do dom e da dádiva. Num sentido muito específico, com o cuidado de não estabelecer relações de cunho a-histórico, a analogia que melhor descreve este ambiente social é a da *sociedade de corte* (Elias, 2001), em que os diversos dirigentes gravitam em torno do presidente, que deve distribuir com cuidado e parcimônia as benesses e as honras sob a pena de ver seu prestígio engolido, numa rede que vai se formando ao seu entorno.

Nesta *sociedade de corte*, o ritual e a etiqueta assumem um papel central. Daí que menor dos gestos, como o simples ato de não cumprimentar, é que tem a maior dos significados e objetos aparentemente destituídos de valor são justamente aqueles que têm a maior importância. Símbolos aparentemente destituídos de valor como os diplomas, os bastões, as bandeiras, só se faziam compreender se lidas segundo categorias antropológicas em que o valor imaterial adquire precedência sobre o valor venal. Dessa forma, tentei mostrar o quanto o que estava em jogo ali era uma *economia-política da honra* que não se explicava pela racionalidade do mercado tampouco pela universalidade do *homo economicus*, mas um lugar que era eivado por valores outros irreduzíveis à lógica da economia no sentido estrito do termo.

Falava-se em *honra* porque era fundamental perceber como a ética da masculinidade era normativa em que certos valores – tais como a coragem, o gosto pelo desafio, pela provocação e pela aventura, a virilidade, a audácia, o uso de abundante de palavras – compunham o *tipo-ideal* da liderança. Numa configuração extremamente fechada em que os indivíduos são conhecidos pela face e pelo nome, tudo o que parecia importar era a pretensão ao orgulho e à honra numa disputa de prestígio parecia de

¹⁰⁸ Melhor que o conceito de campo esportivo (em Bourdieu), o conceito de *figuração* (em Elias) é o que parece dar conta da zona em que gravitam os dirigentes de futebol. Numa crítica ao trabalho de Luiz Henrique de Toledo, Arlei Damo (2002c) observou como o antropólogo paulista os usa como sinônimos, repreendendo-o por não fazer um esclarecimento prévio ao leitor. Não há dúvidas de que tais são conceitos-primos, e o próprio Bourdieu, comentando a obra de Elias, teceu observações nessa direção. Parece-me, porém, que o conceito de *figuração* é mais adequado para explicar zonas-micro, em que indivíduos estão tão densamente articulados ponto-a-ponto num tecido social restrito; enquanto o conceito de campo pode ser utilizado para escrever situações macrosociológicas com maior acuidade.

¹⁰⁹ Não penso também estar aqui muito distante dos pressupostos da antropologia urbana de Gilberto Velho (2002), que considera que a metrópole um lugar multifacetado e plural, com diversos “mundos” sociais. Os dirigentes, à sua maneira, constroem um “mundo” particular, com valores próprios muito distantes, criaram um universo próprio de práticas e de representações.

ordem infinita. Neste espaço, em que o senso comum que lê na atuação dos dirigentes a “má administração” ou a “irracionalidade” econômica está muito longe da experiência dos agentes: neste sentido, a lógica do dom nunca é idêntica à do mercado, e, a maneira de gerir um clube de futebol se faz levando em consideração uma dimensão simbólica essencial.

Todavia, a explicação simbólica, por si só, também não é suficiente. Sem ter a pretensão de esgotar a questão, apontei como num processo de recorte diacrônico, o mais interessante era averiguar este modelo da honra e da dádiva interagindo numa forma particular à dinâmica do futebol-espetáculo¹¹⁰, misturando-se e dialogando, sem que isso implicasse o perecimento de um ou de outro. Este me pareceu, de forma rara, estar tipificado no caso de João Havelange, que costurava suas relações econômicas à maneira das trocas-dádiva. À medida que o futebol parece se converter em um negócio extremamente lucrativo e as relações capitalistas avançavam sobre o modelo de organização do clube, que se convertia num espaço profissionalizado e extremamente mercantilizado, era impossível pensar um sem a outra. Estava, por conseguinte, diante doutro *fenômeno social total*, em que o simbólico e o utilitário precisariam ser pensados como um bloco indissociavelmente. Outra vez, as lições da antropologia de Marcel Mauss eram valiosas, já que para este pensador é relativamente impossível separar as esferas da do mundo social: o desinteresse (mento) e o interesse, o simbólico e o utilitário, o indivíduo e a sociedade; caminhavam sempre de mãos dadas.

Diante desta certeza, retomando e confirmando temas caros à antropologia de Roberto Da Matta, intentava mostrar como no teatro do clubismo, eram encenados os dramas da política brasileira em que a importância das relações assumia o centro do espetáculo. A análise do estatuto dos clubes suprimia a ideia de que se pudesse falar em igualdade ou individualismo: ali, o princípio formal era de que todos são diferentes perante a lei. Mesmo que todos fossem “flamengos”, “fluminenses”, “vascaínos”; havia uma linha que classificava os homens segundo uma disposição econômica e simbólica. A primeira linha era a que separava torcedores e sócios: “Todos os meus filhos são sócios. Não são apenas torcedores. São sócios do Flamengo”, disse um dirigente. A segunda, no interior do próprio clube, apontava hierarquia entre eles: “grande-benemérito”, “benemérito”, “emérito”, “patrimonial”, “proprietário”, etc. Como tentei

¹¹⁰ Dialogava, por conseguinte, com a bibliografia sobre as metamorfoses do futebol, como Mignon (2005), Proni (2000), King (2002).

mostrar o que estava em jogo ali não era a lógica moderna ou a individualista dos direitos e dos deveres, mas as querelas da honra e do dom: dos privilégios que implicavam obrigações.

Neste momento, fui à caça da “filosofia da troca e do poder” dos dirigentes de futebol, mostrando como os estios de narrar a ascensão ao poder também articulavam-se ao ideário da hierarquia. Descrevendo três trajetórias de presidentes de Flamengo e de Fluminense, lançando mão do referencial metodológico da história oral, identifiquei a existência de um modelo narrativo e discursivo de que a política não é vista como uma escolha do *indivíduo*, mas sim à *pessoa*. É que a candidatura política à presidência não faz parte duma ação individual – “Isso não sou eu”, como disse Ângelo Chaves – mas está ligado aos códigos do grupo que são impostos coercitivamente ao indivíduo. Da mesma forma que no estudo da vereadora Rosa Fernandes feito pela antropóloga Karina Kuschinir (2000), o discurso sobre o ingresso na política era sempre visto como algo externo e alheio ao indivíduo, indicando, talvez, a existência de um padrão tipológico na política brasileira.

Se este modelo era relativamente generalizado, eu afunilava a pesquisa em direção ao que havia de particular em cada clube à procura do “estilo de gestão” (Bromberger, 1995) dos dirigentes de futebol. Sem dizê-lo eu retomava um tema clássico da antropologia do simbolismo e do poder, eu intentava rediscutir o conceito de *carisma*. Segundo Clifford Geertz, o carisma não tem tanto a ver com as propriedades inatas ao indivíduo, mas com a relação dele com o grupo: há uma liderança para cada contexto. O que eu chamava de a magia dos presidentes não tinha tanto a ver com certas propriedades inatas ao indivíduo, mas com a relação que o indivíduo estabelecia com o grupo. Dessa forma, descrevi a trajetória de quatro presidentes-chave. Os dois primeiros Gilberto Cardoso e Arnaldo Guinle são como símbolos ou lugares-de-memória da bonança tricolor e da paixão rubro-negra. Depois, falava de dois presidentes que ficaram na memória coletiva mais contemporânea: Francisco Horta, que foi o responsável pela criação da “máquina”; e Márcio Braga, o presidente rubro-negro tetracampeão brasileiro, mas que todos acreditam ter sido ele o Campeão Mundial e da Libertadores. Aqui, o clubismo como “trama social e simbólica” estabelecia uma conexão semântica entre o “estilo de gerir” e a forma de pensar o clube-nação.

Devo, por conseguinte, dizer que termino essa etapa com a sensação experimentada por boa parte dos pesquisadores renomados: a de que toda pesquisa científica está fadada à incompletude. Na bibliografia futebolística, a pesquisa sobre os presidentes de futebol foi uma senda iniciada, no caso brasileiro, por este trabalho que ora se encerra. Sem dúvida, o ineditismo da pesquisa possibilitou certas descobertas, mas implicou certas dificuldades, como a de estabelecer um recorte mais nítido e claro sobre temáticas que se avolumaram mais do que gostaria. A sensação é a de que o universo de fontes, de depoimentos, e de imagens a recolher na temática futebolística e na seara dos esportes ainda é imenso. Dada à escassez do tempo e da rigidez dos prazos, que hoje se impõem ao desenvolvimento de uma Dissertação de Mestrado, embora tenha entrevistado quase a totalidade dos presidentes vivos de Flamengo e de Fluminense, não tive tempo de frequentar muitos arquivos. Ainda assim, o mais problemático foi a dificuldade de ter acesso aos arquivos do clube e à Federação do Estado do Rio de Janeiro, mais receosos que ciosos, em liberar a sua documentação de períodos mais contemporâneos. Neste sentido, tenho a consciência de que as hipóteses levantadas neste trabalho são mais do que provisórias e devem (felizmente) ser modificadas, aprofundadas e criticadas nos próximos trabalhos que seguirão. Como consolo, há uma passagem do *O cru e o Cozido*, primeiro volume da tetralogia monumental das *Mitológicas*, que ilustra a maneira como desejo que meu trabalho seja recebido:

Não duvidamos nem por um instante que a consideração de outros documentos, publicados ou a publicar, afetará nossas interpretações. Algumas delas, aventadas prudentemente, talvez se vejam confirmadas; outras serão abandonadas. Mas não seja por isso: em disciplinas como a nossa o saber científico avança aos tropeços, fustigado pela contenda e pela dúvida. E deixa à metafísica a impaciência do tudo ou nada. Para que nosso empreendimento seja válido, não é necessário, em nossa opinião, que goze durante anos, e até os mínimos detalhes, de uma presunção de verdade. Basta que se lhe reconheça o mérito de ter deixado um problema difícil numa situação menos ruim do que aquela em que encontrou. Não devemos esquecer que na ciência não pode haver verdades estabelecidas. O estudioso não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é aquele que faz as verdadeiras perguntas. (Lévi-Strauss, 2004: 26-27).

Procurei, ao longo de todo o trabalho, apontar mais caminhos do que propor soluções. À maneira do naufrago, que desesperado, atira suas mensagens ao mar, sinto como se estivesse lançando-as ao rio, como que acometido por dois sentimentos: o

primeiro é a esperança de que, quando abertas, elas sejam recebidas de bom grado e o segundo é a certeza de que, ao serem lidas, elas já não serão as mesmas.

]

Fontes impressas e/ ou periódicos:

Jornal dos Sports (1955-1956/ 1974-1981)

Jornal do Brasil (1977)

Jornal O Globo (1977-1987)

Revista Placar (1975-1977)

Revista Veja (1968/ 1978)

Estatuto do Clube de Regatas do Flamengo (1992)

Estatuto do Fluminense Futebol Clube (2001)

Entrevistas feitas pelo próprio pesquisador:

Fluminense Futebol Clube:

Entrevista com Gil Carneiro de Mendonça. Grande-benemérito atleta e benemérito do clube. Presidente em 1993.

Entrevista com Sylvio Kelly dos Santos. Grande-benemérito atleta e grande-benemérito do clube. Presidente entre 1981-1983

Entrevista com Fábio Egypto. Grande-benemérito do clube. Presidente entre 1987-1989

Entrevista com Francisco Horta. Decano dos presidentes e benemérito do clube. Presidente entre 1975-1978.

Entrevista com Ângelo Chaves. Presidente do clube entre 1990-1993

Entrevista com Jean-Marie Godefrois de Havelange. (João Havelange). Presidente de honra da Federação Internacional de Futebol e presidente de honra do Fluminense Futebol Clube.

Clube de Regatas Flamengo:

Entrevista com George Helal. Decano dos Grandes-Beneméritos e Presidente do clube entre 1983-1985.

Entrevista com Gilberto Cardoso Filho. Grande-benemérito do clube e presidente do clube entre 1987-1989.

Entrevista com Kléber Leite. Benemérito do clube e presidente entre 1994-1996.

Entrevista com Antônio Augusto Dunshee de Abranches. Grande-benemérito do clube e presidente entre 1981-1983.

Entrevista com Hélio Barroso. Grande-benemérito do clube e fundador da Frente Ampla pelo Flamengo.

Entrevista com Márcio Baroukel de Souza Braga. Grande-benemérito do clube, e presidente do Flamengo por seis mandatos.

Entrevista com Joel Teppett. Grande-Benemérito do Flamengo e fundador da Frente Ampla pelo Flamengo.

Clube de Regatas Vasco da Gama:

Entrevista com Eurico Ângelo da Silva Miranda. Grande-benemérito do clube e presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama entre 2001-2006.

Entrevistas depositadas no Museu da Imagem e do Som:

Entrevista com Marcos Carneiro de Mendonça. 1967

Entrevista com João Havelange. 1967.

Entrevista com Benjamin Sodré. 1975

Entrevista com Arthur Antunes Coimbra (Zico). 2001.

Entrevista com Diocesano Alves Ferreira. (Dão). 1973.

Filmografia:

A Locomotiva: a vida de Eurico Miranda. Dire o Milton Alencar Júnior. Dura o 90 minutos.

Bibliografia

Alberti, Verena. *Ouvir, contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Funda o Getúlio Vargas, 1999.

Alvito, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

— . “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globaliza o. Lisboa: An l. Social n.179: 2006

Appadurai, Arjun. “Mercadorias e a política de valor.” In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*, por Arjun Appadurai, 15-89. Niterói: EdUFF, 2008.

Archetti, Eduardo. *Masculinities: football, polo and tango in Argentina*. Oslo: Berg, 1999.

Augusto, Sérgio. *Botafogo: entre o céu e o inferno*. Rio de Janeiro : Ediouro , 2004.

Azevedo, Aldo Antônio. *Dos velhos aos novos cartolas: as transforma es dos dirigentes de futebol face   ascensão do futebol empresa*. Tese de Doutorado em Sociologia. Brasília: UNB, 1997.

- Benzaquen, Ricardo de Araújo. *Casa grande & Senzala: a obra de Gilberto Freyre no contexto dos anos 1930 e 1940*. São Paulo: 34, 2004.
- . *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado apresentada ao Museu Nacional, 1980.
- Bloch, Marc. *Apologia da história, ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. [1944]
- Boltanski, Luc, e Evé Chiapello. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.
- Boltanski, Luc, e Laurent Thévenot. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris : Gallimard, 1991.
- Bourdieu, Pierre. “El sentimiento del honor en la sociedad de Cabília.” In: *El concepto del honor en la sociedad mediterránea*, por J.G. Persitiany, 175-220. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- . “Como é possível ser esportivo?” In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- . “Marginalia: algumas anotações adicionais sobre o dom.” *Mana*, vol. 2, n.2 Rio de Janeiro: 1996.
- . “A ilusão biográfica.” In: *Usos e abusos da história oral*, Marieta Moraes Ferreira e Janaína Amado. (org.) Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- . “Ritos de instituição.” In: *A economia das trocas linguísticas: ou o que falar quer dizer*, 77-91. Rio de Janeiro: Editora da USP, 1996.
- . *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- . *Mediações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- . *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Bourdieu, Pierre, e Roger Chartier. *O sociólogo e o historiador*. São Paulo: Autêntica, 2010.
- Boyer, Robert. “A arte do judoca: uma sociologia nos limites de uma economia.” In: *Trabalhar com Bourdieu*, por Rose Marie Lagrave (org.), 301-315. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.
- Bromberger, Christian. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris : Bayard, 1998.
- . *Le match du football: ethnologie d'une passion partisaine à Naples, Marseille et Turin*. Paris: Edition de les Maison de la Science d'Homme, 1995.

- « Le rouge et le noir : um derby turinois ». *Actes de la recherche en Science Sociales*. v. 103. n. 103, 1992. pp. 79-89
- Brohm, Jean-Marie. *Football, une peste emotionelle: La Barbarie des stades*. Editions Gallimard, 2006.
- Caillé, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petropolis: Vozes, 2000.
- “Dom entre o desinteresse e o interessamento”. In: Paulo Henrique de Souza Martins et alii. (org.) *Polifonia do dom*. Recife, Editora Universitária de Pernambuco, 2003.
- Castro, Ruy. *O vermelho e o negro: uma história do Flamengo*. Rio de Janeiro : DP & A, 2002.
- Coelho, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia na corte do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Record: 1996.
- Clastres, Pierre. *A sociedade contra o estado: ensaios de antropologia política* . São Paulo: Cosac & Naify (Coleção portátil) , 2012.
- Coimbra, (Zico) Arthur Antunes. *Zico conta a sua história*. Rio de Janeiro: FTD, 1996.
- Curi, Martin. *Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Niterói: UFF, 2012.
- Damo, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Editora da Universidade Federal do Rio grande do Sul , 2002a.
- “Futebol e Estética”. *Perspectivas* (São Paulo), São Paulo, v. 15, n.3, p. 82-91, 2002b.
- “Os usos das categorias profissionalismo e amadorismo como categorias sociológicas.” *Comunicação Apresentada no GT Esporte, Política e Cultura XVI Reunião da ANPOCS*. Caxambu, 2002c.
- *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França*. Porto Alegre: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da UFRGS, 2005.
- “O ethos capitalista e o espírito das Copas: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas.” In: *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*, Simoni Lahud Guedes (org.), 39-73. Niterói: Intertexto, 2006
- *Do dom à profissão: a formação de futebolistas profissionais no Brasil e na França*. Porto Alegre: Rotschild & Editoras, 2007.

- . A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. *Gênero*, v. 7, p. 137-150, 2007.
- . “Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica.” *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 67-92, 2011.
- Davis, Natalie Zemon. *The gift in the sixteenth century France*. Princeton, Princeton University Press, 2000.
- Dietschy, Paul. *Histoire du football*. Paris, Librairie Académique Perrin, 2010.
- Donato, Mateus Amorim de Araújo. *Profissionalismo e transformação institucional na administração do futebol brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ 2012.
- Duby, Georges. “História Social e ideologias das sociedades.” In: *História: novos problemas*, por Jacques Le Goff e Pierre Nora, 130-145. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1976.
- Dumont, Louis. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações* . São Paulo : EdUSP, 1992.
- . *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- Dunning, E., & Elias, N. *A busca da excitação* . Lisboa : DIFEF, 1992.
- Durkheim, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.
- Elias, Norbert. *A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realieza e da soceidade da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.[1939]
- Elias, Norbert & Scotson, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- Faure, Jean-Michel et Charles Suad. « Le club comme objet du croyance ». *Societés et Representátion*, Paris: CHREDDDES, n. 7, 1998.
- . « Un professionalismisme inachevé: Deux états du champ du football professionnel en France, 1963-1993 ». *Actes de la Recherche en sciences sociales*, nº 103, jun 1994.
- Facina, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Civilização Brasileira, 2004.

- Fernandez, Renato Lanna. *Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História e Bens Culturais/ CPDOC, 2011.
- Filho, Mário Rodrigues. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Record, 1967.
- . *O negro no futebol brasileiro*. São Paulo: Mauad, 2003.
- Foer, Franklin. *How football explains the world: an unlikely theory of globalization*. New York: Arrow Books, 2004.
- Fonseca, Ouhydes. *O cartola e o jornalista: influência do jornalismo esportivo na política clubística*. São Paulo: Dissertação de Mestrado Apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, 1981.
- Fragoso, João Luiz Ribeiro. *Homens de grossa ventura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- Freyre, Gilberto. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da Monarquia para a República*. São Paulo: Global Editora, 2004. [1956]
- . *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global Editora, 2007. [1936]
- Geertz, Clifford. “A religião como sistema cultural.” In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- . “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”: In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- . *Negara: the theatre state in nineteenth century Bali*. New Jersey: Princeton University Press, 1980.
- . “Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder”. In: *O Saber Local*. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.
- Giglio, Sérgio Settani, e Enrico Spanggiari. “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009).” *Revista de História*, jul.dez. de 2010: 293-350.
- Godbout, Jacques. *O espírito da dádiva*. Em colaboração com Alain Caillé. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- Godelier, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- Godio, Matias. *Somos todos hombres de platea: a sociedade dos dirigentes de futebol e as formas experimentais do poder e da política no futebol Argentino*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2010.
- Goldblatt, David. *The ball is round: A Global History of Football*. London: Penguin, 2007.
- Gomes, Ângela de Castro. “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado.” In: *História da vida privada no Brasil (volume IV): contrastes da intimidade contemporânea*. Lilia Moritz Katra Schwarcz (org.), 489-559. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- Guedes, Simoni Lahud. *Futebol Brasileiro: instituição zero*. Dissertação de mestrado: Rio de Janeiro: UFRJ, 1977.
- . “A escritura das relações sociais: o valor cultural dos documentos para os trabalhadores.” *Antropolítica (UFF)*, Niterói, v. 6, p. 87-96, 1999.
- . *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro*. Niterói: EdUFF, 1998.
- . “Lógicas da emoção.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.52 de v.2 de 2002.
- . “Discursos autorizados e rebeldes no futebol brasileiro.” *Esporte e Sociedade*, 6, n.16. Nov/2010
- . “O grande circuito da dádiva: projetos sociais esportivos no Brasil e na Argentina.” Palestra proferida no II Simpósio de Estudos sobre Futebol: Migrações e Sociabilidades. Florianópolis, 2012.
- Harvey, David. *Neoliberalismo: história e implicações*. Rio de Janeiro: Loyola, 2005.
- Havelange, João. *João Havelange, o dirigente esportivo do século XX*. Casa da Palavra, 2011.
- Heinz, Flávio Maria. “O historiador e as elites: à guisa de introdução.” In: *Por outra história das elites*, por Flávio Maria Heinz, 7-71. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- Heymann, Luciana Quillet. *Memórias da elite: arquivos, instituições e projetos memoriais*. *Revista Pós-Ciências Sociais*, vol. 8, n.15. Maranhão, 2011.
- Heinich, Natalie. *La gloire du Van Gogh: essai d'anthropologie d'admiration*. Paris, Fayard, 1992.
- Helal, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- Hespanha, Antônio Manuel. “Les autres raisons de la politique: l'economie de la grâce.” In: *Recherches sur l'histoire d'État dans le monde ibérique (XVe- XXe siècles)*, por Jean-Frédéric (ed.), 67-86. Paris: Presse de l'École Normale Supérieure, 1993.
- Hirschmann, Alberto O. *As paixões e os interesses: argumentos políticos a favor do capitalismo antes do seu triunfo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- Hollanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. [1936]
- Hollanda, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- *O clube como vontade e como representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2010
- “O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980”. (org.). *Esporte na imprensa e a imprensa no esporte*. Rio de Janeiro, Editora Sette Letras, 2012.
- Julia, Dominique, Michel Certeau, e Jacques Revel . “A beleza do morto: o conceito de cultura popular.” In: *A invenção da sociedade*, por Jacques Revel, 48-75. Lisboa : DIFEL, 1989.
- Karsenti, Bruno. *L'homme total: sociologie, philosophie et anthropologie chez l'oeuvre de Marcel Mauss*. Paris, PUF, 1997.
- King, Anthony. *The end of terraces: the transformation of England football in the 1990's*. Leicester: Leicester University Press, 2002.
- Kuschnir, Karina. *Antropologia da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- Lanna, Marcos. *A dádiva divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1995.
- “Notas sobre Marcel Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva.” *Revista Sociologia Política*, v. 14 de junho de 2000: 173-194.
- Lévi-Strauss, Claude. “A estrutura dos mitos.” In: *Antropologia estrutural*, 221-249. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- “O feiticeiro e a sua magia.” In: *Antropologia estrutural*, 181-201. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. [1949]
- *O cru e o cozido*. (Mitológicas v.1). São Paulo: Cosac & Naify, 2004. [1964]
- *O pensamento selvagem*. Campinas, Papyrus: 1989. [1962].

- *A antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. [1986].
- Lima, Diana Nogueira. *Sujeitos e Objetos do Sucesso. Antropologia do Brasil Emergente*. Rio de Janeiro: Garamond/Faperj, 2008
- Lopes, José Sérgio Leite. “A morte da alegria do povo.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 20, a. 7. Setembro de 1992.
- “A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada de negros no futebol brasileiro.” *Revista USP*. São Paulo, n. 22, p. 64-83, 1994.
- “Análise da bibliografia antropológica, sociológica e histórica sobre futebol: uma produção crescente .” Comunicação Apresentada no II Seminário Internacional do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2010.
- “Classe, cor e etnicidade na formação do futebol brasileiro.” In: Cláudio Batalha et alii (org.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- Malaia, João Manuel Casquinha. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio econômica dos negros e dos portugueses na cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo : Tese apresentada como requisito à obtenção do grau de Doutorado USP, 2010.
- “Placar: 1970”. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda et alii (org.). *Esporte na imprensa e a imprensa no esporte*. Rio de Janeiro, Editora Sette Letras, 2012.
- Malinowski, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. [1922]
- Manhães, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.
- Marchi Jr., Wanderley. *Sacando o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.
- Matta, Roberto Da. *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira* (org.). Rio de Janeiro: Pinakhoteke, 1982.
- *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro : Rocco, 1997.
- *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro : Rocco, 1979.
- “Digressão: o racismo à brasileira ou a fábula das três raças.” In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social* . Rio de Janeiro: Rocco , 1987.

- Mauss, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas.” In: *Sociologia e antropologia*, 182-315. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. [1925]
- . “Gift-Gift.” In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009.[1924]
- . “Sobre um texto de Posidônio, o suicídio, a suprema contraprestação.” In: *Ensaio de sociologia* . São Paulo: Perspectiva, 2009. [1925]
- . “A expressão obrigatória dos sentimentos”. In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo, Perspectiva: 2009. [1921]
- Mauss, Marcel, e Émile Durkheim. “Algumas formas primitivas de classificação”. In: *Ensaio de sociologia* . São Paulo: Perspectiva, 2009. [1903]
- Mauss, Marcel, e Henri Hubert. *Sobre o sacrifício: ensaio sobre a natureza e a função social do sacrifício* . São Paulo: Cosac & Naify, 2003. [1899]
- . “Esboço de uma teoria geral da magia”. In: *Sociologia e antropologia*, 182-315. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. [1905]
- Mignon, Patrick. *La passion du football*.
- Motta, Nelson. *Fluminense: a breve e a gloriosa máquina de jogar bola*. Rio de Janeiro: 2004, 2004.
- Needell, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- Nora, Pierre. “O retorno do fato.” In: *História: novos problemas*, por Pierre Nora & Jacques Le Goff, 181-190. Rio de Janeiro: Francisco Alves , 1979.
- . “Between memory and history: les lieux of memoire”. In: Lynn Hunt & Jacques Revel (org.), pg. 631-643. *Histories: French Construction of the past*. New York, The New Press, 1995.
- Novais, Fernando, e J.M.C Cardoso Mello. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” In: *História da vida privada (volume IV): contrastes da intimidade contemporânea* , por Lilia Moritz Katra. Schwarcz. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- Parry, Jonathan e Maurice Bloch. *Money and the morality of exchange*.Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- Peirano, Mariza. “A lógica múltipla dos documentos”. In: *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.
- Pereira, Leonardo Affonso Miranda de. “Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro.” *Estudos Históricos* , n.5 de v.10 de 1996.
- . *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)* . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- Peristiany, J.G. *El concepto del honor en las sociedades mediterranea*. Barcelona : Labor, 1968.
- Polanyi, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época* . Rio de Janeiro : Campus , 1980.
- Pollack, Michael “Memória, esquecimento e silêncio.” *Estudos Históricos*, 1989, v. 2., n.3, : 3-15.
- . “Memória e identidade social.” *Estudos históricos*, 1992, vol.5, n.3: 200-215.
- Portelli, Alessandro. “The best garbage man in town: life and times of Valtero Peppolloni, worker.” In: *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in Oral History*, 117-131. New York: NY Press, 1990.
- . “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1933): mito e política, luto e senso comum .” In: *Usos e abusos da história oral*, Marieta Moraes Ferreira (org.) 121-134. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- . “A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.” *Revista Tempo*, n. 10, vol. 10, Niterói, 1999.
- . *They say in Harlan County: An Oral History*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Proni, Marcelo Weishaupt. *A metamorfose do futebol*. Campinas: UNICAMP , 2000.
- Remond, René. *Por uma nova história política* . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- Ribeiro, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro : Terceiro Nome, 1998.
- Rodrigues, Ernesto. *Jogo duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Rodrigues, José. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 1998.
- Russell, Dave. *Football and the english: a social history (1867-1995)*.Preston: Carnegie Program, 1997.
- Sahlins, Marshall. *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- Cultura na prática*, Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2004.
- Sanglard, Gisele. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro: anos 20-40*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.

- Santos, Luiz Teixeira. Futebol empresa e a democracia corintiana. Dissertação de Mestrado: Unicamp, 1990.
- Sarmiento, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- Sebrelli, Juan José. *La era del fútbol*. Buenos Aires: Ediciones Sudamericanas, 2005.
- Schwarcz, Lilia Mortitz. “Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade contemporânea.” In: *História da vida privada (Volume IV): contrastes da intimidade contemporânea*, por Lilia Moritz (org.) Schwarcz, 173-244. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- Souza, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional*. São Paulo: Annablume, 2008.
- Stycer, Maurício. *História do Lance! Projeto e prática do jornalismo esportivo*. São Paulo : Alameda, 2009.
- Spanggiari, Enrico. “Tem que ter categoria”: construção do saber futebolístico. Dissertação de Mestrado: São Paulo: 2009.
- Os universos do futebol: uma etnografia das redes futebolísticas em São Paulo. *Iluminuras (Porto Alegre)*, v. 12, p. 6, 2011.
- Tarôt, Camille. *Sociologie et anthropologie de Marcel Mauss*. Paris: La Decouverte, 2003.
- Taylor, Mathew. *The association game: a history of british football*. London: Pearson/ Longman, 2009.
- Teixeira, Carla Costa. *A honra da política: decoro parlamentar e cassação do mandato no Congresso Nacional (1944-1994)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- Toledo, Luiz Henrique de. “A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado de torcer.” In: *Futebol: o espetáculo do século*. Márcia Regina da Costa (org.), 146-165. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- *Lógicas no futebol*. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo, EdUSP 1996.
- Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.
- Veyne, Paul. *Le pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique*. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- Voldman, Daniele. “A invenção do depoimento oral”. In: Marieta Morais Ferreira et alii. (org.

- Wacquant, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumara, 2002.
- Weber, Max. “A sociologia da autoridade carismática.” In: *Ensaio de sociologia*, 283-291. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- .. “Política como vocação.” In: *Ensaio de sociologia*, 97-154. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- Whyte, William Foot. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- Wisnik, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- Witta, Beatrix Le. *French bourgeoisie culture*. Cambridge : Cambridge University Press, 1994.